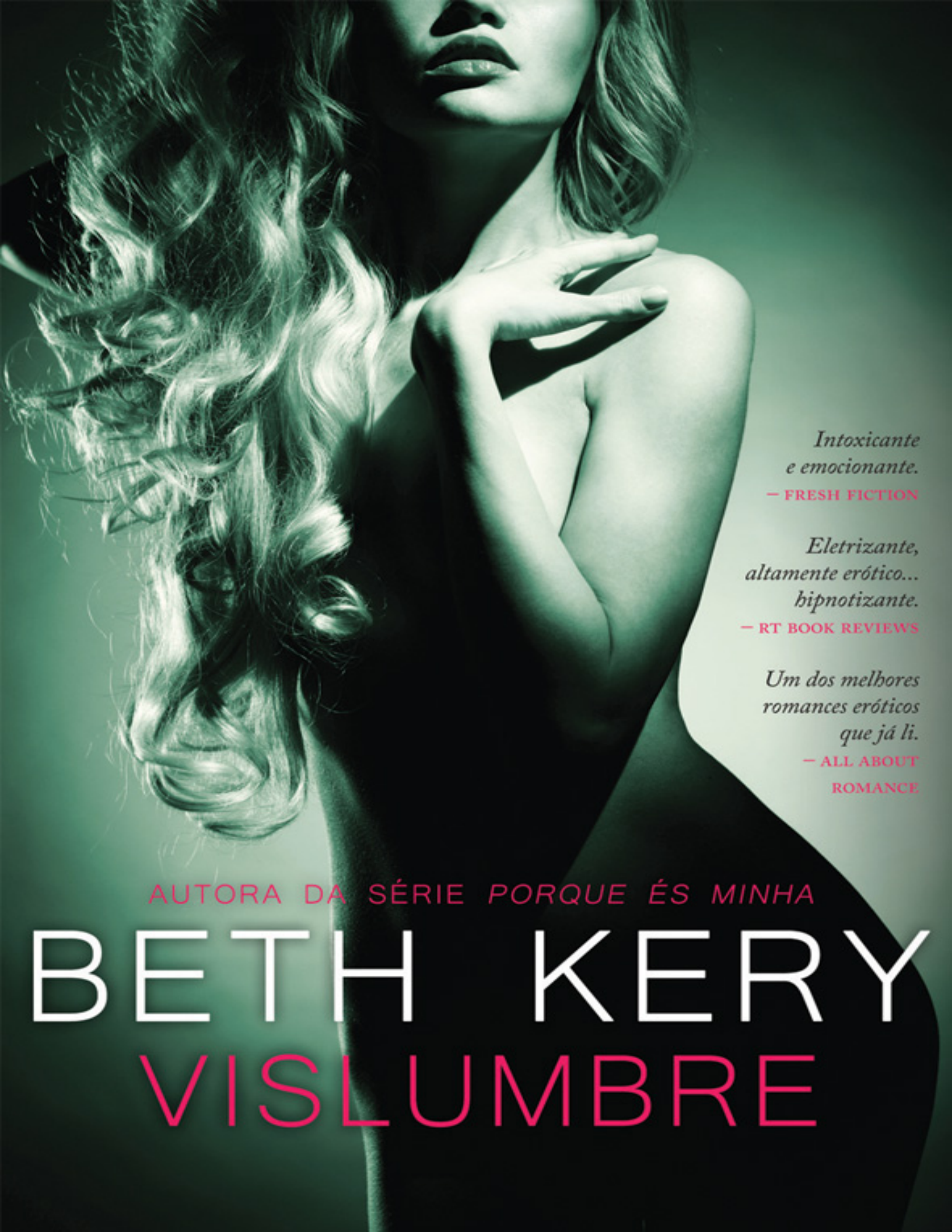




*Intoxicante  
e emocionante.*

— FRESH FICTION

*Eletrizante,  
altamente erótico...  
hipnotizante.*

— RT BOOK REVIEWS

*Um dos melhores  
romances eróticos  
que já li.*

— ALL ABOUT  
ROMANCE

AUTORA DA SÉRIE PORQUE ÉS MINHA

# BETH KERY

## VISLUMBRE

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM



# FICHA TÉCNICA



CHÁDASCINCO  
Livros com sexto sentido

TÍTULO: *Vislumbre*

AUTORIA: *Beth Kery*

EDITOR: *Luís Corte Real*

*Esta edição © 2015 Edições Chá das Cinco Lda.*

*Título original Glimmer © 2015 Beth Kery*

TRADUÇÃO: *Ester Cortegano*

REVISÃO: *Edições Chá das Cinco*

DESIGN DA CAPA: *Edições Chá das Cinco*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Edições Chá das Cinco*

DATA DE EDIÇÃO E-BOOK: *Outubro 2015*

ISBN: 978-989-710-153-3

EDIÇÕES CHÁ DAS CINCO

*R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082*

*S. Pedro do Estoril, Portugal*

TEL E FAX: 214 583 770

[WWW.CHADASCINCO.COM](http://WWW.CHADASCINCO.COM)

## DEDICATÓRIA

À minha editora, Leis Pederson, muito obrigada por apoiar as minhas histórias e a minha escrita, e por me fazer continuar. Tenho uma enorme dívida de gratidão para com o meu marido, que comigo sofre e celebra todos os meus livros, e por isso faz também parte de cada um deles.

**A**lice Reed estava habituada a ocultar o seu nervosismo. Estava habituada a ocultar quase tudo. Porém, esse dia estava a ser diferente. Seria tão capaz de disfarçar a sua ansiedade pela entrevista iminente como teria sido capaz de ignorar um provocador desafio matemático.

— Não te preocupes. Vai ser canja. Só tens de te concentrar no que sabes. Porque, quando te concentras, és absolutamente fantástica — disse Maggie Lopez para a acalmar, enquanto a observava rapidamente, com um ar amigável mas crítico. Maggie era sua orientadora, no programa de MBA da faculdade de Arlington. Após uma série de desaires iniciais que agora lhe pareciam uma sorte inesperada, Alice arrendara o apartamento por cima da garagem de Maggie. Mais importante ainda, as duas mulheres tinham-se tornado amigas. E ela respeitava a opinião de Maggie, por isso a sua ansiedade cresceu ainda mais quando a viu franzir ligeiramente as sobrancelhas. Ocorreu-lhe um pensamento horrível. Espalmou a mão no alto da cabeça.

— *Merda*. As minhas raízes. Estão a aparecer, não estão? Esqueci-me de as pintar. Fiquei tão embrenhada naqueles cálculos ontem à noite que me esqueci de tudo — gemeu, enquanto se erguia da cadeira de um salto e corria para o espelho na parede do escritório de Maggie. Era uma atleta razoável, mas não estava acostumada a usar outra coisa que não botas militares, chinelos ou ténis. Quase caiu de cabeça com os sapatos de salto alto que comprara para a entrevista.

Maggie suspirou de divertido exaspero atrás dela.

— Só tu te esquecerias de uma entrevista para uma oportunidade no mais ambicionado programa de formação executiva nos Estados Unidos... não, *no mundo*, por causa de uns cálculos sem importância nenhuma.

Alice fixava-se ao espelho, de olhos muito abertos. O seu rosto parecia especialmente pálido, devido à ansiedade e ao contraste entre o cabelo curto

quase preto, o fato azul-marinho e os olhos azuis-escuros pesadamente delineados.

— Foste tu que me pediste para fazer aqueles cálculos sem importância nenhuma — balbuciou Alice, distraída. Alisou o cabelo contra o crânio e olhou furiosamente para o espelho, como se lhe atribuísse a responsabilidade pelas suas muitas imperfeições. E, lá estavam elas, as denunciadoras raízes arruivadas e brilhantes. — Que se lixe — disse entre os dentes cerrados. — Isto é uma treta, de qualquer maneira. A Durand nunca enviou um recrutador ao programa de MBA da universidade de Arlington. Isto é outro exemplo da famosa *caridade* da Durand? — quis saber, virando-se para Maggie.

Mas esta, nos últimos dois anos, já tivera oportunidade para se tornar imune aos seus sobrolhos franzidos e língua afiada. Sabia muito bem que com Alice funcionava o provérbio «cão que ladra não morde».

Na maior parte das vezes, pelo menos.

— Não te atrevas a menosprezar este programa — avisou Maggie com um dedo apontado e uma expressão ameaçadora. — Por acaso, tenho um enorme orgulho nele e em tudo o que conseguimos nos últimos anos, graças, em grande parte, ao *teu* brilhantismo, trabalho árduo e investigação pioneira. Se estou surpreendida por a Durand ter querido vir recrutar entre a nossa turma? Não. Não estou — acrescentou Maggie num tom terminante, quando Alice lhe fez um olhar meio esperançoso, meio duvidoso. — O artigo sobre filantropia e lucro provocou ondas de choque por toda a comunidade empresarial. Agora, para de sentir pena de ti própria — disse, enquanto se deixava cair na cadeira da sua secretária, fazendo com que as molas protestassem audivelmente.

A irritação de Alice esmoreceu.

— Eu também me orgulho do estudo de F e L — disse com sinceridade, referindo-se ao artigo inovador que ela e outros colegas tinham publicado, com Maggie como investigadora principal, alguns meses antes. — Mas o Sebastian Kehoe disse-te que vinha a Arlington por causa desse estudo? — perguntou. Kehoe era o vice-presidente para os recursos humanos da Durand.

— Não.

— Então *porque é que* vem? — resmungou ela.

Alice quase desejava que Sebastian Kehoe tivesse continuado a ignorar a sua pequena faculdade. Ela saía-se melhor no isolamento. Ofendia-a ter de se vender a entrevistadores como se fosse uma mercadoria e, *ao mesmo tempo*, o vendedor dessa mercadoria. Dizer que não tinha jeito para as entrevistas era um gigantesco eufemismo.

— A Durand vem a Arlington porque está à procura de executivos de excelência, suponho eu.

Alice soltou um ronco de troça.

— Disseste-me para encarar esta entrevista como uma boa experiência para entrevistas futuras. Ou seja, nem mesmo *tu* acreditas realmente que qualquer pessoa na Arlington tenha alguma hipótese com a Durand.

— Eu não sei o que pensar, para ser honesta — disse Maggie num tom tenso. Arrancou vários lenços de papel de uma caixa e estendeu-os a Alice.

— Agora limpa um bocado dessa porcaria que insistes em pôr nos olhos. Escova o cabelo para trás para esconder as raízes. Põe um bocadinho de batom, por uma vez na vida. E, pelo amor de Deus, endireita as costas. Eu espero que estejas à altura do desafio, não que te encolhas na sua frente.

As costas de Alice *endireitaram-se*, de facto, de fúria, durante alguns segundos — antes de a verdade das palavras de Maggie se infiltrar na sua mente. A mentora tinha razão. Como de costume.

— Vou à casa de banho tentar aligeirar um pouco a cara — concordou Alice com um tom submisso. — Tenho dez minutos antes da hora da entrevista.

— Linda menina — disse Maggie num tom animado. — *Alice?* — chamou asperamente quando ela estava já a abrir a porta do seu escritório.

— Sim? — Alice olhou por cima do ombro. Ficou imóvel quando viu a expressão invulgarmente sombria no rosto de Maggie.

— Houve uma pequena alteração nas circunstâncias da tua entrevista. O Sebastian Kehoe adoeceu há alguns dias e teve de vir outra pessoa no seu lugar.



Alice foi varrida por uma perversa e selvagem combinação de desilusão, triunfo e alívio. *Claro*. Tinham enviado um pau-mandado subalterno qualquer no lugar de Kehoe? Como seria de imaginar. Sabia que a Durand nunca veria nenhum membro da sua turma de mestrado como um verdadeiro candidato ao «Campo Durand». O programa de quatro semanas nas margens do lago Michigan era onde, todos os verões, os mais brilhantes e promissores estudantes das escolas de negócios eram convidados a mostrar o seu trabalho. Sessenta por cento dos monitores do Campo Durand eram escolhidos para se tornarem os mais bem pagos jovens executivos de elite do mundo. Através de uma combinação de exercícios de *team building*, intensa observação e um altamente reputado campo de férias para crianças no lago, a Durand selecionava uns poucos escolhidos, acabando com os melhores entre os melhores.

Os selecionados para o Campo Durand recebiam uma soma avultada pelas suas semanas de serviço, quer se tornassem funcionários permanentes quer não. Alice desejava aquele monte de dinheiro, mesmo que não se atrevesse a esperar alguma vez ser convidada para assumir uma verdadeira posição na multinacional altamente bem-sucedida. Tinha de pagar os empréstimos que contraíra para pagar a faculdade, e nenhuma sólida perspectiva de emprego. Ainda assim... sentia-se dividida: não gostava de se ver obrigada a provar o que valia àquela empresa influente e próspera.

— Eu *sabia* que a Durand não podia estar seriamente interessada na Arlington — disse Alice.

*Ou em mim.*

Maggie devia ter reparado no sorriso de triunfo que Alice tentou esconder.

— Estão tão *pouco* interessados na faculdade de Arlington que foi o seu CEO que veio no lugar do Sebastian Kehoe — disse Maggie.

A mão de Alice caiu da maçaneta.

— O quê?

De súbito, Maggie parecia ter dificuldade em olhá-la nos olhos.

— Vários administradores da Durand estavam em trabalho aqui em Chicago. Quando Kehoe adoeceu, Dylan Fall concordou em ficar com os

seus compromissos restantes. — Maggie olhou-a de relance, com um ar pensativo. Ou seria de um ar de *preocupação*? — Eu... eu não te queria dizer porque pensei que ias ficar mais nervosa, mas também não queria que entrasses ali desprevenida — disse aflitivamente.

Alice sentiu uma tontura.

— Dylan Fall — declarou num tom monocórdico, incrédulo. — Estás a dizer-me que, daqui a nove minutos, vou ser entrevistada pelo CEO da Durand Enterprises?

— Isso mesmo. — A expressão de pura compaixão de Maggie desvaneceu-se e foi substituído por uma de determinação. — Esta é a oportunidade de uma vida. Não estou necessariamente à espera que consigas um lugar no Campo Durand, isso pode ser esperar demasiado, tendo em conta tudo o que já sabemos. Mas tu és uma rapariga única, inteligente, e és genial com os números e... bem, és o *melhor* que a Arlington tem para oferecer. És a melhor que eu alguma vez conheci — acrescentou, com um olhar desafiador. — Por isso, pelo menos, *espero bem* que entres naquela sala, levantes a cabeça e deixes Arlington orgulhosa.

Alice ainda tinha a proclamação de Maggie a vibrar na sua cabeça, enquanto aguardava nervosamente na sala de espera do gabinete do reitor. Reitor que, ao que parecia, cedera alegremente o seu espaço a Dylan Fall.

*Claro.*

O mais provável era que Fall estivesse habituado a que toda a gente se deitasse por cima das poças de lama, para ele poder atravessá-las sem conspurcar os seus sapatos de luxo.

Maggie tinha razão. Alice não tinha qualquer hipótese de entrar no Campo Durand — quanto mais de ser contratada como executiva de elite na empresa. Mas isso não significava que ia acobardar-se. Alice já fizera frente a filhos da mãe e marginais que eram cem vezes mais assustadores do que um engravatadinho como Dylan Fall.

Só teria de se levantar e sair dali, com o orgulho intacto.

— Pode entrar — anunciou Nancy Jorgensen, a secretária do departamento de negócios, enfiando a cabeça pela porta que dava para um

corredor. Alice levantou-se, agarrada ao seu novo portfólio de vinil, e tentou não vacilar sobre os saltos. Lançou um olhar sombrio a Nancy Jorgensen. A mulher de meia-idade, uma típica figura cinzenta, parecia estranhamente corada de excitação. Desconfiou que sabia o motivo: Dylan Fall. *Traidora*, pensou Alice amargamente enquanto passava por Nancy.

*Vamos lá acabar com esta porcaria de uma vez.*

Em vez de entrar calmamente no escritório que Nancy indicou, Alice investiu contra ele. A porta era mais leve do que imaginara pela sua aparência formidável, com painéis de carvalho. Empurrou-a com demasiada agressividade e ela foi estampar-se contra a parede interior do escritório. Alice sobressaltou-se com o barulho tremendo e estacou à ombreira. O homem instalado à secretária de carvalho olhou para ela e pestanejou.

— Há fogo? — perguntou tranquilamente.

— Não — disse Alice, e franziu o sobrolho, desconfiada por não saber se ele estava a brincar ou não.

Era engraçado que ele tivesse mencionado um fogo. Alice não se sentia tão nervosa desde que se trancara no seu quarto e o tio Tim pegara fogo aos químicos do laboratório de metanfetaminas que a mãe tinha em casa para a obrigar a sair de lá. Não tivera sucesso, mas quase matara Alice — e a si próprio — no processo.

Nancy fechou a porta atrás de si com um clique mudo. Dylan Fall estudou Alice, que tinha os pulmões a arder.

De repente, ele tirou os óculos que usava e levantou-se. Alice obrigou os membros hirtos a moverem-se. Viu-o estender a mão.

— Alice? Dylan Fall. Muito prazer em conhecê-la — disse, a voz grave com um pequeno traço de rouquidão. A espinha dela arrepiou-se com a acentuada percepção do som.

— Obrigada pelo seu tempo — respondeu, apertando-lhe a mão com firmeza. Ele estendeu a outra mão num elegante gesto a convidá-la para se sentar e instalou-se no seu lugar. Quando se sentou na cadeira de pele na frente da grande secretária, Alice sentiu que os braços e pernas estavam gritantemente descoordenados com o cérebro... pior, sentiu-se como se fosse um mendigo a suplicar perante o luzidio altar do deus da riqueza e

poder. Recusava-se absolutamente a ficar impressionada ou acobardada perante Dylan Fall.

*Podes recusar o que quiseres. Já estás acobardada.*

— Fico contente por ter tido esta oportunidade para a conhecer. Pelo que fiquei a saber, é a si que se deve grande parte do brilhantismo estatístico do artigo sobre filantropia e lucro publicado no *Journal of Finance and Business* — disse ele, pegando numa caneta e começando a tamborilar com ela sobre a secretária. Depois moveu a caneta de uma forma distraída, os dedos a percorrerem o macio cilindro de metal, a virá-lo, e a repetir o processo.

Alice arrancou os olhos dessa visão e concentrou-se no rosto do homem. Sentia o coração começar a bater desconfortavelmente depressa. Ele brincava com a caneta de forma abstraída, mas o olhar sobre ela era implacável. As pesadas cortinas do gabinete estavam corridas, bloqueando a luz do Sol primaveril. O contraste entre a sombra e a luz emitida pelo candeeiro faziam com que o seu queixo forte e os olhos quase pretos parecessem quase dramáticos. Enigmáticos. Ela já sabia o que esperar do seu aspeto, ou, pelo menos, fora isso que se dissera a si própria. Ele tinha cabelo castanho-escuro que parecia macio, apesar da espessura. Era mais comprido à frente do que atrás. Usava-o penteado para trás, o estilo a combinar com a roupa profissional, mas parecia que podia ser sensualmente despenteado num instante pelos dedos de uma mulher. Um par de olhos lustrosos e perfurantes anunciavam alto e bom som a qualquer pessoa que era melhor fazer exatamente o que Fall queria, para não ser fulminada no mesmo segundo. As pestanas escuras e as sobrancelhas oblíquas contribuíam para uma aura de cigano-sexy-transformado-em-pirata-empresarial. O rosto era atraente, mas de uma forma dura — cheio de carácter e força. Fall estava longe de ser um menino bonito. Havia nele qualquer coisa rude, apesar do fato caro e da postura majestosa. A covinha no queixo também aumentava a sensação de beleza masculina dura e cinzelada.

Os meios de comunicação adoravam-no. Alice já vira fotos em que ele aparecia de rosto liso, outras com a barba por fazer ou até, de vez em

quando, de barba e bigode. Atualmente, usava uma pera fina e bem aparada. A pele não era pálida, mas ele não parecia ser o tipo de homem que se bronzeava com frequência. Alice imaginava que, tal como ela, ele devia passar muito do seu tempo a ler relatórios e a olhar para os números num ecrã de computador, ou então sentado à cabeceira de uma mesa de reuniões.

A Durand Enterprises era conhecida não só pelas suas fortes práticas filantrópicas mas também pela robustez financeira. Fora a própria Alice que a sugerira de imediato para o seu estudo multifatorial e longitudinal sobre a correlação entre filantropia empresarial e lucro. Nessa altura, mergulhara nos muitos artigos de jornais e revistas sobre a Durand para reunir dados relevantes, por isso já vira fotografias de Fall.

E olhara muito para elas. Tanto, de facto, que começara a pensar que estava a ficar um pouco obcecada pela personagem.

Como regra, a espécie masculina não a impressionava por aí além. Tivera de lidar com a sua dose de homens convencidos, mentirosos, inúteis e perigosos ao longo da vida. Os atraentes, de um modo geral, tinham ainda menos qualidades redentoras do que os vulgares ou os feios, na sua opinião. Os feios precisavam de o compensar de alguma forma, para poderem competir pelas mulheres. Por isso não costumava pestanejar duas vezes quando conhecia um tipo atraente. Só que Dylan Fall possuía aquele género de beleza rebelde que provocava todas as espécies de reações químicas involuntárias no seu corpo.

Naquele momento, teve de o mandar mudamente para o inferno por isso. Não possuía ele já uma injusta quantidade de vantagens?

Endireitou-se e pigarreou.

— Fui apenas uma entre os quatro investigadores assistentes no projeto da Dr.<sup>a</sup> Lopez. Todos fizemos a nossa parte da pesquisa e dos cálculos.

Os dedos dele tornaram-se mais lentos em torno da caneta. Ele semicerrou os olhos.

— É, então, uma jogadora de equipa? — perguntou, calmamente.

— É só a constatação de um facto.

— Não. Não é.

Ela espetou o queixo para cima. Depois quase baixou a cabeça de imediato, quando sentiu a forma como músculo e pele se contraíram, fazendo provavelmente com que a pulsação desordenada se tornasse mais óbvia no seu pescoço, expondo a sua vulnerabilidade.

— Falei pessoalmente com a Dr.<sup>a</sup> Lopez, hoje, quando cheguei — informou ele. — Ela disse-me que a maior parte das inovadoras análises estatísticas que apresentam no projeto foram não só feitas, como concebidas por si.

Ela não soube o que dizer, por isso limitou-se a sustentar o olhar do homem.

— Não quer gabar-se dos seus feitos? — perguntou ele.

— É disso que gosta? De cãezinhos a mostrar as suas habilidades?

Os dedos imobilizaram-se a meio de uma volta com a caneta prateada.

*Merda.*

As faces dela inundaram-se de calor.

— Desculpe. Não queria dizer isto — disse, afogueada. — Só estou um pouco confusa com a presença da Durand aqui na faculdade de Arlington. Estamos *todos*, para ser honesta. Veio por causa do artigo?

— Isso surpreende-a? — perguntou ele, atirando a caneta para cima de uma pasta. — A Durand foi uma das principais empresas que lá figuravam. A Alice conseguiu justificar os nossos fortes princípios filantrópicos através de estatística irrevogável. Fiquei impressionado — disse simplesmente. Ela engoliu em seco quando o viu inclinar-se para a frente, de cotovelos sobre a mesa, e olhá-la nos olhos. — Bastante impressionado.

— Precisava de justificação? — não conseguiu impedir-se de perguntar.

Ele encolheu ligeiramente os ombros e voltou a recostar-se para trás, a ação a fazê-la desviar o olhar para os seus ombros largos e para o peito de aspeto sólido. Ele sabia como usar um fato, isso era certo. Poderoso. Elegantemente perigoso. Em Dylan Fall, um fato transformava-se no equivalente moderno à armadura de um guerreiro.

— Não propriamente, não. A Durand é uma empresa de capital fechado, como tenho a certeza que deve saber. Não temos acionistas a quem precise de justificar as minhas ações.

— Nem aos outros membros da direção? — perguntou ela, a curiosidade a triunfar sobre a sua ansiedade.

Ele olhou-a mais intensamente.

— Julgava que era *eu* que a estava a entrevistar.

— Desculpe — apressou-se a dizer. Era a única coisa que conseguia fazer naquela entrevista? Pedir desculpa? E aquilo que estava agora a ver na boca dele... seria um minúsculo sorriso? Por alguma razão, preferia que não fosse, por mais inquietante que estivesse a achar toda aquela experiência. Ela não estava a encolher-se, como Maggie temera, mas estava *mesmo* a fazer arder as suas possibilidades. E não em lume brando.

Era mais uma morte por combustão espontânea.

— Eu estava apenas curiosa a respeito da reação da Durand ao artigo — retrocedeu. — Trabalhei naquele projeto durante quinze meses seguidos, até trabalhava a dormir. Foi quase como se me ficasse no sangue.

— Como alguém que dorme, bebe e come Durand, sinto-me inclinado a compreender completamente — disse ele num tom seco. — Na verdade, os objetivos filantrópicos da Durand são baseados nas diretivas de Alan Durand, o fundador da empresa. A Durand tem uma longa tradição de projetos comunitários e programas de formação e de caridade. Depois de terminar o estudo, ficou convencida de que é um objetivo meritório para uma empresa?

— Como?

— Considera que a maior parte das empresas devia incluir a filantropia nas suas diretivas?

— A estatística indica que sim.

— Não foi isso que eu perguntei.

Ela baixou o olhar para os dedos, que entrelaçara em cima da sua pasta. Uma pequena mancha de transpiração humedecia o vinil.

— Se uma empresa consegue aumentar os seus lucros ao mesmo tempo que beneficia a comunidade e a sua gente, parece que todos saem a ganhar, não acha?

Ergueu o olhar quando ouviu a gargalhada seca.

— Aí está, de facto, uma resposta politicamente correta. Agora dê-me uma resposta honesta, Alice. Acha que as empresas como a Durand deviam continuar os seus esforços comunitários filantrópicos?

O silêncio prolongou-se, tenso.

— Alice? — incitou ele baixinho.

— Claro. É só que...

— O quê?

— Nada. — As sobrancelhas negras inclinaram-se ameaçadoramente. — É só que... Parece-me... — *Que se lixe, já estragaste esta entrevista, de qualquer maneira. Toda a gente sabe que nunca tiveste a mínima hipótese, desde o princípio.* — É um bocadinho complacente, mais nada. — Ela encolheu-se um pouco quando o viu ficar ameaçadoramente imóvel. — Tirando isso, penso que a resposta é um categórico sim. Acredito que as grandes corporações deviam ter diretivas em termos de caridade.

— Complacente? — perguntou ele, a voz baixa a parecer-lhe semelhante ao grave ronronar de um leão enganadoramente calmo. — Como se a Durand só se quisesse exhibir, é isso que está a dizer. Fazer boa figura aos olhos do público apenas para vender geringonças... ou, no caso da Durand, vender chocolates, refrigerantes, bebidas energéticas e leite com chocolate, entre outras coisas.

— Todas as coisas que os vossos campistas no Campo Durand, jovens urbanos de baixos rendimentos e oriundos de bairros infestados de pobreza, consomem — não conseguiu impedir-se de dizer. Sentiu o calor a incendiar-lhe as faces.

Obrigou-se a não estremecer sob o olhar penetrante do homem, mas a sua determinação tinha, definitivamente, vacilado. Dizer meramente que os olhos dele eram «castanhos-escuros» ou «quase pretos» subestimava grandemente o seu impacto. Eles brilhavam como pedras polidas com fogo no seu interior. Aqueles olhos, por alguma razão, conseguiam sobressaltá-la numa base constante.

— Consume esses produtos, Alice?

— De vez em quando — disse, encolhendo os ombros. Na verdade, era uma viciada em chocolates. Os *Jingdots*, os *Doce Adelaides*, os



*ChocCaramelos Salgados* da Durand encontravam-se entre os seus maiores *guilty pleasures*, enquanto estava sentada ao computador a fazer cálculos. Não que fosse confessar essa fraqueza a Dylan Fall. — Porquê? — perguntou cautelosamente. — Esse é um dos pré-requisitos para se ser selecionado para o programa de formação da Durand?

— Não — disse ele, pegando num papel que estava em cima da secretária. O coração dela começou a bater mais depressa. Dylan Fall ia dizer-lhe a qualquer segundo que a entrevista terminara. *Que dissesse*. Quanto mais depressa saísse dali, melhor. Depois viu-o examinar brevemente aquilo que percebeu ser o seu currículo. — Mas sei, por acaso, que Little Paradise, onde foi criada, é uma dessas áreas de baixos rendimentos e infestadas de crime que acabou de descrever.

O coração de Alice batia agora desconfortavelmente contra o esterno. Teve de descolar a língua do céu da boca.

— Como é que sabe que fui criada em Little Paradise? — disse, em voz rouca, mortificada por Dylan Fall, logo Dylan Fall, saber daquele sítio malafamado onde crescera. Little Paradise, o nome grosseiramente desadequado por que era conhecido o único parque de caravanas que restava nos limites da cidade; uma suja e miserável comunidade que crescera sob os fumos tóxicos das fábricas de Gary, Indiana. A morada não constava do seu currículo. Ela não queria ter nada a ver com Little Paradise. Usava um endereço local desde que entrara na universidade, quase seis anos antes.

— A Dr.<sup>a</sup> Lopez mencionou-o — disse ele, sem pestanejar. — Tem vergonha do local onde cresceu?

— Não — mentiu enfaticamente.

— Ótimo — disse ele, voltando a pousar o currículo sobre a secretária. — Não devia ter.

Ele só devia ser uns dez anos mais velho do que ela, que tinha quase vinte e quatro. Alice ressentiu-se daquele seu ar de experiência e fleumática compostura, apesar da relativa juventude. Como teria chegado a CEO tão novo? Seria da família do fundador da empresa, ou coisa do género? Tentou lembrar-se. Revelara-se extremamente difícil encontrar dados pessoais tanto

sobre Alan Durand como sobre Dylan Fall. Nunca conseguira encontrar muitos pormenores sobre a meteórica ascensão de Fall na poderosa empresa.

Ocorreu-lhe de súbito, com um baque, como estava deslocada perante a delicada e suprema confiança do homem. De certeza que ele se estava a divertir imenso com a sua acanhada atitude defensiva e a sua confusão.

— Vai fazer-me algumas perguntas relevantes a respeito de negócios, o meu interesse na Durand, as minhas qualificações? — perguntou, com o queixo tenso.

— Pensei que era isso que estava a fazer. — A expressão rígida de Alice não vacilou. Ele inspirou fundo. — Muito bem. — Colocou bruscamente os óculos cor de cinza e pegou nalguns papéis que estavam em cima da secretária. Parecia extremamente *sexy* com eles.

*Claro.*

— Tenho algumas perguntas para lhe fazer a respeito das suas decisões de investigação no estudo sobre filantropia e lucro.

Começou a descontrair ligeiramente quando ele se lançou numa série de questões concisas sobre a sua análise estatística. Alice conhecia os modelos matemáticos de trás para a frente. E também era viciada em trabalho. Naquela arena, ele não a conseguia confundir. Mesmo assim, passado algum tempo, sentiu que Fall não só compreendia as nuances da estatística tão bem, se não melhor, do que ela, como estava anos-luz à sua frente no conhecimento do que as suas conclusões *significavam* para o funcionamento prático do mundo dos negócios. Sentiu inveja daquele conhecimento, mas ficou também curiosa. Faminta. Seduzida pela esplendorosa promessa de poder que aqueles números poderiam conceder-lhe quando combinados com um conhecimento e experiência como os de Fall.

Passada quase uma hora de intensas perguntas e respostas, ele ergueu o braço e olhou de relance o relógio.

— É uma identificadora de tendências estatísticas, não é? — perguntou ele descontraidamente, referindo-se à sua capacidade de absorver dados e,

de imediato, decompô-los em tendências significativas, detetar anomalias e até prever resultados.

— Suponho que posso dizer que sim — disse Alice.

— É uma perita?

— Não — negou, tensa. A palavra *perita* rotulava-a como uma pessoa esquisita. Ela só queria passar despercebida. As pessoas esquisitas não passavam despercebidas. — Só tenho uma razoável sensibilidade para os números e o que eles significam.

— Tem uma sensibilidade *fenomenal*. Um dom raro — corrigiu ele, a sua voz grave a fazê-la arrepiar-se de novo. — Acho que já me informou de tudo o que precisava de saber — disse ele de súbito, secamente, o seu olhar nos papéis sobre a secretária. Alice descontraíu-se na cadeira, reconhecendo o final da entrevista. — Só mais uma coisa... Já se tinha interessado especificamente pela Durand Enterprises antes de começar o estudo da filantropia?

Ela abanou a cabeça.

— Não. Quero dizer... já a conhecia, claro. Estava familiarizada tanto com o seu sucesso empresarial como pela ênfase filantrópica.

— Ah. É que a sua orientadora tinha-me deixado com a impressão de que tinha sido a Alice a sugerir a Durand para o estudo — disse ele.

— Posso ter sido. Sou licenciada em negócios — disse ela, encolhendo os ombros. — A Durand Enterprises é um dos negócios mais bem-sucedidos do mundo.

Ele tirou os óculos, o olhar acutilante.

— Tem alguma pergunta para me fazer? — perguntou, depois de uma pausa em que Alice teve de se obrigar a não se contorcer na cadeira.

— Quantas pessoas vão ser escolhidas como monitoras no Campo Durand?

— Quinze. Tentamos manter a proporção entre campistas e monitores tão baixa quanto possível, ao mesmo tempo que oferecemos bolsas de estudo ao maior número possível de miúdos. Os números de novos participantes são mais ou menos fixos, mas os campistas repetentes têm de manter um registo criminal limpo e passar vários testes aleatórios de drogas, se tiverem

historial, para além de manter uma média de notas aceitável. Como provavelmente sabe, o campo concentra-se em miúdos de idades entre os 13 e os 18. Cada monitor, de um modo geral, tem uns dez miúdos na sua equipa.

— Então, apenas nove monitores conseguem entrar na Durand — refletiu ela. — Julga honestamente que este tipo de cenário, um campo de férias nas margens do Lago Michigan durante três semanas, dá *mesmo* à Durand a informação necessária para contratar executivos de excelência? — perguntou num tom cético. — Parece um pouco — *disparatado*, pensou na privacidade do seu cérebro — estranho esperar que alunos de escolas de negócios tenham a experiência necessária. Não somos animadores sociais, nem professores. Nem *babysitters*.

Fall lançou-lhe um olhar rápido quando ela balbuciou a última palavra em surdina.

— Não se espera que sejam nenhuma dessas coisas. Bem... talvez professores, mas não no sentido clássico da palavra. Existe pessoal regular e experiente no Campo Durand: supervisores que estão nas instalações vinte e quatro horas por dia. É verdade, porém, que os monitores desempenham um papel crucial na experiência do campista. Os monitores da Durand são, essencialmente, a face da liderança e o apoio para cada campista individual. Oferecemos uma semana de formação aos monitores, para eles saberem o que devem esperar. O programa de formação é semelhante a muitos retiros utilizados por empresas de todo o mundo para desenvolver competências de liderança. Mas isso é só o começo. É quando os miúdos chegam que o desafio começa realmente. O que é necessário para se ter sucesso como monitor, e como executivo na Durand, é uma grande medida de ingenuidade, liderança, competências sociais e humanidade. Estas são qualidades que não conseguimos medir adequadamente num currículo, em cartas de recomendação, que são quase sempre altamente abonatórias, e numas poucas entrevistas. O Campo Durand para nós funciona, por muito pouco convencional que possa parecer. Tem funcionado ao longo de décadas. Os candidatos a executivos estão sob observação constante durante quatro semanas: uma de formação e as outras três com as crianças. Têm um

horário pesado. Considera-se que estão ao serviço desde as sete e meia da manhã até às nove da noite, quando o pessoal vigilante noturno assume o seu lugar. Espera-se que trabalhem aos sábados até às três, apenas com os domingos de folga. Não basta gabarem-se de qualidades de liderança, planeamento, inteligência, inovação, persuasão, compaixão, determinação, trabalho duro e coragem: os monitores têm de *demonstrar* essas competências diariamente com um grupo de crianças, algumas das quais foram rotuladas como criminosas, não cooperantes, manipuladoras, preguiçosas ou inacessíveis. É muito mais difícil do que parece à primeira — disse ele, o seu tom brando em contraste direto com o olhar perfurante.

— Então, é o que eu disse. A Durand combina a filantropia... não, *usa* a filantropia para otimizar o lucro.

O sorriso que ele fez foi de lábios cerrados, cortante... perigoso.

— Sim, compreendo. É assim que quer ver as coisas — disse, como que para si mesmo, não soando nada preocupado com o pessimismo dela, enquanto se recostava na cadeira. O seu olhar fê-la sentir-se como se fosse um pedaço de madeira que ele estaria a ponderar transformar num projeto. Era um olhar frio, afiado como uma lâmina, e Alice não percebeu porque é que a fazia suar tão intensamente.

— Teria objeções em aceitar uma posição numa organização tão aparentemente mercenária? — perguntou ele.

— Não — replicou ela sem pestanejar.

As sobranceiras escuras arquearam-se.

— Ah. Então também é um pouco mercenária.

— Isso não sei. Não sou estúpida, se é isso que quer dizer.

Ele soltou uma gargalhada seca.

— Ninguém a pode acusar de estupidez — replicou, com um rápido olhar para os papéis espalhados pela secretária. Levantou-se abruptamente. Alice ergueu-se de um salto, como se tivesse estado sentada sobre molas. — Isto foi bastante esclarecedor. — Estendeu-lhe a mão. Ela apertou-a. — Tomaremos a nossa decisão a respeito dos finalistas para o Campo Durand nas próximas duas semanas. As faculdades da área de Chicago eram a

última paragem na volta de recrutamento de Sebastian Kehoe. Depois voltaremos a contactar.

— Claro.

Viu os relâmpagos nos olhos dele. Fez uma careta. Não pretendia soar sarcástica, mas reconheceu que o fizera. Bem, pelo menos aquele fiasco chegara ao fim. Agora tinha toda a valiosa experiência de entrevistas que poderia desejar. Depois de Dylan Fall, qualquer coisa seria canja. E ela tinha um futuro cheio de entrevistas antes de encontrar um emprego novo e realista.

*Provavelmente, um entediante emprego como estagiária a fazer tarefas rotineiras, tendo em conta o atual mercado de trabalho.*

Virou-se para sair.

— Alice.

Estacou abruptamente, quando ia levar a mão à porta. Não se importou com o facto de estar a olhar por cima do ombro com alguma medida de ansiedade. Era difícil não ansiar por cada olhar que pudesse obter de Dylan Fall. Apesar de ele a intimidar, era uma visão e peras.

— Conheço um homem... que é, por acaso, membro do conselho de administração da Durand... que cresceu no bairro de Austin, na zona oeste de Chicago — disse Fall. — Conhece esse bairro?

Ela estudou-o atentamente, a tentar perceber o objetivo daquilo mas sem conseguir.

— Sim. É um dos piores da cidade.

— Pior do que Little Paradise.

Ela mal conseguiu reprimir um ronco de troça. O sr. CEO Elegante e Fabuloso, no seu imaculado fato italiano, tinha muita lata, quando presumia saber alguma coisa de Little Paradise. Ele reparou no seu olhar de desdém, porque as sobrancelhas ergueram-se numa muda, contundente, interrogação.

— Não há nada pior do que labregos urbanos, sr. Fall — explicou com um pequeno sorriso apoloético. — Não sei o que é que conhece exatamente de Little Paradise, mas essa é uma muito boa descrição de quem vive naquele parque de caravanas. Ou antes, naquela lixeira gigante.

Tentara falar num tom ligeiro. Mas só devia ter soado irreverente, porque ele parecia muito sério.

— O que eu quero dizer é que a Durand não oferece filantropia a miúdos necessitados só para obter publicidade e depois abandona-os nas ruas e esquece-os. O homem de que estou a falar saiu dessas fileiras, tendo entrado no Campo Durand quando tinha doze anos. A formação de pessoas não é uma filosofia vazia na Durand. Queremos os melhores, não importa de onde eles venham.

Alice percebeu tardiamente que se virara e o estava a olhar agora de frente. Atenta. Desconfiada.

Esperançosa.

Contra a sua vontade, o seu olhar desceu pela camisa branca como a neve e a gravata de seda azul. Uma imagem vívida e chocante surgiu de repente na sua cabeça: os seus dedos a introduzirem-se por baixo daquele algodão engomado e a encontrarem pele quente, a palma a deslizar contra os contornos de osso e músculo denso e firme.

Observou-lhe as mãos.

Só a ideia de aquelas mãos lhe deslizarem pela pele fez com que os seus pulmões parassem de funcionar.

*Aposto que ele conseguiria tocar-me na perfeição. Parece mesmo saber usar o corpo de uma mulher. Aposto que me faria coisas que nunca sequer imaginei.*

Eram pensamentos completamente inapropriados, mas aquilo não detinha a sua reação instintiva. O desejo percorreu-a como um choque na carne, deixando no seu caminho um rasto de calor. Comprimiu as coxas, como que para conter aquele fogo inesperado.

Talvez fosse porque os poucos amantes que tivera anteriormente lhe pareciam de súbito jovens e desajeitados, em comparação com Dylan Fall.

O seu olhar saltou, culpado, de volta para a cara dele. Viu-o de sobrancelhas perigosamente inclinadas, mas também ele parecia... *sobressaltado*? Os olhos dele dardejavam pelo seu corpo, como os dela tinham feito. Encolheu ligeiramente os ombros ao sentir a pele dos seios arrepiar-se, comprimindo-lhe os mamilos contra o sutiã.

Toda aquela cauterizante interação não-verbal durou três efêmeros segundos.

Cerrou a mão quando reconheceu que baixara a guarda.

— Fico feliz pelo seu amigo. Mas *eu não sou um projeto de caridade* — disse.

— Ele também não era.

Alice estremeceu um pouco perante a perfurante autoridade da resposta. Dylan Fall era um pouco assustador, naquele momento.

— Voltaremos a contactá-la — repetiu ele, baixando o olhar para a secretária com uma expressão concentrada, e ela soube que imaginara não só aquela rápida centelha de desejo mútuo como também a fria e clara fúria de Dylan Fall perante a sua lamentável amostra de insubordinação.



## DOIS

SETE SEMANAS MAIS TARDE

A primeira coisa em que o olhar de Alice se prendeu quando chegou ao Campo Durand foi a mansão vitoriana de pedra pálida e ornada que se agigantava por cima deles. Erguia-se, talvez, uns cento e cinquenta metros acima da beira de um promontório rochoso que caía dramaticamente sobre o que Alice supôs ser uma praia no lago Michigan. Não conseguia ter a certeza, com todas as árvores e folhagem que bloqueavam a visão imediatamente na frente da limusina em movimento lento em que estava a chegar.

O seu ávido olhar sobre a mansão foi desviado por uma breve visão de pele bronzeada e reluzente e músculos fletidos. O objeto da sua atenção tinha por volta de um metro e oitenta e dois, cabelo dourado cheio de ondas. Era, definitivamente, um atleta com aquele corpo. Estava a ajudar outro rapaz a pendurar uma grande faixa que dizia *Bem-vindos ao Campo Durand. Bem-vindos a Casa*, entre dois carvalhos. O forte vento do lago Michigan estava a tornar difícil a tarefa de pendurar o letreiro irrequieto. Alice calculou que fossem também monitores do Campo Durand.

*Sim. Fazes mesmo parte deste pequeno grupo de elite. Isto não é um sonho.*

Tinha de estar sempre a recordar-se daquilo, mas o seu estado de transe só parecia continuar a amplificar-se, desde que tinham entrado na longa estrada secundária que levava até ao campo.

Poucos segundos depois do culminar da sua entrevista com Fall, já abandonara qualquer esperança de conseguir um lugar no Campo Durand, quanto mais na própria Durand Enterprises. Permitira-se sonhar acima das suas possibilidades, mas, por sorte, não se deixara ficar demasiado presa nos seus sonhos.

Continuara com a sua vida, indo a várias entrevistas para lugares estáveis e aparentemente entediantes na cidade. Maggie tinha razão numa coisa. O

encontro com Fall fizera-a passar de uma entrevistada fraca para uma entrevistada média com qualificações acima da média.

Ela sobrevivera a Little Paradise e à faculdade. Sobrevivera a uma entrevista com Dylan Fall.

Não havia nada que a pudesse assustar.

Quando recebera a chamada de Sebastian Kehoe, duas semanas antes, ficara desorientada.

Kehoe não o dissera, mas, dado o convite tão tardio, calculava que algum dos outros monitores — um dos que *tinham lugar*, efetivamente, no Campo Durand — tivesse recuado no último momento.

— Ali está o Thad Schaefer — disse Brooke Seifert num tom confiante, sentada na frente de Alice, a indicar o tipo fabuloso que estava a pendurar a faixa. Alice instalara-se sozinha no grande assento ao lado da janela na limusina. Brooke Seifert e Tory Hastings, duas outras monitoras no Campo Durand, estavam sentadas na sua frente a tagarelar sobre tópicos de que Alice nada sabia. O que era, justamente, o objetivo: manter Alice à parte.

Naquela manhã, Alice apanhara o metro para o aeroporto de O'Hare para se encontrar com o condutor da limusina e duas outras monitoras do campo. Reparara quase de imediato na muda avaliação de Brooke e Tory quando se apresentara, os olhares frios e ligeiramente incrédulos para os seus calções de ganga gastos, *T-shirt*, botas da tropa, mochila velha e saco de desporto militar. O que não a incomodou nada. Já tirara as medidas a Tory e a Brooke quando o motorista mencionara os seus MBA da costa leste e nomes de miúdas ricas.

Naquele momento, porém, as três raparigas tinham algo em comum. Estavam todas a babar-se com o tipo dourado seminu que viam do outro lado da janela. Alguma coisa no tom possessivo de Brooke implicava que ela o conhecia pessoalmente.

— Que raio de nome é esse, *Thad*? — balbuciou Alice, embora não descolasse o olhar dele nem por um segundo.

— É o diminutivo de Thaddeus, um antigo nome de família — ripostou Brooke secamente. — Estudámos juntos em Yale — disse, a sua voz a adotar um tom íntimo e ligeiramente malicioso, enquanto ela focava a sua

atenção em Tory, excluindo mais uma vez Alice. Brooke adquirira Tory como escrava consensual dois minutos depois de se terem conhecido no aeroporto. Alice revirou os olhos e voltou de novo a atenção para a mansão na colina, como que atraída por um íman. Nunca vira uma casa com tantas cornijas trabalhadas, varandas e torres. Parecia tão bela e *imóvel* ali em cima. Não que uma casa se movesse, claro. Só que as árvores e flores ondulavam à brisa do lago, e as nuvens brancas vogavam contra o céu azul, enquanto a casa em si permanecia insensível ao turbilhão da vida, como se estivesse encantada... congelada no tempo.

— As nossas famílias já se conhecem há muito tempo. O meu pai estudou com o juiz Schaefer, o pai do Thad — estava Brooke a dizer à sua nova melhor amiga, Tory.

— Quem é que vive na casa grande? — perguntou Alice.

Brooke soltou um mudo som de aborrecimento por ter sido interrompida, mas não devia conseguir conter-se de exibir o seu conhecimento privilegiado.

— Chamam-lhe Castelo Durand, em Morgantown — disse Brooke, referindo-se à cidade do Michigan ali próxima onde estava instalado o quartel-general e várias fábricas e armazéns da Durand Enterprises. A empresa empregava mais de cinquenta por cento da população de Morgantown. — E é onde o sr. Grande Brasa vive, claro — disse Brooke com um ar presunçoso, enquanto o carro abrandava.

Alice virou-se. O sr. Grande Brasa só podia significar um homem.

— Dylan Fall? Vive no campo de férias?

— Isto não é só um campo de férias. É a propriedade Durand. Não é propriamente como se ele tivesse campistas a mexerem-lhe nas gavetas ou a enfiarem-se na sua piscina — disse Brooke, de sobrolho franzido. — A propriedade é enorme. Tem dois campos de golfe, estábulos, várias piscinas, bosques, uma marina, quilómetros de percursos pedestres, cortes de ténis, e jardins, e só estou a falar dos *privados*, não os designados para o campo. Embora Fall partilhe muito generosamente os estábulos, cortes de ténis e um dos campos de golfe com os campistas, pelo que ouvi dizer. O meu pai jogou aqui golfe com alguns dos gestores da Durand, em tempos, e

ofereceram-lhe uma visita à propriedade — acrescentou, virando-se para Tory.

— Nós vamos lá... Ao castelo, quero eu dizer — comentou Tory. — Algumas vezes. Vai haver um jantar na última noite da formação, antes de os miúdos chegarem, e há outros eventos marcados lá em cima, ao longo das semanas. Estava no calendário que nos enviaram. Então... o que é que estavas a dizer sobre o Thad Schaefer? — perguntou.

Alice absorveu em silêncio esta notícia perturbadora enquanto o carro entrava num parque de estacionamento e Brooke retomava a sua conversa de convencida. Também lera a respeito dos eventos na documentação que Sebastian Kehoe lhe endereçara. Pensara que o termo *Castelo Durand* era uma espécie de nome pomposo para o quartel-general do campo de férias, ou coisa do género. Nem por um segundo imaginara que fosse a *casa* de Dylan Fall.

— Os Schaefers organizaram uma grande festa em nossa honra, minha e do Thad, quando soubemos da notícia — estava Brooke a dizer. — É a primeira vez na história de Yale que seleccionaram *duas pessoas* da escola de gestão para o campo Durand. Normalmente a Durand selecciona apenas um. Eu e o Thad odiámos ter de competir pelo lugar. Podes imaginar como toda a gente ficou contente quando soubemos que tínhamos entrado os dois.

*Claro. Houvera celebrações e foguetes por todo o mundo WASP<sup>1</sup> conhecido.*

— *Dois!* — exclamou Tory, extasiada. — Eu fui a primeira seleccionada em Brown nos últimos três anos.

— Eles tentam equilibrar as coisas entre as grandes escolas de negócios e depois deixam alguns lugares para... estás a ver... Possíveis casos isolados, casos únicos — explicava Brooke pacientemente de uma forma que deixou Alice a ranger os dentes.

— Pelo menos sou única — disse Alice, abrindo a porta do carro assim que este parou.

— Oh, és *especial*, de facto — ouviu Brooke dizer nas suas costas enquanto saía para o chão de gravilha. Atirou com a porta para deter o som

dos risos abafados que vinham do interior. Brooke e a sua lacaia deviam querer que o motorista lha abrisse, de qualquer maneira.

As duas últimas horas naquele carro tinham sido uma autêntica tortura. Não eram um bom prenúncio para as quatro semanas que tinha pela frente. Talvez tudo aquilo fosse mais um pesadelo do que um sonho.

Pendurou a mochila ao ombro e acenou ao motorista, que estava a sair do carro. Apresentara-se anteriormente como Todd Barrett.

— Eu levo as malas para o campo — disse Todd num tom amigável. Fez uma pausa. — As cabanas e o refeitório são ao fundo daquele caminho, mesmo do outro lado do bosque — disse, apontando. — Se quiser dar uma vista de olhos, siga por ali. Pode ver a cabana principal por entre as árvores.

— *Okay*, obrigada — balbuciou, embaraçada por alguma coisa no tom de voz do motorista lhe dizer que ele reparara no seu estatuto de «excluída» junto de Brooke e Tory durante a viagem e sentira pena dela.

Os tipos que estavam a pendurar a faixa tinham subido para uns escadotes. Quando Alice se aproximou lentamente, uma forte rajada de vento do lago empurrou de súbito o tipo moreno e arrancou-lhe o letreiro das mãos. O material colou-se contra o seu peito e cara. Ele fez um sufocado som de surpresa e aflição e cambaleou sobre o escadote, cego. A mão com que segurava o martelo agitou-se no ar, enquanto ele tentava agarrar-se com a outra. Alice soltou a mochila, correu, voou pelos primeiros três degraus do escadote acima e agarrou-o pela cintura.

— Uoou, aguenta-te. Já te agarrei — disse. Quando ele se conseguiu equilibrar, Alice ajudou-o a descolar a faixa da cara. Ele olhou em volta, os olhos escuros gratos e surpreendidos.

— Dave, estás bem? — exclamou alguém.

Alice olhou para o lado e viu o tipo que tinham estado a cobiçar da limusina a correr na sua direção, a outra ponta da faixa e um martelo nas mãos. Dave parecia ter recuperado o equilíbrio. Ela soltou-o e voltou a descer para o chão.

— Está um vento forte como o raio — disse David, ainda incrédulo, seguindo-a pelo escadote abaixo.

— Se calhar era melhor pendurarem isso a favor do vento — sugeriu Alice delicadamente, apontando para duas árvores alternativas. — Eu sei que os miúdos não a vão ver quando chegarem, na próxima semana, mas podem vê-la quando forem a caminho das cabanas.

Thad riu-se.

— O cérebro do grupo — disse, apontando com um polegar para Alice. — Estou a ver que Harvard te ensinou tudo exceto bom senso — disse para Dave.

— Como se não estivesses a fazer a mesma burrice. Eu só fiz o que o Sebastian nos mandou. Supostamente, era também para dar as boas-vindas aos monitores, mas o Sebastian e a equipa dele não a penduraram a tempo — explicou Dave, agarrando com mais força na ponta da faixa que abanava loucamente. Depois sorriu, e Alice percebeu que ele era mesmo muito atraente, de uma forma calma, reservada e inteligente. — Então... bem-vinda. E obrigado, já agora — disse a Alice, estendendo-lhe a mão. — Dave Epstein. E este é o Thad Schaefer.

— Alice Reed — apresentou-se ela, apertando primeiro a mão de Dave.

— Tens reflexos rápidos — disse-lhe Thad quando trocaram um aperto de mão. — Gosto disso numa mulher.

Dave soltou um ronco de troça. Alice revirou os olhos e sorriu, porque Thad Schaefer estava claramente a brincar. Ele tinha uma tatuagem de um tubarão a saltar num bíceps e uma mancha de lama num saliente músculo peitoral. Os olhos verdes eram calorosos e amigáveis. Não lhe *parecia* um clone masculino de Brooke, ou, pelo menos, foi a sua primeira impressão.

— A sério — continuou ele quando ela lhe soltou a mão. — Gosto de pessoas rápidas, de uma forma geral. Pelo menos, quando estou aqui. O Sebastian encarregou-me do futebol, natação e vela. Queres ajudar-me a treinar futebol? És monitora Durand, não és? Vocês as três foram as últimas a chegar. Temos estado à vossa espera — disse, acenando para o automóvel. O motorista estava a retirar as malas do porta-bagagem, e Brooke e Tory andavam ali às voltas, a lançar olhares de relance na sua direção, Tory a afastar o longo cabelo comprido da frente da cara.

— Ei, pensava que *eu* é que ia treinar o futebol contigo — disse Dave, de sobrolho franzido.

— Isso foi antes de eu a ver — replicou Thad.

Dave fez um subtil gesto de encolher os ombros, como quem diz «OK, eu percebo». Alice riu-se. Não conseguiu deixar de se sentir lisonjeada. Thad não dissera aquilo de uma forma grosseira ou lasciva. Soava honesto e terra a terra, e apenas simpático. Os dois homens pareciam completamente à vontade um com o outro, e essa bolha de conforto parecia expandir-se de alguma forma para a incluir. Era mesmo aquilo de que precisava, depois de ficar sentada naquele carro durante horas com Brooke a dar-lhe cabo dos nervos.

— Mesmo assim, não é justo recrutá-la antes de qualquer outra pessoa ter hipótese de o fazer — insistiu Dave. — És boa no tiro com arco?

— Não sei — disse Alice. — Mas tenho muito boa pontaria com uma pedra.

— Vamos querer saber porquê? — riu-se Thad.

— Provavelmente não.

Ele tinha uma covinha na face direita e um lindo sorriso.

— Não sou nada de especial no futebol, mas gosto de correr. E, ah... *sim*, sou monitora Durand — continuou, hesitante, respondendo às perguntas anteriores de Thad.

— Não pareces muito segura disso — comentou Thad.

— Sinto-me um pouco estranha por ser monitora num campo de férias, acho eu. É um sistema extraordinário, o que têm aqui — disse ela.

— Se consideras um sistema extraordinário ficar sob o microscópio durante um dia de trabalho de quase catorze horas — disse Dave baixinho. Alice trocou com ele um olhar de muda compreensão. Os funcionários da Durand estariam a vigiá-los constantemente, enquanto ali estivessem, a observar como reagiam ao *stress*, a anotar quem estava à altura dos desafios e quem não estava.

— Bem, eu tenciono divertir-me um bocado, enquanto cá estou — disse Thad. Dave fez-lhe um olhar de ceticismo. — Ninguém disse que não posso trabalhar muito e divertir-me ao mesmo tempo — argumentou.

— Falas como um verdadeiro executivo da Durand — replicou Dave com divertido sarcasmo.

— Só estou um bocado nervosa por causa dos miúdos — admitiu Alice honestamente. — Não entendo muito bem a relação entre ser um executivo na Durand e fazer *baby-sitting*.

— Talvez a verdadeira questão seja saber a relação entre ser um executivo da Durand e um guarda prisional, ou agente de liberdade condicional... — comentou Dave. — Espero que não soe demasiado pessimista por dizer isto, mas o Sebastian Kehoe estava há uns minutos a dizer-me a mim e ao Thad que alguns dos nossos doces futuros protegidos têm múltiplos registos de detenções.

— Provavelmente estava só a exagerar — disse Thad, encolhendo os ombros.

— Não creio — replicou Alice. Sentiu o olhar de Thad a tornar-se mais penetrante, mas não pestanejou. Ela própria tinha uma ou duas pequenas detenções no seu registo, ambas adquiridas antes de fazer dezassete anos. A polícia rondava constantemente por Little Paradise. Alice nunca poderia alegar ter sido um anjo, na sua adolescência, mas era o mesmo que acontecia com a maior parte dos miúdos. A diferença é que, em Little Paradise, havia uma muito maior probabilidade de se ser apanhado a fazer alguma coisa suspeita. Nunca mais se metera em sarilhos desde que se mudara para Chicago e fizera o bacharelato e licenciatura. Mas era difícil viver em Little Paradise, ser filha de Sissy Reed, e não ter nenhum problema com a lei. Imaginou que a maioria dos miúdos que chegariam em autocarros de Chicago e Detroit dentro de uma semana deviam vir de cenários semelhantes.

Desviou o olhar de Thad quando Tory e Brooke se aproximaram. Esta guinchou o nome de Thad e voou para os seus braços, as pontas dos dedos a demorarem-se nos densos músculos dos seus ombros e costas. Alice reparou com sombrio divertimento que o abraço dela era muito mais entusiasmado do que o de Thad, superficial. Mas, em abono da justiça, talvez isso se devesse ao facto de ele estar ao mesmo tempo a segurar uma faixa abanada pelo vento e um martelo.



Thad e Brooke fizeram as apresentações.

— Dave Epstein. — Brooke pensou por um momento enquanto apertava a mão de Dave. — Não andaste com o Thad na secundária em Choate Rosemary Hall?

— Sim. Na maior parte dos dias, pelo menos... quando o Thad não se estava a baldar às aulas para ir pescar em Thimble Island com o barco do pai, ou a dormir, de ressaca — brincou Dave com um meio sorriso.

Thad pareceu pronto a defender-se, mas depois limitou-se a encolher os ombros.

— Se não fosse o Dave a obrigar-me constantemente a estudar na secundária, o mais provável era eu ter acabado como pescador, em vez de estar aqui convosco. Não, esqueçam lá isso. O mais provável era ser apenas um vagabundo num barco — emendou Thad, os olhos a cintilar com humor, enquanto olhava de relance para Alice. — Sou um péssimo pescador.

Alice riu-se.

— Sim, acredito mesmo — disse Brooke, a rejeitar automaticamente a brincalhona modéstia de Thad. Lançou um breve olhar carrancudo a Alice e depois outro olhar de lado, avaliador, a Dave, antes de se concentrar de todo o coração em Thad. Alice não ficou surpreendida ao descobrir que não era a única que Brooke não considerava digna de atenção. Até Tory parecia ter-se tornado invisível, na presença de Thad.

— Aí vem o Sebastian Kehoe — disse Dave a Tory e a Alice baixinho, depois de terem conversado mais alguns minutos.

Alice olhou na direção que Dave indicara, curiosa e um pouco ansiosa por estar prestes a conhecer o vice-presidente para os recursos humanos da Durand. A posição de Kehoe era tão importante na empresa que ele pertencia à administração da Durand — outro exemplo do quase obsessivo empenhamento da empresa em contratar e desenvolver gestores de excelência. Os outros monitores teriam conhecido Kehoe durante as suas entrevistas. Alice era a exceção. Uma outra razão para sentir que estava a começar dois passos atrás da linha de partida.

Sebastian Kehoe seria o seu chefe durante as próximas quatro semanas. Se não ficasse bem vista por ele, nunca teria hipótese de ser candidata a

uma posição na Durand. O cabelo grisalho de Kehoe colocava-o perto dos cinquenta, mas parecia mais novo por causa de um rosto relativamente isento de rugas, uma estrutura alta e magra, roupa desportiva de aspeto caro e um passo vigoroso. Dava a impressão de estar em forma e cheio de energia, mas de uma forma composta e meticulosa. Alice imaginou que devia ser do tipo de pessoa que nunca falha na sua dieta rica em proteínas e pobre em hidratos de carbono e no exercício diário e ritualístico.

— Brooke, Tory, que bom ver-vos. Bem-vindas ao Campo Durand — cumprimentou Kehoe, aproximando-se e apertando-lhes as mãos. — E esta deve ser a Alice Reed.

— Sim, senhor, prazer em conhecê-lo, finalmente — disse Alice, e estendeu-lhe a mão. Só tinham falado brevemente ao telefone, quando ele lhe ligara para lhe oferecer um lugar no Campo Durand.

— E teremos oportunidade de nos conhecermos melhor — disse Kehoe num modo amigável, mas Alice reparou no seu olhar avaliador e curioso. — Nunca tinha acontecido não conhecer previamente um candidato. Mas o sr. Fall falou-me tão bem de si que soube que se ia integrar muito bem.

As palavras dele pareceram vibrar e ficar a rodopiar no vento que os rodeava a todos, talvez porque o oposto da declaração de Kehoe pareceu óbvio a toda a gente, incluindo a Alice.

— Conheces Dylan Fall? — perguntou Thad, sem disfarçar o assombro na sua voz.

— Não — apressou-se a garantir. Virou-se ansiosamente para Kehoe. Os olhos deste estavam fixos nas suas pernas nuas, mas saltaram-lhe de imediato para o rosto. *Ele está a tentar perceber por que raio Fall falou bem de ti.* Foi percorrida por um assomo de irritação quando percebeu que Kehoe pensava que podia ter a ver com as suas pernas... ou com qualquer outra parte do seu corpo que não o cérebro. — Quero dizer, sim — balbuciou. — Foi o sr. Fall que me entrevistou para o lugar no Campo Durand. O sr. Kehoe estava doente.

Dave assobiou baixinho, como que impressionado. Brooke parecia revoltada.

— Chame-me Sebastian, por favor, Alice — disse Kehoe um pouco bruscamente. Teria ele reparado no assobio de Dave e no tom de reverência de Thad ao mencionar o nome de Dylan Fall? Alice ficou com a impressão de que a aberta admiração dos jovens por Fall o aborrecera. — E vamos ter bastantes oportunidades para nos conhecermos aqui. Todos nós. No final da formação e do campo em si, vão conhecer-se tão bem como aos vossos melhores amigos e até alguns membros da vossa família. Talvez ainda melhor. O grupo de gestores que contratamos no Campo Durand todos os anos continuam muito unidos ao longo da vida, tudo por causa do que acontece aqui, neste lago e nestes bosques — disse Kehoe.

Alice obrigou-se a fazer uma expressão polida e interessada. Quando Kehoe falava do Campo Durand, lembrava-a, por qualquer razão, a evangelização para um culto. Dylan Fall podia ter sido irritantemente confiante, mas nunca lhe dera *aquela* particular impressão do Campo Durand ou da Durand Enterprises. Fall era flagrantemente independente, demasiado independente para poder ser considerado um drone da empresa.

— Estão a ter problemas com a faixa, vocês os dois? — perguntou Kehoe.

— Só porque a estávamos a pendurar contra o vento. A Alice teve a amabilidade de nos fazer notar a nossa idiotice e disse-nos para a pendurarmos na direção este-oeste — explicou Thad, parecendo achar graça à sua própria estupidez. Alice gostou ainda mais dele por isso.

— O vento tem estado invulgarmente mau, desde ontem — admitiu Kehoe. — Foi por isso que não o pendurámos para a vossa chegada. Vamos ter tempo suficiente para o fazer esta semana, antes de os miúdos chegarem. Pomos sempre o letreiro de boas-vindas entre aquelas duas árvores, para os campistas o verem assim que chegam. É uma tradição do Campo Durand — disse Kehoe, cortando cerce o conselho de Alice. *Como se isso interessasse*, disse-se ela a si própria. Precisava de superar a ideia de que não devia estar ali. Tinha as qualificações necessárias e fora contratada para o trabalho como todos os outros. E, talvez mais importante, a partir desse dia estaria a receber uma inimaginável quantidade de dinheiro.

Por esse salário e a possibilidade de um outro ainda maior no futuro era capaz de aguentar muita coisa.

Thad e Dave começaram a enrolar a faixa de vinil. Alice deu um passo em frente para os ajudar, segurando nos martelos que ambos tinham numa mão.

— Vamos para a cabana principal, para eu vos apresentar aos outros e podermos almoçar. Os dez outros monitores estão à nossa espera. Temos muitas coisas para fazer esta tarde: conhecermo-nos uns aos outros, a visita ao campo, instruções para o calendário da formação, uma introdução geral à filosofia do nosso campo e como as nossas aulas e atividades a demonstram — disse Kehoe, como se estivesse a debitar uma lista mental. — Espero que já tenham ficado com muito boas luzes de tudo isto pela documentação que vos mandei, mas agora vão começar a ver os princípios a ser postos em prática. Normalmente, temos dez gestores da Durand a trabalhar aqui como voluntários todos os anos. Mas este ano escolhemos doze. Descobrimos que isso ajuda os funcionários a relembrar as origens e diretivas filantrópicas da Durand — explicou Kehoe, enquanto Dave enfiava a faixa enrolada debaixo do braço e Thad vestia a camisa.

Alice olhou de relance para Dave e leu a mensagem retorcida nos seus olhos escuros.

*E também não faz mal nenhum ter mais pessoal da Durand a espiar-nos, claro.*

Suprimiu o pequeno sorriso, adivinhando o seu pensamento.

— Além disso, temos de distribuir as cabanas. Os companheiros de quarto são sorteados — disse Kehoe, enquanto começava a descer o caminho e todos o seguiram. — Acho que vão ficar contentes com as cabanas, aliás. O sr. Fall mandou renová-las no outono passado. Até as cabanas das equipas são extremamente confortáveis.

Alice escutava e observava toda a gente com atenção, enquanto Tory ia perguntando como eram formadas as equipas.

— Os campistas veteranos voltam à equipa da mesma cor. Quantos aos novos, depois de vos observarmos durante o período de formação e estudarmos a avaliação dos nossos psicólogos sobre as forças e desafios de

cada campista, eu e os outros diretores designamos as equipes em que ficarão, no final da semana — explicou Kehoe rapidamente, conduzindo-os para a clareira que ficava na frente de um bonito edifício moderno, no gênero de um pavilhão de montanha. — Será o sr. Fall a dar-vos a vossa lista de campistas e os seus processos, para além de designar a cor da vossa equipa no jantar que teremos no castelo, na última noite da vossa formação.

Alice sabia pela documentação que recebera que as equipes se envolviam numa competição amigável que culminava no final do campo de férias. Cada equipa e cada criança sem exceção era premiada e louvada por algo significativo, mas a entrega do troféu do Campeonato de Equipes do Campo Durand era um evento especial. Todas as equipes recebiam pontos que, ou eram conquistados pela vitória numa competição ou no cumprimento de algum objetivo para a equipa, ou podiam ser obtidos por mérito, atribuídos por Kehoe ou outros gestores com base no desenvolvimento de uma característica e em excelência individual.

Ela teria pensado que tudo aquilo soava um pouco rígido e militarista demais para o seu gosto, não fossem as fotos onde vira miúdos de várias idades, sorridentes, enquanto jogavam polo aquático, pilotavam barcos à vela, montavam a cavalo ou pintavam em cavaletes dispostos numa praia de areia branca. O pacote de informações que Kehoe lhe enviara tinha deixado uma coisa evidente: esperava-se que os monitores da Durand oferecessem a estes miúdos os melhores dias da sua vida. Tudo o que acontecia no campo Durand tinha de ser maravilhoso, porque a experiência destinava-se a expandir os horizontes empobrecidos das crianças, encorajá-las a ansiar por mais, a esperar coisas boas para si, para as outras pessoas, para a vida em geral.

Uma organização com esse objetivo não podia ser assim tão má, pois não?

Sentiu uma comichão na face direita enquanto subiam as escadas do pavilhão e virou-se para deparar com Brooke a estudá-la, com os olhos semicerrados.

Alice endireitou a coluna e desviou o olhar. Mais valia preparar-se. Brooke Seifert ia fazer todos os possíveis para garantir que Alice era uma

das primeiras monitoras a ser riscada da lista de funcionários da Durand.

E, por pura teimosia, Alice estava igualmente determinada a fazer com que Brooke falhasse nessa tarefa.

— Só por curiosidade, qual é o traje para o jantar no castelo, Sebastian?  
— perguntou Brooke.

— Semiformal.

Brooke lançou um olhar triunfante a Alice enquanto começavam todos a entrar pelas portas do pavilhão. Apesar da sua determinação, Alice sentiu-se esmorecer. Brooke *percebera* que ela não devia ter nada «semiformal» no seu velho saco de desporto.

Nada, certamente, adequado para usar no castelo do príncipe situado no alto da colina.

A semana de formação passou a voar, num turbilhão de atividades, desafios e reuniões. Esperava-se que cada monitor completasse todas as atividades em que liderariam os campistas. Para além disso, tinham de aprender como instruir os campistas nas várias tarefas com segurança e adquirir as estratégias psicológicas para o fazer.

Alice notabilizava-se em tudo o que envolvia estratégia, força física, inovação, resistência mental e física e na maior parte dos aspetos do trabalho de equipa. Sabia com toda a clareza — e percebia, com desânimo, que Sebastian Kehoe e os vários outros gestores também sabiam — que tinha dificuldades significativas no que dizia respeito ao conhecimento básico de algumas atividades, como aulas de nutrição e culinária, técnicas de oratória ou expressão artística.

E a sua maior falha? Confiança dos seus pares. Confiança em todo o processo do campo Durand. Em parte, adorava estar naquele fabuloso cenário natural, testar a sua força pessoal, jogar jogos e estabelecer laços com alguns dos seus colegas monitores.

Outra parte permanecia observadora mas distante. Cautelosa. Dava-se muito bem com Dave Epstein porque ambos tinham essa característica em comum. Thad também se tornara rapidamente um amigo, mas Thad era demasiado simpático para alguma vez ser tão cínico e vagamente divertido

por todo o processo como ela e Dave. Thad nunca hesitava em lançar-se para o âmago das coisas. Também nunca vacilava no seu plano declarado no primeiro dia: o de se divertir. Ela invejava e respeitava a sua animação, otimismo e energia.

Alice teve a certeza que a iam mandar para casa na tarde em que foi emparelhada com Brooke Seifert numa íngreme e traiçoeira descida de *slide*. Porque é que alguém haveria de querer abandonar a solidez do chão e voar sobre o dossel da floresta pendurada por um fino arame era coisa que nunca conseguira perceber.

Tal como aconteceria com os campistas, os monitores foram agrupados de acordo com a sua experiência. Brooke já fizera aquela atividade várias vezes, por isso foi considerada a «experiente». Tinha como tarefa instruir e encorajar Alice, que foi designada como a «noviça».

Só que Alice não era apenas uma noviça. Ela tinha também pavor das alturas.

Quando era muito pequena, sofrera uma queda grave e acordara no hospital. Não se lembrava do acidente — nem de nada do que acontecera antes de acordar naquela cama de hospital. No entanto, desde essa altura, o seu estômago e o seu cérebro tinham vontade própria quando os pés se afastavam demasiado do chão. Claro que ela escondera tudo isso de Sebastian Kehoe quando ele lhe fizera algumas perguntas na introdução à atividade.

Se campistas de treze anos conseguiam fazer o *slide*, ela também conseguia.

Mas ter Brooke a encorajá-la? Que piada. Preferia enfrentar aquela tarefa sozinha, muito obrigada.

Apesar da sua determinação, já estava rígida de ansiedade e com tonturas quando subiram para a demasiado débil plataforma de madeira suspensa a treze metros do chão. Mas mantivera-se firme. Até...

— Olha ali — sussurrou Brooke quando Jessica Moder, a gestora da Durand responsável por elas, se virou para ajustar o seu equipamento. Alice olhou instintivamente para onde Brooke apontara, e a vertigem atingiu-a como um *tsunami* quando olhou diretamente para o chão da floresta. Com a

vista enevoadada, registou, muito em baixo, Sebastian Kehoe a conversar tensamente e a gesticular para um gestor da Durand alto e com corte de cabelo militar e uma cara que parecia talhada de uma rocha. Alice encheu-se de suores frios. O dossel de folhas era um borrão na sua vista, e mal teve forças para desviar o olhar da horrível queda até ao chão da floresta.

— Aquele gestor, o Sal Rigo, é horrível — balbuciou Brooke em surdina. — Acho que o Kehoe lhe está a dar uma bronca por estar sempre a escapar-se às suas tarefas. É bem feito. — Brooke virou-se para sorrir alegremente a Jessica, que vinha agora a aproximar-se dela com um arnês. — Estava a contar à Alice como fiquei na nervosa na minha primeira vez, mas depois foi fantástico demais — explicou Brooke a Jessica com animação. A conversa fez com que esta não reparasse na palidez de Alice e na forma como estava quase vomitar o conteúdo do seu almoço, mas isso foi apenas um acaso. Alice sabia perfeitamente que Brooke fizera de propósito. Fora uma idiota por lhe ter dado ouvidos e olhado para baixo.

Alice foi primeiro, as açucaradas palavras Brooke a garantir a segurança da atividade a ressaltar nela sem a penetrar. Que lhe interessava Brooke e os seus estúpidos lugares-comuns quando estava presa àquela engenhoca mortal?

— Estás pronta, Alice? — perguntou Jessica suavemente.

— Tanto quanto possível — replicou ela, sombria. Conteve a respiração.

Depois estava a voar sobre as árvores, o estômago parecendo ter ficado para trás com Jessica e Brooke na plataforma. Um enorme vácuo ocupava agora o seu lugar dentro da barriga. Ela tinha a certeza absoluta que ia cair e morrer a qualquer momento, mas pior do que tudo isso era a ideia de mostrar fraqueza na frente de Brooke ou de qualquer um dos gestores da Durand.

Reconheceu vagamente o rosto sorridente de Thad Schaefer na plataforma seguinte, mas estava demasiado atordoada de terror para conseguir identificar as outras pessoas que a aguardavam de braços estendidos.

Ajudaram-na a soltar-se do arnês, mas Alice estava a ter dificuldade em decodificar os comentários entusiásticos e encorajadores das pessoas. A



única coisa de que tinha a certeza, de uma forma embotada, era de que completara a tarefa e estava viva. Agora só queria estar sozinha. Ninguém parecia perceber que as suas pernas mal a conseguiam suportar e que a sua visão se turvara. Só conseguiu voltar a recuperar parte da lucidez quando se viu de novo em solo firme.

— Alice? — ouviu Thad chamá-la enquanto se apressava a descer o trilho na direção das cabanas.

— Vou voltar para a cabana e tomar um duche antes do jantar — respondeu-lhe Alice para onde ele estava, no alto da plataforma. Thad anuiu, mas parecia um pouco desconfiado. Ela acenou-lhe num gesto amigável e tranquilizador e retomou o caminho.

Estava desesperada para se afastar dos outros, tão louca para ficar sozinha como um animal ferido.

Cinco minutos mais tarde, Thad encontrou-a numa pequena clareira no bosque, fora do trilho principal, a vomitar para a base de um carvalho.

Ou a acabar de vomitar, pelo menos. Quando sentiu a mão dele nas suas costas e olhou para trás, sobressaltada, quase tudo o que tinha no estômago já tinha saído.

— Oh, céus — balbuciou, infeliz, quando o viu ali parado, as sobrancelhas elevadas, os olhos verdes preocupados. Limpou a boca e endireitou-se, afastando-se à pressa da árvore e voltando ao acaso para a floresta. Para onde poderia ir naquele lugar maldito para poder ficar *sozinha*, merda? Nem sequer podia vomitar sem ter um gestor da Durand por perto a anotar o conteúdo do seu estômago num bloco de notas, ou, pior ainda, um tipo lindo a observar cada nojento segundo?

— Alice — disse Thad, tenso, nas suas costas.

Ela continuou apenas a andar, mal conseguindo manter a cabeça erguida sobre um nauseante mar de mortificação. Infelizmente, estava a andar demasiado depressa para as pernas fracas e o estado entontecido.

— Espera, Alice — implorou Thad, e ela percebeu pela proximidade da voz e o estalar dos raminhos debaixo dos seus pés que ele estava a correr para a apanhar. Depois sentiu-o agarrar-lhe numa mão. Virou-se

subitamente ao ver-se presa, pronta para o repelir. Ele estava mais perto do que julgara. Esbarraram um contra o outro e as pernas de Alice cederam.

Caiu de rabo no meio da erva alta.

Durante alguns segundos, ficou apenas ali sentada, as flores do prado e a erva a fazerem cócegas nas suas pernas nuas, o choque do impacto a vibrar no seu cérebro.

— Bolas, desculpa — disse Thad, caindo pesadamente de joelhos na erva ao seu lado. Tocou-lhe nas costas. — Alice? Estás bem?

Ela olhou-o e conseguiu, por fim, focar a vista. Estranhamente, o choque da queda desanuviara-lhe a cabeça. O cabelo louro de Thad cintilava à luz do Sol. O seu forte bronzeado aprofundara-se ainda mais, por estar constantemente ao ar livre nos últimos dias. Ele parecia um jovem deus dourado, com a verdejante folhagem a rodeá-lo. Estava a olhá-la com uma expressão preocupada, os olhos verdes transformados em nêgas cor de esmeralda.

— Claro que não estou bem — disse ela num tom irritável. — Acabei de cair de rabo. Com força. E ninguém te disse que é falta de educação ficares a olhar para uma pessoa que está a vomitar?

— Desculpa. Andava à tua procura e encontrei-te por acaso quando... Alice, sentes-te melhor?

A sua preocupação penetrou-lhe por fim na consciência. Fez uma careta.

— Sim. Estou bem — balbuciou. — Para além do facto de ter podido passar sem que me visses assim.

Thad deixou-se cair no chão ao seu lado, a coxa junto à sua anca, o braço plantado nas suas costas. Ela olhou-o, cautelosa. A clareira onde estavam sentados estava banhada em luz e sombras pelas árvores que os rodeavam. Ele abriu o botão de um dos bolsos dos calções e passou-lhe uma garrafa de água, sem dizer uma palavra.

— Obrigada — disse ela, grata, devolvendo a garrafa depois de enxaguar a boca e beber vários goles. Ele pegou nela e tapou-a.

— O que é que te fez vomitar? — perguntou simplesmente.

Ela ficou a olhar os próprios joelhos dobrados e arrancou distraidamente uma lâmina de relva.

— O *slide*. Borro-me de medo das alturas — replicou sucintamente. Quando ele não respondeu, olhou-o de relance. Parecia espantado.

— O que é que se passa? — perguntou ela, num tom algo defensivo. — Montes de gente tem medo das alturas.

Ele abanou a cabeça.

— Nada. É só que... Parecias bem, quando te tirámos o arnês.

— Então porque é que vieste atrás de mim?

Ele elevou as sobrancelhas.

— Não foi por pensar que estivesses enjoada. Estava só a tentar apanhar-te sozinha.

— Ah — fez suavemente, após um momento de estupefação. Estudou o joelho com mais atenção.

— Sempre tiveste medo das alturas? — perguntou ele. Alice sentiu os pelos da nuca e do braço a espetarem-se. A voz de Thad soava mais próxima, como se ele se tivesse inclinado na sua direção.

— Desde que me lembro. A minha memória mais antiga é a de ter acordado num hospital, quando era mesmo muito pequena. Parece que tinha caído de uma escada, numa torre de água abandonada no meu bairro.

— Então nem sempre tiveste medo.

Ela olhou-o, hesitante.

— A pequena Alice queria subir. Não tinha medo.

— Não sei nada sobre a pequena Alice. Só sei que as alturas são o meu pior pesadelo. Ou seja, *cair* é o meu pior pesadelo — corrigiu Alice, com um sorriso amarelo, os olhos presos nos dele. Thad devolveu o sorriso. Ergueu uma mão e desviou-lhe a franja da testa. As folhas nas árvores abanavam, salpicando-lhe o rosto e os ombros com luz e sombra em movimento.

— És extraordinária, sabias? — murmurou.

— Não percebo porque é que estás a dizer isso. Achas que tenho um talento inigualável para vomitar? — As palavras fizeram-na recordar a cena em todos os pormenores, a maneira como ele assistira a tudo. O seu estômago contraiu-se. Virou a cabeça para o outro lado, inibida por aquela proximidade quando tinha acabado de vomitar. Ele riu-se, e de repente

estava a envolver-lhe a cintura com um braço e a mover-se na erva atrás dela. Puxou-a ligeiramente e as costas dela caíram contra o seu peito.

— O que eu quero dizer é que és extraordinária porque fizeste aquele *slide*, e estavas cheia de medo e maldisposta, e nenhum de nós o imaginou. Descontraí-te — disse suavemente, quando ela se tornou hirta e tentou afastar-se daquele abraço casual.

— Thad, eu acabei de vomitar. Não quero... — calou-se, pouco à vontade. Não sabia muito bem se *quereria* mesmo que não tivesse acabado de vomitar.

— Eu sei — disse ele. — Não me estou a atirar a ti. Mas está-se bem aqui. Fica só sentada um minuto até te sentires melhor e depois podemos voltar para o campo. Queres mais água? — perguntou, estendendo-lhe a garrafa.

Ela não queria, mas aceitou a água na mesma, contente por ter alguma coisa para fazer com as mãos. Passado um ou dois minutos, quando Thad não tentou nada, começou a sentir-se um pouco melhor. Começaram a falar sobre as experiências passadas e as suas impressões do Campo Durand até então.

Não era assim tão mau, estar sentada numa clareira do bosque salpicado de sol sem o raio de um gestor da Durand à vista, descontraída entre os braços de Thad Schaefer.

Fora a única vez que se vira emparelhada com Brooke durante a formação, embora tivessem de se aturar em vários desafios de equipa. Ainda não se tinham matado, mas a sua aversão mútua começara a aproximar-se do genuíno ódio, ao fim de uma semana de contacto forçado.

Ou, pelo menos, do lado de Alice.

Mas Alice era paciente. Brooke podia pensar que ia ficar impune depois daquele incidente do *slide*, mas estava enganada.

Alice tivera a certeza de que lhe ia calhar Brooke como companheira de quarto, no primeiro dia. Era apenas uma questão de destino.

Bizarramente, o destino enviara-lhe antes uma fada madrinha.

Chegou na forma de uma colega monitora: uma linda, amorosa, excepcionalmente inteligente indo-britânica, que fora educada em Oxford. O seu nome era Kuvira Sarin — Kuvi, como era conhecida. Kuvi possuía um sotaque maravilhoso e uma mala cheia de tops e calções coloridos, fatos de banho deliciosos, flutuantes páreos, magníficas sandálias e pulseiras que ficavam fantásticas nos seus macios braços cor de caramelo. Era divertida, calorosa e destemida, em igual medida, e Alice sentiu-se verdadeiramente abençoada por tê-la como companheira de quarto.

Na última noite da sua semana de formação, as duas raparigas entraram na sua cabana cansadas das rigorosas atividades do dia, mas também ansiosas. Aquela era a noite do jantar e da seleção das bandeiras das equipas no castelo Durand.

Aquela era a noite em que Alice voltaria a ver Dylan Fall.

Quando entraram na cabana, Alice foi mais uma vez recordada de como tinham sorte. Ela nunca tinha visto suite mais luxuosa, quanto mais dormir numa — embora mantivesse para si essa informação. Havia duas camas gigantes, uma grande casa de banho com máquina de lavar e secar, uma generosa zona de estar e um confortável terraço exterior com vista para uma praia de areia branca e o Grande Lago. Quando Kuvi e ela entraram na cabana pela primeira vez, uma semana antes, Alice escolhera de imediato a cama que estava virada tanto para a porta como para a entrada do terraço. Precisava sempre de estar em posição de ver todas as entradas para um quarto, quando estava na cama.

Força do hábito.

Agora, tanto ela como Kuvi deixaram-se cair nas suas camas, a suspirar de alívio com a frescura do quarto climatizado e a lenta descontração dos músculos tensos e cansados. Nesse dia, tinham feito o desafio da escalada — outra atividade que Alice temera. Graças à descontraída liderança de Thad, porém, os quinze monitores tinham ultrapassado o desafio sem dificuldades. Claro, o facto de Thad ter noção da sua vulnerabilidade também ajudara. Não lhe parecia que ele tivesse contado a alguém a sua fraqueza, mas fazia pequenas coisas, enquanto delineava a estratégia de escalada da equipa, que a levaram a pensar que estava a ser sensível ao seu

medo irracional. Por isso, na escalada, a sua ansiedade apenas durara durante a breve subida e descida, e fora rapidamente aliviada.

A formação estava terminada e Alice sobrevivera, se não com sucesso total, pelo menos sem quaisquer cicatrizes no seu registo pessoal.

— Feito. — Kuvi suspirou, feliz.

— Sim. Agora vem a parte difícil — disse Alice, virando a cabeça sobre a colcha para sorrir a Kuvi.

— Queres tomar duche primeiro? — perguntou Kuvi. Alice suprimiu o cada vez mais familiar sentimento de receio. Já tinham discutido o facto de que precisavam de tomar duche e mudar de roupa imediatamente, se queriam estar prontas a tempo da concentração para o jantar no castelo.

— Não, vai tu — respondeu, sentando-se a olhar a porta do seu roupeiro, desanimada enquanto imaginava o seu conteúdo pouco inspirador.

Quando Alice saiu da casa de banho depois do seu duche, quarenta e cinco minutos depois, Kuvi olhou para ela enquanto apertava um brinco. Kuvi estava muito bonita, com um vestido fúchsia que lhe caía atrás até aos gémeos e depois se erguia na frente para mostrar os joelhos. As faces de Alice ruborizaram-se quando viu o olhar de Kuvi descer para o vestido de verão que envergara.

— Não trouxe nada para usar num *cocktail* — disse Alice, soando um pouco mais brusca do que tencionara.

— *Eu sei*, também não trouxe grande coisa. Não nos disseram que tínhamos de nos aperaltar. É um *campo de férias*, pelo amor de Deus — disse Kuvi, o tom levemente revoltado a aplicar um penso rápido no agudo desconforto de Alice. — Esse é o único vestido que trouxeste? — perguntou Kuvi num tom prático.

— Era entre este e um parecido em roxo — disse Alice, a mudar de posição, desconfortável, sobre os pés descalços. Até então, a falta de roupas bonitas não representara um problema. Todos os monitores usavam calções, *T-shirts*, fatos de banho, ténis ou botas de caminhada. Alice vivia com roupas dessas, por isso sentira que se integrava perfeitamente. Graças à propositada pergunta de Brooke sobre o traje para o jantar no castelo Durand, porém, Alice já sabia o que esperar para aquela noite.

Tivera toda a semana para temer aquele momento.

— Emprestava-te um dos meus, mas... — Kuvi encolheu os ombros, olhando com um ar expressivo para a figura de Alice e depois a sua. Alice tinha membros compridos, era magra e alta para mulher, enquanto Kuvi era baixa, com belas curvas femininas.

— Que número calças? — perguntou Kuvi, a olhar os pés descalços de Alice.

— Trinta e oito e meio.

— Perfeito. Sabes, esse vestido não é assim tão mau, e esse laranja fica lindo com a tua pele — disse, estudando-a com atenção. — Mas tira o top — disse, referindo-se ao top branco sem alças que ela usava por baixo do vestido. — Estamos a tentar fazer com que esse vestido suba um degrau, não que o desça.

— Mas...

— Confia em mim — disse Kuvi, o brilho maníaco de um desafio a entrar nos seus olhos cor de avelã. Alice foi recordada do que pensara várias vezes nessa semana: que não queria estar na equipa adversária de Kuvi Sarin. Kuvi abriu rapidamente a sua gaveta de cima.

— As mulheres da minha família são conhecidas pela sua pele — continuou ela distraidamente, enquanto procurava qualquer coisa. — Mas a tua consegue bater-nos a todas. Deves ter sangue indiano, nessa tua árvore genealógica de miúda branca. Talvez sejamos parentes afastadas — brincou Kuvi enquanto extraía um grande saco de plástico cheio de bijuteria.

— Tu não havias de querer ser nem remotamente ligada à minha família, acredita em mim.

Kuvi sorriu.

— Muito bem. Fora com esse top.

O vestido era um pouco mais decotado do que aquilo que Alice gostaria, razão pela qual costumava usar o top por baixo. O corte era decente pela maioria dos padrões, mas Alice era um pouco conservadora nesse tipo de coisas. Mais uma vez, era o passado em Little Paradise a interferir na sua vida presente. Se uma rapariga usasse qualquer coisa remotamente sugestiva em Little Paradise, isso era um convite aberto a ter problemas.

Mas despir o top não foi tão mau como temera. O decote revelava apenas uma sugestão do vale entre os seus seios e expunha-lhe a parte superior das costas.

— Tens umas belas formas — disse Kuvi francamente quando Alice saiu da casa de banho depois de remover o top de debaixo do vestido. — Devias ter ouvido o que o Thad disse quando te viu pela primeira vez de fato de banho.

Alice quase perguntou «O quê?», mas depois deteve-se no último minuto. Não tinha assim tanta certeza de querer saber o que Thad tinha dito.

O que era esquisito. Porque é que não havia de querer ouvir o que um tipo fabuloso, esperto e querido como Thad Schaefer tinha dito a seu respeito? Ele não tentara nada com Alice desde aquele dia em que a abraçara no bosque, mas não era porque não estivesse interessado. Alice seria uma idiota se não reparasse no calor nos seus olhos sempre que estavam juntos.

— O que é que tu fazes, amarras essas coisas? — perguntou Kuvi sem pudor, a olhar abertamente para os seios de Alice.

— Uso muito sutiã de desporto — disse Alice, desejando que o ar condicionado lhe arrefecesse a cara a arder. — Prefiro mantê-las fora dos holofotes — disse, a acenar para a proximidade do seu peito.

Kuvi fez um sorriso de entendida.

— Nem me digas nada. Os homens nunca nos levam a sério, em especial no mundo dos negócios. Não te preocupes. O vestido não faz com que as tuas mamas pareçam enormes, nem coisa do género. Apenas sugere.

Kuvi começou por aparelhá-la com um par de brincos dourados compridos, que se destacavam lindamente ao lado do cabelo quase preto e da pele bronzeada.

— Não precisas de colar, com esse pescoço, peito, ombros e costas fabulosos — disse Kuvi numa avaliação severa e prática, antes de lhe enfiar várias pulseiras douradas e uma púrpura no braço.

Retirou do roupeiro um par de sandálias douradas com tiras para enrolar ao tornozelo e ergueu-as no ar excitadamente. Eram assumidamente sexy, o



seu objetivo puramente decorativo — como bijuteria para os pés. Pareciam algo que a mulher de um harém poderia usar. Alice teve de recusar.

— Não posso usar isso, Kuvi.

Kuvi olhou as sandálias com um ar crítico.

— Sim, tens razão. Tens demasiada substância para estas coisas — concordou, atirando com as sandálias de volta para o roupeiro.

— E se usar estes? — perguntou Alice num tom esperançoso, mostrando um par de sabrinas baratas num tom neutro que possuía. Kuvi anuiu, encorajadora. Era *tão* simpática.

— Tens a certeza que não te importas de me emprestar a bijuteria? — perguntou Alice, hesitante, levando uma mão a um brinco.

— Importar-me? É *divertido* — insistiu Kuvi. — Estás fantástica.

Alice não concordava, nem na parte da diversão nem na do seu aspeto, mas não queria estragar o evidente divertimento de Kuvi. Estava agradecida pelos esforços da colega, mas a tarefa de embelezar Alice Reed só podia chegar até certo ponto sem cair no ridículo.

Alice e Kuvi saíram da cabana para um límpido fim de tarde de verão. Uma boa parte do grupo total de vinte e oito pessoas já tinha chegado ao lugar de encontro marcado, na frente do pavilhão principal, quando elas ali chegaram. Uma borboleta social, Kuvi estava de imediato embrenhada numa animada conversa com Thad, Dave e uma rapariga bonita e calada da universidade de Stanford chamada Lacey Sherwood. Lacey e Alice gostavam ambas de correr. Lacey chegara a competir na faculdade, mas Alice só corria pelo exercício. Tinham corrido juntas algumas manhãs naquela semana e tinham descoberto que eram compatíveis, tanto em termos de exercício como de companhia.

— Estão um espetáculo, vocês as duas — disse Thad quando Kuvi e ela se aproximaram. Mas o seu olhar estava sobre Alice. Também ele estava muito atraente, com uma camisa azul-clara, fato cor de cinza e gravata preta. Ela estava mesmo fora do seu campeonato, pensou Alice. Ele pusera *aquele* fato na mala para ir para um campo de férias?

*Não é um campo de férias qualquer, estúpida. É um campo de retiro e formação para os melhores executivos do mundo, e é precisamente isso que Thad parece.*

Lacey ficou quase tão calada como Alice enquanto todos conversavam, não porque era uma solitária como ela, mas porque era tímida. Alice apanhou algumas vezes Thad a olhar para os seus ombros, braços e seios, o que era um pouco perturbador mas também agradável. Sentia-se tremendamente inapta para o evento daquela noite. Ter um tipo lindo a admirá-la abertamente ajudava-a a aliviar o seu desconforto. Durante alguns minutos, começou mesmo a sentir que talvez todo o seu nervosismo por causa daquela noite fora escusado.

Até Brooke e Tory aparecerem, pelo menos. Naturalmente, Brooke ficara com Tory na seleção dos quartos. A sorte favorecia sempre mulheres como elas.

Brooke parecia sofisticada e chique, num vestido branco que se ajustava ao seu corpo em forma e lhe caía em pregas mesmo acima dos joelhos. A cor destacava o seu tom dourado e o cabelo castanho por altura dos ombros. Alice não tinha dúvidas de que os brincos e o relógio que usava cintilavam de diamantes verdadeiros. Ela era o epítome da elegância e do dinheiro. Tory também parecia quase digna de uma capa de revista, com um flutuante vestido de *chiffon* cinzento-prateado.

O vestido de algodão e a bijuteria emprestada de Alice pareciam especialmente parolos, em comparação. O pensamento irritou-a. A prontidão e a generosidade do empréstimo de Kuvi valiam mil vezes mais do que os diamantes de Brooke.

— Mas que... *coloridas* que vocês estão — comentou Brooke dubiamente depois de cumprimentar Alice e Kuvi. E a seguir virou por completo a sua atenção para Thad e Dave.

— Acabei de ouvir o Kehoe a dizer que estava uma noite demasiado bonita para irmos nas carrinhas até ao castelo. Vamos ver quem é o último a rir, quando a Brooke tiver de subir aquela colina íngreme de saltos altos — sussurrou Kuvi a Alice, a sua voz a transbordar de riso contido.

Kuvi tinha razão. Alice sentiu-se brevemente vingada quando olhou por cima do ombro e viu Tory e Brooke a coxear com os seus saltos agulha pela estrada muito íngreme acima, minutos mais tarde. Depois virou-se para a frente, decidida a ignorar Brooke durante o resto da noite.

A estrada estava ladeada por fabulosas hortênsias e roseiras. As torres mais altas do castelo já espreitavam sobre o cume da colina na sua frente. A mansão erguia-se lentamente sobre o horizonte, à medida que se aproximavam, como se estivesse flutuar.

Estava prestes a entrar na casa de Dylan Fall.

<sup>1</sup> Abreviatura de *White Anglo-Saxon Protestant*, termo usado normalmente em sentido pejorativo para designar uma classe privilegiada e influente nos EUA, constituída por brancos de origem anglo-saxã. N. da T.)

## TRÊS

A entrada de convidados fazia-se no lado oposto ao Grande Lago, apesar de Alice detetar o brilho da água azul por entre um aglomerado de árvores, quando se aproximaram. Atravessaram uma estrada que descrevia um círculo em frente à porta. O grupo reuniu-se em volta dos degraus. Sebastian Kehoe bateu autoritariamente a uma das gigantescas portas duplas de madeira entalhada usando um batente de bronze. Quando baixou a mão, Alice reparou que o grande batente tinha a forma de um cavaleiro de armadura. Sobressaltou-se quando Kehoe voltou a usá-lo para bater de novo, o som a fazê-la dar um pulo.

— Estás bem? — perguntou Kuvi em surdina ao seu lado.

— Estou — assegurou-lhe Alice com um breve sorriso tranquilizador. Por sorte, mais ninguém parecia ter reparado no seu nervosismo.

Conteve a respiração quando ouviu alguém no interior da casa. Uma mulher entre os trinta e cinco e os quarenta anos abriu a porta com um enorme sorriso. Alice expirou, a tremer de alívio. Tinha pensado que seria Fall a aparecer.

— Louise — disse Sebastian num tom de familiaridade, tomando-lhe as mãos entre as suas. — Espero que não te estejamos a dar demasiado trabalho, esta noite — disse, enquanto Louise lhes fazia sinal para entrarem.

— Eu não tenho trabalho nenhum. Sabe como é a Marie com estas coisas. Eu limito-me a ficar fora do caminho do *generalissimo* — brincou Louise enquanto o grupo entrava para um enorme átrio de entrada banhado de luz.

Louise tinha uma figura muito compacta e aprumada e estava vestida com descontraído profissionalismo, com um par de calças pretas, uma moderna blusa de algodão com um cinto e sabrinas. Quem seria ela? Teria alguma espécie de relação com Fall? Alice olhou em volta, curiosa, vendo graciosas entradas em arco que davam para as várias partes da casa, paredes apaineladas em teca trabalhada, pinturas a óleo dignas de museu, fabulosos arranjos florais sobre mesas polidas e uma grandiosa escadaria. A suave luz

do final do dia emanava das janelas gigantes por baixo das escadas. No teto, um candelabro de cristal parecia uma gigantesca coroa suspensa pacientemente à espera de ser usada. Já era um dado adquirido que Alice tinha de ficar atordoada com o que a rodeava, mas até Brooke e Tory pareciam impressionadas.

Quem *seria* Louise? Alice lembrava-se que Dylan Fall era solteiro. Mas talvez o seu estado civil se tivesse alterado, desde que fizera a sua pesquisa...

— Sejam muito bem-vindos — disse Louise quando todos tinham entrado e alguém fechou a porta. — O sr. Fall vai receber-vos no terraço. Sigam-me, por favor.

Kuvi e Alice ficaram na retaguarda do grupo. As dúzias de solas de couro e saltos altos sobre o soalho de madeira e os tapetes orientais formavam um som côncavo e mudo que ecoava das paredes e do teto alto. Mais uma vez, Alice teve a estranha e fantasiosa sensação de que a casa estava viva. Atenta.

À espera.

Reprimiu um arrepio.

— Quem é que achas que ela é? — sussurrou Alice furtivamente a Kuvi.

— Quem? — respondeu Kuvi, os olhos cor de avelã muito abertos. — Aquela mulher? — Pestanejou quando Alice acenou na direção de Louise. — A cozinheira, ou empregada, talvez? — replicou com um encolher de ombros.

— Ah — balbuciou Alice, a sentir-se estúpida por ter pensado que Louise pudesse ter alguma relação com Fall. Que é que ela sabia daquele tipo de mundo?

Um gongo fez-se ouvir, o tom doce e claro. Os pés de Alice esmoreceram, mas Kuvi continuou a andar. A massa de homens e mulheres avançava na sua frente. Qualquer coisa captou a sua atenção à direita, um clarão de luz colorida. Virou-se para espreitar para a divisão ao seu lado.

Teria o doce e misterioso som de um gongo saído dali?

Os seus pés não fizeram um ruído sobre o tapete oriental, quando ela entrou. Olhou a extensão da sala silenciosa — a sala de jantar, sem dúvida,

dada a longa mesa de mogno altamente polido rodeada por cadeiras e um enorme louceiro que parecia cheio de tesouros de porcelana e prata. Ela viu o que lhe atraía a atenção: uma alcova circular feita inteiramente de vidro que ocupava toda a ponta da sala. Por cima das janelas havia vários painéis em vitral. Viu os topos das árvores frondosas e as flores a ondular, e depois o Grande Lago cintilante à distância. O Sol descia no céu, projetando a sua luz através dos vitrais. Raios translúcidos de efémeras joias coloridas penetravam as densas sombras até ao fundo da sala.

Tudo era silêncio e calma.

Alice conteve a respiração para não quebrar o feitiço.

Deu mais um passo para o interior daquela esplêndida sala, depois mais outro, atraída pelas janelas e pela forma como transformavam a luz em fugidios feixes de joias que ela sabia que se escapariam por entre os seus dedos ávidos.

Estendeu uma mão.

— Alice — disse um homem severamente.

Estacou, os seus olhos abriram-se de alarme, e os seus membros começaram a tremer. Reconhecera aquela voz grave, ligeiramente rouca.

Deu meia-volta. Dylan Fall estava à porta da sala, o rosto rígido enquanto a perfurava com o olhar.

— O que raio está aqui a fazer? — perguntou severamente.

— Ouvi um gongo e fiquei curiosa, e depois vi esta vista e... — A sua explicação apressada desvaneceu-se quando assimilou a imagem daquele homem, a vívida, chocante realidade de o ver ali parado à ombreira da porta. Parecia muito alto e intimidante, e simplesmente...

Simplesmente *extraordinário*.

O par de calças de um fresco tecido castanho-pálido parecia perfeitamente talhado para as suas pernas altas, ancas estreitas e abdómen liso. Os primeiros botões da camisa branca tinham sido deixado desabotoados. O casaco desportivo era de um tom de castanho mais escuro, com subtis listas entretecidas no tecido. A roupa cara e elegante equipavam-no de um descontraído e sensual à vontade. Dylan Fall usava as roupas, não o contrário. Isso era evidente. Alice arrancou o olhar da apelativa extensão

do seu peito largo — ele parecia ter corpo para se aguentar num jogo de rãguebi, apesar da roupa elegante. Era alto e magro, mas poderoso.

Concentrou-se no seu rosto. Ao contrário do dia em que o conhecera para a entrevista, estava de rosto liso. Assustou-se quando reparou nas chamas que emanavam dos seus olhos.

— Alice? — voltou ele a dizer, desta vez mais baixo, o olhar a focar-se ainda mais.

— O gongo... — gaguejou outra vez estupidamente.

— Não pode ter ouvido um gongo.

As palavras dele atingiram-na como uma chibatada. Precisou de um momento para assimilar o seu sentido.

— O que é que *pensou* que eu estava a fazer? — perguntou numa voz sufocada, reconhecendo por fim a fria fúria de Dylan. — Que entrei aqui à socapa para roubar as pratas?

Ele pestanejou com a reação dela. Uma expressão dura como uma máscara cobriu-lhe o rosto.

— Claro que não. Mas vi-a cá dentro ao passar. Apanhou-me desprevenido. — Deu um passo na sua direção. Ela estudou desesperadamente a sua expressão, mas não viu qualquer prova da feroz emoção que testemunhara nos seus olhos meros segundos antes. Ali estava o homem totalmente controlado que recordava da sua entrevista.

— Quer ver?

— Ver o quê? — perguntou ela com indisfarçada desconfiança.

A boca severa e *sexy* de Dylan estremeceu de humor. Ele acenou para a outra ponta da sala.

— Tinha falado da vista — replicou calmamente.

Ela olhou para trás e viu a alcova rodeada de janelas como que pela primeira vez.

A sua boca abriu-se. Onde é que tinha a cabeça, para abandonar o grupo e pôr-se a vaguear pela casa sozinha? A casa *dele*. Sentiu uma quente pressão no cotovelo e, de súbito, estava a caminhar ao lado de Dylan Fall enquanto ele a guiava, as pernas fracas a parecerem mover-se com vontade própria. Em vez de a conduzir para a soalheira alcova, levou-a para o outro



lado da sala, onde estava um aparador. Ainda a tocar-lhe ligeiramente no braço, usou a outra mão para remover a tampa de uma garrafa de cristal e verter um dedo de um líquido cor de âmbar num copo de cristal.

— Beba — disse.

Ela olhou para o copo, depois para ele, hesitante.

— Não bebo bebidas destiladas — disse curtamente, considerando pela primeira vez a possibilidade de Dylan Fall ser um pouco *doido*.

A ideia não diminuía a sua gritante sensualidade; especialmente quando ele soltou uma pequena risada rouca. Dentes brancos brilharam no seu rosto banhado pela sombra. Ali estava, aquele vislumbre do saqueador perigoso por baixo do exterior requintado, o sensual rebelde transformado no mais confiante dos *insiders*.

*Controla-te*, censurou-se ela, mas não conseguia evitar aquele aperto no coração.

Ele ergueu o copo e bebeu uma porção do líquido dourado. A garganta forte agitou-se quando ele engoliu.

— Ainda bem que eu bebo — balbuciou ele antes de pousar o copo a meio numa bandeja prateada, com um baque surdo. Depois estava a conduzi-la ao longo da extensão da sala. Detiveram-se, lado a lado, na alcova banhada de sol. Ele não retirou a mão do seu braço. Queimava-lhe não só a pele mas a lucidez. Ela endireitou o cotovelo, pouco à vontade, e os dedos dele desapareceram. O ar condicionado ali devia estar avariado. A mão dele deixara-lhe uma marca quente contra a pele estranhamente gelada.

— Alguma vez tinha visto uma coisa assim? — perguntou ele baixinho ao seu lado.

Olhou-o, confusa. A sua masculinidade era tão potente que se tornava tangível. Ele eclipsava toda a sua visão. Que altura teria? Um metro e noventa, talvez? As vigorosas feições masculinas e as patilhas curtas criavam um perfil perfeito, impressionante. As íris escuras, as pestanas e sobrancelhas baixas pareciam especialmente definidas, enquanto ele olhava pela janela. Seguiu, por fim, o seu olhar, olhando como cega pela janela.

Lentamente, a visão na sua frente revelou-se.

Os seus colegas monitores e o pessoal de Kehoe conversavam em volta de um terraço de pedra com uma fonte no meio. Fall e Alice encontravam-se diretamente por cima deles. Uma paleta de jardins coloridos e meticulosamente cuidados rodeava o terraço. Dois empregados de fardas formais passavam entre o grupo principal com flutes de champanhe em bandejas. Toda a gente estava a admirar os jardins e a vista, a conversar e a rir. À esquerda, vários outros empregados de casaco branco preparavam um elaborado *buffet*. Alice viu o rosto desnorteado de Kuvi no meio dos outros. A colega fora, claramente, a única a reparar na sua ausência.

Um caminho largo por entre o relvado verde-vivo conduzia até um muro de pedra pálida, à distância. Do outro lado devia haver uma drástica queda até ao lago, como Alice sabia. Reconheceu vagamente Thad, Brooke e Tory junto ao muro.

— Alice?

Ela pestanejou, lembrando-se por fim da pergunta de Fall.

— Não. Nunca tinha visto nada assim. Não temos vistas destas em Little Paradise — replicou, com a garganta seca. Talvez não devesse ter recusado aquela bebida, afinal.

— Não — concordou ele. Alice sentiu-lhe o olhar na sua face. — Mas Little Paradise não tem sido todo o seu mundo, pois não?

— Não. Graças a Deus — balbuciou em surdina. — Não desde que fui para a faculdade.

— E antes de Little Paradise?

Ela encolheu os ombros.

— Nada. Vivi naquela lixeira até fugir para a faculdade.

— Percebo.

Virou-se para ele. Viu-o a observá-la fixamente. Foi invadida por uma estranha sensação, como se uma porta se tivesse aberto no seu peito. Tinha uma bizarra e chocante vontade de se afundar naqueles brilhantes olhos escuros... de sentir os braços dele fecharem-se à sua volta.

*O que raio se passava com ela?*

— Alice? Está tudo bem?

— Está — disse, os lábios a parecerem borracha. Virou-se de novo para a janela. O seu coração começou a bater com tanta força nos ouvidos que se perguntou se ele o conseguiria ouvir.

— Fiquei contente por saber que tinha aceitado o seu lugar no Campo Durand. Não sabia muito bem o que esperar — disse num tom neutro.

Ela fez uma ligeira careta, a tentar procurar terreno onde se apoiar.

— Não é de surpreender, depois daquela entrevista, suponho eu. — Ele não respondeu. — Eu fiquei igualmente espantada com a oferta — admitiu, passado um momento, a sentir-se estrangulada pelo silêncio opressivo da casa à sua volta.

Pelo homem.

Era tudo tão estranho.

— Eu *ouvi mesmo* um gongo — defendeu-se subitamente, *teimosamente*, como para afastar a tontura que a invadia, a estranha, anónima emoção que se aproximava do pânico.

— Sim. Acabei de perceber o que deve ter ouvido. Acho que a Marie é a responsável. A minha cozinheira é um pouco tirana. Digo isto o mais afetuosamente possível — assegurou secamente com um olhar de lado. Alice fez-lhe um pequeno sorriso, aliviada. Talvez não estivesse louca, afinal de contas. — De vez em quando, usa um gongo antigo que encontrou aqui na casa para alertar o pessoal do *catering* de que quer alguma coisa feita de imediato. Põe essa pobre gente numa pilha de nervos. Não me tinha apercebido de que o podia ouvir daqui, mas deve ter sido isso que aconteceu.

— Ah... o som parecia mesmo vir daqui.

— Uma casa antiga como esta pode pregar partidas aos nossos sentidos.

— Peço desculpa por...

— Tudo bem. Espero — acrescentou mais baixo. Ali estava de novo, aquele breve clarão de um sorriso letal. — E eu é que peço desculpa. Por ter sido brusco consigo.

Ela engoliu em seco. Pela janela, viu Kuvi atravessar todo o terraço para dizer qualquer coisa a Dave Epstein. Dave examinou o terraço apinhado do alto da sua maior altura e abanou a cabeça.

— Tenho de ir para baixo. Acho que a minha colega de quarto está preocupada comigo — disse Alice, começando a voltar-se.

— Espere um momento.

Pestanejou de surpresa com a ordem curta e baixa. A pele dos seus braços arrepiou-se. Ele pareceu um pouco embaraçado pela sua declaração tensa. Era estranho, vê-lo perder a compostura — Dylan Fall. Pigarreou.

— O seu verão tem sido bom, até agora? — perguntou.

— Excelente. — Estava confusa, não percebia porque é que Dylan Fall estava a fazer aquela conversa de circunstância antes mesmo de chegarem ao jardim. Perversamente, não lhe apetecia alinhar naquilo.

Ele fez-lhe um olhar sombrio.

— Precisa de ser sempre sarcástica?

— Eu não estava a ser sarcástica — mentiu.

O olhar dele queimou-a. Não ia deixar passar o assunto. Ela suspirou e começou a alistar as suas aborrecidas e muito pouco sofisticadas atividades naquele verão.

— Inscrevi-me num serviço de empregadas domésticas temporárias para ajudar a pagar as contas, agora que o meu empréstimo de estudante está a acabar. A Maggie está de sabática no México, por isso tomei conta do seu *setter* irlandês, *Doby*. O *Doby* teve um ataque de pulgas e fez uma enorme fita quando o arrastei para o veterinário. Quase me partiu o pulso, de tanto se passar na sala de espera.

Fez-lhe um olhar de «pronto, está satisfeito?», mas ele manteve-se imperturbável.

— É amiga da Maggie, então?

— Sim. Vivo no apartamento por cima da garagem dela — replicou Alice tensamente, de repente a lembrar-se de um assunto que a tinha estado a incomodar. — Perguntei à Maggie porque é que lhe tinha dito que eu passei a infância em Little Paradise. Ela jurou que nunca o fez.

Ele teve a decência de parecer vagamente envergonhado.

— Porque é que disse umas coisas dessas? E como é que *soube* onde eu cresci? — quis ela saber.

Ele franziu o sobrolho enquanto olhava o Grande Lago. Parecia duro e intimidante e, por um segundo, ela não conseguiu acreditar no seu próprio descaramento, para estar a repreendê-lo.

— Fazemos uma rápida verificação de segurança a alguns dos candidatos mais interessantes para o Campo Durand — disse ele após uma pausa. Olhou-a de relance e viu a sua expressão ofendida. — Ajuda-nos a restringir o lote de candidatos. Não pode censurar-nos, pois não? Vão estar a trabalhar com crianças, afinal de contas.

O olhar de desafio de Alice desvaneceu-se.

— Tudo bem — concedeu. — Mesmo assim, ninguém gosta que andem a bisbilhotar a sua vida privada sem permissão. Acha que ia gostar?

— Mas a Alice deu permissão, na papelada original que preencheu quando se candidatou à posição. — O seu olhar ensombrou-se. — E não. Também não gostei quando me aconteceu. Uma das consequências do emprego, suponho.

Um sorriso brincou na boca dela.

— E *tinha* alguma coisa a esconder?

— Bastantes.

Olhou-o, surpreendida. Não esperara que dissesse aquilo. Um clarão de cor em movimento no terraço em baixo captou a sua atenção. A camisa cor de pêssogo de um dos gestores da Durand enfunara-se com uma rajada de vento.

— Não está preocupado por não estar lá em baixo? — perguntou.

— Nem por isso — respondeu ele, a voz grave a fazer com que a pele da sua face e orelha se tornasse ultrassensível. — Acabei de receber um relatório trimestral da Durand. Distraí-me a lê-lo. Foi por isso que me atrasei e não estava ali para vos receber — disse.

Ela ergueu as sobrancelhas, à espera, quando ele fez uma pausa.

— Estava a pensar se se importaria de lhe dar também uma vista de olhos, juntamente com o nosso último relatório trimestral e alguns anuais. Para ver se deteta algumas tendências significativas. Admiro esse seu olhar sobre os números. Mas não há pressa. Sei que precisa de se integrar, e os

seus miúdos chegam amanhã. E não é obrigada — acrescentou, quando ela não respondeu de imediato.

— Claro. Tenho todo o gosto — disse Alice, assim que superou a surpresa por aquele pedido. A ideia de se perder em números, de escapar a toda aquela estranheza e rodear-se com o que lhe era familiar... parecia-lhe muito tranquilizadora, naquele momento. Endireitou-se um pouco, como se estivesse finalmente a superar a estranha opressão que a envolvera desde que entrara naquela casa.

Ele anuiu, aparentemente satisfeito pela sua resposta.

— Obrigado. Suponho que seja melhor aparecermos na festa — disse, não parecendo muito excitado com a perspectiva. — Vamos?

Para sua consternação e assombro, Dylan colocou-se ao seu lado, como se pretendesse escoltá-la. Alice não conseguiu pensar em nada que pudesse dizer para o impedir. Não lhe podia dizer o que fazer na sua casa e na sua festa. Atravessaram juntos a casa silenciosa e desceram um lanço de escadas. Quando chegaram a outra grande divisão, um misto de sala de família e sala de televisão, nas traseiras, ela hesitou.

— Por aqui — disse ele, tocando-lhe de novo no antebraço nu, obviamente não interpretando bem a sua hesitação.

Abriu uma das muitas portas de vidro para o jardim e levou-a para fora. As pontas dos dedos tocavam-lhe ligeiramente as costas nuas, roubando-lhe a concentração. De súbito, todo o grupo da Durand estava mesmo à sua frente, e várias pessoas viraram-se com o som da porta a abrir, a atenção atraída pela figura alta e singular de Fall a surgir da casa. As faces de Alice arderam de embaraço quando o seu anfitrião desceu os degraus ao encontro dos outros, a mão só caindo das suas costas quando chegaram ao último degrau.

Alice enfrentou os olhares curiosos e desconcertados que o grupo lhe lançou ao fazer a sua entrada com Fall, mas, por dentro, estava a ferver de mortificação. *Maldito*. Alice ansiava por se manter debaixo do radar. Dylan Fall acabara de a lançar para a ribalta só por se colocar ao seu lado em toda a sua poderosa glória masculina. Assim que Fall se aproximou de Sebastian

Kehoe e lhe apertou a mão num cumprimento, Alice desapareceu do seu lado e precipitou-se na direção de Kuvi, baixando a cabeça numa tentativa de evitar mais atenção.

— Como é que acabaste com o sr. Grande Brasa? — perguntou Kuvi um momento mais tarde, nas franjas da multidão, a voz baixa a vibrar de entusiasmo.

— Eu não estava *com* ele. Tive... tive de ir à casa de banho e, quando vinha a sair, ele estava lá, por isso indicou-me o caminho — explicou, afogueada. Em Little Paradise, Alice tornara-se muito boa a mentir. Porque é que estava a perder essa capacidade logo agora?

Reparou em Brooke a observá-la de onde se encontrava, ao fundo do terraço. Alice virou-lhe as costas deliberadamente.

— E não lhe chames isso... esse nome *estúpido* — sibilou a Kuvi, o embaraço agora a sufocá-la. — Isso é o que a Brooke lhe chama.

— A sério? Foi o que ouvi o Dave chamar-lhe na brincadeira, há pouco — disse Kuvi despreocupadamente, bebendo um pequeno gole do seu espumante e olhando por cima do ombro de Alice. Dado o seu interesse lascivo, Alice fazia muito boa ideia de quem estava ela a ver. — Pessoalmente, acho que é uma muito boa descrição. Raios, o homem é mesmo uma brasa. Aqueles olhos. Aquele cabelo. Aquele *corpo*. E ele estava a *tocar-te*.

— Para, Kuvi — implorou Alice a tremer. — Por favor.

O olhar de Kuvi desviou-se brevemente para o rosto de Alice e o seu sorriso desvaneceu-se. Acenou com a cabeça na direção de um bar que tinha sido instalado perto de cinco mesas redondas rodeadas por cadeiras.

— Vamos beber uma bebida a sério, vamos? — sugeriu.

A tirana cozinheira de Fall, *generalissimo* Marie, fizera um trabalho fantástico, na campanha do seu jantar. Alice descontraiu um pouco enquanto comiam uma sopa de pepino gelada, seguida por salmão cozinhado na perfeição, croquetes de batata, uma salada *frisée* e, finalmente, um maravilhoso *cheesecake* de chocolate, tudo servido no meio do idílico ambiente do jardim. Por sorte, estava sentada na mesa mais

afastada da principal, onde se encontrava Fall com Kehoe e muitos dos gestores da Durand. Thad, Dave e Kuvi eram uma boa companhia, mesmo que Brooke também estivesse presente. Brooke ia para todo o lado onde ia Thad, e Tory, por sua vez, seguia Brooke. Mas esta, de facto, não se portou muito mal durante o jantar, chegando, ocasionalmente, a incluir toda a gente à mesa na conversa. E sempre que focava a sua atenção exclusivamente em Thad ou Dave, Tory era até bastante simpática.

Durante o café e sobremesa, Fall levantou-se e fez um pequeno discurso improvisado, absorvente e surpreendentemente cómico, acerca do que aprendera na sua experiência enquanto monitor do campo Durand. Toda a gente o ouviu com uma arrebatada e hipnotizada atenção.

*Ele é bom*, admitiu Alice para si mesma. Nas fotos que vira — e na sua própria experiência — ele mostrava-se normalmente uma pessoa intimidante e cortante como aço. Na realidade, conseguia ser caloroso e encantador, fazendo até um pouco de humor à sua própria custa. O que o tornava ainda mais magneticamente atraente, reconheceu Alice. Era evidente que não era a única com essa opinião. Kuvi olhou para ela quando Fall terminou o discurso e acenou subtilmente com uma mão na proximidade do seu peito, como que para arrefecer as chamas. Alice sorriu abertamente.

Um executivo da Durand apressou-se para o lado de Fall e colocou-lhe uma caixa de madeira à frente. Outro levou-lhe uma pilha de dossiês coloridos e um troféu alto com um aspeto gasto para o lado da caixa. Uma bandeira preta com diamantes dourados fora atada mesmo por baixo da figura de bronze do topo, que era uma representação de várias mãos unidas.

— Ah, pois — disse Fall, arqueando as sobrancelhas escuras, numa expressão divertida. — Está na hora da sagrada Cerimónia de Seleção das Cores. — Pegou no velho troféu e olhou-o com afeição. — Foi a Equipa Diamante que venceu a competição geral do ano passado. O troféu para o Campeonato de Equipas será colocado à guarda do monitor escolhido esta noite como líder da Equipa Diamante. Numa tradição honrada pelo tempo, os membros da Equipa Diamante vão cuidar do troféu durante as três semanas de campo, até uma nova equipa ser designada como a vencedora,



na última noite. Agora, a Equipa Vermelha, que era a minha equipa, tem um longo historial de vitórias estrondosas e estratégias inovadoras no campo Durand, o que foi muitas vezes *rancorosamente* considerado batotice... — Alguns assobios e vaias amigáveis emanaram da mesa dos diretores. Fall fingiu-se ofendido com os sons, mas depois riu-se. O coração de Alice palpitou desconfortavelmente com o som descontraído e rico e o vislumbre de dentes brancos no seu rosto atraente. — Eu sou totalmente imparcial durante o Campeonato de Equipas do Campo Durand, claro. A competição de equipas é aqui de importância residual. Uma mera distração — disse, pousando o troféu com um pequeno sorriso, a mão a demorar-se sobre a base. — Mas já sabem que vou precisar de falar imediatamente em particular com *quem* ficar com a bandeira vermelha, para discutirmos potenciais estratégias... quero dizer, para saber se gostou ou não da sobremesa, esta noite — apressou-se a corrigir.

Alice juntou-se ao coro de risos. Já percebera que, apesar das tentativas de Sebastian Kehoe no sentido de diminuir a importância do troféu do Campeonato de Equipas, este era muito importante, não apenas entre os monitores e campistas todos os anos, mas entre alguns dos executivos da Durand. A empresa tinha milhares de gestores em todo o globo, mas os poucos escolhidos no Campo Durand eram reputados como os melhores e os mais inteligentes. Se um gestor saía de entre as fileiras de monitores, orgulhava-se desse facto e também da sua equipa original. Fall estava apenas a brincar com o indizível óbvio.

— Já estou a ver o Sebastian a lançar faíscas na minha direção, por isso garanto-vos a todos que estou a brincar — continuou Fall enquanto desatava a bandeira diamante do troféu e a enfiava numa abertura na caixa de madeira. — Na verdade, levamos as regras muito a sério, por isso, *por favor*, não me usem como desculpa para quebrar nenhuma delas. — Pegou nos primeiros grupos de dossiês, começando a seleção de bandeiras.

Um momento mais tarde, a ambicionada bandeira diamante saía a Kuvi. A colega de quarto de Alice regressou para a mesa um momento mais tarde com um enorme sorriso, trazendo o troféu, os dossiês com as informações dos seus campistas e a bandeira.

Fall chamou o nome de Alice alguns minutos depois. Ela levantou-se e dirigiu-se para a mesa principal, como toda a gente tinha de fazer para receber os processos dos seus campistas e a sua bandeira. Fall enfiou a mão na caixa.

Por alguma razão, não ficou surpreendida quando o viu retirar a tira de tecido vermelho. O seu misterioso pressentimento não impediu, porém, o seu coração de bater loucamente no peito, em especial quando viu aquele brilho nos olhos de Fall, ao passar-lhe a bandeira da equipa.

— Quem diria — ouviu alguém dizer muito baixinho quando começou a regressar ao seu lugar ao som dos aplausos delicados. Olhou rapidamente para o lado e viu Sebastian Kehoe a observá-la com os olhos semicerrados.

## QUATRO

Nessa noite, Alice teve um sonho aparentemente cômico mas, na realidade, aterrador. Estava a ser perseguida em volta do pavilhão principal do campo por um cavaleiro de três metros de altura e com uma pesada armadura de bronze que a espetava agressivamente por trás com uma espada afiada. Todos os outros monitores da Durand observam tranquilamente a cena, nada preocupados com a sua aflição.

Alice não tinha dúvidas de que o cavaleiro a queria matar.

O cavaleiro desferiu-lhe uma estocada na nuca. A dor foi perfurante, e ela acordou com um grito abafado.

Reconheceu de imediato onde estava, graças ao brilho que se refletia da praia e emanava para o interior da cabana pelas portas do pátio. Olhou, culpada, para ver se acordara Kuvi com o seu grito, e suspirou de alívio ao ver a companheira sem se mover.

Com o coração ainda acelerado, atirou as pernas para fora da cama e levantou-se. Graças ao sonho assustador, sentia a nuca e o espaço entre os seios transpirados. Um relógio digital na sua mesa de cabeceira disse-lhe que eram 4:52 da manhã. Manhã. Os miúdos deviam chegar nesse dia por volta do meio-dia, de acordo com Kehoe. Provavelmente estava apenas nervosa com a ideia de ficar a saber se tinha ou não capacidade para liderar o bando de miúdos... ou capacidade para mostrar aos executivos uma centelha da potencial liderança inovadora valorizada pela Durand.

Com a barriga a palpitar de nervosismo, ajoelhou-se na frente do roupeiro e procurou às cegas os seus ténis.

Sabia por experiência própria que uma boa corrida a ajudaria a aliviar a crescente ansiedade. Se não conseguisse controlar-se, ia entrar numa espiral de descontrolo e estragar tudo ainda antes de o primeiro dia de campo ter chegado ao fim.

Enfiou um sutiã de desporto, mas não se deu ao trabalho de trocar os calções e top com alças com que dormira. Mais ninguém estaria acordado tão cedo. Ninguém a veria.

Correra com Lacey Sherwood durante várias manhãs naquela semana, mas sempre depois do nascer do Sol. Ainda estava escuro quando fechou em silêncio a porta da cabana e desceu os degraus da frente. Os candeeiros dispostos ao longo do caminho ajudaram-na a orientar-se enquanto entrava num ritmo confortável. Foi passando pelas várias cabanas às escuras e dirigiu-se para a praia.

Com o corpo a aquecer e a perder-se no exercício, admirou a pálida linha de costa banhada pelo luar. Inspirava o fresco ar da manhã, e o som baixo das ondas acalmou-a. Lentamente, uma calma começou a invadi-la enquanto corria pela areia húmida.

Reviu na sua mente os papéis com as informações dos seus campistas, os nomes, idades, cidades de origem, historiais e avaliações efetuadas por um psicólogo infantil. Memorizara quase cada palavra naqueles processos, antes de ter adormecido na noite anterior. Temia que Kehoe e a sua equipa lhe tivessem atribuído os campistas mais problemáticos. As descrições dos de Kuvi não pareciam tão intimidantes.

*Múltiplas detenções por posse de droga, assalto e agressão antes dos quinze anos... stress pós-traumático após ter testemunhado o homicídio da mãe... seis lares de acolhimento malsucedidos, de onde era tipicamente removido após múltiplos incidentes de tentativa de fuga... vítima de bullying e agressão física pelos seus pares resultando em múltiplos ferimentos e hospitalizações... negligência parental denunciada pelos serviços sociais da escola, seguida por investigação à vida doméstica, revela que a criança é deixada sozinha por extensos períodos de tempo sem alimento nutricionalmente adequado nem supervisão necessária, resultando numa criança perigosamente obesa, diabética e não cooperante com o tratamento.*

Aquelas e outras descrições desfilavam pela sua cabeça. As histórias não eram tão chocantes ou desconhecidas para Alice como eram para a maior parte dos seus pares. Esse facto preocupou Alice ainda mais. Só porque crescera num sítio como Little Paradise não se sentia preparada para ajudar miúdos como aqueles. De facto, começava a temer que a sua própria

experiência de privação, negligência e constante ameaça a tivesse deixado ainda menos capaz de ajudar, em comparação com os outros monitores.

Voltou para trás na direção do campo após vinte minutos na praia. À sua direita, viu um caminho que desaparecia no bosque denso. Sabia que conduzia aos cortes de tênis e estábulos. Aquela parte do trilho não estava iluminada eletricamente, mas o vago brilho da madrugada começara a iluminar o céu oriental sobre o bosque. A manhã estava mesmo a chegar. Virou para esse trilho, sabendo que a levaria de volta ao campo.

Apesar da fraca luz visível na margem do lago, porém, descobriu em breve que as árvores tornavam o bosque quase escuro como breu. Apenas a palidez do pavimento por baixo dos seus pés a conseguia guiar. Começou a ficar hiperconsciente do som dos seus tênis a baterem no trilho e da sua própria respiração cada vez mais ofegante.

Outro ruído entrou nos seus ouvidos. Virou a cabeça, os pés a abrandarem ligeiramente sobre o trilho.

Não conseguia perceber qual era a origem do som. Retomou o seu ritmo anterior. Pensara ter ouvido outros passos para além dos seus. Fora apenas imaginação — ou, mais provável ainda, o próprio coração a bater nos ouvidos.

No entanto, acelerou o ritmo, induzida por instinto. Pensou que os estábulos estavam apenas poucos metros à sua frente. Não haveria luzes por ali? Ao contrário de muitos dos outros monitores, não montava, por isso não tinha a certeza.

A escuridão pareceu oprimi-la, as sombras pareciam não ter fim. Uma sensação sufocante pressionou-lhe a garganta e o peito.

Mais uma vez, ouviu passos ritmados, ligeiramente desfasados dos seus.

Parou abruptamente e deu meia-volta. Sentiu o coração saltar-lhe na garganta quando o ruído dos passos continuou; agora, que estava parada, mais claro.

— Quem está aí? — gritou para a escuridão da floresta.

Os passos cessaram abruptamente. Um arrepio percorreu-lhe a pele quente. Toda a floresta caiu em silêncio. Sobressaltou-se quando lhe

pareceu ver qualquer coisa branca entre as sombras mesmo nos limites da sua visão.

— Quem está aí? — repetiu Alice, a fúria e o pânico a inundarem-lhe a voz. A figura branca continuava quieta. E calada.

Ou, espera... estaria a aproximar-se lenta e silenciosamente?

O terror disparou nas suas veias. Virou-se e começou de novo a correr, sempre a olhar por cima do ombro. Sim. Qualquer coisa pálida estava vir das sombras na sua direção. Quem quer que fosse não lhe queria responder, e, por conseguinte, não era amigável.

*Nem sequer parece humano.*

Afastou de imediato o pensamento perturbador. Começou a acelerar.

— Merda — balbuciou em surdina quando ouviu os passos atrás de si acelerarem também. Sim, era definitivamente humano. De alguma forma, essa noção não ajudou. Estava a ser perseguida.

*Ele vai matar-me.*

*Para com isso!* gritou a si mesma mentalmente, reconhecendo a irracionalidade não apenas do pensamento mas da sua bizarra certeza de que *era verdade*.

Viu algumas luzes na sua frente, por entre as árvores. *Graças a Deus*. Ao descrever a curva, viu também a silhueta de um edifício. Embora tivesse expressado uma firme falta de interesse em montar a cavalo, reconheceu os estábulos. Os passos atrás de si eram agora mais audíveis. O seu perseguidor estava a aproximar-se. Era mais rápido do que ela... mais forte. O pânico cresceu no seu interior como um manto pesado e sufocante, pesando-lhe nos músculos e nos pulmões.

A sua respiração tornou-se impossível. Uma dor aguda começou a perfurar-lhe o lado do corpo. Tomou uma decisão rápida e saiu do trilho. Se tentasse chegar ao campo, quem quer que estava atrás dela acabaria por apanhá-la... e quem sabia o que teria em mente? O que quer que fosse, não seria nada de bom. Se chegasse aos estábulos, talvez se conseguisse barricar lá dentro.

O brilho de uma fraca lâmpada ao lado da entrada dos estábulos guiou-a. Em pânico, olhou por cima do ombro e viu a figura indistinta segui-la para

fora do trilho. Era um homem... não era? Apenas o movimento de uma pálida camisola era visível na penumbra cinzenta.

Chegou ao edifício e procurou selvaticamente por uma maçaneta. Gritou de desesperado alívio quando a maçaneta girou — temera que estivesse trancada. Se ao menos a *conseguisse* trancar quando estivesse lá dentro. Caso contrário, ficaria encurralada. A porta abriu-se com o seu empurrão.

Correu diretamente contra qualquer coisa grande e sólida. Umas mãos agarraram-na pelos ombros. Soltou um grito.

— Chhh — disse um homem, parecendo alarmado. — Está tudo bem. Pare com isso, não lhe vou fazer mal — disse ele severamente quando ela recuou por instinto, esbofeteando-o e depois esmurrando-lhe o peito.

— Solta-me, raios — gritou.

Ele soltou um grunhido e praguejou quando ela lhe desferiu um soco mesmo abaixo do esterno. Ouviu-se um clique. Um isqueiro acendeu-se na frente dos seus olhos.

— Alice?

Ela pestanejou, desorientada.

— Dylan... — balbuciou com a voz rouca, demasiado chocada ao ver a cara do CEO para perceber que o tratara pelo nome próprio.

Ele estava a estudar-lhe o rosto, as mãos ainda a segurá-la com firmeza pelos ombros. As suas sobranceiras escuras estavam erguidas de alarmada consternação.

— O que é que se passa? O que foi que aconteceu?

O seu cérebro desordenado levou algum momento a aperceber-se do facto de que ele a agarrara pela frente, não por trás. Ele já estava dentro do edifício quando ela irrompera pela porta. Olhou por cima do ombro, ofegante, a estudar as sombras, sem ver nada senão uma densa penumbra cinzenta.

— Vinha alguém a seguir-me no bosque... estava mesmo atrás de mim.

— Quem?

Ela fez-lhe um olhar exasperado.

— Não sei, ele não foi propriamente educado a responder às minhas perguntas enquanto me perseguia — gemeu Alice. Olhou o peito dele.

Estava de *T-shirt* preta, calças de ganga e botas pretas. — Era outra pessoa — declarou, como que a afirmar esse facto para si mesma. O rosto e corpo de Dylan pareciam notavelmente sólidos e fortes e reconfortantes, mas o pânico ainda lhe toldava a consciência. Não sabia muito bem porquê. Já fora perseguida pelas sujas ruas de Little Paradise vezes sem conta, e raramente sentira aquele nível de medo primitivo. — Ele estava de *T-shirt* branca, não preta... *Acho eu...* — A sua voz desvaneceu-se, ao registar o olhar feroz de Fall. Hesitou. Estaria ele a duvidar?

— O que é que andava a fazer pelo bosque a esta hora? — perguntou.

— A correr — disse, eriçando-se com a pergunta. — E o que é que está a fazer aqui?

— Monto o *Kar Kalim* quase todas as madrugadas — disse distraidamente, o olhar atento fixo na porta aberta. — O meu cavalo — acrescentou.

— Ele vinha a perseguir-me, e não respondeu quando perguntei quem estava ali — insistiu Alice sucintamente.

Fall fez um aceno decidido e fechou a porta do estábulo atrás dela.

— Eu acredito em si. Venha — disse, levando-a mais para o meio do espaço. Pela primeira vez, Alice percebeu que se encontravam numa espécie de área aberta que tinha selas, freios e cordas penduradas por todo o lado. Inspirou o cheiro a feno e a animais. O cheiro não era necessariamente desagradável, mas, por alguma razão, uma náusea perpassou-lhe pela barriga. Havia várias forquilhas encostadas a uma parede. À distância, viu uma longa fileira de portas de madeira com metro e meio de altura e as silhuetas de cabeças de cavalos arqueadas sobre o topo de cada uma delas.

— Mas ele ainda está aí fora — exclamou, olhando por cima do ombro para a porta fechada. Dylan não compreendia; não conseguia ver o nível de medo primitivo que lhe penetrara nas veias naquele bosque escuro.

— Eu sei — disse ele com firmeza, conduzindo-a para uma porta fechada. Abriu-a. — Eu vou tratar disso. — Acendeu uma luz. Ela percebeu que estava numa espécie de escritório. O cheiro a estábulo não era ali tão forte. Uma velha secretária de madeira ocupava o seu centro, com um computador, pilhas de papéis, pastas e cadernos por cima. Havia um velho



sofá castanho na parede direita, gabardinas e chapéus pendurados num bengaleiro e vários pares de botas de borracha alinhados por baixo.

— Isto é o escritório de Gordon Schneider, o responsável pelo estábulo. Ele nunca chega antes das sete — explicou Dylan. Quando a viu continuar a olhar por cima do ombro, com medo que o homem do trilho entrasse por ali dentro, Dylan tocou-lhe no queixo, suave mas firmemente. Ela ergueu o olhar para o rosto dele, por fim a prestar-lhe atenção.

— Não vou deixar que ninguém lhe faça mal, Alice. Compreendeu?

Ela anuiu, e conteve a respiração quando ele não se moveu. Continuava a tocar-lhe a pele.

— Esta porta tem duas fechaduras, está a ver? — disse ele depois de um longo momento. Puxou a porta de madeira para lha mostrar. — Isto é uma porta de carvalho, muito sólida, e ninguém vai conseguir passar por este ferrolho.

— Está bem — disse Alice, a voz a tremer de alívio. Ele acreditara mesmo. Depois a mão deixou-lhe o rosto. — Espere, onde é que vai? — gritou quando o viu começar a afastar-se. Ele estacou, estremecendo um pouco quando olhou para trás.

— Alice — disse severamente. — Vai correr tudo bem. Tranque a porta quando eu sair, está bem?

— *Não* — sussurrou ela por entre os dentes cerrados. — Se sair desta sala, eu juro por Deus que o mato, Dylan Fall. — Correu para a porta e fechou-a com estrondo. Trancou o ferrolho antes de fazer girar a segunda fechadura. As suas costas encostaram-se à porta. Não conseguia respirar.

— Alice...

— Não me vai deixar sozinha.

Ela levou um segundo ou dois a aperceber-se do som. Vinha do interior da sua própria cabeça. Eram os dentes a bater descontroladamente.

— Cristo — balbuciou ele. Deu um passo em frente, a preocupação a alterar-lhe as feições, mas Alice já estava a precipitar-se para ele. Atirou-se atabalhoadamente contra o seu peito, a face a chocar e a ficar colada mesmo abaixo de um sólido músculo peitoral. Não compreendia o que estava a acontecer. O que era aquela negra nuvem de medo que pairava mesmo em

volta do seu campo de visão, ameaçando cegá-la? Estrangulá-la. O facto de não conseguir dar-lhe um nome tornava-a ainda mais assustadora.

Os seus braços cerraram-se à volta da cintura de Dylan, e a sombra ameaçadora desvaneceu-se ligeiramente. Depois os braços de Dylan estavam a rodeá-la, e ele estava a puxá-la com mais força contra o seu corpo. O peso no seu peito e garganta dissiparam-se, permitindo-lhe respirar. Inspirou, trémula.

— *Alice* — murmurou ele numa voz pesada, soando um pouco descomposto.

— Não me deixe sozinha — repetiu ela, desprezando o tremor na sua voz. Sentiu os dedos dele moverem-se no seu cabelo e a mão a envolver-lhe a nuca. Aquele toque incitou-a a mover-se. Inclinou a cabeça para trás e viu-lhe o rosto a pairar sobre o seu. O olhar dele estudou-lhe o rosto, depois prendeu-se no seu pescoço. Ela sentiu o palpitar da sua pulsação ali exposta. Um calor inundou-a, sob aquele olhar.

— Não te vou deixar sozinha.

Aquela firme e calma declaração provocou-lhe uma descarga de eletricidade, que se misturou com o seu medo e ansiedade. Alguma coisa faiscou e depois incendiou-se dentro de si, e o que quer que fosse fez com que o seu medo e incerteza se escondessem nos lugares mais escuros da sua consciência. Sentiu Dylan agitar-se contra ela e percebeu que era *desejo*, aquilo que estava a dissipar as sombras.

Um puro, cru, poderoso desejo.

De repente, tudo fez sentido; aquela estranha e excitante intensidade nos olhos de Dylan quando a olhava, a descarga eléctrica na sua pele quando ele lhe tocava, a sua confusa mas poderosa reação àquele toque.

Dylan Fall *desejava-a*. E, naquele momento, Alice desejou-o mais do que alguma vez desejara o que quer que fosse na vida.

Sem pensar, impelida pelas demasiado recentes memórias do seu medo e pelo choque do seu próprio súbito e indisfarçado desejo, pressionou-se mais contra ele, o olhar a estreitar-se sobre a sua boca. Lançou uma mão para a sua nuca, os dedos enterraram-se no cabelo espesso. Soube-lhe ainda

melhor do que imaginara. Colocou-se em bicos de pés e puxou-o contra si. Ele baixou a cabeça lentamente. Os lábios tocaram-se.

— Não, Alice — disse ele, mas a mesma boca que a recusava suavizou-se ligeiramente. Ela debicou-lhe os lábios, e embora ele permanecesse basicamente imóvel, sentiu a descarga de tensão no seu corpo forte e a ligeira cedência na sua boca. Sentiu-lhe o pénis a endurecer ainda mais, pressionado contra o seu baixo-ventre, e a sensação inflamou-a. Encostou-se ainda mais, os seios a esmagarem-se contra o seu peito, mas, ainda assim, ele não participava no beijo. Irritada e excitada, mordeu-lhe suavemente o lábio inferior, forçando-lhe a boca a abrir-se.

— Não te vás embora. *Fica* aqui comigo — sussurrou, e as palavras e o seu mudo convite foram chocantes aos seus próprios ouvidos. Percorreu-lhe com a língua o contorno dos lábios. Dylan balbuciou uma praga, mas juntamente com ela saiu também a sua língua.

De súbito, Alice estava no epicentro de um incêndio. Numa fração de segundo, passara da segura periferia para o centro do inferno, e Fall estava a consumi-la.

Ele selou as suas bocas, moldando-lhe os lábios aos seus. A língua dele penetrou-a, exploratória, dominadora. Uma mão aberta deslizou ao longo da anca dela e fechou-se numa das nádegas, puxando-a para si ao mesmo tempo que fletia ligeiramente, deslizando a ereção contra o seu corpo. Inclinou-se sobre ela, dobrando um pouco os joelhos, em busca do melhor ângulo de penetração para o seu beijo. Fodeu-lhe os lábios com a língua enquanto a boca aplicava uma exigente e precisa sucção que parecia chegar ao âmago dela. Os seus lábios também se moviam, moldando-a contra ele, dando forma à sua carne.

Era delicioso, vertiginoso. *Ele* era delicioso e vertiginoso. Cheirava a especiarias e à frescura do ar livre e a sexo. Sabia a paraíso. Ela esforçou-se para acompanhar o seu beijo exigente, a língua a dançar com a dele loucamente. Agarrou-lhe o pescoço e a cintura com mais força, entontecida e dominada pela súbita e feroz explosão da avidez daquele homem.

Uma mão grande deslizou para o interior dos seus calções e roupa interior e começou a moldar-lhe o rabo nu com a palma. Sentiu o pénis dele

a estremecer, o peso e densidade da sua ereção a enlouquecê-la. Quando ele arrancou a boca da dela, ela seguiu-a, a procurá-lo com os lábios. Dedos longos exploraram-na por baixo das cuecas, entre as suas coxas. A ponta de um dedo tocou-lhe o sexo. Sobressaltou-se como se tivesse sido percorrida por um choque elétrico.

Ele olhou-a nos olhos e penetrou-a lentamente com o indicador.

Ela arfou, descaindo contra o seu corpo sólido.

— É isto que pensas que queres? — sussurrou ele, a boca dura, o rosto rígido.

O seu dedo subiu mais, retirou-se, e depois subiu outra vez. Ela mordeu o lábio de angustiada excitação, perdida nos olhos dele.

— Sim — arfou.

— Estás apertada e quente. E molhada — acrescentou com um ligeiro sorriso enquanto a fodia com o dedo. — É *disto* que tu precisas, não é?

A intimidade do que estava a acontecer chocou-a. Deixou descair a testa contra o peito dele, a boca aberta. Não conseguia responder. O prazer e a pressão esmagavam-na, alimentadas pelo seu estranho e caótico estado emocional. Ele recuou ligeiramente, uma mão nas suas costas, a outra a penetrar-lhe o corpo, firme e rápida. O movimento fê-la arquear-se ligeiramente na cintura, melhorando o ângulo de penetração. Estava mesmo molhada. O som dele a mover-se deliberada e intensamente no seu sexo lubrificado chegou-lhe aos ouvidos. Ele também devia ter ouvido, porque soltou um grunhido, o som primitivo e excitante. De súbito, a mão desapareceu e ele estava a empurrá-la contra a secretária. O seu rabo atingiu a superfície de madeira. Ele ergueu-a ligeiramente, pousando-lhe o rabo na berma. As mãos dele deslizaram por baixo da sua *T-shirt*.

— Não és a única que precisa de alguma coisa, Alice.

O coração dela começou a martelar audivelmente nos seus ouvidos, com aquela grave e tensa declaração. Desejava-o loucamente, naquele momento, mas um Dylan Fall dominado pelo desejo era uma experiência fabulosa e intimidante. Nas suas relações anteriores, hesitara muitas vezes a meio do sexo, sem saber muito bem o que queria, a perguntar-se se estaria a dar demasiado de si, ou muito pouco. Oferecera-se a Fall. Mas não havia

dúvida de que, agora que a aceitara, seria ele a determinar o ritmo. Ele esperava que ela se entregasse por inteiro. Era assim que as coisas funcionavam.

Leu a mensagem nos seus olhos. Claramente, o que ele queria não era uma pequena amostra.

Ficou cega por um segundo enquanto ele lhe puxava a *T-shirt* húmida por cima da cabeça. Ajudou-o, arrancando os braços das mangas, movendo-se tão furiosamente como ele no ímpeto de uma crua luxúria animal. A embaraçosa noção de que estava quente e a transpirar da sua corrida e por ter sido perseguida passou-lhe pela consciência, mas depois desapareceu, evaporada num instante pelo calor que ambos geravam. Além disso, o suor parecia-lhe, de alguma forma, apropriado, naquele louco, desesperado e impulsivo cenário. Depois os dedos dele estavam a deslizar contra a sua pele húmida por baixo do apertado soutien de corrida. Ele puxou-lhe o tecido constritor de cima dos seios. As suas ações não eram rudes, mas eram precisas e determinadas. Num segundo, estava com o sutiã vestido, no segundo seguinte, os seus seios balouçavam com suavidade, livres da peça que os continha. Ele atirou descuidadamente o sutiã na direção da *T-shirt*. Fez uma pausa. Os mamilos dela ficaram tensos com a exposição ao ar fresco e ao quente olhar de Dylan.

— Jesus — balbuciou ele, as narinas a dilatarem-se um pouco. Tinha uma estranha expressão que misturava assombro e raivosa avidez masculina. As suas mãos quentes deslizaram-lhe pelo lado do corpo, roçando-lhe ligeiramente os seios. A pele dele a escorregar contra a sua recordou-a de novo do seu suor, mas desta vez só serviu para a estimular, como se a transpiração fosse um condutor ótimo para toda a eletricidade que disparava entre os dois. Conteve um gemido ao ver o seu rosto enquanto ele lhe agarrava e erguia os seios para atenta inspeção. Depois beliscou-lhe ligeiramente os mamilos, afagando-os como que para os aliviar da constrição a que tinham estado sujeitos no sutiã apertado.

— Dylan — disse ela com a voz a tremer, a tensão a crescer dentro de si a tornar-se insuportável. Cortante.

— Tudo bem. Só estou espantado — pensou ela que o ouviu dizer por entre o trovejar nos seus ouvidos. — És maior do que julgava. Tu escondeste. Sabia que serias linda, mas... não assim. — Os polegares dele roçaram-lhe os mamilos e apertaram quase dolorosamente. Olhou-a nos olhos. Ela mordeu um lábio quando viu o brilho de humor a misturar-se com a excitação nos olhos dele. — És uma deusa disfarçada da miúda rebelde génio da matemática, Alice Reed. — Mais uma vez, os polegares circularam sobre os mamilos sensíveis, deixando-os rígidos. Sentia o sexo a palpitar e a contrair-se com o toque dele, como se fosse um instrumento e ele lhe estivesse a tanger as cordas. A sua carne cantava. Gemeu, mas o que mais queria fazer era gritar.

— Não gozes comigo — insistiu, rouca, enquanto ele observava a sua reação como um falcão.

— Não. Agora não — concordou ele, o divertimento a ser mais uma vez substituído por uma aguda concentração.

Alice conteve a respiração, expectante, quando ele passou as mãos para as suas costas.

— Estou-te a agarrar — instou, e ela percebeu que ele queria que se arqueasse... que se expusesse para o seu consumo. A ideia deixou-a líquida por dentro. As suas costas arquearam-se e ela deixou-o segurá-la. — Isso mesmo — elogiou ele, segurando-lhe parcialmente o peso com as mãos e baixando-lhe o tronco alguns centímetros. Aproximou-se mais, abrindo-lhe as coxas. Fletiu as ancas, encostando a ereção contra a sua pélvis e baixo-ventre. Sem uma pausa, baixou a cabeça escura e tomou-lhe um seio na boca quente.

Foi voraz desde o princípio. Como ela sabia que iria ser. Alice gritou quando ele aplicou uma firme sucção e lhe lambeu o mamilo vigorosamente. Ele devia sentir o gosto do seu suor. Do seu desejo. Um quente prazer proibido percorreu-a. Adorou. Fixou o olhar naquela cabeça escura que pairava sobre o pálido globo do seu seio, a boca fixa na ponta, os lábios firmes colados à sua volta. As suas faces cavavam-se ligeiramente enquanto ele a chupava.

Era a visão mais erótica que alguma vez tivera na vida.

Preso impotente nas garras de um calor sexual como nunca experimentara, ela ondulava as ancas, pressionando o sexo contra a base do seu pau. Louca. Frenética. Ainda a agarrá-la com uma mão, ele acariciou-lhe o outro seio, cobrindo-lhe o alto com a palma. Ela adorou quase tanto a maneira como ele a agarrava possessivamente como a forma como a chupava, com firmeza. Ele fez um som áspero na garganta, as vibrações a penetrá-la, a fazê-la palpitar.

Ele ergueu a cabeça, passando sem uma pausa para o outro seio. Uma mão ergueu-lho e levou-lho à boca, onde o sugou para o seu calor húmido. O seu desejo concentrado era palpável. Era demasiado, o prazer quase se aproximava da dor. Alice gemeu de angustiada excitação. Pôs as mãos na secretária atrás de si, espalhando alguns papéis e atirando outros ao chão, e usou o apoio para se roçar mais contra ele. A sensação da forma e da densidade daquele pénis por trás das roupas só amplificava o seu delírio.

A mão dele caiu-lhe levemente sobre a coxa nua.

Os olhos dela abriram-se mais com o som da palmada, pele contra pele. Não doera, mas fora uma leve advertência. Obrigou-se a parar de contorcer. *A criatura está a banquetear-se, e não quer ser perturbada.* Até o seu pensamento divertido a enviou para um mais profundo transe de luxúria.

Ou de esquecimento.

Agora que ela se estava a segurar, ele podia usar as duas mãos para lhe agarrar ambos os seios e uni-los. Era uma lasciva e flagrante exibição de pura sexualidade. Os seus seios eram globos pálidos em comparação com as mãos dele e com os seus próprios braços, peito e ombros bronzeados. Os mamilos eram usualmente de um rosa delicado, mas o que não estava agora na sua boca devoradora mostrava-se avermelhado, molhado das suas atenções. Ele percorreu-o com um polegar enquanto sugava avidamente, e Alice gemeu, erguendo as ancas contra o pau dele. Não era melhor do que um animal com o cio, naquele momento.

Pior, porque não tinha desculpa para a sua libertinagem.

Quando deu por si, ele estava a erguê-la da secretária e a fazê-la dar meia-volta. Começava a habituar-se à maneira como ele a dominava. Não era bruto, de forma nenhuma, mas nunca hesitava por um segundo em

posicioná-la precisamente como queria. A mistura daquela determinação com uma força exigente constituía um potente afrodisíaco.

— O que é que estás a fazer, a mexer-te dessa maneira, minha menina? — perguntou ele com severidade ao seu ouvido, uma ponta de negro divertimento no seu tom. A boca moveu-se para o seu pescoço. Mordeu-lhe gentilmente a orelha e ela gritou. Ela recuou contra ele, encontrando o que queria, e esfregou o rabo contra o seu pau. Ele era um homem completo, delicioso, tão primitivo, flagrante... masculino. Cerrou os dentes, desesperada por livrá-lo das calças de ganga e senti-lo, quente e duro, pele com pele. As suas mãos esticaram-se para trás, encontraram-no, agarraram a densa coluna por entre as calças.

Ele soltou um gemido gutural e desviou-lhe a mão para a secretária na frente dela.

— As duas mãos na secretária — ordenou. — Dobra-te.

Ela fez o que ele mandava, aquiescente porque o sentiu mudar de posição atrás de si e o movimento das mãos entre os seus corpos. Estava a libertar o pau.

Ia dar-lhe o que ela queria.

Olhou por cima do ombro, ofegante, ansiosa pela visão. Mas o seu próprio corpo bloqueava-a. Via as mãos dele a moverem-se apressadamente entre as coxas, desapertando as calças. Deu meia-volta, decidida a ajudar.

Um estúpido gritinho de surpresa soltou-se da sua garganta quando foi de súbito virada outra vez e Dylan estava a colocar-lhe as mãos sobre a secretária.

— *Dobra-te* — repetiu ele, baixo e sucinto, ao seu ouvido. Ela obedeceu, só porque a ordem era um método mais rápido de atingir o seu derradeiro objetivo. Depois os polegares dele estavam a enfiar-se no cóis dos seus calções e cuecas e a baixar-lhos, num movimento rápido, até aos joelhos. As roupas caíram em volta dos tornozelos.

— Tira-os — ordenou ele bruscamente.

Ela atirou com os calções e roupa interior com um pontapé, agora nua com exceção das meias invisíveis e dos ténis de corrida. Ele pousou uma mão ao fundo das suas costas e pressionou-as, instando-a a dobrarem-se



ainda mais. A cabeça do pau dele roçou contra o seu rabo. Ela gemeu, o calor a aumentar no seu corpo com a sensação da cabeça bulbosa e macia e o puro peso da ereção. Ele segurou-lhe as ancas e fletiu-as. A verga longa e grossa deslizou contra a sua pele nua, húmida da transpiração. O rouco gemido dele fundiu-se com o dela.

— Era isto que querias? — perguntou num tom tenso, feroz, enquanto continuava a fazer deslizar o pau firme para a frente e para trás contra o rabo dela.

— Sim. Sim — assegurou-lhe, as pálpebras cerradas com força, dominada pela crua intensidade do momento. Ergueu uma mão da secretária e fê-la recuar para as suas ancas, ansiando por sentir aquele pau. Mas ele foi mais rápido. Agarrou-a pelo pulso e voltou a pousá-la na secretária.

— As mãos ficam aqui, raio. Estou quase a enterrar-me em ti — vociferou asperamente. Com a respiração entrecortada, ela obedeceu. Ele acariciou-lhe a anca e o rabo. — A tua pele é tão macia. De uma cor tão bonita — observou, como que para retirar toda a tensão da sua voz. O peso do seu pau batia-lhe contra a fenda do rabo. Ele agarrou-lhe as nádegas, moldando a carne contra a sua verga e moveu as ancas para a frente e para trás. O gemido que soltou parecia arrancado a ferros da sua garganta.

— És tão doce. Não sei o que raio está a acontecer aqui — ouviu-o ela dizer, com a voz espessa, enquanto continuava a pulsar com o pau no entalhe do seu rabo —, mas és impossível de resistir, Alice.

## CINCO

**A**lice emitiu um som de desespero, inundada pelas sensações. Estava a perder o controlo.

Ele investia e apertava-lhe o rabo com mais força contra o seu pau. Depois as mãos desapareceram e ela fez um som abafado de consternação.

— Tudo bem — murmurou ele nas suas costas. — Preservativo.

Deixou o pau a palpar encostado ao rabo dela, a sensação a provocá-la. Ela ouviu o som do invólucro do preservativo a ser rasgado. Mordeu o lábio para conter um gemido. A expectativa estava a matá-la. Só piorou quando ele colocou o preservativo com o pau ainda a tocar-lhe a pele. Sentiu a mão dele deslizar ao longo da extensão, e depois a dura e espessa cabeça a comprimir-se na sua abertura. Ele agarrou-lhe numa das nádegas e abriu-a mais para entrar. Pressionou. Ela arfou, os olhos a abrirem-se muito quanto ele se enterrou lentamente no seu corpo. Mas ele devia ter interpretado a sua sonora exalação como um sinal de desconforto, porque fez uma pausa.

— Chhh — acalmou-a, uma mão a acariciar-lhe a anca enquanto a outra lhe envolvia o rabo e a mantinha no lugar para continuar a sua posse. Moveu as ancas para trás e para a frente, suavemente. A carne dela começou a derreter à sua volta.

— Isso mesmo — murmurou, fletindo as ancas até ela cerrar os dentes da pressão e do prazer. Ele era paciente mas firme na sua entrada. Determinado. Mais uma vez, Alice teve a vívida impressão de que, quando Dylan Fall começava alguma coisa, nunca vacilava.

Ficou contente. Muito contente.

— Estás tão apertada. Tão molhada — ouviu-o dizer como que por um túnel.

— Oh, céus — gritou com um agudo tom de incredulidade quando ele, lenta mas seguramente, a penetrou até ao fundo. Depois agarrou-a contra si, não a deixando mover-se. Ela sentia-lhe os testículos encostados aos seus

tecidos exteriores. Conteve a respiração. Ele estava a esticá-la, a preenchê-la. Ele estava na sua rata, mas dominava a sua mente... todo o seu ser.

Dylan desviava tudo o resto para o lado.

Sim. Era mesmo daquilo que precisava. Não existia mais nada naquele momento — apenas Dylan e aquele desejo borbulhante, volátil.

Ele começou a mover as ancas num movimento tenso, fluido, rápido. Gemeu bruscamente. A boca de Alice abriu-se de incredulidade. O que é que ele lhe estava *a fazer*? Já tinha tido sexo anteriormente, mas nunca experimentara *aquilo*. A fricção era insuportável. Selvagem. Doce. A pélvis dele chocou ruidosamente contra o seu rabo quando Dylan investiu para a frente com mais força. Ficou sem ar.

— Oh, Jesus — arfou, as pálpebras a fecharem-se com força. Ele agarrava-lhe firmemente as ancas e as nádegas, puxando-lhe a pélvis ligeiramente para cima para a servir melhor com o seu pau invasor. Era impiedoso. Ela agarrou-se com mais força à secretária, contraindo os braços para suportar o impacto dos seus movimentos. Ele continuou a fodê-la rápida e furiosamente usando aquele forte, rítmico, circular movimento das ancas. Ela balouçava para a frente e para trás, fazendo-os chocar continuamente. Roçava-se contra ele, a sensação em escalada. Crescente. O som de pele a bater contra pele enchia-lhe os ouvidos.

*Céus, o homem sabia foder.*

— Sabes tão bem, linda. Bem demais — disse ele nas suas costas. — Ratinha doce e quente. Vai ser difícil ir com calma contigo — sussurrou, sem nunca desacelerar o ritmo. Enterrou-se bem fundo e gemeu. — Talvez impossível — acrescentou, soando zangado com esta conclusão.

Alice sentiu o calor inundar-lhe a cara e o sexo com estas palavras ilícitas. A fricção era insuportável. Perdeu toda a noção do tempo enquanto ele a levava na tempestade. A caótica mistura de emoção e luxúria atingiu um ponto de ebulição, aquele pau implacável a lançá-la para o abismo.

A despedaçá-la.

Estilhaçou-se num orgasmo.

— Foda-se — ouviu-o ela murmurar. O clímax atravessou-lhe a carne, abalando-a, e ele estava a erguê-la numa posição quase de pé, as costas

ainda ligeiramente inclinadas para a frente, o pau mais alto dentro de si. Depois cobriu-lhe os seios com as mãos e dobrou os joelhos. Enterrava o pau dentro dela em movimentos curtos e poderosos. Gemeu, profunda e asperamente. O mundo de Alice abanava. Ela era como uma única e vibrante fibra de prazer, e todo o seu objetivo era arder. Outra onda de clímax atravessou-a enquanto ele a preenchia naquela posição, puxando-a para baixo contra a sua pila ao mesmo tempo que erguia as ancas, carregando sobre ela.

Ele gemeu no que pareceu um som de pura frustração.

— Não consigo aguentar, és boa demais, Alice. Mãos na secretária.

Ela estendeu cegamente as mãos para a secretária e dobrou-se. Ainda a agarrar-lhe fortemente as mamas, ele investiu com força. Enterrou-se nela e ficou lá dentro, pressionando firmemente os testículos contra o exterior do seu sexo. O pau inchou e estremeceu na sua vagina. Ela gritou, angustiada pela sensação. O gemido dele começou baixo. Depois apertou-lhe mais os seios, e o gemido tornou-se mais alto, mais duro, o som perfurante a encher-lhe os ouvidos.

Ele estava a vir-se. Enchia-a tão completamente com o pau que ela sentia os espasmos na sua carne enquanto ele se esvaziava, a sensação poderosa, feroz, e, no entanto, doce. Pungente.

O som de respirações ofegantes encheu a sala silenciosa. A cabeça de Alice descaíra para a frente. Tinha o cabelo curto molhado de suor, colado à testa, pescoço e faces. Ergueu a cabeça, e a mão dele moveu-se sobre um dos seus seios, diminuindo a pressão. A ponta de um dedo acariciou-lhe um mamilo. Ela conteve um grito de incipiente angústia.

De renovada excitação.

*O que é que tu fizeste?*

— Chhh — fez ele, tocando-lhe novamente o mamilo, contornando-o com a ponta do dedo. Teria ouvido o grito contido na sua garganta? — Vai correr tudo bem — disse. Ela não sabia se devia acreditar, mas o toque sabia tão bem. Ainda não estava preparada para lidar com o que acabara de fazer.

*Atiraste-te ao big boss da Durand só porque te passaste como uma criança com uma figura distante no bosque. Não és nenhuma miúda. És uma mulher adulta, em excelente condição física. És conhecida por teres posto os inúteis dos teus tios e os seus estúpidos amigos a guinchar de dor.*

Viria mesmo alguém a persegui-la? De súbito, toda a memória parecia-lhe surreal, como se tivesse sido um pesadelo.

Um fantasma. Dylan abriu as mãos na faixa de pele acima dos seus seios, mesmo abaixo dos ombros, e ergueu-a uns centímetros, puxando-a contra si. Tinhas as costas coladas no seu tronco, o pénis ainda a empalá-la. A mão dele voltou a descer-lhe para os seios. Ergueu-os, acariciando-os com as palmas. Beliscou-lhe suavemente os mamilos sensíveis. Ela gemeu baixinho, o clítoris a palpitar de desejo. Uma mão grande deslizou-lhe pela barriga nua, acariciando-lhe a pele húmida, o que a fez estremecer. Depois tocou-lhe o sexo.

— Dylan... — protestou ela, a voz abalada. Estremeceu quando ele fez deslizar o indicador entre os seus lábios vaginais. Depois acariciou-lhe o clítoris molhado. Como saberia que a tensão ainda permanecia na sua carne? Mais uma vez, ele sabia precisamente o que estava a fazer. — Oh — soltou ela, o corpo a contrair-se. *Céus, sabe tão bem.*

— Tudo bem — sussurrou ele nas suas costas. — Vai correr tudo bem. Confia em mim, Alice.

Ela gemeu. O que raio estava ali a fazer? Não só nos braços de Dylan, com a verga dele enterrada em si e a mão a fazer magia entre as suas coxas... *ali* no campo Durand. Alguma vez pensara que podia ser aceite?

Ele pedira-lhe para confiar, mas Alice tinha dificuldade em confiar... se é que confiava de todo. Não importava. Dylan estava a derrubar tudo, incluindo o medo e a dúvida. Não fora por isso que, tão incrivelmente, tão ousadamente, o seduzira?

Estava outra vez a tremer num orgasmo sob a sua mão segura em menos de um minuto, agravando os seus pecados...

Incapaz de fazer qualquer outra coisa que não submeter-se à sua glória.

Percebeu com uma sensação de consternação, que, enquanto ela estava nua, tirando as meias e ténis, Dylan permanecera quase completamente vestido. Aquilo parecia simbolizar todo o seu encontro, pensou Alice enquanto procurava a roupa alguns minutos mais tarde. Fora apanhada em flagrante no meio da sua nua vulnerabilidade, enquanto Dylan expusera apenas o que era necessário para silenciar o seu assomo de pânico.

Ele embrulhara o preservativo, deitara-o no lixo e depois voltara a abotoar as calças ainda antes de ela ter sequer oportunidade de soltar as cuecas dos calções. Manteve a cabeça baixa para esconder o rubor das faces — para o impedir de ver a sua vergonha — mas, passado um momento, sentiu-se queimada pelo seu olhar. Começou a enfiar as cuecas, mas foi dominada pela sua vulnerabilidade.

— Vira-te — disse, num tom zangado.

— O quê?

O tom ligeiramente atónito fê-la ranger os dentes. Ardiam-lhe as pálpebras de humilhação.

— Vira-te de costas enquanto me visto. Por favor — sussurrou, a emoção mal contida a comprimir-lhe a garganta.

Ouviu-o sibilar uma praga e sentiu o coração saltar, mas depois ouviu o som subtil das suas botas sobre o chão de madeira. Olhou por cima do ombro, com esperança. Ele virara-se, ainda que alguma coisa na rigidez das suas costas lhe dissesse alto e bom som que não estava contente com o pedido e podia mudar de ideias a qualquer momento. Vestiu-se como se se tratasse de uma corrida numa competição do campo Durand. Quando terminou, estava tão ofegante como quando se viera estrondosamente uns momentos antes.

Duas vezes.

— Já está? — perguntou ele, e Alice percebeu pelo pesado sarcasmo na sua voz como estava lixado.

Endireitou-se e ergueu o queixo. *Atravessaste a floresta a correr suspensa por um fio, com a certeza de que ias morrer a qualquer segundo. Podes olhar Dylan Fall nos olhos.*

— Já.

Ele virou-se.

Naquele momento, Alice teria preferido lançar-se num *slide* do alto de uma torre, em vez de encontrar o seu olhar cauterizante.

— Eu não sei porque é que fiz... — engoliu em seco, não conseguindo dar um nome ao que acabara de fazer com Dylan — aquilo — concluiu, acenando debilmente para a secretária.

— Eu sei. — Ele fez uma pausa, depois acenou com a cabeça, como se tivesse chegado a alguma decisão. — Quero que venhas a minha casa esta noite.

Ela fez um som de incredulidade e riu-se.

— Porquê?

Ele olhou-a nos olhos e encolheu ligeiramente os ombros, a expressão vaga a dizer: «Não é óbvio?»

— Estás maluco? — soltou ela.

— Não — replicou ele num tom sombrio, virando-se para ela. — E tu?

— Não!

— Então isto é tudo *corriqueiro* para ti? — perguntou ele, a arquear uma sobrancelha inquisitivamente e a olhar de relance para a secretária onde Alice tinha estado a fodê-lo como se a sua vida dependesse disso, apenas uns momentos antes. Ela foi varrida por uma onda de humilhação, a fúria a segui-la de perto.

— E se for *corriqueiro* para mim? O que é que tens a ver com isso? Só porque fodemos uma vez isso não significa que o queira transformar num hábito. Merda para isto — balbuciou furiosamente enquanto se precipitava para a porta. Puxou o ferrolho com força. Esperava que o seu perseguidor ainda estivesse lá fora, porque ia dar-lhe cabo do coiro por tê-la colocado naquela situação.

Fosse ou não um fantasma.

— Alice.

Ela interrompeu a fuga, a odiar aquela reação automática ao som de Dylan a proferir o seu nome. Ainda assim, ficou de costas para ele. Desafiadora, mas...

A ouvir.

— Eu sei que te estás a sentir confusa... esmagada, por estares aqui no Campo Durand.

Ela sentiu o coração começar a palpitar-lhe nos ouvidos.

— Porque não mereço estar aqui, é isso que queres dizer? — ripostou.

— Não. Porque tens medo de não merecer estar aqui. Mas mereces. Alice, olha para mim.

Ele estava a falar em voz baixa, mas havia aço no seu tom. Alice deu por si a virar-se e a olhar por cima do ombro, incapaz de continuar a impedir-se de o fixar, como naquela primeira vez durante a entrevista. Ele não se movera, mas olhá-lo nos olhos fazia-o parecer estar a fazer *zoom* sobre ela, como um estranho efeito de uma lente de uma máquina fotográfica.

— Lembras-te de quando te falei daquele homem que pertence ao conselho de administração da Durand? O que cresceu no bairro de Austin, em Chicago?

Ela anuiu, desconfiada. Ele fez um gesto subtil com a mão na direção do seu abdómen.

Alice virou-se completamente.

— Estavas a falar de ti? — perguntou, atordoada.

Ele anuiu.

A boca dela abriu-se de incredulidade.

— *Tu*. Tu chegaste aqui como campista, quando tinhas doze anos?

— Foi o que salvou a minha vida — disse ele com absoluta certeza. — Se não fosse o Campo Durand, eu estaria morto ou a apodrecer na cela de uma prisão, neste momento.

Ela não conseguiu dizer nada. O seu cérebro não parecia capaz de absorver a notícia. O elegante, intimidante, supremamente confiante Dylan Fall fora em tempos descrito num processo de campista como os que ela recebera nessa noite? A sua intuição de que havia nele um lado de pirata impiedoso tinha uma base. O que estaria escrito naquela antiga avaliação? *Os professores notaram momentos de puro brilhantismo intercalados com beligerância, recusa em cooperar, elevado absentismo escolar, agressão e brigas constantes.*



As palavras eram imaginadas, claro. Mas a descrição enquadrava-se, de certa forma, na sua independência, naquela aura de perigo que se podia intuir mesmo abaixo da polida sofisticação, naquela vaga mas onnipresente ideia de que, se não se lhe desse exatamente o que ele queria, podia-se acabar encostado à parede, a olhar impotentemente para os brilhantes olhos negros de Fall e a sentir em primeira mão a ponta afiada daquela personalidade tão bem escondida.

Alice compreendia muito bem essa aura de perigo, embora não num sentido agressivo. Compreendia o sentido sexual.

— Por isso, como podes ver, tenho mais do que uma boa noção do que estás a viver aqui — disse ele. — Sentes-te uma intrusa. Uma parte de ti tem a certeza de que, a qualquer momento, alguém vai descobrir a verdade a teu respeito e pôr-te a andar.

— Achas que somos *parecidos*? — perguntou ela com sarcástica incredulidade. — Achas que me conheces porque vieste em miúdo para o Campo Durand? Eu não tenho doze anos.

— Eu também não — replicou ele, a fervilhante ponta de fúria no seu tom de voz a fazer com que os pelos minúsculos na nuca dela se eriçassem. Por um momento, nenhum dos dois falou, enquanto Dylan parecia estar a dominar o seu acesso de zanga. — Sou um homem de trinta e quatro anos a liderar uma das mais bem-sucedidas e lucrativas empresas do mundo. As minhas decisões de todos os dias afetam milhares de empregados da Durand e as suas famílias por todo o globo. Mas não passa um dia em que não pense, por muito brevemente que seja, que alguém me vai expor por aquilo que sou e enviar-me de volta para a sarjeta onde pertenço.

O silêncio pesou nos ouvidos de Alice. Não conseguia respirar.

Após alguns tensos segundos, Dylan respirou fundo e abanou a cabeça, como se a quisesse limpar.

— Sai da tua cabana às nove e meia em ponto, esta noite, e segue a direção dos estábulos. As tuas tarefas terminam por volta das nove e o pessoal da noite fica responsável pelos miúdos. Os monitores estão livres para fazerem o que quiserem, depois disso. Inventa uma história para a tua colega de quarto e sai da cabana.

— Não compreendo — disse Alice honestamente. — *Porquê?*

— Porque precisas de alguma coisa a que te agarrar, enquanto estás aqui. Sentes-te esmagada. Estás constantemente a duvidar de ti. Vejo-o na tua cara.

Ela fez um som de autoaversão. Seria assim *tão* transparente?

— Mais ninguém parece pensar isso — protestou em sua defesa, a pensar no que Thad dissera sobre nunca lhe ter passado pela cabeça que ela ficara maldisposta depois da descida no *slide*.

— Provavelmente mais ninguém consegue ler-te como eu consigo — disse ele com uma calma suave que a enfureceu. — Já te disse. Nós temos uma coisa em comum. Vais mesmo tentar convencer-me de que não te tens sentido confusa aqui?

Ela cerrou os dentes e ergueu o queixo.

— Foi o que eu pensei — continuou ele quando ela se recusou a confirmar ou negar. — Logo à noite vais à casa. Quero-te lá.

— Para ter sexo — declarou Alice mais do que perguntou, a voz monocórdica com o seu assombro perante aquela tremenda presunção.

— Podes vir estudar os relatórios da Durand, como te pedi ontem. Ou podes vir conversar. Ou podes vir fazer o que acabaste de fazer neste escritório. Muitas vezes, se depender de mim — acrescentou ele com um olhar duro que lhe provocou um arrepio. Fez uma pausa. — Estás com medo, Alice?

— Não — disse ela com honestidade.

— Ótimo. Estás chateada. Estás lixada — enfatizou, dando um passo na sua direção. — Mas não estás com medo. — Encolheu os ombros ligeiramente, como se estivesse a perguntar «E então?» — Deixo ao teu critério o que faremos durante a noite.

— Não vou andar a vaguear por esse bosque sozinha, depois do que aconteceu — disse ela, a apontar lá para fora.

— Ótimo. Não te quero a vaguear por este bosque sozinha enquanto não perceber o que aconteceu. Mantém-te com os teus amigos, o pessoal e os miúdos, entretanto. Não te afares sozinha. — Ele reparou na sua expressão e adivinhou o seu espanto. — Vou estar à tua espera, quando saíres da

cabana. Vou garantir que ninguém nos veja. Isto é só entre ti e mim, e espero que o mantinhas dessa forma — frisou com um olhar severo. — Mas vou estar lá. No bosque. Segue a direção dos estábulos. Junto-me a ti assim que estiveres fora do alcance de visão de qualquer pessoa. Não vou deixar que te aconteça nada.

Ela engoliu em seco com esta repetição do que ele já dissera antes.

— Então... tu... tu também o viste? — perguntou, a voz rouca, a apontar para o bosque. Sentiu-se mortificada com a nota de esperança que ouviu na própria voz. Baixou o olhar, com medo que ele tivesse reparado. — Acreditas que vinha alguém a perseguir-me?

— Claro que acredito.

O olhar dela ergueu-se de chofre, perante esta aberta declaração de confiança.

— Viste-o?

Ele abanou a cabeça lentamente.

— Não precisava de o ver. Talvez não nos aches parecidos, mas posso adivinhar uma coisa que provavelmente temos em comum, com os nossos antecedentes. Não nos assustamos facilmente. Bastou-me olhar para a tua cara quando te vi — disse ele, a acenar na direção da entrada dos estábulos — para ter a certeza de que estavas convencida de que vinha o demónio atrás de ti.

O silêncio que se seguiu foi ensurdecador.

— Não estou a prometer que vou — disse ela.

— Mas vais. Segue para os estábulos e eu vou ter contigo.

Dirigiu-se para ela, indiferente à sua confusão, e acabou de destrancar a porta.

...

Toda aquela experiência — a pessoa a persegui-la pelos bosques, a escaldante escapada sexual com Fall e a subsequente proposta ultrajante para continuar a encontrar-se com ele — deixou-a num estranho estado de espírito.

Ouvira dizer que as pessoas em estado de choque conseguiam agir em piloto automático, executando as funções de sobrevivência sem se aperceberem verdadeiramente do que estavam a fazer ou como. Enquanto esperava pela chegada dos autocarros cheios de campistas, naquele brilhante dia de verão, Alice imaginou que era isso que se passava com ela. É certo, aquela manhã fora totalmente inacreditável, e deixara-a abalada. Mas, com a mente e o espírito concentrados noutra coisa, era também difícil retomar a febril ansiedade em que se encontrava quando acordara naquela manhã, antes de ir correr para a praia.

Antes de Fall.

Não conseguia parar de relembrar aqueles momentos tensos e intensamente eróticos com ele. Ficava excitada e inquieta às horas mais inoportunas. Parecia tudo um sonho, à clara luz do dia. Depois, a sensibilidade acentuada entre as coxas, aquele ardor estranhamente agradável, recordava-a de que fora realidade. O seu sexo continuava congestionado, como se o desejo que experimentara tivesse sido tão grande que precisava de horas ou dias para se dissipar por completo.

Fora tudo real. *Ele* era real. O seu desejo mútuo era ainda tangível.

Pestanejou para se arrancar às suas tórridas memórias quando reparou que Thad estava a observá-la. Estavam lado a lado, a aguardar a chegada dos autocarros.

— Estás muito calma com tudo isto — comentou Thad. — Como de costume.

— Eu pareço-te calma? — perguntou ela com uma pequena gargalhada. — Se é essa a impressão que te dou, sou mesmo muito melhor atriz do que julgava.

*Ou então estou ainda mais estupefacta do que julgava.*

— Acho que não é só representação — disse Thad muito baixinho, como se não quisesse que a sua voz chegasse a mais ninguém entre o grupo de pessoas à espera. Todo o pessoal do Campo Durand se encontrava ali, na orla da floresta, à espera: monitores, os gestores da Durand e vários outros empregados contratados todos os anos para o campo — uma cozinheira, uma enfermeira, um instrutor de ténis, dois salva-vidas, supervisores

noturnos, um contínuo, um homem que trabalhava na pequena marina e até Gordon Schneider, o responsável pelos estábulos. Alice fora invadida por uma vaga de embaraço quando alguém a apresentara a Schneider alguns minutos antes e ela se lembrara do que estivera a fazer à sua secretária naquela mesma manhã.

Os monitores usavam a bandeira da sua equipa como lenço em vários lugares visíveis, para que os campistas de chegada os identificassem facilmente — Alice, como a maior parte dos outros, enrolara a sua bandeira vermelha em volta do pescoço, mas Thad usava a sua laranja em volta de um bíceps dourado e musculado. Kuvi exibia alegremente a sua bandeira prateada à cabeça, atada como o lenço de um pirata, e ficava adorável.

Alice olhou de lado para Thad.

— O que é que queres dizer com isso? — sussurrou-lhe.

— Nunca ficas agitada? — murmurou Thad, a voz mal audível por cima do tagarelar da multidão excitada à sua volta. — És como Patton a caminho da batalha.

Ela abanou a cabeça.

— Como já te disse, então devo ser uma boa atriz. É pena que não tenham teatro como uma das atividades do campo. Estou cheia de medo de falhar completamente com estes miúdos. No Campo Durand em geral.

— No outro dia, disseste-me que vinhas de um meio parecido com o de muitos dos campistas — disse Thad. Alice sentiu um baque de arrependimento. Não devia ter falado da sua infância, durante aquele amigável interlúdio na floresta. Revelara demasiado. E se ele contasse aquilo a Tory ou a Brooke, e a notícia chegasse aos gestores da Durand, ou a Kehoe? Talvez não importasse. De onde viera Dylan Fall, afinal de contas? Ela ainda não conseguia acreditar *nessa* revelação.

Ainda assim, a sua impulsiva confissão a Thad deixava-a desconfortavelmente exposta.

— Não achas que esse passado vai tornar mais fácil relacionares-te com eles? — continuou Thad. Estava de olhos fixos na estrada vazia na sua frente. — Se fosse um daqueles miúdos, talvez me ressentisse de pessoas como eu.

— Pessoas como tu? — estranhou Alice.

Ele encolheu os ombros, como se quisesse minimizar o que estava a dizer.

— Alguém que não faz a mínima ideia do que eles têm de passar todos os dias da sua vida. Porque é que haveriam de prestar atenção o que lhes diz um tipo branco de Greenwich, Connecticut? — gracejou, mas Alice ouviu a sugestão de ansiedade no seu tom.

Foi percorrida por uma sensação de choque. O lindo e confiante Thad Schaefer, o líder nato, estava com medo de *falhar*? *Ali*, num retiro para líderes, semelhante a todos os outros que provavelmente frequentaria no futuro e onde se destacaria independentemente do tipo de posição que acabasse por assumir?

De súbito, viu os olhos cintilantes de Dylan e ouviu a sua voz calma a ecoar-lhe no cérebro, quando descrevera a razão por que a Durand utilizava o campo para selecionar os seus executivos todos os anos. *É quando os miúdos chegam que o desafio começa realmente. Não basta gabarem-se de qualidades de liderança, planeamento, inteligência, inovação, persuasão, compaixão, determinação, trabalho duro e coragem: os monitores têm de demonstrar essas competências diariamente com um grupo de crianças, algumas das quais foram rotuladas como criminosas, não cooperantes, manipuladoras, preguiçosas ou inacessíveis. É muito mais difícil do que parece à primeira.*

Claro, Dylan tinha toda a razão. Thad reconhecia-o, tal como Alice reconhecia agora. Experimentou um momento de compaixão, enquanto estudava o perfil de Thad.

— Acho que eles vão prestar atenção — disse em voz baixa. — Porque *tu* lhes vais prestar atenção. Podem levar algum tempo a gostar de ti, mas, quando isso acontecer, vão compreender a sorte que tiveram quando ficaram contigo como monitor.

Thad fez-lhe um olhar surpreendido. Pareceu satisfeito. Alice detetou movimento pelo canto do olho, e depois um autocarro escolar amarelo entrou no seu campo de visão.

— Chegaram — disse, o coração a bater mais depressa.

— Achas mesmo isso? De os miúdos terem sorte? — perguntou Thad enquanto a multidão à sua volta começava a assobiar e a aplaudir de entusiasmo.

— Claro que sim — exclamou, enquanto começavam a dirigir-se ao encontro dos miúdos. Um olhar de relance disse-lhe que Thad continuava a olhar para ela. — Já conseguiste que me tornasse tua fã, não conseguiste? — riu-se. — E acredita... isso não é nada fácil — acrescentou, a revirar os olhos.

— Alice Reed é uma crente? — murmurou ele. — Tudo bem. Então, venham eles. Agora aguento com qualquer coisa — disse, o olhar mais do que caloroso no rosto de Alice.

Esta sentiu o coração pesado. Estaria a dar falsas esperanças a Thad? Gostava genuinamente dele, por isso talvez não. Que mulher no seu juízo perfeito não ficaria eufórica perante a ideia de alguém como Thad se interessar por ela?

Então porque é que lhe parecia que havia alguma coisa que faltava, quando pensava em Thad?

A bizarra e magnética experiência que vivera nos estábulos estava a eclipsar tudo, a confundi-la.

*Dylan Fall* estava a confundi-la.

A sua mera presença era como uma espécie de íman poderoso sobre a mente de Alice. Sobre o seu corpo.

Alguma coisa lhe dizia que essa atração só se tornaria mais forte, com o passar das horas. E temeu que, quando chegasse a altura do encontro sugerido, ela fosse incapaz de resistir.

## SEIS

**S**ebastian Kehoe queria que todos se lançassem ao trabalho agendado logo no primeiro dia, para acostumar os miúdos o mais rapidamente possível às rotinas. Uma vez que as atividades e *workshops* obrigatórios tinham todos lugar de manhã, isso deixava o período da tarde livre. No entanto, tempo livre não significava necessariamente livre para qualquer coisa. Cada dia da semana tinha várias atividades agendadas, como futebol, baseball, natação, caiaque, equitação, tiro com arco, vela, jardinagem, caminhada, trabalhos manuais ou expressão artística. Eram os monitores que dirigiam essas atividades. Os miúdos podiam escolher fazer uma ou várias, ou apenas nadar e conviver com os amigos, embora devessem fazer pelo menos quatro atividades livres todas as semanas, para evitar demasiada ociosidade e brincadeira na maravilhosa praia de areia branca.

Alice percebeu rapidamente, porém, depois de passar algum tempo com os seus novos protegidos, que a ociosidade não era uma grande ameaça no campo Durand. Os miúdos ansiavam pelas atividades da tarde porque eram descontraidamente estruturadas e divertidas. Além disso, havia também o benefício da oportunidade de ganhar pontos para a equipa com uma vitória num desporto, um feito artístico, um bom desempenho no jardim ou a cavalo. O rumor da reputação do troféu por equipa espalhara-se, aparentemente, no primeiro dia. Os miúdos gostavam da ideia de acumular pontos para a sua equipa.

Felizmente, cinco dos seus dez miúdos eram «veteranos», o que significava que não era a sua primeira vez no Campo Durand — e, para alguns deles, era a terceira ou quarta. Ou seja, muitas vezes estavam mais dentro do seu funcionamento do que a própria Alice. Os seus veteranos gostavam de orientar os miúdos menos experientes — e ainda mais a monitora. Mas ela não se importava com as suas excitadas instruções. Sentia-se grata pela sua experiência, porque aquele primeiro dia foi bastante agitado.



A diferença de tamanhos, forças e vulnerabilidades na Equipa Vermelha era enorme. O primeiro a procurá-la diligentemente à chegada foi um rapaz de dezasseis anos com um ar atinado chamado Noble Darian, normalmente tratado por Noble D ou apenas «D». Noble D era sério como um pastor. Mais tarde, informou Alice solenemente que era mesmo pastor que queria ser, quando terminasse os seus estudos numa faculdade de confissão Batista, para onde já recebera uma bolsa de estudo de basquetebol. Alice já sabia pelo historial de Noble D que ele crescera numa zona de guerra de Detroit e que reagira ao *stress* do desaparecimento do seu irmão mais velho, morto a tiro, tornando-se a figura masculina da família com apenas dez anos. Alice não precisava de um psicólogo para lhe dizer qual era o desafio com D. Era dar-lhe permissão para se libertar da responsabilidade e do peso de olhar por todos os outros durante aquele período de tempo e deixá-lo ser apenas um miúdo.

Terrance Brown encontrava-se na outra ponta do espectro. Tão fisicamente imponente como Noble D, crescera tanto em largura como em altura. O seu sorriso era perpétuo, e estava sempre a tentar fazer alguém rir com o seu acervo de piadas coloridas ou, mais frequentemente, porque acabara de pregar alguma partida e estava à espera que o visado descobrisse da maneira mais difícil. Alice sabia pelos seus registos que o querido miúdo de quinze anos era perigosamente obeso e diabético. Com pouca supervisão parental e uma vida doméstica conturbada, Terrance autoconsolava-se com uma dieta de *fast food*, batatas fritas e doces. Muito observador com as pessoas, era arguto como poucos nas interações sociais e linguagem corporal. Tinha muita lábia mas era, por vezes, o miúdo mais doce e generoso que Alice alguma vez conhecera. Alice pensava que, se Terrance conseguisse fazer bom uso do seu encanto e clarividência social, daria um excelente advogado, comercial ou político. Gostou dele quase de imediato, mesmo que não se deixasse enganar nem por um momento pelas suas expressões inocentes e piadas rápidas.

Havia também Jill Sanchez, uma rapariga de treze anos reservada e dolorosamente magra. Lembrou a Alice uma cria de veado ofuscada por uns faróis, quando saiu do autocarro e ficou parada no meio do parque de

estacionamento sozinha e com um ar atordoado. Jill mal voltara a falar desde que assistira ao assassinato da sua mãe no inverno anterior, embora tivesse sido anteriormente uma viva e extrovertida estudante na escola de Grover Cleveland.

E depois havia Judith Arnold, uma bonita, atlética mas zangada rapariga de dezassete anos, que era supostamente brilhante quando queria fazer alguma coisa, mas que se mantinha demasiado ocupada a criticar e a recusar-se a cooperar com o mundo para alguma vez o demonstrar. Ao contrário de muitos dos outros campistas, Judith vinha de um lar de classe média — ou, pelo menos, era assim que as coisas se apresentavam atualmente. A vida nem sempre fora fácil para Judith. A sua mãe lutara determinadamente contra a pobreza e, mãe solteira, conseguira criar uma vida melhor para si e para a filha. A senhora Arnold, que criava a filha sozinha, mostrara-se contra a ida de Judith para o Campo Durand, mas ela acabara por conseguir convencê-la.

A questão mais interessante para Alice era perceber porque tinha Judith tanto interesse em estar ali, dada a sua óbvia atitude condescendente perante o campo. Judith possuía aquele ar de estar acima dos seus pares... acima de *qualquer outra pessoa* no Campo Durand, na verdade. O facto de ser bonita, inteligente e confiante só aumentava a impressão da sua altivez e desdém em relação aos outros. Alice julgava que Judith poderia ser o seu maior desafio pessoal no campo Durand. A rapariga podia ser uma verdadeira cabra, quando decidida a isso, facilmente mexendo com as incertezas e o temperamento de Alice. Infelizmente, Judith pareceu detestar Alice de imediato, o que significava que estava demasiado decidida a fazer o seu número de cabra trocista para o gosto de Alice.

A Equipa Vermelha fora sorteada para ficar de serviço ao jantar, naquela primeira noite, com a Equipa Azul, o que significava que Alice e os seus dez miúdos tinham de ajudar Mira, a cozinheira do campo, a preparar e a servir os cento e cinquenta campistas mais o pessoal. Foi o seu primeiro real esforço de equipa, já que os miúdos tinham optado por fazer várias coisas nessa tarde depois do almoço e instalar-se na sua cabana.

De um modo geral, Alice pensou que se tinham safado bastante bem. Houvera um momento de ansiedade. Jill Sanchez ficara a chorar, assustada, quando tivera de servir hambúrgueres e frango grelhado a um grupo de turbulentos adolescentes da Equipa Púrpura que lhe lançavam perguntas grosseiras em voz alta e não lhe davam tempo ou paciência necessária para ela responder. Antes de Alice poder chegar ao local para interferir, Judith saltara para a cena, pondo audivelmente o principal instigador no seu lugar. Depois levava dali uma Jill toda encolhida. Em consequência, a rapariga mais velha adquirira uma pequena sombra silenciosa que a seguia para toda a parte.

Alice ficou contente por ter ficado a observar o episódio à distância. Esperava-se que os monitores escolhessem um líder para a equipa após cinco dias de observação, com base na sua avaliação não só do líder mas da equipa inteira. Noble D era a escolha óbvia, e já fora líder da Equipa Vermelha nos dois anos anteriores. Mas Alice preferia adotar uma atitude de esperar-para-ver, para avaliar como corriam as coisas. Hesitava em colocar mais responsabilidade nos ombros de D do que o necessário, por mais que o miúdo merecesse a posição.

À noite, Alice estava exausta mas muito satisfeita com a forma como o seu primeiro dia com os miúdos tinha corrido. Alguns deles tinham-na conquistado de imediato. Alguns eram educados mas reservados. Alice compreendia e respeitava essa atitude.

Ela teria sido igual.

Cada equipa tinha a sua própria cabana. Era grande, com um lado a alojar os quartos das raparigas, o outro, os dos rapazes. No meio, havia uma grande sala comum, onde teriam lugar várias pequenas sessões de grupo ao longo do campo, ou os miúdos podiam descontraí-los, fazer jogos ou ver televisão após a atividade da noite. A cabana e as suites individuais eram tão grandes e tão luxuosas e bem equipadas como a de Alice e Kuvi. Alice tinha alguma inveja dos campistas, por poderem passar um verão num espaço tão idílico.

Nessa noite, entrou na sala comum por volta das oito e trinta e encontrou a maior parte dos seus miúdos sentados a conversar, muitos dos mais novos

parecendo cansados, após o longo dia de viagem, Sol, natação e a excitação do seu primeiro dia. Crystal Dean, uma residente em Morgantown e professora da escola básica que trabalhava como supervisora noturna no Campo Durand há seis anos, chegara um pouco mais cedo para o seu turno.

— Já pode ir descansar, se quiser — disse Crystal a Alice alegremente, a erguer o olhar da partida de cartas que estava a jogar com Matt Dinorio e Rochelle Phelps. — Está tudo sob controlo, aqui. Estes miúdos não vão ter problema nenhum em ir para a cama, esta noite — acrescentou com um sorriso quando Rochelle soltou um longo bocejo.

— Não, Alice! — exclamou Terrance Brown do sofá onde estava a ver televisão. Pegou no controlo remoto e apagou-a. — Tens de ficar, para contarmos umas histórias de fantasmas — disse, a sorrir excitadamente.

Alice fez-lhe um olhar divertido. Matt Dinorio e Justin Arun, dois veteranos da Equipa Vermelha, tinham estado a explicar ao jantar que por vezes no campo faziam uma fogueira e contavam histórias de fantasmas. Terrance, que nunca estivera num campo de férias, achara aquela ideia hilariante. Mas era óbvio que estava interessado.

— Não podemos acender uma fogueira aqui — disse Alice.

— Porque não? — gracejou. Matt revirou-lhe os olhos e mandou-o calar.

— Não, a sério, eu quero! — insistiu Terrance, sem se deixar demover. Apontou para a moderna lareira a gás que estava protegida por um painel de vidro. — Podemos apagar as luzes e ligar aquilo.

— Boa — concordaram vários dos miúdos, alguns dos mais velhos a fingir que aquilo não lhes interessava mas que iam alinhar só no gozo.

Alice consultou o seu relógio. Estivera todo o dia a contar os minutos que faltavam até ir ter com Dylan. Agora que a hora se aproximava e a sua ansiedade e incerteza cresciam, pensou que podia ser útil ter uma distração, naquele momento.

— Está bem — concedeu. — Mas nada demasiado assustador. Não queremos ninguém com pesadelos — avisou, enquanto Terrance se levantava mais depressa do que ela teria julgado possível, dado o seu tamanho, para ir apagar as luzes.

— Atenção às regras, nada de linguagem ofensiva nem cenas sangrentas — avisou Crystal enquanto os miúdos mais sonolentos pareciam reanimar-se, rindo e ajudando Terrance a apagar as luzes. Este carregou depois no botão da lareira e a sala de estar ficou banhada na luz e sombra da fogueira. — E se alguém tiver pesadelos, acabam-se as histórias de fantasmas — terminou Crystal.

— Ai do anão que disser alguma coisa, se tiver um pesadelo — avisou Terrance a alguns dos miúdos da escola preparatória antes de voltar a atirar-se para o sofá.

— Não é essa a questão, Terrance — admoestou Noble D antes que Alice o pudesse fazer.

— Quem é o primeiro? — perguntou Terrance, ignorando D.

— Posso ser eu — disse Justin Arun. Alice sentou-se no sofá modular, interessada e satisfeita por Justin ter sido o primeiro a oferecer-se. Justin tivera um problema de fala devido a uma fenda palatina. Embora tivesse passado por uma cirurgia corretiva, tinha ainda problemas residuais de linguagem. Ela sabia pelo seu processo que, quando Justin passara o seu primeiro verão no Campo Durand, dois anos antes, mal falava de todo, demasiado habituado a ser alvo de *bullying* para se colocar em risco. Atualmente, Justin falava sem restrições e sem qualquer resto de timidez, apesar de um ligeiro ciciar e uma tonalidade nasal na sua voz. Justin desabrochara nos dois verões que passara no Campo Durand. A mãe e os professores atribuíam a sua evolução às semanas ali passadas.

Alice estava impressionada.

Justin contou a história de Resurrection Mary, o mito urbano sobre a pálida adolescente que pedia boleia a homens insuspeitos, pedindo-lhe que a levassem a «casa», apenas para os fazer deixá-la no cemitério de Resurrection e depois desaparecer.

— Esta história é *verdadeira* — disse Terrance com um olhar dramático e sombrio para Angela Knox, de catorze anos, que estava sentada ao seu lado. Os olhos da rapariga abriram-se mais.

— A sério? — guinchou.

— Não. Terrance, para com isso — disse Judith num tom desdenhoso, entrando na sala. Alice reparara que ela se mantinha afastada dos outros desde que tinham chegado à cabana. — Estão a contar histórias de fantasmas? Que seca — balbuciou em surdina, sentando-se e içando as longas pernas para cima do braço da poltrona.

— Não sei se há alguma coisa de verdade na Resurrection Mary — comentou Matt Dinorio. — Mas posso-vos contar uma história de fantasmas no Campo Durand que é verdadeira.

— Não é *aquela* sobre a mãe que anda a assombrar o bosque e o castelo porque a filha bebé foi ali assassinada e ela anda à sua procura, pois não? — disse Justin Arun com um ar de tédio, a revirar os olhos.

— Sim, essa história foi o Jackson Jones que inventou há dois anos, porque dizia que uma coisa branca o tinha perseguido no bosque — disse Noble D.

— Perseguido no bosque? — perguntou Alice com um tom divertido, apesar da pele de galinha que lhe surgiu ao longo dos braços.

— O Jackson Jones estava sempre a inventar — disse Noble D, a abanar a cabeça. — Foi campista aqui durante três anos. Entrou na Ohio State para aprender a ser escritor como o Stephen King, ou coisa do género, mas nem precisava de curso nenhum para saber contar...

— Petas — concluiu Judith sucintamente quando Noble D se calou. Revirou os olhos. — Nem sequer consegues dizer a *palavra*, pastorzinho? — perguntou a Noble mordazmente. Alice reparou que os olhos de D faiscaram de fúria para a rapariga e depois tornaram-se novamente calorosos quando o seu olhar se fixou na cara dela.

— Não, estou-vos a dizer, é verdade — insistiu Matt num tom excitado. — Falei com um dos meus professores, depois de ouvir a história, no ano passado, e o professor Glycer disse que se lembrava um pouco de isso ter acontecido há uns anos, aqui mesmo no Campo Durand. Saiu nos jornais todos. O professor Glycer não estava a falar de um fantasma, estava só a falar de uma criança que foi mesmo apanhada e assassinada aqui.

— Foi assassinada uma criança no Campo Durand? — repetiu Rochelle, a tremer.

— Nunca nenhum campista foi aqui assassinado nem morreu de nenhuma outra forma no Campo Durand! Isso é ridículo — disse Crystal subitamente, com um ar de severa determinação. — A pior coisa que alguma vez aconteceu a uma criança aqui foi um caso mais grave de irritação de pele por contacto com uma erva venenosa.

— Ninguém quer contar a história do Homem Gancho? — perguntou Alice, referindo-se à clássica história de terror habitualmente contada à roda da fogueira. Alguma coisa no tom de voz de Crystal avisava-a de que era definitivamente altura de mudar de assunto.

Saiu da cabana da Equipa Vermelha por volta das nove e cinco. A noite estava quente. O vento que subia do lago agitava suavemente as árvores em volta, fazendo-as suspirar. De resto, tudo estava em silêncio. A cabana que partilhava com Kuvi ficava a menos de vinte metros ao longo do caminho. Viu a luz no interior. Kuvi já lá estava. À distância, reparou em Dave Epstein a sair da cabana da Equipa Dourada. Começou a seguir na direção da sua cabana, olhou em volta, viu Alice e acenou. Parou, como se estivesse a considerar ir ter com ela. Mas, antes que o pudesse fazer, Alice retribuiu o aceno e dirigiu-se de imediato na direção oposta, para a sua cabana. O seu coração começou a acelerar.

*Vais ter com o Dylan, não vais? Vais encontrar-te com ele às nove e meia. Foi por isso que não quiseste atrasar-te a conversar com o Dave.*

*O que é que esperas ganhar em andar metida com o CEO da Durand? Vais acabar em desgraça e expulsa do processo de recrutamento, só por causa de umas boas quecas?*

*Por causa de umas incríveis quecas,* argumentou outra voz na sua cabeça.

Mas não era apenas isso. Não era apenas porque Dylan a deixara a tremer de prazer de uma forma que nunca experimentara com outro tipo. Era também por causa *dele*.

Ansiava por ir ao seu encontro ali em cima, naquele castelo solitário. Não sabia muito bem como seria voltar a estar com ele, exatamente, mas estava tão curiosa... tão *ansiosa* por descobrir.

— Estás obcecada — balbuciou incisivamente em surdina, enquanto subia à pressa os degraus para a sua cabana. Antes de abrir a porta, olhou de relance para o bosque escuro, onde as luzes do caminho não conseguiam penetrar.

Será que ele já lá estava? A vigiar? À espera? Pela segunda vez nessa noite, sentiu a pele dos braços arrepiar-se. Nunca o admitiria aos seus miúdos, mas aquele bosque *era* sinistro.

Kuvi estava meio reclinada no sofá, a beber uma cola *Diet* e a ver televisão. Conversaram sobre os melhores e os piores momentos desse primeiro dia com os miúdos durante alguns minutos, antes de Alice se dirigir para o seu roupeiro e retirar uns calções lavados e um top.

— Vou tomar um duche rápido e dar uma volta — disse, desviando os olhos de Kuvi.

— Uma volta? Onde? — perguntou Kuvi, endireitando-se e parecendo interessada.

— Vou só... — Alice encolheu os ombros, pouco à vontade. — Ter com uma pessoa.

— Ah, já percebi — disse Kuvi, com um sorriso de entendida. — Vais encontrar-te com o Thad.

— Não...

— Tudo bem — insistiu Kuvi, fazendo-lhe um olhar cúmplice. — Já vi a maneira como ele olha para ti. O teu segredo fica em segurança. Não que precisem de guardar segredo, claro. Eles deixaram bem claro que a partir das nove horas fazemos o que quisermos. — Deixou-se descair de novo no sofá. — E Deus sabe como merecemos cada minuto livre, pela maneira como nos fazem trabalhar.

Alice abriu a boca para corrigir a colega — não gostava de mentir a Kuvi, mesmo que não tivesse *dito* nada, na verdade. Kuvi limitara-se a assumir. Acabou por deixar a colega a ver o *Law & Order* e apressou-se a ir para a casa de banho.

Como podia ser honesta com Kuvi a respeito de uma coisa que nem ela conseguia admitir para si mesma? Além disso, Kuvi provavelmente iria tentar convencê-la de que andar metida com Dylan Fall era muito pouco



sensato. Alice não precisava de o ouvir de uma fonte externa. Já sabia que estava a ser impulsiva e estúpida. Pior ainda, aquele comportamento era totalmente incomparável nela.

Todo esse conhecimento não a impediu de sair pela porta da cabana às nove e meia em ponto, a respiração irregular com a crescente excitação.

## SETE

**A**bandonou de imediato a rede de trilhos que davam para as cabanas do pessoal e das equipas e tomou o caminho mais remoto que conduzia aos estábulos. Havia candeeiros nos primeiros trinta metros, mas não se estendiam para além disso. Alice percebeu nervosamente que ninguém montava no escuro, por isso não havia grande necessidade de iluminar aquele caminho.

Deixou o último candeeiro para trás e entrou nas sombras. Uma rajada de vento fez ranger os ramos das árvores. Perscrutou o bosque à sua direita. Seria o ruído de passos na terra, aquilo que acabara de ouvir?

— Alice, sou eu, o Dylan.

Ele falou muito baixinho antes de lhe tocar nas costas. Deu um pulo, apesar do aviso. Ele aproximara-se em silêncio da esquerda, quando ela estivera a tentar distinguir a sua sombra à direita.

— Desculpa — disse Dylan em voz baixa, tendo-a sentido saltar com a sua mão nas costas. Ela ergueu o olhar, a pestanejar. Mal conseguia distinguir a sua alta sombra opaca contra o indistinto cenário das árvores sinuosas que se moviam por trás. A mão dele moveu-se sobre as suas costas e transferiu-se para o braço. As pontas dos dedos deslizaram pela pele sensível do interior do seu cotovelo. Ela estremeceu de ansiedade, mas uma pesada sensação de prazer palpitou no seu sexo.

O encontro proibido excitava-a. *Dylan* excitava-a.

— Estás bem? — perguntou ele, dando-lhe a mão.

— Estou.

— Então, segue-me. Há um caminho que dá para a casa, a partir de um destes trilhos de equitação. Uso-o sempre quando vou montar o *Kar Kalim*, mas tens de saber como o encontrar. Está escondido. Vou acender uma lanterna quando lá chegarmos. A folhagem é densa, ali. Ninguém vai ver-nos, nem ver a luz.

Ela não respondeu. Alguma coisa no seu tom baixo, na noite escura e nas árvores a suspirar e a ranger à volta deles parecia enfatizar a qualidade

ilícita de tudo aquilo. Enquanto seguia Dylan pelo caminho, guiada pela sua mão quente e firme, sentia-se como se estivessem a cometer um crime juntos, movendo-se furtivamente na direção do seu alvo, dois fora da lei unidos pelo seu plano secreto. Havia uma louca e desesperada sensação de entrar no desconhecido, mas também uma inebriante excitação, em tudo aquilo.

— Saímos aqui do caminho. Agora vamos subir — disse em voz baixa a determinada altura. Alice estendeu um pé, mas parou, hesitando em abandonar o trilho pavimentado. A pressão da mão dele na sua aumentou. Ela avançou e sentiu erva suave por baixo dos ténis de lona. O caminho estava desobstruído. — É um trilho para os cavalos — disse ele num tom baixo, deixando-a saber que percebera a sua hesitação em deixar o caminho conhecido.

— Não sei como é que consegues — murmurou ela um momento depois, referindo-se à forma como ele se orientava no escuro. — Não se vê absolutamente nada.

— Há anos que ando por aqui à noite — pensou ouvi-lo responder.

— Quando desces para vir montar de madrugada? — perguntou.

— Sim. E também noutras alturas. Quando não consigo dormir, gosto de caminhar — veio a sua resposta na escuridão.

— E isso acontece muitas vezes? — sussurrou ela.

— Acontece muitas vezes.

Ela sentiu a boca seca com qualquer coisa que ouviu no seu tom mas não conseguiu identificar.

Depois de caminharem em solo suave durante alguns minutos, Dylan fez uma pausa. Ela ouviu o som do roçar de folhas e o estalido de um ramo.

— Encosta-te a mim — murmurou. — Cola a tua cara às minhas costas e segue-me de perto.

— Porquê?

— Porque chegámos aos arbustos que escondem o caminho para o lado da casa. Vou desviar os ramos, mas vais ficar arranhada se passares sem qualquer coisa a proteger-te a cara.

— Está bem — concordou Alice, o coração a martelar-lhe os ouvidos. Ele soltou-lhe a mão e ela estendeu o braço, os seus dedos a encontrarem algodão. Depois moveu ambas as mãos, cartografando o território dele. Foi percorrida por um agudo frémito de excitação. Estava a tocar-lhe as costas largas, mesmo abaixo das omoplatas. As suas mãos desceram até lhe chegarem à cintura. Agarrou-a.

— Encosta-te a mim, Alice.

Fechou os olhos — não via absolutamente nada, de qualquer maneira — e encostou a face às costas dele. Por um longo segundo, ele não se moveu. Ela estava completamente cega, mas sentia-o, sólido e forte, sob as suas palmas e face. Inspirou fundo, sentiu o odor da sua camisa lavada e uma sugestão de especiarias no seu *aftershave*. Sem pensar, fez deslizar as mãos para a frente do seu corpo e comprimiu todo o rosto contra ele, nariz contra coluna vertebral. Respirava-o... absorvia-o. A excitação sexual cresceu no seu interior, quente e vertiginosa.

Ele ficara muito quieto ao sentir o seu toque. A química entre ambos era elétrica, e sem precedentes, na experiência de Alice.

Ele sibilou o seu nome por entre as trevas. Acariciou-lhe as costas da mão. Ela apertou-o ainda mais, o baixo ventre a curvar-se em torno do seu traseiro. Ele estava de calças de ganga. Ela sentia as costuras dos bolsos a enterrarem-se na sua pele e, por baixo da ganga, os músculos densos do seu rabo. De súbito, ele estava a agarrar-lhe as mãos e soltar-se do seu forte abraço. Ficou totalmente embaraçada.

Ele não a mandara agarrá-lo com *tanta* força.

O corpo dele moveu-se, e de repente estavam de novo colados um ao outro, só que desta vez de frente. Uma mão abriu-se ao fundo das suas costas. Os dedos dele moveram-se por baixo do seu queixo. Uma pequena pressão e a sua face ergueu-se. Ele tomou conta da sua boca, o beijo firme e quente e ávido... um proibido e doce conforto na escuridão.

Uma deliciosa droga. Julgara ter imaginado a embriaguez causada pelo seu beijo, mas, na verdade, subestimara-o. Todas as suas ansiedades a respeito daquela loucura em que estava a participar voluntariamente evaporaram-se sob os lábios famintos de Dylan.

Gemeu suavemente quando a língua dele lhe penetrou os lábios, e o beijo tornou-se mais feroz. Mais escaldante. Sentiu a mão dele deslizar para o seu rabo, envolvendo-lhe a curva, puxando-a ainda mais contra si. E sentiu o ligeiro choque que percorreu o corpo dele com o contacto. Isso excitou-a, saber que tinha poder para o eletrificar sexualmente da mesma maneira que ele a conseguia incendiar... acordar...

Revelando uma parte de si cuja existência desconhecia.

Um momento depois, ele arrancou a boca da dela, o seu hálito quente e irregular a atingir-lhe as faces em chamas.

— Não sei o que é que tu tens — disse numa voz rouca. — Levas-me dos zero aos cem num segundo.

Alice abriu a boca para falar, mas os dedos dele tinham encontrado o caminho para o interior dos seus calções e estavam a acariciar-lhe a pele sensível onde a coxa e a nádega se encontravam. Depois percorreram-lhe a curva interior do rabo e ela sentiu o pau dele a crescer encostado a si. Firmou as mãos nos seus ombros e fez o seu corpo subir mais contra ele, pondo-se em bicos de pés, a boca a procurá-lo de novo.

— Oh-oh. — Ele deu-lhe uma pequena palmada na nádega que estivera a acariciar. Ela soltou um pequeno guincho de surpresa.

— Se continuas com isso, vou despir-te aqui mesmo neste bosque — balbuciou.

— Talvez seja isso que eu quero — sussurrou ela.

— Não. Outra vez não — disse ele, os lábios a roçarem nos dela enquanto falava em voz baixa mas firme. — Quero ter-te na minha cama. Esta noite vou aprender-te. Vou descobrir todos os pontos sensíveis nesse teu corpo lindo — prometeu num tom grave, enquanto lhe mordia suavemente o lábio inferior. — Quero ver a tua cara para saber quando os tiver encontrado. Quero ver a tua cara quando atingires o orgasmo.

Agarrou-lhe os pulsos com ligeireza e retirou-lhe as mãos dos ombros. O seu pequeno discurso emudecera Alice. Ele tomara a sua decisão. Seria disparatado discutir. Ele deu meia-volta, mantendo uma mão nas costas dela para a incitar a segui-lo. Alice pestanejou, a tentar controlar a louca vaga de desejo que a invadira com aquelas palavras, para poder cumprir a tarefa.

— Fica sempre junto a mim — instruiu ele.

Ela pôs as mãos nas suas costas e seguiu-o às cegas para o interior da densa vegetação, sem se atrever a respirar porque estava a confiar nele tão completamente na escuridão.

Também ela tomara a sua decisão, e era uma decisão firme... embora não compreendesse precisamente porquê.

...

Saíram do bosque para um relvado lateral que subia até ao castelo. Ele conduziu-a pelas traseiras até ao terraço, onde entraram usando as mesmas portas de vidro por onde Dylan a levara para se juntar à festa. Aquilo fora apenas na noite anterior, perguntou-se, estupefacta, enquanto via Dylan introduzir uma senha num sistema de segurança eletrónico assim que entraram. Depois ele deu-lhe a mão e conduziu-a ao longo da sofisticada sala de televisão.

Parecia impossível que, pouco mais de vinte e quatro horas antes, ela sentira o coração acelerado com o toque inesperado das pontas dos dedos dele na sua pele nua, e agora ia atrás dele a caminho da sua cama. A casa estava em silêncio e escassamente iluminada, enquanto o seguia para o grande átrio, quase tendo de correr para acompanhar o seu passo longo.

— Está mais alguém na casa? — perguntou.

— Não. Tanto a Louise e a Marie como o Carlos, o jardineiro, só trabalham de dia.

No grande átrio, o fabuloso candelabro de cristal fora modulado a uma luz muito fraca. Olhou para cima, os pedaços de vidro elegantemente talhados a desfocarem-se na sua visão.

— Dylan — disse, numa voz estrangulada.

Ele olhou para trás, viu a sua cara e estacou. Virou-se para ela, aproximou-se e roçou os nós dos dedos no seu rosto suavemente.

— O que foi? — perguntou numa voz tensa.

Ela tinha dificuldades em encontrar palavras para descrever o que estava a experimentar. Ele inclinou a cabeça.

— Queres mudar de ideias?

— Não. Não é isso.

— Então, o que é, pequenina? — murmurou. Ela estremeceu quando o ouviu chamar-lhe aquilo. Alice era alta para uma mulher, e forte, mesmo que não se sentisse muito grande ao lado de Dylan. Ele depositou-lhe um beijo no alto da cabeça.

— É só que... — Engoliu em seco, porque tinha acabado de inalar o seu perfume, e aquela proximidade estava a fazer com que os seus pensamentos informes se tornassem ainda menos substanciais. — É tudo tão estranho — sussurrou, e ergueu uma mão para lhe tocar abaixo da manga da *T-shirt*. A pele que encontrou era macia e densa, o bíceps duro como uma pedra.

— Achas estranho? Que eu te deseje?

— Sim — admitiu. Mas era mais do que isso, e pensou que Dylan também o suspeitava. A sua atração por ele era tão inaudita e... elétrica.

Ele olhou-a nos olhos.

— Gostava de te poder ajudar a compreender melhor as coisas. Para mim também não é um procedimento normal. Nunca dormi com uma funcionária da Durand. Posso ter problemas por estar a fazer isto. Posso ser censurado. Posso ser despedido.

— Tu és o chefe — sussurrou ela.

Estudou-lhe o rosto. Parecia muito sombrio. Porque é que ele *estava* a fazer aquilo? Porque é que estava a correr um risco daqueles por *ela*?

E, no entanto, tinha a estranha sensação de que ele compreendia o seu desorientado espanto, até o partilhava, em certa medida. Recordava vivamente o olhar sobressaltado na sua expressão normalmente controlada quando aquela poderosa faísca de desejo se fizera sentir na entrevista. Também ele fora dominado por qualquer coisa que não esperava e não compreendia muito bem. Havia algo maior do que ela a acontecer, algo maior do que ele.

E parecia-lhe tão belo, naquele momento, o rosto duro emoldurado pela sombra e a luz dourada do candelabro, os olhos escuros a cintilar enquanto ele a olhava com uma estranha mistura de atenção e incontido desejo.

Pousou as mãos no seu peito e pressionou, e a sua solidez, a sua pura força masculina, devolveu-a à terra.

— Tu podes ajudar-me — disse, a voz mais firme. — Leva-me para a cama, como disseste. Faz-me esquecer tudo o resto.

O rosto dele endureceu. Passou os nós dos dedos ao longo da linha do seu maxilar.

— Não quero que me esqueças, Alice.

Os olhos dela cresceram de surpresa com a ferocidade que ouvira.

— Como se eu alguma vez me pudesse esquecer de *ti*. — Pensou que podia aligeirar a sua disposição sombria com um sorriso e as mãos a acariciarem-lhe o peito, mas não resultou.

— Quero perguntar-te uma coisa importante, antes de avançarmos.

— Está bem.

— Tiveste uma vida dura, na infância.

— Não era fácil — concordou, ambigualmente.

As narinas dele dilataram-se ligeiramente, e Alice viu o brilho duro nos seus olhos.

— Vivias... em segurança? Em Little Paradise?

— Segurança?

Ele anuiu, a expressão sombria.

— Não, claro que não — disse ela com uma gargalhada incrédula. Onde é que ele queria chegar? Reparou no aprofundar da sua intensidade e suspirou. — A minha mãe cozinhava e vendia metanfetaminas. Sabes o que é que isso implica? A nossa caravana fedia a químicos. Estávamos constantemente em risco de fogo ou uma explosão. Eu dormia com as janelas abertas no meu quarto, mesmo com temperaturas negativas, para aquele ar tóxico poder sair. Graças a Deus pelos cobertores elétricos. Sempre que a Sissy estava presa, e uma vez esteve na cadeia durante dois anos seguintes, o meu tio Al ficava a tomar conta de mim e do «negócio» da minha mãe. Mas isso não era mau. O Al era melhor do que a Sissy. Era mais eficiente a manter os irmãos e os degenerados dos seus amigos e clientes longe de mim. Mas a Sissy não estava na prisão durante a maior parte do tempo. Infelizmente.



— E o teu pai?

— Morreu. — Nessa mentira, era particularmente perita.

— Quantos irmãos tinha a tua mãe? — perguntou Dylan.

— Sete. A minha mãe era a única mulher. Mas só conheci cinco deles. O Chuck está na prisão desde que me consigo lembrar. O Rourke morreu de *overdose* quando tinha vinte e quatro anos. Porque é que me estás a fazer perguntas sobre isto agora?

— Fizeram-te mal? De alguma forma?

— *O quê?*

Ele fechou brevemente os olhos e desviou a cara, embora continuasse a acariciar-lhe os ombros e os braços. Ela teve a estranha impressão de que estava a tentar consolá-la. Ajudava. Um bocadinho, pelo menos, embora isso não diminuísse o seu espanto.

— Desculpa — disse ele, numa voz hirta, passado um momento. — Só estou a perguntar porque sei como pode ser a vida para uma criança num bairro problemático. Uma família problemática. — Olhou-a nos olhos. — És sempre franca comigo, por isso vou fazer o mesmo contigo. Quero atar-te algumas vezes durante o sexo, Alice. Atar-te enquanto faço amor contigo. Dar-te prazer. Desafiar-te um pouco. Não estou a falar de nada muito sério, se não quiseres. E vai sempre depender da tua vontade. Estou só a tentar ser aberto a este respeito porque não quero prender-te os pulsos, ou coisa do género, quando estivermos no calor do momento, e que isso seja... mau para ti.

Alice ficou de boca aberta quando percebeu. Aquilo era novo para ela. Não estava necessariamente intimidada pelo que ele dissera. Não era uma libertina sexual, mas não tinha nada contra as pessoas fazerem o que as fazia sentir bem, desde que ninguém se magoasse e fosse consensual. Em teoria, parecia-lhe tudo bem, mas era ignorante da prática. Sentiu-se de súbito como uma desajeitada, uma estranha numa terra estranha.

*O que, admite, é o que sentes quase sempre, quando estás com o Dylan.*

Pensou na forma dominante, confiante, como ele lhe tocara nos estúbulos. Fizera-a virar-se não de uma forma bruta, mas conhecedora. Ela

*adorara*. Levou alguns segundos para registrar aonde ele quisera, realmente, chegar. Os pulmões, finalmente, libertaram-se. Expirou pesadamente.

— Tens medo que tenha sido abusada? — perguntou, a voz a tremer.

Viu o músculo do maxilar dele estremecer de tensão.

— Foste?

Abanou a cabeça.

— Sexualmente, não. É isso que estás a perguntar?

As mãos dele apertaram-se com mais força nos seus braços.

— Estou a falar de qualquer forma de abuso — retificou.

Ela soltou um ronco trocista.

— Não. Mas acho que um profissional da saúde mental teria uma definição de abuso diferente da minha. Durante a maior parte do tempo, era, principalmente, ignorada. Estava muito bem assim. Toda a gente limitava-se a ver-me como a filha esquisita da Sissy. Tinha o meu próprio quarto, que guardava como uma fortaleza. Quando estava na escola, armadilhava-o para impedir a entrada de intrusos. Era o melhor quarto da caravana e pertencera à Sissy. Mudei-me para lá uma vez, quando ela estava na cadeia, e instalei os ferrolhos. Tinha doze anos quando ela voltou. Fez uma fita tremenda quando me recusei a sair daquele quarto, mas acabou por desistir. O tio Al achou graça àquilo tudo, embora detestasse ouvi-la berrar. Eu tinha arrumado muito bem as suas coisas no meu antigo quarto, e por isso foi mais fácil para ela instalar-se ali e esquecer. Passado algum tempo, acho que se esqueceu mesmo que o quarto grande era o dela. As metanfetaminas dão cabo do cérebro — recordou Alice, rindo-se amargamente até reparar na expressão sóbria de Dylan. Suspirou. — A resposta é não. Não me considero vítima de abuso. *A sério* — enfatizou quando não viu qualquer alívio no olhar penetrante dele. — A Sissy era pior do que os meus tios, em especial quando estava pedrada ou doente, o que era a maior parte do tempo. Eu evitava-os a todos, embora o tio Al não fosse mau, a maior parte do tempo. Mas os Reeds eram muito melhores a usar as mãos do que as palavras, quando queriam alguma coisa. Os Reeds são fluentes em linguagem gestual. — Mimou um movimento de uma palmada na brincadeira.

Dylan continuava a massajar-lhe os ombros, com uma expressão indecifrável. Por um longo momento, ele não falou.

— Lamento — disse por fim.

— Deixa lá — replicou rigidamente. — Quase nunca me acertavam. Devo os meus reflexos rápidos e a capacidade de olhar por mim à Sissy e aos irmãos Reed. Conseguia esquivar-me a um murro ou uma palmada mais depressa do que uma mosca, quando tinha sete anos, e, quanto a tomar conta de mim... melhor eu do que eles. Saí-me bem.

— Não. Saíste-te fantasticamente — disse ele num tom suave. O seu olhar percorreu-lhe a face. Depois teve ter reparado na sua expressão defensiva. Abanou a cabeça. — Jesus, és tão sensível. Não estou com pena de ti. Consigo identificar-me com o que contaste. Só pensei que era melhor ter a certeza.

— E tu? — perguntou ela.

— Eu o quê?

— Foste abusado? É por isso que gostas de atar mulheres? Alguém te atou, ou coisa do género?

O rosto dele tornou-se inexpressivo. Passado um momento, inspirou bruscamente.

— Acho que mereci isto — balbuciou em surdina. — Não. Só te contei algumas das minhas preferências sexuais. Não têm nada a ver com qualquer coisa no meu passado. Nunca fui sexualmente abusado. Mas quem sabe de onde vêm estas coisas? Só não queria que as minhas preferências te...

— Magoassem? Tudo bem — disse ela. Começava a suspeitar que podia ter uma ideia de onde se originava tudo aquilo. — Não me vou encolher, nem enrolar em posição fetal numa crise histerica, *apesar* da maneira como me viste nos estábulos, esta manhã. Aquele tipo no bosque deixou-me mesmo assustada. Mas *não* costumo ser assim — assegurou-lhe com um olhar duro.

Viu-o revirar os olhos e sentiu-se invadida pela culpa. Sabia que o exasperava, por vezes, com a sua atitude defensiva. Mas parecia que não conseguia controlar a sua reação. Aquela armadura estava praticamente incrustada no seu cérebro.

— Não acho que sejas histérica. Estou só a tentar deixar claras algumas questões básicas, mais nada.

— Não sei se vou gostar ou não do que estás a falar. Eu nunca... — A sua voz desvaneceu-se, e fez uma careta enquanto tentava imaginar a cena: ser amarrada ou presa enquanto Dylan fazia amor com ela. Não tinha a certeza se lhe agradava a ideia. Ou *parte* dela não sabia. A parte de Dylan a tocar-lhe e a dar-lhe prazer era ótima. Mas não ter nenhum controlo...

*Mas tu adoraste a maneira como ele te dominou nos estábulos.*

— Só quero fazer com que te sintas bem, Alice. Se não estiveres a gostar, se não te parecer certo, só tens de o dizer. — Ela sentiu-se invadir por uma vaga de calor. Ouvir Dylan a murmurar aquelas palavras, com aquela voz rouca, aquele brilho quente nos olhos? Bem... *essa* ideia agradava-lhe mesmo muito.

Fez um aceno de concordância.

— Só mais uma coisa — disse ele em voz baixa. — Vou usar preservativo contigo, se o desejares. Mas estou saudável. Não estou com ninguém há dois... não, foi desde dezoito de abril, na verdade. Há mais de três meses — concluiu, as sobancelhas a franzirem-se enquanto reconsiderava. — E acabei de fazer o meu exame físico anual.

Ele sabia a data *exata*? Isso não era um bom prenúncio, pensou Alice. Quem quer que fosse a pessoa com quem estivera relacionado, devia ter sido importante, para se abster todo aquele tempo de sexo. De certeza que o celibato não era um estado natural para um homem como Dylan. Engoliu em seco, a tentar controlar o pingue-pongue dos seus pensamentos.

— Desde que estava a fazer a licenciatura que não tenho um relacionamento... se é que se lhe pode chamar assim — balbuciou, as faces a ruborizarem-se. Aquilo parecia uma tristeza. Os números tinham sido os amantes de Alice durante os últimos anos. Os belos, seguros e previsíveis números. Dylan era o oposto do previsível, mas pelo menos estava a tentar ser honesto desde o princípio. — Fiz um exame físico completo, quando fiz o despiste de drogas para este emprego no Campo Durand. Estou saudável. E tomo pílula.

Ele anuiu.

— Pronto. Isto está resolvido. Não foi assim tão mau, pois não?

Alice retribuiu o seu pequeno sorriso. Ele tinha razão em abordar o assunto. Não ficara tão entusiasmada com o que ele dissera sobre a amarrar algumas vezes, mas também não tinha medo. E estava curiosa.

Talvez estivesse demasiado perdida, e a sua atração por ele já se tivesse tornado em si uma inquebrável e magnética amarra.

Ele acariciou-lhe a pele da nuca com as pontas dos dedos e envolveu-lhe o pescoço. Reagindo por instinto, ergueu o rosto, e a boca dele estava na sua, os lábios a moverem-se com avidez, determinação... e, mais uma vez, sentiu aquela excitante ponta de perigo no seu desejo.

Dylan envolveu-a com os braços e os seus pés ergueram-se do chão.

— Porque é que estás a sorrir? — perguntou-lhe um momento depois, enquanto subia as escadas com Alice ao colo.

— É só que... — Ela olhou em volta para a elegante escadaria e depois outra vez para a cara dele. — Não acredito que isto está a acontecer.

— Está a acontecer, sim.

— Sinto-me um pouco como a Scarlett O'Hara. Sempre me perguntei o que é que o Rhett lhe fazia do outro lado da porta fechada — disse distraidamente.

Ele tinha um ar sóbrio enquanto mantinha o olhar treinado no alto das escadas. Determinado.

— Agora vais ser tu a ficar do outro lado da porta fechada. Vais poder parar de te perguntar — disse, e o coração de Alice deteve-se antes de retomar a sua corrida.

Um momento mais tarde, tentou olhar em volta quando ele empurrou uma porta de madeira com o pé e a fez passar pela abertura. Era um quarto grande e elegantemente decorado. A cama estava mesmo à sua frente, enquanto à esquerda havia uma sumptuosa zona de estar, disposta em volta de uma lareira de mogno esculpido. Alice reparou em dois candelabros de cristal enquanto Dylan dava meia-volta e voltava a fechar a porta com o pé. Os candelabros eram fabulosos, um aos pés da cama de dossel, sobre um longo banco de damasco dourado, outro sobre a luxuosa zona de estar, na frente da lareira. O cristal sumptuoso contrastava diretamente com a

decoreção em bege, azul-escuro e dourado, os ousados padrões masculinos dos tecidos e os apontamentos de camurça no resto da suite. Por cima da cama havia uma bonita pintura de um cavalo preto.

— Tranca a porta, Alice.

A voz baixa e rouca despertou-a da sua arrebatada admiração daquele reino privado. Ela girou a maçaneta de bronze na porta.

Trancando-os lá dentro. Selando o seu destino.

Ele continuou a olhá-la fixamente enquanto a levava para a cama. Depositou-a sobre um monte de almofadas de seda e de camurça.

— Este quarto é fabuloso — crocitou enquanto uma das mãos dele lhe deslizava pela perna nua. Sem cerimónias, ele arrancou-lhe os ténis de lona e atirou-os para o chão. Os seus olhos aumentaram de tamanho quando, com a mesma desconfiança, ele introduziu os dedos por baixo do elástico dos seus calções e lhe desapertou o botão de cima.

— Obrigado. Foi redecorado há pouco tempo. Mudei-me para aqui há poucas semanas — disse, enquanto lhe puxava o fecho e se sentava na borda da cama.

— Mas... pensei que já vivias no castelo há algum tempo — conseguiu dizer numa voz incaracteristicamente aguda, enquanto ele lhe puxava os calções pelas ancas abaixo. Retirou-lhos e a peça de roupa seguiu o mesmo caminho que os sapatos.

— Vivo nesta casa há seis anos — disse ele, a sua atenção nas pernas nuas de Alice. Acariciou-lhe um gémeo com a palma da mão, os dedos a roçarem o interior do joelho. Alice arrepiou-se. Ele olhou-lhe o rosto. — Só troquei de suite — disse, continuando a observá-la de perto enquanto passava as pontas dos dedos por aquele ponto sensível na sua pele. As mãos dele eram mesmo incríveis. Grandes. Quentes. Hábeis. Sentia-se a ficar húmida com aquele toque, em combinação com o seu olhar concentrado. Ele tinha a expressão de um homem que está na expectativa de um banquete, e Alice era o banquete.

— Porque é que trocaste de suite? — sussurrou ela, dormente. A vida diária de um solteiro belo e rico parecia-lhe inexplicável.

Ele encolheu os ombros e fez a mão subir-lhe pela perna acima. Era como uma experiência: primeiro abria a palma da mão no seu músculo, depois as pontas dos dedos deslizavam-lhe na pele entre as coxas levemente afastadas. Ela sentiu o clítoris agitar-se com a excitação daquela proximidade, a carne a arrepiar-se com o seu toque.

— Apeteceu-me mudar — disse ociosamente, a olhar a própria mão que a acariciava. Alice também não conseguia desviar o olhar. Era impossível não olhar. — Gosto mais da vista deste quarto.

Ela pigarreou. Também estava a gostar bastante da vista, naquele momento. Ele continuou a acariciar-lhe a parte interior da coxa, como se gostasse da sensação. A cor da sua pele era agora de um dourado tom de pêssago. Apesar de ele não parecer ficar tanto tempo ao sol como ela ficara nas últimas semanas, a sua mão era mais escura do que a coxa dela.

— E por isso mandaste redecorar uma suite nova? Tudo o que aqui está é novo, não é? — perguntou, a olhar em volta.

— Em grande parte, sim — disse ele, a olhá-la nos olhos. Moveu a mão e cobriu-lhe impudicamente o sexo através das cuecas de algodão. Ela arfou suavemente de surpresa. Ele começou a mover a mão num subtil movimento circular. — Deves estar a pensar que isso significa que sou mimado? — perguntou calmamente.

— Eu... *Não* — disse numa voz sufocada. Não estava a *pensar* em grande coisa.

O olhos dele, as pálpebras pesadas, focaram-se na boca dela, a mão a continuar a estimular-lhe o sexo de uma forma hábil, possessiva, que a estava a deixar incapaz de respirar como deve ser. Ele aumentou a pressão.

— Mmm — murmurou, soando satisfeito. — Estás a ficar quente. E molhada.

A excitação aumentou dentro dela. Como que para provar o que dissera, a mão que a massajava subiu para a sua barriga, enquanto os seus olhares nunca se desviavam. Ela sentiu a subtil humidade na pele. Os músculos do abdómen contraíram-se. A mão dele deixava-lhe os nervos à flor da pele, criando uma rede de pontos de prazer. Sentiu os mamilos ficarem eretos. O

olhar dele desviou-se para o seu peito, como se soubesse precisamente a reação que o seu toque estava a provocar.

— Vou acabar de te despir — disse, e a voz dele era uma rouca, luxuriante, sedução.

Alice anuiu, a língua subitamente muito pesada, como se uma estranha combinação de langor e excitação sexual lhe adensasse e aquecesse os músculos.

A mão dele enfiou-se na sua camisola de algodão por cima do umbigo, os dedos deslizaram-lhe pelas costelas e prenderam-se em volta do fecho na frente do seu sutiã. Ela sentiu o elástico ceder e depois ele agarrou a camisola por baixo das suas axilas e puxou-a. Alice levantou instintivamente os braços e ele arrancou-lhe a camisola. Quando os baixou, olhou para si própria, atónita. Sabendo o que ia acontecer nessa noite com Dylan, vestira um sutiã normal, não os de desporto que costumava favorecer. As copas do sutiã tinham descaído dos seus seios, expondo-lhe os mamilos.

— Lindo — gracejou ela com a garganta apertada, referindo-se à forma como ele a despira com um par de movimentos rápidos e simples.

Ele fez-lhe um sorriso rápido, mas o seu olhar era firme, enquanto lhe puxava o sutiã e ela erguia um braço de cada vez, libertando-se das alças. Deitou-a de costas no colchão. Envolveu-lhe suavemente os seios com as mãos, e o seu pequeno sorriso desvaneceu-se.

— Pensei em ti o dia inteiro. Não era imaginação minha. És mesmo maravilhosa. Não é muito comum, uma mulher tão magra como tu ter seios assim... ter mamilos tão sensíveis — murmurou. Ela não tinha muita certeza de gostar da ideia de ele ser um tão grande perito em seios, mas o seu corpo parecia importar-se menos com isso. Sentiu os mamilos contraírem-se ainda mais, como que para provar o que ele dissera. Dylan fez um pequeno sorriso e as suas mãos desceram, os polegares ainda na parte interior dos seios, os outros dedos a cobrir a sua caixa torácica. Fez uma pausa, agarrando-a firmemente. Soube-lhe tão bem, quando inspirou, sentir a segurança que aquelas mãos lhe davam.

O sorriso dele tornou-se mais terno, e ele olhou-a nos olhos aturdidos.



— Estou a sentir o bater do teu coração.

— Dylan — murmurou ela. Procurava-o. Ele virou o rosto e beijou-lhe o interior de um dos antebraços, quando ela lhe agarrou a cabeça. Um calor líquido cresceu no seu sexo com aquele gesto simples e profundamente erótico. Ele agarrou-lhe nos braços e colocou-lhe gentilmente os pulsos por cima da cabeça, no monte de almofadas.

— Mantém-nos aí — disse. O tom era suave, mas havia um brilho nos seus olhos que lhe dizia que ele estava a falar a sério. Franziu o sobrolho, mas anuiu. As mãos dele deslizaram para as suas cuecas, puxando-lhas pelas pernas abaixo para lhas retirar. Agarrou-lhe o interior da coxa mais próxima e abriu-a mais um pouco.

— Esta é uma das tuas «preferências sexuais»? Continuar vestido enquanto a mulher fica completamente nua? — perguntou ela, ainda de testa um pouco franzida apesar do efeito elétrico do olhar de Dylan fixo entre as suas coxas.

— Não particularmente, não — respondeu ele num tom distraído. — Mas, neste momento, quero brincar contigo. Disse-te que te queria ver quando te viesses.

## OITO

**E**la sentiu as faces ruborizarem-se. *Brincar* com ela? O seu cérebro não gostava da forma como aquilo soava, mas o corpo reagiu como se possuísse uma mente diferente daquela que habitava na sua cabeça. Teve uma súbita vontade de colocar as mãos entre as coxas para estancar o que ali sentia crescer.

Olhou para o lado quando sentiu um tecido de camurça a roçar-lhe as ancas. Ele acabara de puxar uma almofada de debaixo do monte à cabeceira da cama. Franziu o sobrolho de confusão quando viu que não era uma típica almofada decorativa. Tinha quase sessenta centímetros de largura e uma forma de cunha, uma ponta com cerca de vinte e cinco centímetros de espessura, a outra apenas com uns cinco.

— Levanta um pouco o rabo e as costas — ordenou ele. Hesitante, seguiu a sua instrução. Ele fez deslizar a ponta mais fina da almofada por baixo dela, puxando-a até ficar alojada a meio das suas costas. Por causa da forma em cunha da suave almofada, as suas ancas tinham rolado para trás e estavam suspensas acima do resto do seu corpo. Dylan empurrou-lhe suavemente os joelhos na direção do peito.

Ficou com o rabo na berma da parte alta da cunha. As nádegas e a parte de trás das coxas completamente expostas, as pernas suspensas no ar.

— Agora estende os braços para trás, por cima da cabeça, Alice — disse ele, a voz a soar agora um pouco mais brusca. Tensa. Estaria a gostar de a ver assim, pensou ela vagamente, enquanto endireitava os braços. A possibilidade parecia-lhe estranha, e no entanto excitava-a, também. Era uma posição estranha porque nunca a tinha experimentado... a não ser que contasse o exercício de alongamento em que içava as pernas e os pés por cima da cabeça. Mas aquilo não era exatamente igual. Com a cunha a erguer-lhe as ancas e rabo, as suas pernas dobravam-se contra o peito. As plantas dos pés pareciam-lhe estranhamente nuas e vulneráveis, suspensas no ar como estavam. Graças à suave mas firme almofada em cunha que lhe erguia as ancas, podia ser uma posição invulgar, mas *era* confortável.

Se se podia chamar *confortável* àquela crescente sensação de vulnerabilidade e excitação.

— Pronto. Estás bem? — perguntou ele, passando uma mão ao longo da parte de trás de uma perna. Quando lhe acariciou o interior do joelho, ela arrepiou-se.

— Sim — admitiu numa voz embargada. Ele estava a estudar-lhe o rosto, a mão encaixada por baixo do seu joelho dobrado, a esfregar aquela zona de pele sensível. Fez uma careta e empurrou de repente para o lado algumas das almofadas onde ela pousara a cabeça e os ombros. As costas dela endireitaram-se e a sua cabeça caiu contra o colchão.

— Pronto. Assim é melhor? — perguntou. Alice anuiu, demasiado atordoada para falar. — Ótimo. Agora agarra-te à cabeceira da cama — instruiu. — Endireita bem o tronco. As tuas terminações nervosas vão ficar mais sensíveis, dessa maneira.

*Oh, céus.* Aquilo devia ser verdade, porque, quando ela se endireitou e firmou os braços por cima da cabeça, ele acariciou-lhe as partes de trás dos braços e o lado das costelas e os seios. Ela não conseguiu controlar os estremecimentos de prazer que a percorriam.

— Porque é que me estás a mandar fazer isto? — perguntou ela, sem fôlego, porque ele estava a acordar-lhe o corpo com as mãos, a tocar-lhe como se quisesse acender lentamente um incêndio na sua carne. Ele acariciou-lhe ligeiramente um seio, as pontas dos dedos a passar sobre um mamilo como uma pena, enquanto a outra mão lhe esfregava a pele sensível do lado do corpo. Ela sentiu uma louca e selvagem vontade de lhe suplicar que lhe agarrasse os seios com as mãos exigentes, como fizera no estábulo, que a tratasse não com brutalidade mas firmeza. Firmeza total. Depois ele abriu a mão grande ao longo da parte interior de uma coxa e separou-lhe as pernas. Agarrou-lhe uma nádega.

— Porque gosto de te ter à minha mercê — replicou.

Olhou-o bruscamente, a boca a abrir-se para lhe perguntar que espécie de resposta era aquela. Depois as pontas dos dedos dele tocaram-lhe a parte exterior do sexo, e ele estava a penetrar-lhe habilmente a rata com o dedo.

Foi um grito que se escapou dos seus lábios, ao invés de um protesto.

— Que bom, tão quente e molhada. Céus, és tão macia — balbuciou ele sombriamente, enquanto olhava o dedo com que a penetrava. Ela estremeceu, respondendo à pressão com as ancas para aumentar a fricção. Ele ainda estava sentado na beirada da cama, um joelho dobrado e pousado sobre o colchão, o tronco ligeiramente virado. Alice percebeu vagamente que estava exposta à sua frente como uma espécie de *buffet* sexual, rata e rabo no ar, as pernas abertas e suspensas...

Nua, molhada e com vontade.

Mordeu o lábio para reprimir um gemido com o pensamento volátil mas estranhamente excitante.

— Estás incrivelmente bonita, Alice. — Ela teve a estranha impressão de que ele não estava apenas a falar da sua beleza física, à medida que o seu olhar escaldante a percorria. Estava a falar da sua posição... da sua nudez... da sua disponibilidade. A rata contraiu-se ainda mais de desejo, com aquele pensamento.

— Oh, isso mesmo — disse ele, a voz rouca, movendo o dedo com mais rapidez, para dentro e para fora. Sentira-a comprimir-se de desejo. — Sabes tão bem.

Aproximou-se mais dela na cama, o joelho chocando contra a almofada de cunha. Com uma mão ainda a mover-se entre as suas pernas, abriu a outra por cima da sua barriga. Ela usava um fato de banho, não biquíni, quando ia nadar no campo. Tinha a barriga e os seios mais pálidos do que o resto do corpo. Alice baixou o olhar, ao sentir a sua mão quente, e ficou hipnotizada ao vê-la ali aberta contra aquela vulnerável extensão de pele clara. Ele acariciava-a, e ela tremia debaixo da sua mão.

— És tão doce — elogiou-a, a voz espessa, enquanto o dedo pressionava com mais força o seu canal. A outra mão desceu para lhe abrir os lábios vaginais. Soltou um gemido, grave e rouco. A cabeça de Alice caíra para trás no colchão, perdida pela visão daquela máscula avidez a olhar o seu sexo exposto.

— Porque é que pintas os cabelos? — perguntou ele severamente.

Ela estava tonta de excitação. Não conseguiu processar a pergunta.

— Eu não os *pinto* — protestou, a pensar que ele se referia aos pelos púbicos. Toda a sua consciência estava focada no que Dylan lhe estava a fazer na rata, e não conseguia pensar para além desse território.

— Refiro-me aos da cabeça, Alice — ouviu-o dizer com contido divertimento. Percebeu de forma algo distante que ele percebera que a cor escura no seu cabelo não era natural, por causa dos pelos castanhos-claros com tonalidades avermelhadas entre as suas pernas.

— Esquece. Eu sei. É porque não queres dar nas vistas, não é? — perguntou ele. Com a ponta do polegar, esfregou-lhe a abertura da rata, estimulando-lhe o clítoris, e ela perdeu por completo a capacidade de se concentrar na conversa.

Gemeu descontroladamente. Estava também molhada entre os lábios vaginais. A arder. Ele aplicava uma firme pressão contra o seu clítoris lubrificado, premindo, deslizando, agitando, até ela sentir um grito a erguer-se da sua garganta. Ao mesmo tempo, os nós dos dedos dele batiam suavemente contra a parte exterior do seu sexo enquanto ele a fodia com mais força com o indicador. Alice só podia ficar ali deitada, a odiar a sua impotência e a adorá-la ao mesmo tempo, em chamas... prestes a atingir o ponto de explosão a qualquer momento.

— Vais-te vir para mim? — ouviu-o dizer. Abriu as pálpebras pesadas apenas para o ver a olhá-la no rosto. Tinha os lábios cheios e sensíveis. As faces deviam estar vermelhas.

— Vou — conseguiu dizer, a tremer.

Um pequeno rugido escapou-se da boca dele. Moveu o dedo mais depressa, o outro indicador a agitar-lhe vigorosamente o clítoris na sumarenta abertura dos seus lábios vaginais. Ela fervilhava. As plantas dos seus pés suspensos no ar ardiam. Os dedos dos pés enrolaram-se.

— Dylan.

Com o nome dele ainda a queimar-lhe na língua e nos lábios, inclinou o queixo para trás e incendiou-se. Ele enfiou outro dedo. Ela agitou-se de prazer. Ele gemeu, baixo e rouco, e fodeu-a com força com o dedo enquanto ela se vinha. Alice ouviu um grito agudo e percebeu que era o seu próprio

prazer que estava a ouvir como uma sirene a vibrar na sua cabeça. Ao percebê-lo, parou, mortificada.

— Não te contenhas — repreendeu-a ele. Massajou-lhe o clítoris mais depressa e penetrou-a mais fortemente com dois dedos. O grito libertou-se da sua garganta.

— Isso mesmo — julgou ouvi-lo rosnar no momento em que um novo tremor a dominou.

Veio a si quando ele lhe mordiscou o lábio inferior. Abriu os olhos, ainda ofegante, para ver a boca de Dylan a pairar sobre a sua. Ele tinha um olhar intenso.

— Não te contenhas comigo, Alice. Eu quero tudo a que tenho direito. Sempre — disse, antes de lhe conquistar a boca com a sua.

O beijo era quase zangado... devorador. Ela gemeu para a sua boca, ambos esmagados pela força do desejo e famintos dele, ao mesmo tempo. Ele explorou-lhe a boca, tornando clara a sua intenção de se implantar profundamente nela. Quando interrompeu o beijo bruscamente, um momento depois, ela inclinou-se para cima, queria mais. Mas ele estava a ajoelhar-se. Alice pestanejou com a visão. Nem sequer percebera que ele se montara em cima dela, enquanto recuperava do seu clímax avassalador. As madeixas longas do seu cabelo estavam sensualmente despenteadas, os olhos semicerrados. As coxas cobertas pelas calças de ganga pareciam longas e fortes. O seu olhar deteve-se na zona das virilhas. As coisas pareciam bem preenchidas, por ali.

— Não olhes para mim assim, Alice.

Ela pestanejou e olhou-o nos olhos.

— Queria brincar mais, mas estás a tornar isso difícil. — Ele passou uma mão contra a ereção e fez uma careta. — Jesus — murmurou, o olhar fixo entre as coxas dela. Abrira-as ainda mais quando se colocara por cima dela, abrindo espaço para o seu corpo. Pôs-lhe as mãos nas ancas. — Vamos só virar-te — disse, a voz uma rude carícia. Alice virou-se, a respiração ainda irregular, a carne ainda dormiente e a vibrar do orgasmo. A sua barriga desceu sobre a suave camurça no declive da almofada, o rabo na ponta. — Agora estica outra vez os braços — disse atrás dela, e Alice sentiu-lhe a

mão a deslizar pela zona entre o ombro e o cotovelo, fazendo-a endireitar-se. Ela encostou a face quente à colcha macia e arfou, a ansiosa expectativa e a excitação a crescerem outra vez. — Isso mesmo. Quero que os teus braços fiquem assim — disse ele em voz baixa. A pesada densidade por detrás da sua braguilha roçou-lhe fugidamente contra o rabo nu espetado, dispersando-lhe as ideias. Depois ele estava a passar uma mão desde o seu braço até à extensão das suas costas. Estremeceu de prazer quando ele lhe acariciou e depois agarrou uma nádega.

— Lindo — murmurou, a voz densa. — Tens um rabo fabuloso.

Ela fez um trémulo som de excitação quando ele lhe agarrou as duas nádegas e as massajou lascivamente.

— Quero ver-te. — Ela deu voz ao seu mais fervoroso desejo naquele momento. Ele não a deixara vê-lo nem tocar-lhe nos estábulos. Não estava a permiti-lo outra vez. O seu desejo começava a torturá-la.

Ele abriu-lhe as nádegas. Alice soltou um queixume com a súbita exposição, os músculos a comprimirem-se. Não o conseguia ver, mas sentia o seu olhar como um ferro em brasa.

Ele gemeu asperamente e saiu da cama.

Alice ergueu a face, louca para saber o que ele estava a fazer. Viu-o ao lado da cama a desapertar as calças e depois a livrar-se da *T-shirt* com um movimento fluido e sinuoso. Ficou muito quieta, de olhos fixos na magra e ondulada extensão do seu abdómen firme e o peito largo. Ele era belo. Poderoso. Tão masculino que doía olhar para ele. Havia alguma quantidade de pelos escuros no seu peito, mas não *demasiados*. Conseguia ver perfeitamente os contornos dos músculos e os pequenos mamilos eretos. As costelas e abdómen formavam uma tapeçaria de osso e músculo sob a pele macia. Franziu as sobrancelhas quando viu duas pequenas cicatrizes brancas no lado direito, por baixo das costelas, uma ligeiramente maior do que a outra. Cicatrizes de uma cirurgia, talvez? A sua irregularidade argumentava contra essa hipótese. Uma ponta de preocupação fraturou ligeiramente a sua excitação. Mas não fez perguntas. Não gostava quando as pessoas reparavam nas suas cicatrizes invisíveis, por isso conteve instintivamente a língua perante as visíveis no corpo dele.

Aquelas pequenas imperfeições só pareciam salientar a atração causada por tudo o resto, uma minúscula vulnerabilidade num mar de força masculina. Uma fina linha de sedosos pelos escuros descia desde o seu umbigo, dividindo a barriga firme e desaparecendo no V da braguilha parcialmente desabotoada.

Céus, as coisas que ela lhe queria fazer.

Depois ele ajoelhou-se e ela foi privada da fugidia e apetitosa visão, enquanto ele puxava os cordões das botas de caminhada. Mas toda uma nova e fascinante paisagem dos seus ombros e costas musculados foi-lhe então revelada. Sentiu aquela atração que sempre experimentava junto dele, aquele íman interno que a forçava a aproximar-se.

— Dylan — balbuciou, começando a erguer-se e a virar-se na sua direção.

Ele ergueu o olhar, os olhos pareceram incendiar-se no seu rosto nas sombras.

— Fica onde estás, Alice — disse firmemente. — Não te mexas.

Ela parou, mordeu o lábio.

Ele levantou-se, ela não conseguia desviar o olhar. Sentia-se estranhamente impotente, ali deitada, nua, com o rabo espetado no ar e as coxas afastadas, mas também intensamente excitada. Alguma coisa na espera — a expectativa do que estava para vir — aumentava o seu desejo.

Ele descalçou as botas e livrou-se das meias rapidamente. O rosto parecia duro e tenso enquanto ele desapertava os botões remanescentes na braguilha e enfiava os polegares no cóis das calças e boxers brancas ao mesmo tempo, e a pesada ereção ficou em liberdade. Alice conteve a respiração com a breve visão eletrificante, mas depois ele dobrou-se para passar o resto das roupas pelas pernas.

Por fim, ele ergueu-se na sua frente, nu.

Anteriormente, Alice teria considerado pouco delicado ficar a olhar para um homem de boca aberta, mas todas as regras pareciam desaparecer com Dylan. Além disso, ela adorava a forma como ele a comia com os olhos cheios de incontida avidez masculina. Porque não haveria de retribuir?



Fosse como fosse... não havia, de facto, nenhuma outra maneira de reagir à visão de Dylan nu e ereto.

— Era isto que querias ver? — perguntou-lhe ele em voz baixa.

Ela ficou sem respirar e com um novo rubor a acorrer-lhe às faces e ao sexo, quando ele agarrou o pau com uma mão e o acariciou lentamente. Estava túmido de excitação, a haste suspensa entre as coxas fortes. A glande era macia e de aspeto suculento, dilatando-se desde a ponta até ao sulco definido sobre a coroa. A haste era densa e rígida, os testículos redondos e rapados.

— Sim — sussurrou, apanhada num feitiço de pura luxúria. Percebera que ele era magnífico e grande, pela sua experiência nos estábulos, mas a visão deixava-a sem fôlego. Ficou com água na boca. Teve de passar a língua pelo lábio inferior para conter a humidade excessiva.

— Alice — fez ele, tenso.

Ela pestanejou, o olhar a dardejar para o rosto dele. Encolheu-se um pouco interiormente, de tão intimidante que lhe parecia naquele momento. Viu-o dar um passo e abrir de chofre uma gaveta da mesa de cabeceira. Ele retirou o que reconheceu como um preservativo e depois subiu para a cama atrás dela, um metro e noventa de macho duro e perfeito. Ergueu a cabeça e tentou olhar para trás, desesperada por vê-lo.

Ele abriu a mão ao longo da sua anca e esfregou-lhe o rabo.

— Põe a cabeça no colchão — disse.

— Mas...

— Alice. Por favor. Quero que sintas, não que vejas.

— Porquê? — explodiu ela, exasperada. Agora estava outra mão a tocá-la, a subir-lhe pela extensão das costas. Suspirou de prazer enquanto ele a acariciava, a discussão esquecida. Enterrou a cara a arder contra a colcha fresca.

— És incrível — rosnou ele baixinho. Massajou-lhe os músculos de um ombro e uma nádega ao mesmo tempo. Depois agarrou-lhe o rabo de uma forma tão possessiva que lhe ergueu a carne. Ela conseguia sentir o ar fresco atingir-lhe a humidade entre as coxas.

— Dylan, por favor — sussurrou debilmente.

— Sê paciente. Estou a gostar de te tocar — disse ele. Ela mordeu o lábio ao ouvir o tom de aviso na sua voz. Ele ia levar as coisas ao seu próprio ritmo, quer ela gostasse quer não. Só que ela gostava. Demasiado. Ele segurou-lhe as ancas com as duas mãos e fez uma pausa, e novamente aquela avassaladora sensação de excitação e... qualquer outra coisa. O que era aquilo que estava a sentir?

Parecia-lhe, simplesmente, tão bom, tão essencial, tão *certo*, ser agarrada por aquelas duas mãos.

Um som sufocado soltou-se da sua garganta.

— Chhh — tranquilizou-a ele, as mãos a moverem-se ao longo do lado das suas costelas. Com as mãos estendidas na sua frente, sentia a pele muito esticada. Estremecia de prazer de cada vez que ele lhe tocava ali, como uma corda de harpa a ser tocada.

— Estou a sentir-te tremer. Isto sabe-te bem? — perguntou ele, agora a acariciar-lhe o lado das costelas.

— Tu sabes que sim — balbuciou ela.

— E isto? — Passou o polegar pela espinha abaixo. Ela cerrou as pálpebras com força. Estremeceu e soltou um grito com a sensação de prazer provocada pela sua unha curta a arranhar-lhe a coluna vertebral.

— Sim — arfou.

Ele continuou a descer até ao fundo das suas costas. Ela abriu os olhos de rompante quando o polegar passou muito levemente ao longo da abertura do seu rabo. Depois, sem aviso, ele abriu a mão no exterior do seu sexo e enfiou o dedo médio na vagina. Moveu a mão num subtil gesto circular, estimulando-lhe os sensíveis lábios vaginais e o clítoris.

— E isto?

— Oh, sim — silvou.

— Acho que gostaria de te ver a vires-te outra vez. Tens de te sentir à vontade e confiar em mim. Tens de te soltar.

O dedo entrou mais fundo, e depois saiu da sua rata. Com os outros dedos, ele abriu-lhe os lábios vaginais e fez deslizar o bem lubrificado dedo médio contra o seu clítoris. Alice gemeu descontroladamente. Mais uma vez, começava a incendiar-se. Estava tão impotente, ali deitada, um cru,

indefeso feixe de nervos. A única coisa que podia fazer era sentir e deixar-se levar. O som do dedo a mover-se rigorosamente no seu sexo atingiu-lhe os ouvidos. Que embaraçoso. Estava encharcada. Gemeu mais alto, incapaz de se conter.

— Meu Deus, vai saber tão bem estar dentro de ti — disse ele, o tom dominado pelo desejo. Sombrio. Ele não estava impassível, apesar da sua dominação e da insistência em estabelecer o seu ritmo. Alice perdeu toda a noção do tempo enquanto ele a acariciava. Os seus dedos fechavam-se como garras na colcha. As plantas dos seus pés ficaram a esquentar. Ele tocava-a habilmente... implacavelmente, e ela sentia-se a aproximar-se do abismo. Ansiava por isso, ávida.

E explodiu, estremecendo na sua libertação.

— Isso. É isso que eu quero — ouviu-o rosnar por entre o trovejar nos seus ouvidos. Sentiu-o a abri-la, alargando a sua racha. Como sempre, as ações pareciam-lhe objetivas, como se ele conhecesse melhor o seu corpo do que ela própria. Ele pressionou a pétrea cabeça do seu pau contra a sua abertura.

Quando a penetrou, ela gritou. O seu orgasmo continuava. Era demasiada pressão, demasiado prazer. Ele mantinha-lhe as ancas presas e entrava nela, a gemer selvaticamente. Os olhos dela abriram-se mais, agarrou-se com mais força aos lençóis. Por causa da almofada em cunha e das ancas elevadas, ele estava a penetrá-la num ângulo que nunca experimentara. Por causa do seu tamanho, entrava mais fundo do que alguma vez sentira. Dylan começou a investir em frente com aquele magnífico, sinuoso, ondular das ancas.

Ela inspirou fundo, precisava de oxigénio, e depois gritou de novo.

Ele entrou num ritmo perverso. Ela agarrava-se à roupa da cama enquanto a tempestade que era Dylan a dominava. Não tinha outra escolha senão enfrentá-la, e estava contente por isso, contente por ele arrasar os seus sentidos e tornar o pensamento uma total impossibilidade. Não queria pensar em como se tornava impotente quando estava com ele, como se tornava vulnerável. A almofada de camurça por baixo do seu corpo era macia, mas o seu corpo estava colado ao tecido. Isso — e, mais importante,

as firmes mãos de Dylan nas suas ancas e rabo — deixavam-na completamente imóvel, enquanto ele a penetrava poderosamente, vez após vez.

— Ratinha apertada e quente — rosnou ele nas suas costas. Depois abrandou o ritmo. Ela soltou um vagido quando sentiu a sua longa e espessa haste quase a retirar-se por completo, mas depois ele entrou outra vez, bem fundo. Ouviu-o gemer, depois ele repetiu o movimento. Ela percebeu que ele estava a observar-se a entrar. Começou a erguer as ancas subtilmente, tentadora, querendo que retomasse o ritmo anterior. Ele ergueu uma mão e deu-lhe uma firme palmada numa nádega. Ela arfou e deteve-se, ofegante. Expectante. Ele retirou o pau quase totalmente outra vez e penetrou-a bem fundo, roçando os testículos contra o exterior do seu sexo. Ela comprimiu os músculos em volta dele, a gemer febrilmente.

— És uma tentação, não és? — rosnou ele. Deu-lhe outra palmada no rabo. Não era um golpe forte, mas deixou-a louca. Ela contorceu-se com a agonia do prazer, os músculos a contraírem-se poderosamente.

— Outra vez — disse, apenas meio consciente do que estava a dizer... do que acabara de pedir.

Ele voltou a bater-lhe. Ela apertou-o com força e ergueu as ancas ligeiramente. Estava transformada pela luxúria, tornara-se uma criatura impudica, lasciva.

— Jesus — gemeu ele, o tom tenso. Zangado. Louco. Plantou um punho de cada lado da cabeça dela, debruçando-se sobre o seu corpo. Começou de novo a fodê-la com tudo o que tinha. A cabeceira de madeira da cama batia contra a parede, o som a fundir-se com os do seu coração a trovejar e o de carne a bater contra carne. — Se pedes, tens de estar preparada para aceitar — disse Dylan por cima dela.

— Com mais força — incitou-o, desafiadora. — Eu aguento. Eu aguento contigo.

— Então, é o que vais ter — grunhiu, e ergueu uma mão do colchão. Espancou-lhe o lado da nádega enquanto a montava com força. Ela sentia o pau que martelava implacavelmente no seu canal, sentia-o inchar, impossivelmente enorme.

Agarrava-se à roupa da cama, não podia fazer mais nada. Ele soltou um grunhido grave e terrível e plantou os punhos no colchão.

Impiedoso até ao fim, fodeu-a enquanto se vinha.

Depois abrandou, e imobilizou-se, o pau ainda totalmente enterrado nela. A sua respiração era forte e irregular, por cima da cabeça dela. Alice ficou ali deitada a ouvi-lo, a gozar a prova do seu prazer.

— Vais matar-me, Alice — acusou-a passado um momento.

— Não se tu me matares primeiro.

Ele soltou uma gargalhada curta. O forte antebraço desviou-se da frente da sua cara. Ela soltou um gemido quando ele retirou o pénis. Os seus tecidos ardiam um pouco. Começou a virar-se, mas ele deteve-a, agarrando-lhe o rabo. Um dedo deslizou para a sumarenta abertura entre os seus lábios vaginais, acariciando-a suave mas firmemente.

— Não consegui esperar por ti, graças às tuas provocações — disse secamente, enquanto lhe acariciava o clítoris. — Mas ainda tens um orgasmo dentro de ti.

Ela abriu a boca de incredulidade. Mas veio a verificar que ele tinha razão.

Começava a perceber que Dylan tinha sempre razão.

## NOVE

**E**le passou de um sono profundo a um confuso estado de vigília. Uma sensação de vaga insatisfação pairava no seu consciente. O que o fizera acordar? O quarto estava às escuras. Ambos os braços estavam estendidos, como se tivessem estado agarrados a alguma coisa. Se havia alguma mulher na sua cama — o que acontecia com frequência — era pelo sexo. Ele dormia sempre sozinho, mesmo com outra pessoa na cama. Não protestava contra a ideia de uma mulher passar lá a noite, mas, no caso de Dylan, isso não significava passarem a noite enroscadinhos e agarradinhos um ao outro. Se uma mulher tinha outras ideias, não demorava a perceber o seu erro, e ou se acomodava às suas preferências ou não regressava.

Mas tinha agora a distinta impressão de que ele *quisera* o que quer que tinha nos braços nessa noite, que quisera muito. E agora os braços estavam vazios.

*Alice.*

A memória do sexo febril e selvagem disparou no seu cérebro. Ela transformara-o outra vez num selvagem, recordou com um divertido sentimento de sombria aceitação. Alice não era como qualquer outra pessoa com quem tivesse dormido antes, mas, de resto... isso era óbvio.

Adormecera profundamente com ela encostada a si, a sentir-lhe o peso contra o seu peito, o perfume a encher-lhe o nariz, o rabo macio e redondo aninhado nas virilhas. A sensação fora excitante e relaxante, ao mesmo tempo. Era um alívio, o seu peso dava-lhe conforto, o seu perfume tornava mais forte a sua realidade. Antes de adormecer, ainda pensou que ia acordar dentro de pouco tempo, a delícia do seu corpo nu e flexível demasiado difícil de resistir.

Agora tinha acordado, mas o objeto do seu desejo desaparecera.

Sentou-se na cama.

— Alice? — chamou, tenso. O quarto estava muito escuro, mas conseguia ver que a porta da casa de banho estava parcialmente aberta. Não

havia luz lá dentro. Ela não estava lá. Desaparecera. A ideia de Alice a vaguear sozinha pela casa fez soar alarmes pela sua cabeça.

*Merda.*

Levantou-se de um salto, pegou nas calças de ganga caídas no chão e enfiou-as, quase a tropeçar com a sua pressa. Um suor frio cobriu-lhe o corpo.

Um grito perfurou o silêncio — uma alarmante confirmação das suas preocupações. Precipitou-se para a porta.

Alice foi acordada pela voz de mulher a chamar num tom cantante. O seu coração deu um pulo, despertando-a por completo.

Ouviu, mais uma vez, aquela voz, uma lamúria. Apesar da qualidade melódica, o som fez a sua pele arrepiar-se de temor. Sentou-se parcialmente, apoiando-se sobre o cotovelo, em pânico. Onde estava a porta? Onde é que *ela* estava?

Não foi a visão indistinta da grande suite que acabou por a orientar. Foi o calor e a dureza do homem deitado atrás de si. Ele estava de lado, com o braço possessivamente em volta da sua cintura. Elétricas memórias do que acontecera naquela mesma cama caíram em catadupa na sua mente. Estava aninhada no corpo dele, e sabia-lhe maravilhosamente. Mas, apesar do seu conforto, havia uma persistente sensação de irreabilidade que prevalecia, uma desconfortável incredulidade perante o facto de ter passado uma noite de sexo louco e desinibido na cama de Dylan Fall, que o lindo e influente CEO da Durand estava interessado nela, quando podia ter qualquer mulher.

E, no entanto, por uma fração de segundo, a única coisa que lhe apeteceu fazer foi voltar a enroscar-se contra o seu corpo, gozar a sua sólida força masculina, esquecer tudo o resto...

A voz amorfa voltou a introduzir-se na sua consciência. O que estava ela a dizer? Seria um nome? Soava como uma palavra a ser repetida, mas permanecia indistinta. Se Alice tivesse de adivinhar, diria que era possivelmente uma palavra de duas sílabas.

Por um momento, tudo ficou em silêncio. Seria mesmo uma voz? Ela sabia que os edifícios antigos muitas vezes enganavam as pessoas.

Canalizações velhas, sistemas de ventilação, soalhos que rangem, podiam ser interpretados como gritos ou passos. Talvez fosse o som de algum animal preso?

— Dylan — sussurrou.

Ele não se moveu. A sua hesitação em acordá-lo por uma razão tão estúpida fê-la calar-se, não querendo dar voz ao seu medo e incerteza. Começou lentamente a deitar-se outra vez, desejando o calor de Dylan e a segurança dos seus braços. Antes que se pudesse instalar, porém, ouviu de novo o grito, o som a fazer com que os seus braços se arrepiassem.

Cuidadosamente, retirou o braço de Dylan de cima da sua cintura e saiu da grande cama. Afastada do calor dele, estremeceu. Uma coisa que não devia ser antiga, naquele castelo: o ar condicionado. Encontrou os calções e o top na escuridão e vestiu-se rapidamente. Um relógio digital do outro lado do quarto informou-a de que eram 3:19. Pedira a Dylan que pusesse o alarme do telemóvel a tocar às cinco da manhã, dando-lhe tempo suficiente para descer até à sua cabana sem ser vista.

Ainda tinha tempo para ir descobrir o que era aquele som que ouvira, acalmar-se e voltar para a cama com Dylan.

A porta do quarto fechou-se atrás de si com um clique mudo. Como o resto da casa, o corredor era grande e dramático, com apainelamento de mogno polido, tetos abobadados, elegante papel de parede cor de marfim, azul-escuro e dourado, e várias portas entalhadas à direita e à esquerda. Era iluminado por alguns fracos candeeiros de parede. Virou na direção oposta da escadaria.

Agora estava tudo em silêncio, exceto o martelar do coração nos seus ouvidos.

Estava a ser estúpida. Devia voltar para a cama e para o abrigo dos braços de Dylan.

Só até ao fim do corredor, não iria mais longe do que isso. Conseguia ver um grande espelho dourado por cima de uma cómoda de madeira polida. A débil luz dos candeeiros de parede não penetrava totalmente as sombras ali. Tocou a superfície macia da consola. O seu reflexo parecia indistinto e fantasmagórico, no espelho escuro.



Ouviu a mulher chamar à sua esquerda, desta vez mais alto. Alice virou a cabeça e agarrou-se com mais força à ponta da cómoda, os arrepios a crescerem na sua pele. Era, *definitivamente*, uma mulher. E, desta vez, ela ouvira o calor no seu tom, ligeiro e brincalhão, como uma mãe a falar com o seu bebé ou criança pequena.

Pensou que o seu coração nunca batera tão depressa, como se o órgão em si reconhecesse um medo primitivo e atávico que o cérebro não conseguia apreender.

Percebeu que estava a olhar para um espaço vazio e escuro, não para uma parede. O corredor ali dividia-se, dando para outra secção da casa. Ao contrário do corredor principal, porém, não estava iluminado. Olhou nessa direção, a tentar penetrar com a vista aquela densa escuridão, a pele dos braços hirta, os pelos eriçados. Os seus pés moveram-se, embora ela não tivesse dado a ordem. Deu por si a continuar, dominada por uma bizarra mistura de medo e...

Saudade?

Uma figura atravessou rapidamente o corredor três metros à sua frente. Uma mulher. Alice gritou, mais sobressaltada do que assustada. Tivera uma breve impressão de cabelo castanho por altura do ombro e um rosto bonito. A roupa da mulher era menos distinta — um vestido pálido e luminoso, pensou — mas uma coisa gravara-se claramente nos olhos de Alice, quando a mulher estendera a mão para a maçaneta: uma linda pulseira de ouro em filigrana que parecia representar delicadas vinhas e folhas entrelaçadas.

A visão desapareceu tão depressa quanto apareceu.

Alice ficou ali parada, em choque, sem acreditar nos próprios sentidos. Não havia um pedaço da sua pele que não estivesse rígido e com formigueiro. Não ouvira nenhum som de uma porta a abrir e a fechar, a mulher estava ali num segundo, e no segundo seguinte desaparecera.

*Não pode ser*, intercedeu o seu cérebro racional.

Correu para a frente, parando quando pensou ter chegado ao local onde a vira.

— Está aqui alguém? — chamou em voz alta, odiando o tom agudo e assustado da sua voz. Estendeu as mãos, procurando às cegas na escuridão.

Palpou desesperadamente a superfície da parede, sentindo apenas a textura do papel de parede e o topo do lambrim, mas depois...

As suas mãos detetaram o contorno de uma ombreira de porta. Sim. Havia *mesmo* uma porta. Fora ali que a mulher desaparecera.

*Mas como é que a viste tão claramente? Está escuro como breu, aqui.*

Continuou freneticamente à procura de uma maçaneta, as mãos a tatearem por todo o lado, ignorando a lógica voz de aviso na sua cabeça. Ela precisava de entrar naquela sala e ver a mulher. *Imediatamente.*

Uma luz inundou o corredor. Ela arfou de choque.

— Alice?

Olhou na direção da voz, uma das mãos em garra no apainelamento de madeira da porta, a outra a agarrar uma maçaneta de bronze. Dylan passou pela cómoda na interceção do corredor, vestido apenas com as calças de ganga, os botões de cima ainda desabotoadas. Os seus dedos tocaram num interruptor.

*Oh, céus, ele está a olhar para mim como se fosse maluca.*

— Ouvi qualquer coisa — disse num tom oco. Retirou as mãos da porta. — Uma... mulher a chamar um nome qualquer. E depois, agora mesmo, vi... — Calou-se, percebendo como estava a soar. Dylan era o seu espelho. Ele parecia cada vez mais tenso e alarmado.

Talvez até um pouco horrorizado?

Uniu as mãos com força para as impedir de tremer. Incapaz de enfrentar o olhar de Dylan, virou-se para a porta. Os seus dedos ardiam, queriam voltar para a maçaneta fresca.

— Alice, vem cá.

Ela engoliu em seco com o som da sua voz e olhou em volta. Ele estava a dirigir-se para ela. Parecia belo e sólido, o cabelo lustroso sensualmente despenteado, a sombra da barba crescida no queixo. Estivera mesmo encostada àquele tronco duro e musculado, uns minutos antes? Porque é que saíra de lá?

— Ela está aqui dentro — balbuciou, estendendo de novo a mão para a porta, perversamente atraída.

Dylan agarrou-lhe o pulso num gesto repentino. Ela conteve a respiração e olhou o seu rosto imperscrutável.

— *Quem é que está aqui dentro?*

— Uma mulher. Eu vi-a. Ela desapareceu aqui dentro — insistiu ela, a acenar na direção da porta.

— Não há aqui nenhuma mulher — disse ele, as sobrancelhas escuras a franzirem-se perigosamente.

Ela sentiu um suor frio.

— Mas eu *vi-a*.

— Alice, não está mais ninguém na casa senão nós os dois.

Ela libertou o pulso, mas ele voltou a agarrá-lo rapidamente.

— Então deixa-me só entrar, raios! Eu vi uma mulher. Talvez fosse a tua cozinheira, ou a tua empregada, ou coisa do género — argumentou, embora já tivesse visto Louise e Marie e nenhuma delas se parecesse minimamente com a mulher elegante com o vestido pálido. Dirigiu-se para a porta, determinada a ver por si própria, mas Dylan puxou-a para os seus braços, detendo-a. Ela olhou para ele, atónita.

— Alice, não está nenhuma mulher nesta casa para além de ti — disse ele sucintamente. — Isso é um quarto vazio que não é usado há séculos. Não quero que entres lá dentro. Tem um soalho afundado. É perigoso. Para a semana vem uma pessoa arranjá-lo.

— Estás a chamar-me maluca? Eu vi uma mulher! — disse ela, a fúria a intrometer-se no seu tom. Confusão. Medo.

— Não é isso. É só...

Ela sentiu-o conter-se.

— O quê? É o quê? Dylan?

Ele fechou os olhos brevemente. Jesus. Ela estava mesmo a dar-lhe mais do que esperara.

— Somos as únicas pessoas nesta casa — repetiu ele por fim, num tom sombrio.

— Então o que vi era um fantasma? — perguntou ela sarcasticamente.

Ele franziu o sobrolho, as elegantes sobrancelhas franzidas.

— Claro que não.

Alice detetou o odor dele — especiarias, vestígios de sabonete... sexo. O seu corpo despertou, apesar do desespero em compreender o que se estava a passar.

— Acreditas nisso? Em fantasmas, quero eu dizer? — perguntou com a voz a tremer, o olhar a prender-se no seu peito forte, nu. Ele estava tão próximo. Era tão tocável, por mais intimidante que lhe parecesse por vezes.

— Não. E tu pareces-me demasiado prática e racional para acreditar.

— Eu *não* acredito em fantasmas — disse rapidamente. Apesar da sua firmeza, porém, ela virou de novo a cara para a porta, como se tivesse alguma espécie de atração magnética sobre a sua consciência. Dylan agarrou-lhe o queixo com dois dedos longos e forçou-a suavemente a olhar para ele. Fixou-a intensamente, os olhos transformados em estrelas cintilantes. As suas mãos subiram-lhe pelos braços, moldando-lhes suavemente o músculo. Captara a sua atenção.

— Não é mais provável que estivesses desorientada por estares neste ambiente desconhecido, e que te tenhas levantado e estivesses ainda meio a dormir?

— Queres dizer que tive um ataque de sonambulismo? — perguntou.

— Não é mais plausível do que ver um fantasma?

Ela ficou de boca aberta. Olhou por cima do braço musculado que a segurava para estudar o corredor. Parecia, de facto, um corredor perfeitamente normal, ainda que luxuoso, com as luzes que Dylan acendera. Não conseguia pensar no que dizer. Uma vez que não acreditava em fantasmas, *tinha* de ter estado a sonhar. Nunca tivera um ataque de sonambulismo, mas *andava* a sofrer de pesadelos muito realistas, desde que chegara ao Campo Durand.

Mas não. Fora tudo demasiado real.

— Alice?

Concentrou-se no rosto dele porque o seu mundo começara a rodopiar. Ele tocou-lhe no lado do pescoço e envolveu-lhe o queixo com a palma da mão. Era um gesto possessivo, tranquilizador. Bom. Estremeceu e aproximou-se mais do corpo dele.

— Deves pensar que sou louca — balbuciou, procurando o seu calor. — *Eu* estou a começar a pensar que sou louca.

— Não. Foi o que eu disse. Acho que ficaste desorientada e confusa por te encontrares aqui. É compreensível.

— Se eu fosse outra pessoa qualquer, seria compreensível. Eu não faço coisas como esta — insistiu. — E tenho tido uns sonhos muito esquisitos, desde que aqui cheguei.

— Tens sonhado o quê?

Ela abanou a cabeça, frustrada.

— Coisas estúpidas. Estar a ser perseguida... Sentir que alguém... — *Me quer matar*, terminou na sua cabeça, reconhecendo como soaria melodramática, se o dissesse.

Ele acariciou-lhe a face com o polegar e ela olhou-o, hesitante.

— Agora já está tudo bem. Mas é isto que tenho tentado dizer-te — disse ele em voz baixa. — Entrar neste mundo pode fazer-te sentir que és uma pessoa diferente.

— Estás sempre a dizer que não tens pena de mim — sussurrou ela. — Mas não acredito em ti, Dylan.

Ele semicerrou os olhos.

— Mas devias acreditar. O facto de compreender o que estás a passar não significa que tenho pena de ti.

— Estás a dizer-me que também viste pessoas imaginárias quando vieste para o Campo Durand? Tu não *compreendes* que eu tenha visto aquela mulher — disse ela amargamente. *Porque é que estás sempre a fazer figura de parva na frente dele?* Dylan era o único homem que ela condescendera a tentar impressionar, e a única coisa que conseguia fazer era agir como uma idiota, ou uma louca.

Ele acariciou-lhe o lábio inferior com o polegar. O toque provocou-lhe uma descarga elétrica. Depois ergueu-lhe firmemente o queixo, recusando-se a deixá-la esconder o seu embaraço e confusão.

— Compreendo melhor do que pensas — disse renitentemente antes de aproximar mais a cabeça.

— O que é que queres dizer...

Ele abanou a cabeça, com uma expressão sombria, mas foi o olhar fixo e ávido sobre os seus lábios que a silenciou. Conteve a respiração, e de repente a boca dele estava a cobrir a sua. Foi de imediato arrastada para a esmagadora, intimidante, magnética realidade que era Dylan Fall. Quem tinha tempo para se preocupar com fantasmas insubstanciais quando *ele* estava presente?

Ele puxou-a mais contra si, dobrando os braços para a selar no seu abraço. Os seios dela esmagavam-se contra as suas costelas. Fletiu os dedos, as pontas a enterrarem-se em densos peitorais. De súbito, tinha a cara pressionada contra o seu peito, inalava o seu cheiro, os lábios em movimento, a língua a deslizar sobre a sua pele. Foi inundada por uma profunda necessidade de se afundar nele. Ele sabia tão bem, era tão intransigentemente sólido. Virou levemente a cara, adorando a ligeira abrasão dos seus pelos no peito contra os lábios e a face, a quente maciez da sua pele, os músculos densos por baixo. Percorreu-lhe o lado do corpo com os dedos, e ele abriu as mãos em volta da parte de trás da sua cabeça. Ela enterrou as mãos no interior das suas calças de ganga e esfregou o topo das nádegas duras e macias. A sua excitação acelerou. Ele moveu-se ligeiramente, num mudo encorajamento, e os seus lábios encontraram um mamilo duro. Ela gemeu, subitamente febril, e lambeu-o profusamente. Sentiu o pau dele saltar contra a sua barriga.

— Pareces tão faminta — murmurou ele, a voz densa, a proximidade da sua voz a dizer-lhe que ele a estava a observar. — Estás mesmo tão faminta, pequenina?

— Por ti? — balbuciou ela. — Estou.

Aplicou sucção no mamilo rígido, ao mesmo tempo que a língua deslizava sobre o disco. Ele fez um gemido contido e rouco. As mãos dela moviam-se em volta das ancas dele. Uma mão mergulhou na braguilha parcialmente aberta enquanto ela mordiscava o mamilo com os dentes da frente. Ia mostrar-lhe exatamente quão faminta estava.

Ele gemeu mais alto, as mãos a descerem pelas costas dela. Dobrou um pouco os joelhos. As mãos abriram-se nas suas ancas e rabo.

Depois ele estava a erguê-la, a boca a banquetear-se da dela. Sabia tão bem. Alice envolveu-lhe os ombros com os braços e as ancas com as pernas. O beijo foi profundo e inebriante.

Ele interrompeu-o bruscamente um momento depois e começou a percorrer o corredor. Olhou para ela com furiosa concentração. O seu desejo tinha o efeito da luz do Sol num pesadelo. O corredor escuro e a porta, a voz e a mulher, tudo ficara esquecido.

Seria conveniente dizer que fora a sua preocupação por Alice Reed que o motivara a tocar-lhe. Se a possuísse, podia controlar o que lhe acontecia. Podia mantê-la — e, por conseguinte, manter uma parte de si — segura e inviolada. Tinham mais em comum do que aquilo que ela sabia.

Mas toda aquela argumentação seria uma mentira.

Ele desejava-a, pura e simplesmente. Não estava preparado para a sua beleza. Ela era encantadora, tinha as suas cicatrizes, mas desafiava-as, e era duplamente mais linda por causa dessa rebelião. Era vulnerável, e era forte porque conhecia as suas fraquezas e construía defesas à altura.

Teria de a quebrar... de abrir caminho por entre essas defesas. Precisava da sua confiança.

Ela estava a olhar para ele, enquanto a levava ao longo do corredor para a sua cama, tencionando arrebatá-la. Estranhamente, Alice não parecia compreender o encantamento que conseguia provocar com aqueles olhos. Eram grandes e magníficos, de uma cor única, um sedutor azul-escuro. Mas era o que ele lia nesses olhos que o deixava a arder de desejo. Naquele momento, ainda via a incerteza e a amotinação que neles testemunhara desde o início. Só que agora havia também outra coisa, algo tão forte como um choque elétrico e absolutamente erótico. Havia ali luxúria. Necessidade. Ela era jovem, e parecia-lhe largamente inexperiente em termos de sexo, mas era honesta a respeito do que queria. Era apaixonada, ardente... era louca, quando excitada.

Milagrosamente, o seu passado não conseguira estragar essa frescura.

Ele irrompeu pelo quarto e fechou a porta com um pé, fazendo-a bater com força, sem nunca retirar os olhos dos dela. Ela tinha os lábios cheios e

avermelhados dos seus beijos. Ali no corredor, quisera dispersar a sua confusão e medo, mas perdera-se na sua própria fome, uma vítima das próprias maquinações. Adorava a boca dela, queria passar horas a mordiscá-la, a estimulá-la, a sentir os seus suspiros nos próprios lábios... a explorá-la.

Baixou-se, pousando-a na berma da cama. Ela permaneceu sentada, os olhos turvos baixando-se sobre ele, parado à sua frente, o pau a palpitar entre as coxas. Quando o olhar dela se instalou no contorno da sua ereção, ele cerrou os dentes. Uma clara fantasia invadiu-lhe a cabeça, a de introduzir o pau tenso entre aqueles lábios congestionados, olhá-la nos olhos enquanto sentia a sua língua — aqueles olhos que pertenciam a uma inocente e uma sedutora.

No entanto, moveu a mão ao mesmo tempo que ela estendia a sua para o pénis, detendo-a. Tinham tido a mesma fantasia ao mesmo tempo — lera-lha nos olhos — e o seu entendimento mútuo, estranhamente, excitou-os e intimidou-os, ao mesmo tempo. A necessidade de tomar o controlo cresceu nele. Inclinou-se para a frente, agarrou-lhe gentilmente no outro pulso e colocou-lhe as mãos atrás.

— Deixa-me tocar-te. — Ele pestanejou ligeiramente ao ouvir as palavras em voz rouca.

— Estás a tocar-me, linda. Com os olhos. E é mais do que suficiente — disse, começando sombriamente a desabotoar-lhe a blusa. Felizmente, ela não vestira o sutiã quando se preparara para o seu pequeno passeio noturno. Com os músculos a contraírem-se de expectativa, abriu-lhe o tecido da camisa de algodão, expondo-lhe os seios. A sua pele macia parecia imaculada e dourada à luz do candeeiro, os mamilos grandes, de um rosa escuro.

Céus, ela era um sonho. Queria comê-la viva.

O desejo rasgou-o, exigindo ser satisfeito. Por um momento, cegou-o. Ajoelhou-se na frente dela.

Colocou as mãos na sua caixa torácica, erguendo-a ligeiramente. Ela arqueou-se para ele. Tão doce, tão generosa em permitir-lhe consumi-la. Ele baixou-se e tomou um mamilo na sua boca, tomou-o com obcecada luxúria.



Não foi meigo. Estava faminto, enquanto chupava aquela carne doce e reativa, enlouquecido por aquele grande mamilo duro e as curvas firmes e maduras. Enchendo as mãos com a sua carne, banqueteu-se, enquanto os suaves gritos e gemidos de surpresa que ela soltava lhe enchiam os ouvidos. Agarrou-lhe os seios enquanto movia a boca entre cada colina tentadora, afundando-se na sua abundância, cada prova a fazê-lo desejar cada vez mais.

As unhas dela arranharam-lhe o escalpe, e retomou alguma medida de bom senso. Fez deslizar os lábios sobre o mamilo duro, arrependido, a língua a demorar-se ali por um momento. Levantou-se. Ela parecia atordoada e sobressaltada por aquele movimento abrupto, mas não conseguiu pensar no que dizer para a tranquilizar. O seu desejo fervia. Ameaçara transbordar com o toque desesperado daquela mulher.

Sem uma palavra, dirigiu-se para a sua secretária e abriu uma gaveta. Os olhos dela tornaram-se enormes quando regressou um momento depois com um par de algemas acolchoadas com pele preta.

— Estás a ter dificuldade em manter as mãos onde te peço que as ponhas — declarou ele num tom óbvio e com uma pequena tentativa de sorriso. Não funcionou. Os seus músculos estavam demasiado tensos de desejo para descontraírem naquele momento. Ela parecia tão tentadora, ali sentada, os olhos a brilhar de excitação e desejo, os seios amplos e vulneráveis, afogueados dos seus beijos. — Tira a blusa e sobe mais na cama. Deita-te — instruiu. — Põe a cabeça nas almofadas. As algemas vão tornar as coisas mais fáceis para ti.

— Mais fáceis para mim ou para ti? — perguntou ela, a familiar cautela de volta aos seus olhos. Apesar da desconfiança, ela livrou-se da blusa e deslizou ao longo dos lençóis, deitando-se com a cabeça sobre as almofadas.

— Mais fácil para os dois — replicou ele, subindo para o colchão. Sentia-a a observá-lo enquanto lhe juntava os pulsos e os inseria nas algemas.

— És muito... eficiente — comentou ela. — Suponho que devas ter muita prática?

Ele lançou-lhe um olhar de esguelha antes de enfiar a mão por detrás das almofadas e do colchão e retirar uma alça de couro que estava presa à estrutura da cama.

— Queres mesmo saber? — perguntou em voz baixa enquanto movia com cuidado os braços por cima da cabeça dela, esforçando-se ao máximo para ignorar a forma como o movimento lhe agitava os seios redondos. A sua opulência em contraste com a fina e elegante caixa torácica deixava-o louco. Prendeu rapidamente as algemas à alça. Ela puxou-as de imediato, para as testar.

Ele não esperara menos do que isso.

— Prendeste-me à cama — disse Alice, não necessariamente numa acusação. Soava, na verdade, um pouco atónita.

— Quero que fiques quieta — disse ele enquanto começava a desabotoar-lhe os calções com sombria determinação.

— Queres que fique quieta enquanto fazes o quê? — perguntou ela. Dylan ergueu rapidamente o olhar, ao ouvir a nota de pânico no seu tom.

— Enquanto eu me banqueteio — disse simplesmente. Ela ficou de boca aberta. — Eu não te vou magoar, Alice. Vais ter de confiar em mim. Se alguma vez for demasiado violento, só tens de me mandar parar. Compreendeste?

Ela anuiu devagar.

— Ótimo. — Ele virou a sua atenção para a tarefa de lhe fazer passar os calções e a roupa interior pelas ancas e as longas pernas. A visão da imagem dela naquele corredor lá fora, tão desorientada e assustada, saltou-lhe à mente.

*Dizes que não a vais magoar, mas fazes mesmo alguma ideia do que estás a fazer?*

O seu bom amigo e antigo mentor Sidney Gates parecera preocupado quando Dylan admitira — muito brevemente — que se tinha tornado íntimo de Alice. Aquela expressão preocupada cortara-lhe o coração. Estaria Sidney preocupado com Alice?

Ou com ele?

Estava tudo em jogo. Não podia falhar. *Não ia falhar.*

Olhou o corpo nu, impotente, de Alice.

— Porque é que estás tão sério? — sussurrou ela. Ele ergueu o olhar e viu a expressão quase de temor no seu rosto.

— Não há nada mais sério do que isto.

Introduziu as mãos por baixo das suas ancas, os dedos a mergulharem na carne firme do seu rabo. Baixou-se sobre o seu sexo, inclinou ligeiramente a cabeça e captou o seu odor inebriante. O impacto daquela fragrância foi instantâneo. O seu pau agitou-se violentamente. A sua boca encheu-se de humidade. Sentiu-lhe os músculos tonificados nas mãos, e soube que ela estava a ansiar pelo momento tanto quanto ele. Acariciou-lhe os suaves caracóis arruivados sobre a abertura. Ela ainda tinha o sexo inchado e húmido das atividades do início da noite. Montara-a com força. Ela viera-se com força igual. Doeu-lhe o pau com a mera recordação.

Ia voltar a devorá-la com força. Em breve. Muito em breve.

Beijou-lhe os lábios vaginais, aplicando uma firme pressão indireta sobre o clítoris. Ela gemeu tremulamente e ergueu as ancas.

— Fica quieta — ordenou ele. Afastou-lhe mais as coxas.

A sua língua separou-lhe as dobras numa firme, exploradora, carícia.

Sentiu-se vagamente gratificado quando ouviu o gemido dela, dissonante, mas, acima de tudo, estava enfeitiçado pela sua tarefa. Banhou-lhe o clítoris. O seu creme abundante revestiu-lhe a língua. Ela era perfeita. Inebriado pelo seu sabor, usou uma das mãos para lhe separar os lábios vaginais. Descreveu círculos, brincou com a sua carne saturada de nervos durante algum tempo, gozando plenamente os seus gritos suaves e gemidos impotentes.

A necessidade de se banquetear dominou-o. Recusava-se a parar. Ela não o podia distrair com o seu toque, atada como estava, mas agitava as ancas quando o prazer se tornava demasiado intenso. Ele abriu uma mão sobre uma das suas ancas, prendendo-a ao colchão. Depois golpeou-lhe o clítoris com a língua tensa antes de a acariciar com uma carícia deslizante, impiedoso em extrair todo o prazer que desejava.

— Oh, não. Oh, *sim*. Céus, estás a dar cabo de mim — gemia ela enfaticamente um momento depois.

As pálpebras dele abriram-se pesadamente e o seu olhar dardejou o rosto dela, quando as palavras se infiltraram no seu cérebro intoxicado de prazer.

*Jesus.*

Ela era tão linda. O tronco nu adquirira um brilho conferido por uma ligeira camada de transpiração. Os seios opulentos subiam e desciam, com a sua respiração ofegante, os mamilos tesos de excitação. As suas faces estavam vivamente rosadas, os lábios entumescidos e cheios. Estavam a chamá-lo, aqueles lábios. Ansiava por penetrá-los com língua e pénis.

E os olhos dela, aqueles olhos escuros eram selvagens.

Sim. Aquela expressão na sua face era tão melhor do que o medo que vira quando ela estava naquele corredor, minutos antes.

Introduziu-lhe dois dedos na rata cremosa e viu o seu lábio inferior tremer. Olharam-se nos olhos.

— Para de te conter, linda. Liberta-te — instruiu.

O gemido dela foi áspero e angustiado, como se ele lhe estivesse a pedir demasiado. Ela virou a cabeça e enterrou a face afogueada na almofada. Mas ele estava decidido. Durante vários segundos, Dylan limitou-se a olhar o seu sexo flagrantemente rosado e brilhante, deixando que a fome crescesse enquanto lhe penetrava o canal sequioso e musculado. Por fim, incapaz de resistir mais tempo, inclinou a cabeça e cobriu-lhe o sexo com a boca. Não conseguia disfarçar a cobiça que o dominava. Ela gemeu audivelmente quando aquela boca lhe tomou posse do clítoris, chupando-o firmemente e chicoteando a saliência de carne com uma língua rígida.

Ele fez um movimento de torção com o pulso, girando os dedos dentro do seu canal apertado. Sugou-lhe o clítoris entre os dentes. As paredes do sexo dela apertaram-no ainda mais. Ela gritou quando o orgasmo a atingiu.

A boca dele deu lugar ao dedo, dando-lhe o que ela precisava para continuar a vir-se poderosamente. Nada o podia impedir de conquistar o que ele também queria. Ela estava encharcada. Introduziu uma mão por baixo de uma coxa macia, puxando-lhe as ancas mais para trás na cama e abrindo-a mais. Debruçou-se entre as suas pernas e a língua mergulhou de imediato na sua rata, entrando profunda e fortemente.

Pura decadência, mergulhar naquele mel quente. Uma perversa sensação de triunfo cresceu no seu íntimo quando a ouviu fazer um som estrangulado e depois soltar outro grito, sem inibições.

Se não tivesse cuidado, ia deixar-se perder por ela. Podia morrer feliz daquela maneira, com o gosto dela na sua língua, os sucos dela a escorrerem pela sua garganta. Nunca conhecera uma mulher que ficasse tão molhada. Ela era tão reativa. Entontecido de luxúria e a agir puramente por instinto, passou o dedo por baixo da língua em movimento, espalhando-lhe os sucos pelas nádegas e períneo. O seu creme já lhe descera para a abertura do rabo.

Acariciou-lhe levemente o minúsculo buraco franzido. Sentiu os músculos ali contraírem-se. O seu pau enlouqueceu, mas ele sabia que, se continuasse, deixaria que a luxúria o dominasse, naquele momento. Havia alguma coisa no sabor dela, na sua resposta pronta que contrastava tão fortemente com a habitual cautela, que o transformavam num animal. Eram importantes para ele, as suas reações incontidas.

Retirou a língua e o dedo e beijou-lhe o monte de Vénus molhado.

— Desculpa — balbuciou com a voz espessa, erguendo-se acima dela.

Não estava verdadeiramente arrependido, mas sabia que a chocara com aquele toque tão íntimo. Era demasiado cedo para a expor à total extensão da sua avidez.

A expressão que lhe viu no rosto quando ela o olhou aniquilou-o. Cerrou os dentes, abriu uma gaveta da mesa de cabeceira e retirou um preservativo. Ela parecia vagamente espantada, completamente extasiada e...

Deliciosa.

Sentiu-a a olhar para ele enquanto se levantava, arrancava as calças de ganga e depois colocava o preservativo. Subiu de novo para a cama e deitou-se em cima do seu corpo amarrado.

— Não tens de pedir desculpa — disse Alice, entre suaves suspiros. — Soube tão bem. Adorei.

— Jesus — balbuciou ele em surdina.

— O que foi?

Ele agarrou o pesado pau por baixo e guiou-se para a abertura dela.

— Como é que podes ser tão maliciosa e tão doce ao mesmo tempo? — perguntou, tenso. Olhou para baixo e conteve-se na sua pressa de a penetrar. Os pelos aveludados entre as coxas dela estavam escuros da humidade.

— Eu não sou doce — sibilou Alice.

Incapaz de resistir, ele passou a cabeça do pau ao longo da bainha cremosa entre os lábios vaginais. Ela gemeu tremulamente. A humidade revestiu-lhe os nós dos dedos e o fino preservativo. Aquela rata era o sonho de um homem tornado realidade.

— Oh, és sim — gemeu, antes de se reposicionar, fletir as pernas e entrar. O calor dela, a força dos seus músculos a agarrá-lo, fizeram-no revirar os olhos para trás. Alice soltou um pequeno gemido e puxou pelas algemas, cerrando os dentes. Ele plantou os punhos no colchão e investiu em frente, enterrando-se até aos testículos. Ela gritou e ergueu a cabeça, enterrando os dentes nas costas dele. Ele grunhiu perante aquela mostra de fome animalesca, retirou-se e enterrou-se outra vez, estabelecendo um ritmo terrível desde o princípio.

— Queres morder-me, Alice? Queres morder-me enquanto eu te fodo esta ratinha? — provocou-a ele enquanto se enterrava, e a cabeceira da cama começou a bater contra a parede. Era tão bom tê-la ali, impotente e ávida, presa debaixo do seu corpo enquanto ele mergulhava no seu doce calor.

— Sim — arfou ela, antes de lhe morder o lado do corpo. Dylan sentiu a pele arrepiar-se da excitação. Depois ela lambeu-lhe a pele marcada com uma língua quente, como que num pedido de desculpa. Mesmo no meio do raivoso desejo, ele maravilhou-se com a pura realidade que era aquela mulher.

A sua coluna vibrava. Os seus músculos retesaram-se quando ele entrou outra vez com força e ela o voltou a morder.

— Vais pagar por isso — rosnou.

E pagou *mesmo*, antes que a noite chegasse ao fim.

Dylan pensou que podia tê-la feito pagar ainda mais, dada a sua demonstração de uma tão doce selvajaria.

**O** som do alarme de Dylan a tocar acordou-a de um sono profundo. Adormecera há menos de uma hora, descomposta e sublimemente saciada com o sexo que Dylan lhe oferecera.

Dylan tinha-lhe passado o telefone a seu pedido, antes de adormecerem. Agora tocou no ecrã, desligando o alarme. Pestanejou, ficando ali deitada, imóvel por um momento, enquanto as memórias daquela noite bizarra e incrível a inundavam. Virando o queixo, perscrutou a escuridão. Dylan puxara-a para os seus braços, depois de a soltar das algemas. Agora não se mexia, obviamente adormecido. Ela pensou no mundo no exterior da mansão: um universo alternativo, um mundo para onde precisava de regressar.

Pela segunda vez nessa noite, libertou-se dos braços de Dylan.

Uma mão grande e quente agarrou-a de repente pela anca quando tentou descer do colchão.

— Alice?

— Sim?

— Não ias acordar-me?

— O quê? — perguntou, confusa pelo aço que ouviu no seu tom. Ele soava muito acordado e alerta, para alguém que lhe parecera ainda agora profundamente adormecido... para alguém que pouco descansara porque passara a noite a fazê-la gritar de prazer. — Pensei que precisavas de dormir...

— Esqueces-te que não quero que andes a vaguear por esta propriedade sozinha? — A mão abandonou a sua coxa e ela ouviu movimento e o sussurro de lençóis. — Eu vou levar-te todas as manhãs.

— *Todas* as manhãs? — repetiu, confusa.

— Sim. Vais voltar. Esta noite. E na noite a seguir. Certo? — O tom implicava que aquilo ia ser uma prática regular. Apesar da sua incerteza e dúvida, ela derreteu um pouco com o som daquela voz sensual enrouquecida pelo sono que emanava da escuridão. Apetecia-lhe voltar a

aninhar-se nos seus braços... esquecer aquele outro mundo... confiar no que estava a acontecer entre os dois. Mas, por outro lado...

— Não achas que estamos a ser estúpidos? — deixou escapar.

— Não — disse ele, a voz mais firme. — Não vou conseguir descansar, sabendo que estás a dormir aqui tão perto mas separada de mim. Tu vais?

Alice fez uma pausa, de boca aberta, enquanto as palavras dele pintavam uma imagem na sua cabeça, a imagem de passar as noites a dar voltas sem parar na cama da sua cabana. Torturada.

A arder.

— Não — sussurrou, passado um momento.

— Aí tens. Ter uma boa noite de sono não é estúpido. Não aceitar o óbvio é. — Alice pestanejou quando se acendeu a luz do candeeiro da mesa de cabeceira. Olhou para ele. Estava *lindo*. Apoiara-se sobre um cotovelo, de costas para ela, mas virara o tronco para a prender com o seu olhar. O lençol descera-lhe até à altura das ancas estreitas. As costas largas e musculadas chamavam-na. Apeteceu-lhe despentear o cabelo sedoso ainda mais do que a noite de sexo e sono tinham despenteado. — Quero que te lembres do que te disse. Sobre não andares por aí sozinha — repetiu.

— Para os fantasmas não me apanharem? — perguntou ela, a usar o sarcasmo para liquidar o desejo alarmantemente forte que estava a experimentar naquele momento. Arrancou o olhar da visão do seu corpo e parou ao lado da cama. A sua determinação era hesitante, na melhor das hipóteses. Olhou-o de lado, cobiçosa. Ele baixou o olhar para o seu corpo nu, fazendo a sua pele arrepiar-se.

— Há coisas muito piores no mundo do que um fantasma — disse sombriamente passado um momento, virando-se e afastando o lençol do corpo nu.

Naquela tarde, Alice e Thad ficaram a caminhar lado a lado enquanto abandonavam o campo atrás dos estábulos que era usado para jogar futebol e futebol americano. Os miúdos corriam na frente deles pelo trilho na direção das cabanas, para se prepararem para o jantar. Os dois monitores



tinham ficado para trás para guardar o equipamento e os coletes das equipas.

— Estavas a ser modesta a respeito das tuas capacidades. Como de costume — provocou-a Thad, referindo-se à corrida de sessenta metros que Alice fizera para conseguir um *touchdown*, apenas uns minutos antes.

— Foi pura sobrevivência. A Judith Arnold parecia pronta para me atropelar. Pensei que ela estava a considerar aquilo uma rara oportunidade para me atirar ao chão sem ficar em sarilhos.

— Era proibido placar — lembrou Thad.

— Duvido que isso a detivesse — balbuciou Alice em surdina. Reparou no olhar de Thad. — Aquela rapariga odeia-me, pura e simplesmente.

— Não foste tu a sugerir que ia levar algum tempo para eles ficarem a conhecer-nos? A confiar em nós? — perguntou Thad.

— Sim. Acho que tens razão — admitiu Alice enquanto abandonavam o campo lentamente. Não sabia como estava Thad, mas ela sentia-se exausta, após o primeiro dia inteiro no campo.

Após um total de apenas três ou quatro horas de sono na cama de Dylan. Pelo menos o sono que dormira fora profundo e sólido.

*Ter uma boa noite de sono não é estúpido. Não aceitar o óbvio é.*

Memórias gráficas de estar entre os seus braços e os momentos de intenso prazer íntimo inundaram-lhe o cérebro. Parecia-lhe estranho ter aquelas memórias, como se pertencessem à experiência de outra pessoa qualquer. E no entanto, ao mesmo tempo... nunca sentira nada de forma tão profunda. Tão pessoal. Como se tivesse vontade própria, o seu corpo aqueceu com as vívidas memórias. Uma tensão cresceu entre as suas coxas. Alguma coisa nela se ergueu, uma poderosa ânsia como nunca antes conhecera. Alarmou-a, mas não o podia negar.

Apesar de ter a cabeça cheia de incertezas, mal podia esperar para voltar a ver Dylan nessa noite.

Quando um vento forte se levantou do lago, virou a cabeça nessa direção, esperando arrefecer as faces afogueadas.

— Estás bem? — perguntou-lhe Thad.

Ela olhou-o de relance com surpresa fingida.

— Estou.

— Foi bom, o primeiro dia?

— Foi. Foi ótimo, na verdade — disse Alice passados alguns segundos de reflexão. Estava a dizer a verdade. Os miúdos tinham-se mostrado muito mais queridos, mais frescos e mais excitados por estarem ali do que ela previra. A oportunidade de se divertirem à vontade, livres de *stress*, num ambiente tão idílico, e a remoção de todos os habituais obstáculos da sua vida, parecia livrá-los de grande parte das suas armaduras.

— Foi mesmo especial, na maior parte do tempo — admitiu a Thad.

— Não devias deixar que a Judith te preocupe. Ela há de mudar. E os outros miúdos já gostam bastante de ti. Até os meus gostam — disse ele, referindo-se aos miúdos da Equipa Laranja que tinham estado a jogar futebol com eles. Alice reparou no seu sorriso e retribuiu-o. Ao contrário dela, Thad parecia ainda mais atraente depois de passar o dia a trabalhar e a jogar duramente. O seu cabelo dourado estava todo espetado e escurecido do suor. A *T-shirt* cinzenta colava-se ao tronco tonificado, enfatizando-lhe os músculos firmes.

— Agora és tu que me estás a animar. Dá para ver porquê. Já apanhaste o jeito — disse ela enquanto entravam no bosque. — És fantástico com os miúdos. Devias ser professor.

Ele pareceu surpreendido com a sua declaração impensada, mas ela só lhe dissera a verdade conforme lhe ocorrera. Thad tinha um jeito natural para lidar com os miúdos, sendo caloroso e divertido mas firme. Era fácil obedecer-lhe.

— Desculpa — disse depois, perplexa pela expressão ligeiramente atónita que lhe viu no rosto.

— Tudo bem — disse ele, puxando o saco do equipamento mais para cima no ombro. — É só porque...

— O quê? — perguntou Alice, pressentindo a sua inquietação.

— Já tinha pensado nisso antes — disse ele. Olhou-a de relance, pouco à vontade. — Em ser professor. E treinador. Pensei ainda mais nisso do que em ser pescador — acrescentou, a rir.

Mesmo nas sombras do bosque, ela viu o seu rosto ruborizar-se com a admissão.

— Porque não? — perguntou rapidamente. — Tens tanto jeito.

O sorriso dele parecia um pouco tenso. Abanou a cabeça.

— O que foi? — insistiu, confusa.

— Não é uma profissão para os Schaefers.

— Os *Schaefers*? Como a tua mãe e o teu pai, é isso que queres dizer? As tuas tias e tios e primos? — Ela já sabia que Thad era filho único. — O que é que interessam as profissões *deles*? Estamos a falar de ti.

Ele abanou a cabeça outra vez.

— Eu estudei negócios. Um mestrado em Yale não é barato, como sabes. Não posso deitá-lo para o lixo por causa de um capricho.

— A ideia de seres professor é um capricho? És tu que estás a falar? Ou o teu pai? — perguntou lentamente.

Os olhos verdes de Thad faiscaram. Alice baixou a cabeça, reconhecendo que exagerara. Como de costume. Nenhum deles falou durante um longo momento. As aves cantavam nas árvores e as folhas sussurravam com o vento suave. Ocorreu-lhe uma coisa e ela soltou uma gargalhada.

— O que foi? — perguntou ele.

— É estranho — disse ela impulsivamente. — Tenho estado a pensar em mim como a falhada, aqui. — Reparou no olhar sombrio do colega e no seu passo irritado e percebeu que metera novamente o pé na poça. — Não que o *seja...* ou que *tu o sejas*, nem coisa do género. Estou só a falar de inseguranças irracionais. Como não tive uma infância como a tua, ou a da Brooke ou do Dave, sinto-me como se tivesse sempre de correr contra a corrente enquanto vocês voam sem esforço. Mas todas essas vantagens que pensei que tinham sobre mim... podem ser também desvantagens. Certo? — perguntou ela desesperadamente, procurando-lhe a expressão. Levou um segundo a perceber que tinham parado e estavam frente a frente.

— Sim. Tens razão — disse ele num tom sóbrio, passado um momento.

— Não fazes ideia de como é difícil viver à altura das expectativas do meu pai. É como uma espécie de sonho impossível, um sonho em que sei que

nunca poderei ser bem-sucedido mas que não consigo deixar de tentar concretizar, na mesma. É como um hábito que não consigo parar.

Ela foi dominada pela compaixão. Os seus lábios curvaram-se num sorriso e retomou o caminho.

— Pelo menos, agora já sabes. O que é uma desvantagem, quero dizer... a tua preocupação em fazer o que os teus pais querem, no que diz respeito à ideia de seres professor. É melhor perceberes o que estás a combater, não é? Saber o que te está a conter em vez de...

Encolheu os ombros, calando-se. Ele fez-lhe um olhar interrogativo.

— De o aceites, simplesmente — concluiu.

— Eu nunca vou ser professor, Alice.

— Sim, bem... Eu nunca pensei que a Durand olharia para mim duas vezes como uma potencial executiva. A vida é engraçada — disse, tentando aligeirar a sua disposição.

*E também nunca pensei que Dylan Fall olhasse para mim duas vezes. Sim. Uma coisa engraçada como o raio, a vida.*

— Sabias que a Durand nos fazia uma verificação de segurança mesmo antes da entrevista? Mesmo antes de sermos contratados como monitores? — deixou escapar, ansiosa por mudar de assunto... por apagar o incaracterístico ar oprimido no rosto do colega.

Ele franziu o sobrolho.

— Não me parece que seja legal, pois não?

— Não sei, mas eles fazem-no — disse ela com sombria determinação.

— Como é que sabes? — perguntou Thad.

Alice passou o saco de coletes que transportava para a outra mão, para ganhar tempo enquanto pensava numa explicação viável.

— Por uma coisa que a minha orientadora de mestrado, a Maggie, me disse — explicou vagamente. Pobre Maggie. Estava a ser usada como bode expiatório não só para as mentiras de Dylan como também para as suas.

Thad soltou um grunhido e encolheu os ombros.

— A Durand consegue ser um bocado maquiavélica. O mundo empresarial é assim. Acho que não estou chocado.

— Queres dizer que achas que a empresa é manipuladora? Desonesta? — perguntou ela, preocupada.

— Não. Não é isso — admitiu. — Apenas implacável. Altamente exigente. O que não é uma surpresa, na verdade. Muitas das grandes companhias são assim. E Fall é, de certeza.

— Achas que Dylan Fall é implacável?

— Bem... como te disse. Altamente exigente. Não estava a falar num sentido *negativo*, Alice. Ele é uma lenda no mundo empresarial, um excelente exemplo de capitalismo em ação. É o modo de vida americano, não é? Eu pensava que não te importavas, no que dizia respeito a Fall.

— O que é que queres dizer com isso? — protestou Alice.

— Nada — disse Thad, o seu casual encolher de ombros a não condizer com o olhar penetrante. — Pareceu-me apenas que estavam no mesmo comprimento de onda. Foste a única a ser contratada pessoalmente pelo CEO. E pareceram-me bastante... amigáveis, no jantar no castelo.

— Porque ele me indicou o caminho da casa de banho até ao jardim ficámos subitamente amigos? — troçou, pouco à vontade. — Eu mal o conheço.

— Então não és muito diferente de todos nós — disse Thad.

— Como é que ele se tornou CEO da Durand tão novo? — não conseguiu Alice impedir-se de perguntar, apesar da resposta de Thad. De certeza que uma pessoa com a educação e relações de Thad tinha informação privilegiada. Mais do que ela, pelo menos. O ritmo de Thad abrandou, e por fim ele parou. Ela parou também. A extremidade da floresta ficava apenas a uns poucos metros de distância, um telhado de uma cabana já à vista. Talvez Thad julgasse que não deviam ter aquela conversa sobre Fall em campo aberto...

— Eu pensei que ele tinha algum parentesco com o fundador e proprietário, Alan Durand. Ou com a mulher dele — disse Thad.

Alice anuiu. Também fora essa a sua vaga impressão.

— É engraçado, mas não há muita informação disponível sobre os antecedentes de Durand ou de Fall. Tive de fazer muita pesquisa para o artigo sobre filantropia e lucro que escrevemos, mas os pormenores sobre a

ascensão de Fall são poucos. Parecias certo de que Fall não tem parentesco com os Durands? — incitou.

Thad fez-lhe um olhar divertido, conhecedor.

— Parece que não. De acordo com Kehoe, os Durands não tinham herdeiro.

— Que mais disse Kehoe sobre Fall? — perguntou Alice lentamente. Mantivera-se cautelosa no que dizia respeito ao vice-presidente para os recursos humanos. Sempre lhe parecera amigável, mas ela sentia a sua aguda observação, a sua contínua, vaga, desconfiança a respeito da sua presença no campo Durand. Ele desconfiava de alguma coisa estranha na insistência de Dylan em contratá-la. Talvez também ela se sentisse um pouco culpada, quando interagia com Kehoe. Envolvera-se, de facto, com Dylan Fall, afinal de contas, e confirmara as suspeitas de Kehoe. Foi percorrida por uma centelha de dúvida a respeito da sua promessa de ir de novo ao encontro de Fall, nessa noite, apesar do desejo avassalador de o ver.

Será que Dylan só a contratara por se sentir atraído por ela? E porque é que não lhe ocorrera esse pensamento perturbador durante todo o dia?

*Porque estavas demasiado ocupada a derreter-te com as lembranças dele... a desejar mais dele.*

— No primeiro dia, o Dave mencionou qualquer coisa sobre Fall ser parente dos Durand — explicou Thad num tom baixo. — Não estava a falar com Kehoe, mas este ouviu-o... e fez questão de corrigir o Dave. *Absoluta* questão.

— O que é que ele disse?

Thad olhou cautelosamente na direção do campo.

— O Kehoe praticamente gritou da outra ponta da sala de reuniões do pavilhão principal que Dylan não era parente de Alan Durand nem da mulher. O Dave ficou um pouco atrapalhado, porque Kehoe foi mesmo brusco. Ele disse que pensava ter lido algures que Fall era da família, e o Kehoe passou-se outra vez com ele. Connosco, aliás. Todos os que estávamos ali sentados. Ele disse que estava na altura de começarmos a perceber que, por vezes, as pessoas conseguiam as posições não por causa

do que sabiam, mas por causa de quem conheciam... e disse que Fall tinha um grande talento: o de se insinuar junto dos poderes certos — disse Thad num tom sussurrado e confidencial.

— Os Durands? — murmurou Alice, o coração a começar a martelar-lhe nos ouvidos.

Thad anuiu.

— Mas pensei que Alan Durand e a mulher já tinham morrido há muitos anos. Se o que Kehoe disse é verdade, Fall teria de ser um miúdo quando se «insinuou» junto do casal — balbuciou ela, a pensar furiosamente. Será que Dylan se tornara um favorito dos Durands em adolescente, quando era campista na sua instituição de solidariedade? Não contara a ninguém, nem sequer a Thad ou Kuvi, o que Fall lhe contara sobre já ter sido uma criança vulnerável no Campo Durand. Julgava que não lhe cabia expor o que ele lhe contava em privado.

Ou talvez a vulnerabilidade de Fall a respeito do passado lhe parecesse muito com a sua, e ela a protegesse instintivamente.

— Não sei muito bem quando foi que eles morreram, exatamente, ou como é que Fall os conheceu — disse Thad baixinho. — Mas acho que Alan Durand viveu mais tempo do que a mulher, embora, supostamente, tenha estado fraco e mais ou menos inválido durante anos. Mas é certo que deixou a sua marca na empresa. Fall está preso nas suas operações diárias como CEO pelas operativas detalhadas e o abrangente documento que governa todas as finanças da Durand.

— Mas eu fiquei com a noção de que Fall detém uma boa porção das ações da Durand.

— Mas não a maioria — disse Thad. — A maioria é detida pelo *trust*.

Alice ponderou nisto enquanto Thad olhava para o campo.

— Aí vem o Dave — disse, franzindo ligeiramente o sobrolho.

— Ah... sim — disse Alice distraidamente, recomeçando a andar.

— Alice.

Ela parou e olhou de novo para Thad. Ele estava de novo com uma expressão séria.

— Obrigado. Por essas coisas que disseste. É verdade que tenho visto como um dado adquirido que as expectativas dos meus pais para a minha vida são mais importantes do que as minhas. Não estou a dizer que vou mudar os meus planos... esta oportunidade da Durand é demasiado boa para a desperdiçar... mas foi bom ouvir-te dizer isso. Perceber que tenho uma escolha. É mesmo bom falar contigo — disse em voz baixa.

Ela sorriu e encolheu os ombros, embaraçada.

— Por vezes ajuda dizermos as coisas a nós próprios em voz alta.

O que diria Kuvi ou Dave ou Thad se lhes contasse como passara a última noite? Franziu ligeiramente o sobrolho para a voz crítica na sua cabeça. Ainda assim — não havia qualquer dúvida a esse respeito. A sua impulsividade no que dizia respeito a Dylan Fall — a sua intensa obsessão por ele — podia desabar por cima dela a qualquer momento, dadas aquelas circunstâncias. A maior parte das pessoas questionaria a ética de Fall ao dormir com ela naquela situação. E iriam certamente questionar a decisão dela. E se Kehoe descobrisse? Estava a ser estúpida. Estava a baixar a guarda, uma coisa que Alice simplesmente nunca fazia.

Mas, por alguma razão, sentia sempre que fazia a coisa certa quando Dylan lhe tocava...

— Gostava de poder conversar mais um pouco contigo — disse Thad, interrompendo os seus pensamentos e dando um passo na sua direção. O coração de Alice deu um pulo. — Sozinhos. Em privado — acrescentou num tom tenso.

— Pensei que se tinham perdido no bosque — disse Dave secamente, aproximando-se. Alice deu um passo atrás. — As nossas equipas estão de serviço ao jantar — lembrou a Thad. — Se queres tomar um duche primeiro, é melhor despachares-te.

— Sim. Está bem — respondeu Thad num tom distraído, arrancando o olhar do rosto de Alice. — Até logo — disse-lhe vincadamente antes de correr na direção da sua cabana.

— Queres que leve essa tralha? — perguntou-lhe Dave amigavelmente, acenando para os coletes. — A arrecadação fica perto na nossa cabana.

— Não é necessário, obrigada. Eu posso levar.



Dave acenou com a cabeça na direção que Thad tinha acabado de seguir.

— Desculpa lá ter-vos interrompido — disse baixinho. — Calculei que o Thad se tivesse esquecido do jantar. Ele tem tendência para se esquecer das coisas, quando estás por perto — acrescentou com um sorriso.

— Não há problema nenhum — assegurou-lhe, ansiosa por corrigir o seu mal-entendido. — Estávamos só a conversar.

O olhar de Dave era um pouco benévolo de mais para o seu gosto.

— A Kuvi mencionou que tinhas saído da cabana ontem à noite. — O estômago de Alice comprimiu-se. — Não te preocupes — apressou-se ele a acrescentar, obviamente a interpretar mal a sua expressão alarmada. — Eu e a Kuvi sabemos guardar um segredo. Foi só por acaso que percebemos os dois que estávamos na mesma situação. Foi a única razão por que falámos do assunto.

— Qual situação? — perguntou Alice, confusa.

— Somos os colegas de quarto que têm colegas de quarto que estão... — Dave fez um gesto circular com a mão, como se não fosse condescender em declarar o óbvio. Alice desejava que ele o pusesse por escrito, porque não fazia ideia do que estava a falar. — Até fui eu que o mencionou a Kuvi primeiro... sobre o Thad ter passado a maior parte da noite fora. Depois ela falou-me de ti e tudo fez sentido. A Kuvi normalmente não teria dito nada se não tivéssemos isso em comum. E não te preocupes — fez o gesto de trancar os lábios e deitar fora a chave. — O teu segredo está em segurança. E até aprovo o gosto do Thad... pela primeira vez. Como eu disse, a privacidade é uma coisa rara, por aqui. Temos de nos ajudar uns aos outros a protegê-la, certo?

— Dave, eu acho que tu...

Alguém gritou o nome de Dave. Ele virou-se e acenou.

— Tenho de ir. Vemo-nos ao jantar — disse, voltando a correr pelo trilho e deixando Alice totalmente estupefacta. Não fazia ideia de como lidaria com aquela nova complicação na sua vida.

Nessa noite, Alice convenceu os miúdos a jogarem uma divertida partida de *Pictionary*, apesar da insistência de Terrance em que contassem mais

histórias de fantasmas. Depois do que lhe acontecera na noite anterior no castelo, ela pensava que já ouvira histórias de fantasmas suficientes. Crystal preocupara-se com a possibilidade de os miúdos terem pesadelos. Mal sabia ela que seria Alice a acordar no meio de um pesadelo, pensou com auto-aborrecimento. Algures no meio do ruidoso jogo de *Pictionary*, Alice ganhou coragem e tomou uma decisão.

Não iria ao encontro de Dylan, nessa noite, no bosque. Sentia-se esmagada por tudo o que estava a acontecer.

Precisava de um pouco de tempo e espaço para perceber tudo o que se passava.

A decisão deixou-lhe uma dor desconfortável na proximidade do peito, quando saiu da cabana da Equipa Vermelha, nessa noite. Uma emudecida luz rosa e lavanda pendia ainda sobre o céu a ocidente. Viu de imediato Thad e Brooke parados na interceção de um dos caminhos do campo. Thad olhou em volta quando Alice fechou a porta atrás si, como se estivesse à sua espera. Deu meio passo atrás, e Brooke deu um longo passo para ele, o olhar fixo no seu rosto. Estava a falar em voz baixa. Pela primeira vez, Brooke não parecia uma cabra. Talvez fosse uma partida da luz fraca, mas, em vez disso, a rapariga parecia ansiosa. Thad voltou-lhe as costas e disse qualquer coisa que Alice não conseguiu ouvir.

A sentir-se como uma intrusa, Alice apressou-se na direção da sua cabana. Sentia-se nervosa e vagamente nauseada. Dylan estaria no bosque à sua espera dentro de meia hora. Magoou-a pensar nele ali à espera, sozinho.

Sentia o corpo em brasa. Inquieto. Duvidava conseguir descansar. Ia ficar a recordar o sexo da noite anterior, a reviver as coisas que ele lhe fizera... as coisas que adorara, sabendo a cada segundo que estava a privar-se de tudo aquilo.

Lindo. Tinham bastado quase vinte e quatro horas para descobrir que era uma ninfomaníaca.

E recordava com demasiada nitidez aquele estranho incidente no corredor do castelo.

*Uma ninfomaníaca com tendência para sofrer pesadelos.*

— Alice.

Ouviu o som de ténis a bater no caminho e a voz de Thad. Virou-se. Por detrás do ombro dele, viu Brooke a observá-los. Quando a olhou fixamente, Brooke deu meia-volta e seguiu na direção oposta no caminho.

— Olá — disse Thad, parando a alguns passos de distância. Sorriu. — Estava à espera que saíesses.

— E a Brooke estava à tua espera? — perguntou Alice com um pequeno sorriso.

*Onde é que Thad passara a noite anterior?* Não tinha nada a ver com isso, repreendeu-se a si mesma. Não era propriamente como se ela não tivesse também alguns segredos. Além disso, pelo que conhecia de Thad, o mais provável era ter-se escapulado num dos barcos de pesca e adormecido embalado pelas ondas. Já percebera como ele adorava os barcos e a água. Não estava a brincar quando lhe dissera naquele primeiro dia que gostava de ser pescador.

Thad encolheu os ombros, parecendo vagamente embaraçado. E muito atraente num par de calças de ganga e uma *T-shirt* branca que destacava o seu bronzeado e os olhos verdes.

— Ela quer uma coisa que não é real — disse Thad, acenando na direção que Brooke seguiria.

— Referes-te ao rebento de sangue azul da dinastia Schaefer?

— Pois. Ao contrário de ti, parece não compreender que a identidade é uma coisa falsa.

— Não me parece que seja falsa — protestou Alice. — És tão cavalheiro aristocrático como qualquer outra pessoa que já conheci.

Ele riu-se e tocou-lhe no braço com as pontas dos dedos. Ela engoliu em seco, desconfortável, e desviou o olhar. As coisas seriam tão mais simples se se sentisse loucamente atraída por Thad, não pelo CEO da Durand Enterprises.

— Queres dar um passeio?

— Onde? — perguntou Alice, a olhar pouco à vontade na direção do bosque onde dissera a Dylan que iria ter às nove e meia. O bosque já se encontrava coberto de escuridão. De certeza que ele ainda não tinha chegado.

Thad pareceu vagamente surpreendido por aquela pergunta incisiva.

— Sei lá. À praia? — perguntou.

— Ah. Está bem — disse Alice, afastando-se da sua mão. Thad era simpático e querido, mas gostava dele como amigo. Se Dylan não dominasse os seus pensamentos, talvez houvesse alguma hipótese. Talvez. Mas estava na altura de deter o interesse romântico de Thad, antes que as coisas se descontrolassem e a sua amizade se estragasse de vez. Alice não queria dar-lhe a impressão errada, em especial numa altura em que estava tão confusa emocionalmente.

Dirigiram-se para a praia, na direção oposta do bosque. Ficaria Dylan zangado por ela não aparecer? Preocupado? Bem, não podia fazer nada acerca disso. Ambos sabiam que estavam a ter um comportamento irresponsável, cedendo àquela coisa entre eles.

— Ei, espera aí — agradeceu Thad quando a viu precipitar-se na direção da praia. — Qual é a pressa?

— Desculpa. — A pressa era para se afastar da cabana e do bosque... da potencial vista de Dylan. Reparou no olhar vagamente perplexo de Thad à luz do crepúsculo. — O que foi? — perguntou.

— Nada. Pareceste-me um pouco... preocupada todo o dia — disse ele, apanhando-a.

— Oh. Acho que estive, sim. Um pouco — disse devagar, a olhar o céu riscado de carmim sobre o lago cintilante. O dia morrera num glorioso pôr do sol.

— Vais deixar-me em *suspense*? — perguntou Thad divertido, quando ela não elaborou.

Alice fez-lhe um pequeno sorriso.

— Acreditas em fantasmas? — perguntou sem pensar, após um curto silêncio interrompido apenas pelas ondas que acariciavam a praia num ritmo sedoso.

— Sim, e em vampiros também, mas tenho as minhas dúvidas no que diz respeito aos lobisomens e aos elfos. — Riu-se e ela fez-lhe um olhar severo. O seu riso esmoreceu.

— Estás a falar a sério? — perguntou, as sobrancelhas a inclinarem-se no que ela reconheceu como um ar de preocupação. Pela sua sanidade, sem dúvida.

— Esquece — balbuciou.

— Não, Alice... — Ele estendeu a mão e tocou-lhe no antebraço, mas ela abanou a cabeça, embaraçada, e continuou a caminhar. A mão caiu.

— Não é nada de especial. Só tive um pesadelo horrível, ontem à noite, mais nada — disse, o tom a assegurar-lhe que não era de importante. — O que é que achas de transferirmos o Terrance para a linha ofensiva? Ele podia ser ótimo a bloquear, se o ensinássemos a usar aquele peso a seu favor.

Thad parou por um momento ao ouvir aquela abrupta mudança de assunto para o futebol, mas acabou por se juntar a ela na conversa mais segura. Passado algum tempo, ficaram em silêncio, não dizendo nada enquanto progrediam ao longo da linha de costa e a escuridão caiu sobre eles.

O coração dela deu um pequeno salto quando ele voltou a pôr a mão no seu braço, mas, desta vez, parou. Era melhor resolver aquilo de vez.

— Desculpa ter-te feito calar daquela maneira. Há pouco — ouviu-o dizer, a voz dele a soar mais próxima sob o manto da escuridão. — Não percebi que estavas falar a sério.

— Tudo bem. Deve ter parecido estranho. Eu também não acredito em fantasmas. A sério.

Ele riu-se suavemente.

— Deve ter sido um pesadelo do caraças, para mencionares o assunto. — A mão apertou-se mais e ela sentiu o seu calor. A Lua estava quase cheia. Entre a sua luz, o reflexo da água e o brilho das estrelas, conseguiu ver quando a cabeça de Thad se aproximou da sua cara. — Fala comigo, Alice — murmurou. O hálito dele roçou-lhe a pele das faces. Ela sentiu o coração começar a martelar-lhe nos ouvidos. A cabeça dele baixou mais. Os seus lábios roçaram-lhe na têmpora. O odor do seu *aftershave* fez-lhe cócegas no nariz. Ela fez um contido som de angústia e recuou.

— Não, Thad — disse.

Ele ainda estava a tocar-lhe no braço. Ela não recuara tanto como julgava.

— Porque não? Não estás envolvida com ninguém, pois não?

— Não, não é isso — insistiu, recordando que lhe dissera durante a semana de formação que não tinha namorado.

— Porque, por esta altura, já deves ter percebido... quase todos os outros monitores no campo Durand já perceberam... que estou louco por ti — balbuciou, o tom quente e algo brincalhão, como se estivesse um pouco divertido e embaraçado pelos seus sentimentos. Pela sua honestidade.

— Eu... Obrigada. És muito querido — começou suavemente. Contraiu-se quando viu movimento por trás do ombro de Thad.

— Olá.

A mão de Thad baixou com a voz do homem. Deu meia-volta.

— Quem está aí? — perguntou, tenso. Mas Alice já sabia quem era. Mais ninguém possuía aquele contorno alto e magnífico.

— Fall — disse a sombra. — É o Thad Schaefer, não é?

— Ah... sim. Peço desculpa, não o ouvimos chegar. Também veio dar um passeio, senhor Fall?

Alice teve de admitir. Thad recompusera-se com notável facilidade, dadas as circunstâncias.

— Sim. Peço desculpa pela interrupção. A si e à...

As palavras de Dylan ficaram pendentes no húmido ar noturno num tom de expectativa. Ela sentiu que Thad hesitava em dizer o seu nome, como se não a quisesse expor desnecessariamente. Como se Dylan não conseguisse uma resposta de uma maneira ou de outra.

Como se Dylan não *soubesse já a resposta*.

A irritação cresceu por entre o seu estado caótico.

— Sou a Alice — replicou, incapaz de esconder a ponta de irritação no tom. Não queria disfarçar a sua agitação, naquele momento. Não gostava que ele a espiasse. — Alice Reed — acrescentou sombriamente, esperando que Fall sentisse o seu olhar carrancudo na escuridão.

— Sim, eu lembro-me — veio a sua voz rouca e vagamente divertida. — Da Equipa Vermelha, certo?

— Exato — disse ela por entre os dentes cerrados.

— Está uma bela noite para um passeio — disse Dylan, o tom ligeiro a fazê-la ranger os dentes. — É mais simpático na praia do que no bosque. Ainda bem que vieram por aqui.

Ela cerrou ainda mais os dentes, ao ouvir a mensagem velada. A mal disfarçada fúria.

— A brisa está agradável — concordou Thad.

— Tenho de voltar — disse Alice abruptamente. A borbulhante tensão do momento era demais para ela. Que Thad e Dylan ficassem a apreciar a noite agradável juntos. Ela fartara-se.

— Eeh... — começou Thad.

— Até amanhã, Thad. Obrigada pelo passeio — disse num tom calmo antes de se precipitar da areia para a linha das árvores.

— Alice... — chamou Thad, mas deteve-se com um som de frustração. Provavelmente julgava que ela se escapara porque não queria que Fall suspeitasse que estivera a confraternizar com outro empregado, embora não houvesse regras acerca de envolvimento entre os colegas no pacote informativo que recebera. Ela sentiu o sangue a ferver nas veias enquanto se dirigia para o caminho pavimentado, a sua fúria e ansiedade e confusão numa mistura volátil.

Desta vez, quando entrou no bosque escuro e ouviu os passos firmes e rápidos atrás dela, soube muito bem que era um homem de carne e osso, não um fantasma. Deu meia-volta de rompante quando ele deteve a sua fuga agarrando-a com firmeza pelo antebraço, a frente do corpo a entrar em contacto com a sua sólida altura.

— Deixa-me — balbuciou, desferindo-lhe um soco no meio do peito.

— Porque é que estás sempre a bater-me? — silvou Dylan. Apesar do tom baixo, ele soava tão irritado como ela estava.

— Porque tu mereces — ripostou, a respiração entrecortada a misturar-se com a dele na opaca escuridão. — Porque é que tinhas de ir atrás de mim? Não percebes uma indireta?

— Não. Vais ter de me explicar — disse ele. Ela não o conseguia ver nas trevas, mas percebeu, de alguma forma, que estava furioso. Ele deu um

passo em frente. Ela sentiu a pulsação a saltar na sua garganta quando a pele começou a vibrar com o contacto.

— Sabes que não devíamos continuar a fazer isto, Dylan — sussurrou entre os dentes cerrados.

— Por isso pensaste em vir antes enrolar-te com o rapazinho bonito?

— Não. Jesus, eu não estava a *enrolar-me* com ele! Estávamos a passear.

— Quero que fiques longe desse miúdo.

— *O quê?* — explodiu, tendo dificuldade em manter a voz baixa na sua fúria. — Ele é um ano mais velho do que eu, não é um miúdo! É meu amigo. E ao menos quis fazer outra coisa comigo sem ser levar-me para a cama — declarou ferozmente.

— Não foi o que me pareceu — replicou Dylan com secura.

— Eu ia justamente... oh, esquece. Porque é que tenho de te dar explicações? — disse de maneira incisiva.

— Mantém-te longe dele. Vai dar os teus passeios com outra pessoa qualquer. Não sei muita coisa sobre o Schaefer.

Ela pestanejou. Que coisa estranha de se dizer.

— Tu és louco.

— Talvez — replicou num tom sombrio. — Mas não nisto. — A mão apertou-se no braço dela enquanto ele a puxava para si. Sentiu-lhe os seios contra as costelas, o baixo-ventre contra as virilhas. Ela pousou as palmas das mãos no seu peito. Mas em vez de o empurrar, porém, apenas absorveu a sensação do corpo dele: o músculo duro, o forte bater do coração. Suspirou de frustração, resistindo a uma quase avassaladora vontade de plantar o rosto nas próprias mãos para inspirar o cheiro dele. — Mas talvez tenhas razão numa coisa — disse Dylan.

Ela fez um pequeno movimento de surpresa.

— Só numa? — perguntou, trocista. — Mal posso *esperar* para saber qual é.

— Nunca te levei a um sítio bonito. A um sítio... romântico, onde possamos conversar e ficar a conhecer-nos melhor.

Aquilo fê-la parar.

— Queres *conversar* comigo?



— Quero — replicou ele, ignorando o seu confuso sarcasmo.

— E ser *romântico*?

— Poupa-me às tuas ironias, Alice. Vou ser o primeiro a admitir que não sou um especialista na matéria, por isso não há necessidade de seres condescendente.

— Eu *não estou* a ser condescendente. — Ela girou as ancas ligeiramente, pressionando-se mais contra ele. — Pensei que só me querias foder.

Sentiu o pau dele inchar com a sua provocação propositadamente rude. O ar à volta deles tornou-se de súbito demasiado denso.

— Eu *quero* foder-te — replicou ele, num tom rouco. O triunfo cresceu dentro dela com a fúria que lhe ouviu na voz. Apanhara-o. Pela primeira vez. A mão dele desceu-lhe pelas costas, os dedos detendo-se a brincar na curva superior do seu rabo. Alice tremeu de excitação. — Entre outras coisas — continuou mais calmo, como se entretanto tivesse conseguido controlar-se. — Vamos até à costa no sábado à noite. Conheço um sítio simpático e a dona vai ser discreta a respeito da nossa presença ali. Isso vai dar-nos algum tempo juntos. Amanhã vou ter de viajar, mas volto a tempo — ponderou, e Alice soube que não abalara a sua exasperante autoconfiança. Tentar ignorar a sua voz baixa e rouca e a mão que lhe acariciava as costas e o rabo só estava a deixá-la cada vez mais subjugada. — Muito bem. E agora vais dizer-me porque é que me estavas a evitar? — perguntou. O seu hálito quente roçou-lhe nos lábios, e ela sentiu qualquer coisa ceder dentro de si. Suavizar-se.

— Não achas que é óbvio? — perguntou. — Nós não devíamos estar a fazer isto. Vais ter sarilhos com a direção. Eu posso ser expulsa do campo Durand. Eu *preciso* deste emprego, Dylan.

Por um momento, ele não falou. Alice conteve a respiração, a perguntar-se o que estaria ele a pensar. Parecia-lhe tão impenetrável, por vezes. Ficou com a respiração entrecortada quando ele lhe acariciou o lado da cabeça com a mão aberta. O polegar esfregava-lhe a têmpora, a sua ligeira aspereza a provocar-lhe um formigueiro de prazer por baixo da pele.

— Ninguém te vai expulsar da Durand por causa disto. Tens a minha palavra.

— E tu? E o teu emprego?

— Estás a querer tomar conta de mim? — grunhiu, soando perigoso e vagamente divertido ao mesmo tempo. — Faz-me um favor, e não tomes conta de mim indo dar passeios românticos na praia com o Thad Schaefer.

— Estou a falar a sério, Dylan!

— Eu também. Sou o maior acionista e o CEO da Durand. Ninguém me vai mandar embora. Talvez a situação não seja a ideal...

Ela soltou um ronco trocista, mas ele ignorou-a.

— ... mas isso não me vai fazer afastar de ti, Alice.

Ela ficou completamente imóvel, aquelas palavras a afetarem-na, quer gostasse quer não. O seu queixo inclinou-se para cima. E não conseguiria dizer se foi ela que o beijou ou ele que a beijou, mas os seus lábios estavam subitamente a juntar-se, a morder, a explorar na escuridão. Choques elétricos começaram a disparar na sua pele, fazendo-a despertar, desabrochar.

— Eu já decidi — disse Dylan junto aos seus lábios um momento mais tarde. — Vais passar as noites comigo.

— Não sejas... um... ditador — sibilou ela, a boca a fechar-se e a fazer uma sanduíche do lábio inferior dele. Ele soltou um suave grunhido.

— Não sejas tão rebelde. Em especial quando nem sequer sabes contra o que te estás a rebelar.

— Estás à espera que mude a minha natureza por tua causa? — desafiou-o suavemente, a prender-lhe o lábio de novo, desta vez com os dentes. Sentiu-o endurecer contra a sua barriga, com a rude carícia. A excitação cresceu nela.

— Não — disse ele. Agarrou-lhe no rabo com as duas mãos e selou os seus corpos ainda com mais força. Alice arqueou as costas, curvando-se para ele, o corpo a reagir de moto próprio ao seu toque. Naturalmente. — Desde que não esperes também que eu mude — disse ele antes de a sua boca se instalar na dela, firme e exigente.

Possessiva.

O corpo dela ficou quente e líquido, sob aquele beijo.

— Vais continuar a resistir-me, Alice? — perguntou Dylan segundos mais tarde contra os seus lábios, enquanto lhe moldava as nádegas com as mãos. Maldito. Sabia perfeitamente o que lhe estava a fazer com aquele beijo.

— Talvez — sussurrou ela.

— Então posso ter de te castigar.

O corpo dela acelerou mesmo antes de compreender completamente o que ele dissera. Fora o mero tom da sua sedutora ameaça que o provocara; a quente ponta de humor e, mesmo abaixo da superfície, o frémito do aço que era como dedos a percorrer-lhe a espinha ou a rápida fricção de pele contra pele.

— Tens medo? — perguntou. Talvez tivesse reparado na mudança na sua respiração.

— Não — disse ela com honestidade. Não era medo o que estava a experimentar, encostada a ele com a noite a envolvê-los e as suas mãos a acariciar-lhe o rabo lascivamente. Aquela conversa sussurrada e picante funcionava como uma potente sessão de preliminares. — Mas achas mesmo que isso vai funcionar? — persistiu, trocista.

Ele desceu com uma mão pela pele do seu braço nu enquanto agarrava com firmeza uma nádega. A mão envolveu a dela. Alice estremeceu.

— Ah, vai sim — replicou, e ela soube que ele percebera a sua reação.

— Não vou deixar de ser rebelde — garantiu-lhe.

— O objetivo dos meus pequenos castigos não é mudar-te — disse ele, e Alice ouviu o sorriso na sua voz, aquele que a fazia lembrar um pirata.

O seu coração batia desordenadamente. A sensual ameaça dele fizera com que uma série de cenários eróticos lhe surgissem na mente, cada um deles a deixá-la mais ansiosa e ofegante do outro. Ainda assim... não podia permitir que ele lhe desse ordens daquela maneira. Só porque o desejava loucamente isso não significava que confiava nele. Como podia confiar, quando nem sequer confiava em si própria?

— Não vou ao castelo esta noite — disse, trémula.

— Vais, sim — corrigiu ele.

O coração dela palpitou. Ali estava outra vez. Aquela descarga de excitação que a percorria quando estava junto a Dylan na escuridão, aquela faísca de proibido.

— Está bem — concedeu, sem fôlego, passado um momento. — Eu vou.

— Pois *vais* — rosnou ele baixinho, beijando-lhe o canto da boca, o tom a não deixar dúvidas do que esperava. Ela forçou-se a recuar um pouco.

— Para ver os relatórios da Durand, como me pediste — esclareceu.

Sentiu-o ficar rígido. Seria imaginação, ou o canto das aves e dos grilos na floresta em volta desaparecera de repente? Dylan era um desses homens raros cuja disposição podia alterar a atmosfera, pelo menos na sua opinião. Esperou ansiosamente.

— Está bem — disse ele passado um momento. — Se é o que tu queres.

— É o que eu quero — mentiu.

Ouviu o seu contido ronco de troça.

Pegou-lhe na mão e, mais uma vez, estava a conduzi-la com o seu passo seguro por entre as trevas.

**D**ylan moveu-se na cama, endireitando uma longa perna e puxando inadvertidamente o lençol branco até à cintura enquanto o fazia.

O som dos lençóis macios a sussurrar contra a pele nua dispersou a já frágil atenção de Alice. Debruçou-se para a frente na cadeira e lançou um olhar cauteloso na direção dele. Viu-o virado para o outro lado, a dormir profundamente. Quando chegaram ao quarto, ela insistira em examinar os relatórios na zona de sentar, não na cama.

Na escura e tensa subida para o castelo, pensara insistir com Dylan para que a deixasse estudar os relatórios no escritório vazio ou noutro espaço qualquer. Mas quando entraram na mansão escura, mudou de ideias. A casa adormecida atraía-a de muitas formas, mas o seu fascínio tinha um outro lado — um lado mais negro. Detestava admiti-lo para si mesma, mas a grande casa de Dylan assustava-a. À noite, parecia vigilante e algo misteriosa, empoleirada no alto da falésia sobre o campo e envolvida nas sombras. Quando entrara ali, de mão dada com Dylan, uma muda sensação de expectativa parecia cobrir os corredores e quartos escuros. A pesada sensação de compressão inundou o peito de Alice e deixou-a nervosa.

Apenas a presença de Dylan dispersava as sombras. Ela não queria ficar sozinha nalgum escritório distante enquanto Dylan dormia na sua cama.

Com a exceção daquele movimento um minuto antes, sempre que o olhara da luxuosa cadeira onde estava sentada, ele estava perfeitamente imóvel. Aborrecia-a um pouco que tivesse adormecido tão facilmente, em contraste com a sua agitação. Franziu o sobrolho enquanto pousava o computador que ele lhe emprestara sobre a mesa de centro. Introduziu alguns números do relatório numa calculadora e tomou algumas notas.

O lençol e edredão tinham-se aglomerado em torno da cintura dele. As suas costas eram lindas, pele macia sobre músculos definidos. Continuou a percorrer a curva sensual desde o peito largo e as costas até à cintura estreita. Apesar de ter a franja um pouco para o comprido, o cabelo na sua nuca era curto e cortado numa linha direita. Concisa. Experimentou uma

vontade avassaladora de encostar o nariz àquele ponto, deslizar a língua ao longo daquela linha direita enquanto inalava o seu odor masculino e lhe despenteava o cabelo mais comprido em cima com os dedos ávidos.

O seu clítoris agitou-se de excitação. Os mamilos roçaram contra as copas do sutiã. Pressionou distraidamente as pontas dos dedos contra as faces quentes e depois nos lábios, roçando a pele ultrasensível com uma unha. O prazer invadiu-a. Moveu-se na cadeira, pressionando-se com as ancas contra a almofada para obter alguma fricção naquela tensão crescente.

O tempo arrastava-se, tortuosamente lento. Durante curtos períodos, concentrava-se na sua tarefa, mas era bem menos eficiente do que o habitual. A tensão entre as suas coxas crescia até ser impossível de ignorar. Cada vez mais desesperada, largou a caneta na almofada e levou a mão à coxa, fazendo-a deslizar para cima na direção do sexo.

Ao perceber o que estava a fazer, endireitou o relatório no colo, virando as páginas e tentando recuperar a concentração frágil.

Não funcionou.

Ao início da noite, Dylan saíra da casa de banho vestindo apenas um par de calças de pijama azul-escuras. A imagem estava gravada na sua mente. Alice tentara desviar o olhar daquela visão intimidantemente magnífica, mas não conseguira. Ele dirigira-se para os pés da cama, o olhar escuro fixo nela.

— Tens a certeza de que não precisas de mais nada? — perguntou-lhe, acenando significativamente para o copo de *Dr Pepper Diet* e um pacote de *Jingdots* aberto sobre a mesa ao seu lado, juntamente com a pilha de relatórios da Durand, um computador portátil e uma calculadora. Alice ficara entusiasmada ao ver o grande frasco de vidro cheio com os viciantes doces em cima da bancada da gigantesca cozinha.

Arrancara o olhar da atraente visão do seu abdómen rígido e firme e dos músculos oblíquos que desapareciam debaixo do elástico das calças do pijama. Abanara a cabeça.

— Não. Já tenho tudo o que preciso.

*Que grande mentirosa que te estás a tornar.*

Ele parara ao canto da cama. Ela concentrara-se teimosamente no relatório que tinha no colo.

— A teimosia pode ser uma coisa boa, Alice. Mas nem *sempre* é uma virtude.

A pulsação acelerara na sua garganta, com a voz baixa e grave a fazer-lhe vibrar os ouvidos. Mantivera os olhos no relatório, exibindo montes da dita questionável virtude. Ele subira para a cama sem outra palavra, desligara a luz na mesa de cabeceira e deitara-se de costas para ela.

Alice fixara determinadamente o olhar na página, mas não valera de nada.

Se quisesse mesmo fazer alguma coisa, o que precisava era que Dylan Fall estivesse a quilómetros de distância. Tê-lo na cama a poucos metros de distância sem mais nada vestido senão um fino par de calças de pijama que deixavam pouco espaço para a imaginação — bem, isso não contribuía em nada para a sua habitual concisa capacidade de se focar nos números.

Para pensar racionalmente de uma forma geral.

De facto, a presença dele naquela cama era um poderoso íman para a sua atenção, para não falar da sua libido. O seu sexo estava ultrassensível. Quente. O tecido dos calções de ganga contribuía para isso, estimulando-lhe o sexo sem querer.

Debruçou-se para a frente com cuidado e espreitou para a cama. Ele continuava virado de costas, tão imóvel como uma estátua.

Experimentou tocar-se por cima dos calções, mordendo o lábio inferior com a pressão. As coisas pareciam muito húmidas entre as suas coxas. Esfregou o clítoris para cima e para baixo com a ponta do dedo, pressionando firmemente, erguendo um pouco as ancas. A sensação pulsou pelo seu corpo, deliciosa e proibida, e no entanto, estranhamente insuficiente. Frustrada, enfiou o indicador por baixo da bainha desfiada dos calções e chegou à extremidade das cuecas. O dedo introduziu-se sob o elástico.

Estava sumarenta.

Rendeu-se por um momento ao prazer.

O som de Dylan a mover-se na cama penetrou na sua consciência. Retirou a mão como se tivesse sido queimada, o pulso a bater contra o braço da cadeira. Culpada, procurou a caneta, descaindo mais na poltrona para se esconder. Por um tenso momento, teve medo de olhar para a cama. Olhou cegamente os números na página, o coração a martelar a um ritmo frenético nos seus ouvidos. Estava vividamente consciente da humidade do seu dedo a espalhar-se na caneta que agarrara.

— Vem cá.

Pestanejou de choque, certa de que imaginara a ordem em tom grave. O seu coração pareceu parar. Cautelosamente, espreitou a cama. Ele virara-se e estava a olhar para ela. A cama encontrava-se banhada em sombras, mas ela conseguia ver-lhe os olhos a cintilar por baixo das pálpebras pesadas. Engoliu em seco convulsivamente.

— Eu... ainda não acabei — balbuciou pouco convincentemente.

— Acabaste sim. Com isso. Vem cá — repetiu.

Movendo-se muito devagar, pousou o relatório e levantou-se. Deixou a caneta que agarrara sobre a mesa e começou a dirigir-se para a cama. Ele continuava sem se mover. O seu olhar sobre o dela era como o de um falcão. Elétrico. Sentindo-se embaraçada sob aquela intensa atenção, passou as mãos pelos calções, para limpar os seus sucos.

— Não faças isso — disse ele com severidade, erguendo-se ligeiramente, apoiado sobre o cotovelo.

— Não faço *o quê?* — perguntou ela, o joelho a chocar contra o lado da cama.

Ele pegou-lhe no pulso direito. Oh, não. Ergueu-lhe a mão à altura do rosto. Ela conteve a respiração enquanto ele lhe observava os dedos com os olhos semicerrados. *Graças a Deus* que limpara a maior parte da prova da excitação no interior dos seus calções. O dedo ainda brilhava um pouco, mas podia ter sido do refrigerante, ou da transpiração.

— O que é que estás a fazer? — balbuciou, puxando a mão. Em vez de a libertar, ele ergueu-lhe mais os dedos.

Ao nariz. Inspirou. Ela ficou gelada. Depois ele virou-se para ela e os olhos de Alice cresceram de tamanho com o que ali viu. Ele parecia muito



duro, naquele momento. Feroz, furioso. Focado.

— Não gosto disso, Alice — disse ele, o tom baixo a parecer-lhe sinistro. Ela estremeceu.

— Não gostas do quê? — disfarçou.

— Não gosto que insinues que não precisas de ser tocada, que consegues passar sem sexo esta noite, quando é óbvio que estás a mentir.

— Não é óbvio... — Ela arfou audivelmente, atónita. Ele abriu os lábios e inseriu o dedo dela na boca. Lambeu-lhe a pele com uma língua quente, sugou-a ligeiramente... a examiná-la. Qualquer coisa se agitou bruscamente dentro de si. Ficou em chamas.

— Não há nada mais óbvio do que isto — disse ele com um olhar significativo depois de retirar o dedo da boca. Alice só conseguiu olhá-lo, muda. Ele parecia mais do que zangado.

— Tira a roupa — disse.

— Porquê? — sussurrou estupidamente. Os seus modos naquela noite excitavam-na de uma forma quase insuportável, mas estava também desconfiada.

— Porque vou dar-te palmadas por seres tão teimosa — disse ele. A sua boca dura estremeceu. — Depois vou fazer-te gritar de prazer por seres tão teimosa. Agora, vá — incitou. — Despe-te. Quero ver.

Ela podia ter conseguido resistir se a boca dele não se tivesse suavizado de humor. *Ou* se o rosto dele não tivesse ficado de novo rígido e severo quando disse que queria vê-la despir-se. Ele não era realmente tão intimidante como por vezes imaginava. Era apenas o desejo que o fazia parecer tão duro.

E ele desejava-a. Muito. Estava escrito por todo o seu rosto e em cada linha dos seus músculos contraídos, naquele momento. Essa noção deu-lhe poder. Ela desejava-o com igual intensidade. Era uma coisa extraordinária, assustadora, olhar sem pestanejar para a face do desejo.

Descalçou os sapatos de lona que usava e desapertou o botão de cima dos calções.

— Eu não quero ser espancada — disse, enquanto continuava a desabotoar-se. Até a pressão indireta dos seus dedos lhe deixava o sexo a

vibrar.

— Veremos — disse ele enigmaticamente, o olhar sedutor a seguir o percurso dos dedos dela. Que tinham chegado ao último botão. — Toca-te outra vez. Como fizeste ali na cadeira.

Ela parou.

— Estavas a espiar-me — acusou.

— Estava a ver-te trabalhar — replicou ele sem vestígios de culpa. — Quando te vi toques-te, foi apenas um bónus. Toca-te outra vez. Toca-te enquanto eu vejo — exigiu com a voz tensa. O seu olhar fixo entre as coxas dela parecia possuir peso próprio. Alice moveu os dedos sobre a roupa interior húmida, estimulando os lábios vaginais e o clítoris. Céus, estava mesmo molhada. Geceram em uníssono. De súbito, as mãos dele estavam de novo sobre o seu pulso e ele estava a levar-lhe a mão à boca. Sugou-lhe os dois primeiros dedos na boca quente. Ela viu-o chupá-la e lambê-la, a tremer perante aquela escaldante avidez.

Um momento depois, ele retirou-lhe os dedos da boca e voltou a enfiar-lhe a mão entre as pernas. Pressionou-lhe os dedos molhados pela abertura dos calções. Moveu-lhe o braço, manobrando-a numa direção ascendente e descendente, forçando-a a tocar-se. Não, não forçando. Ela era bastante cooperativa. A pressão adicional da mão dele só a tornava mais convincente do que seria de um modo geral. Ela estremeceu. Sabia tão bem. Os olhos dele pareciam em chamas, enquanto a via manipular-se. Depois soltou-a. Ela continuou, porém, esfregando rigorosamente a rata entre a braguilha aberta, dando-lhe exatamente o que ele pedira, dando-se o que necessitava.

— Sim, isso mesmo — disse ele com a voz espessa, o rosto a aproximar-se das suas coxas. — Isso é meu, eu tenho o direito de ver, Alice — sussurrou.

Ela queria discordar, mas alguma coisa na forma quase reverencial como ele a observava enquanto se masturbava imobilizou-lhe a língua. Além disso, o seu flagrante tom possessivo naquele momento excitava-a. Talvez houvesse diferentes tons de verdade, quando se falava de um desejo assim tão poderoso.

— Por agora é — concordou, enfiando os dedos por baixo do elástico das cuecas para mergulhar os dedos no seu creme abundante. Naquele momento, gostava de o dizer. Ele era dono do seu prazer. Agitou o sexo sumarento e mordeu o lábio para conter um gemido alto. Dylan não se deu ao trabalho de se censurar. Gemeu ruidosamente e pôs uma grande mão no rabo dela, puxando-a para si. Baixou-lhe mais as cuecas bruscamente e enfiou a cara entre as suas coxas. A língua deslizou entre os dedos em movimento. Ela gritou, a tremer com a sensação da língua dele a enterrar-se entre os seus lábios vaginais e a lambe-lhe o clítoris firmemente. Desviou a mão, curvando-se por instinto ao seu óbvio domínio da tarefa. Arrepios de prazer refinado abalaram-lhe o corpo.

Aconteceu tudo tão depressa. Tão totalmente. Num momento, estava a resistir-lhe.

No momento seguinte, pertencia-lhe, só fazia o que ele queria.

Dylan cobriu-lhe a vulva e aplicou aquela sucção que a fazia revirar os olhos, ao mesmo tempo que lhe agitava o clítoris com a língua. Os dedos dela enterraram-se no seu cabelo espesso, despenteando-o impudicamente. Perdeu-se para um momento de êxtase, perdeu-se para ele...

Gritou quando o sentiu erguer a cabeça de entre as suas coxas. Ele usou os dedos para lhe afastar os lábios vaginais e, por um longo segundo, limitou-se a olhar fixamente o meio das suas coxas enquanto ela o observava. Não a fizera vir com aquela língua firme e contundente, mas ficara perto. Tão perto. Alice também estava perto.

De suplicar.

Antes de o poder fazer, ele baixou as mãos e içou-se para cima na cama para ficar sentado, fletindo os músculos abdominais. Ela ficou ali, entontecida e tensa como uma corda esticada.

— Tira o resto das roupas e deita-te no meu colo — disse ele enquanto enfiava algumas almofadas por detrás das costas.

Ela sentiu um protesto na ponta da língua, mas conteve-se quando lhe percorreu o corpo com o olhar. A sua ereção era flagrante e magnífica, erguendo o fino algodão das calças do pijama. Conseguia ver com clareza

através do tecido a forma da cabeça levemente cônica e ampla. A sua boca ficou seca, o protesto a evaporar-se.

*Não é nada sério. É apenas sexo. Estão só a divertir-se. Tens quase vinte e quatro anos, não está na altura de te divertires um pouco na vida?* Tudo aquilo teria soado lindamente na sua cabeça se não houvesse uma outra voz a insistir ao mesmo tempo que Dylan Fall era o exato oposto de uma brincadeira sem importância; era mais como viajar num foguete para porções não cartografadas da galáxia.

Pigarreou, desviando o olhar da ereção dele, e começou a despir as roupas. Quando finalmente tirou o sutiã, ele estendeu-lhe as mãos. Ela foi.

Tinha uma vaga ideia do que ele queria. Queria que ela se deitasse no seu colo para a poder espancar. As suas faces ruborizaram-se com a ideia enquanto ela se ajoelhava no colchão e se deitava sobre as coxas duras de Dylan. Uma mão na sua cintura instou-a a subir mais. Ela parou e mordeu o lábio com a sensação da cabeça do seu pau ereto a roçar-lhe contra a sua barriga. O tecido fino das calças do pijama parecia muito insubstancial, a sua mera presença uma provocação. A palma dele curvou-se em volta de uma nádega nua.

— Deita-te completamente — ordenou, guiando-a com a mão. Quando por fim ficou instalada, tinha os seios ao lado de uma coxa dura e o rabo deitado sobre a berma da outra. Sentia o pénis dele a queimar-lhe uma zona da pele ao longo da barriga e entre as costelas. Sentia-o tanto a palpitar contra si que conteve a respiração.

— Descontraí-te — disse ele, acariciando-lhe a anca, o rabo, a coxa.

— Para ti é fácil de dizer — balbuciou ela.

Ele fez uma pausa nas suas carícias. A sua mão estivera a distraí-la.

— Nunca foste espancada?

— Não, assim não — disse ela, franzindo o sobrolho. — Só, tu sabes...

— O quê? — perguntou.

— Ontem à noite.

— Ah, pois. — Alice conseguiu ouvir o sorriso na sua voz. Ele retomou as carícias. — Aquilo não era a mesma coisa. Aquilo foi no calor do momento. Isto vai ser mais deliberado, percebes?

O seu tom paciente, a mão a acariciar-lhe a pele nua e a sensação da sua ereção a pulsar contra a barriga estavam a tornar muito difícil que ela se concentrasse.

— Não precisas de falar como se eu fosse uma estúpida aluna da escola, ou coisa do género. Nem toda a gente é tarada como tu.

Ele soltou uma pequena gargalhada. Ela virou-se um pouco para lhe ver a cara.

— O que foi? — quis saber.

Ele abanou a cabeça, obrigando o sorriso a desaparecer quando viu a indignada dúvida na cara dela.

— Calma, Alice. — Alguma coisa cresceu no peito dela quando os seus olhares se cruzaram. Ele baixou os dedos, fazendo-lhe cócegas na pele sensível mesmo entre as coxas e perto do sexo. As suas aguçadas defesas desfizeram-se. Deixou-se cair sobre as coxas duras e a fabulosa ereção.

— Não me queria rir — disse ele em voz baixa. — Mas és tão...

— O quê?

— Irritável. Querida. — Abriu-lhe as coxas com a suave pressão de uma mão. Ela arfou quando ele lhe penetrou a racha escorregadia com o dedo. Os músculos faciais de Dylan tornaram-se rígidos. — É verdade que gostava de te estar a foder vinte e quatro horas por dia — disse enquanto o seu dedo entrava e saía e ela mordia o lábio com a sensação. — É verdade que quero fazer contigo todas as coisas *taradas*, como tu disseste. Mas isso não significa que não goste de ti — disse-lhe enfaticamente, o dedo sempre a mover-se entre as suas coxas.

— Nem sequer me conheces — sussurrou ela, rouca, o olhar preso no dele.

— Sei mais do que pensas. E o que não sei vou descobrir.

— Dylan — disse ela a ferver, porque ele retirara o dedo e estava a esfregar a lubrificação no exterior da sua vagina com rigorosa precisão.

— Estás encharcada. — Ela gemeu, trémula, muda perante o próprio desejo. O seu clítoris ardia deliciosamente debaixo do dedo dele.

Dylan ergueu uma mão e empurrou-lhe ligeiramente a cabeça para cima dos lençóis macios.

— Quando a tua boca não está a matar-me, estão os teus olhos — declarou duramente. — Mantém a cabeça baixa enquanto eu te espanco.

Por uma vez, ela ficou sem resposta. Mordeu o lábio com consternada excitação enquanto ele lhe acariciava o rabo nu, deixando um rasto dos seus próprios sucos com o dedo. Depois ele ergueu a mão e deu-lhe uma palmada na curva inferior de ambas as nádegas.

Ela gemeu incontrolavelmente com o agreste estrondo de pele contra pele e o áspero impacto. Sentiu-lhe o pau a saltar debaixo dela, fazendo crescer ainda mais a sua excitação. Ardia-lhe o rabo, mas a sensação transformou-se rapidamente num ardor estimulante. Contorceu-se no seu colo, agitada e excitada. Ele pousou uma mão base da sua coluna, imobilizando-lhe o rabo, e desferiu-lhe três palmadas em firme sucessão.

— Para de te contorcer. — Ela foi percorrida por um frémito ao ouvir o seu tom duro e dominado pelo desejo. Fez um esforço para se imobilizar. O pau dele palpitava debaixo do seu corpo. Ardia-lhe o rabo. A grande mão de Dylan esfregava-lhe a pele em brasa. Não conseguiu conter o seu gemido de excitação.

— Foi com demasiada força? Tens de me dizer se foi, que eu atenuo.

Ela apenas abanou a cabeça, rolando a testa no colchão. Ele parou de lhe acariciar o rabo por um momento. Alice quase conseguia sentir a sua atenção focada nela.

— Gostaste?

A voz grave insinuou-se à volta dela como uma carícia. Fez um som de assentimento. Era a única coisa que conseguia fazer, mordendo o lábio com toda a força que conseguia. Era humilhante estar deitada nua no seu colo daquela maneira, exposta e vulnerável enquanto ele lhe espancava o rabo. E, no entanto, nunca se sentira tão excitada em toda a sua vida. Ele ergueu a mão. Ela sentiu o sangue acelerar como um tsunami nas suas veias. Os músculos do rabo e do sexo contraíram-se.

Ele deu-lhe mais algumas palmadas com a mão em concha. Quando ela não conseguiu impedir-se de se contorcer contra a crescente ereção, Dylan agarrou-lhe uma nádega e apertou-a com força antes de desferir palmadas na carne presa.

— Fica quieta, Alice — insistiu. Fez uma pausa, esfregando o globo de carne castigada como que para acalmar o ardor. O que só fez borbulhar ainda mais a excitação dela.

— Não consigo — lamuriou-se.

Ele mergulhou os dedos no cabelo curto na sua nuca e obrigou-a a virar a cabeça. Na sua visão periférica, ela viu-o estudar-lhe o perfil com atenção.

— Estou a magoar-te? — perguntou.

— Não, quero dizer... arde um pouco, mas...

— *O quê?*

— Não pares — suplicou ela, trémula.

Ele grunhiu ou praguejou, Alice não tinha a certeza. Também nunca veio a descobrir, porque a mão dele estava a cair sobre o seu rabo várias vezes, deixando-a em chamas. Em todo o lado.

Oh, céus, o que é que se passava com ela? Estava febril. Como podia *gostar* tanto daquilo?

Percebeu como que à distância que ele parara de a espancar, embora lhe estivesse a esfregar o rabo com uma mão livre. Ouviu a gaveta da mesa de cabeceira abrir-se de rompante.

— O que estás a fazer? — perguntou.

— A dar-te o que tu mereces.

Os olhos dela abriram-se mais com aquela sombria resposta. O que é que ela merecia? Alguma coisa pior do que a sua mão, talvez? Uma palmatória ou chicote? Alarmada e curiosa, ergueu a cabeça e começou a virar-se. Apesar do relâmpago de ansiedade, estava também altamente consciente da ligeira humidade num ponto por baixo da sua barriga. Ele estava tão excitado, tão ereto, que o seu desejo estava a verter através do tecido do pijama. Sentiu um súbito impulso de ver, e começou a erguer-se.

— Baixa a cabeça, Alice — disse-lhe Dylan. Alguma coisa no seu tom de voz fê-la obedecer. Depois ele estava a enfiar a mão entre os seus corpos colados.

— Oh... Jesus — exclamou quando ele lhe pressionou o clítoris e começou a senti-lo vibrar. — Que raio...

— É um vibrador. Vem-te, Alice — exigiu, antes de começar a espancar-lhe o rabo outra vez.

Ela não sabia muito bem o que aconteceu a seguir, a não ser que entrou em curto-circuito quando foi sufocada pelo prazer. O seu orgasmo foi quase violento de tão poderoso. Veio-se dramaticamente com o som da palma dele contra o seu rabo e a sensação daquele pau a pulsar furiosamente debaixo de si.

Ele enfiou um dedo bem fundo dentro dela. O vibrador continuava a zumbir impiedosamente no seu clítoris. Gritou quando outra vaga de orgasmo a percorreu. Teve uma vaga noção de que ele estava a falar.

— Sim, é isso mesmo. Estou a sentir — incitava. — Vens-te muito, não vens?

Alice imaginava que sim, porque quase apagou nos segundos seguintes. Recuperou a consciência com o som de uma sonora palmada. O ardor no seu rabo, conjuntamente com os estremecimentos de prazer, era delicioso. Proibido.

— Outra vez — sussurrou, impudica, no centro do fogo. Ele deu-lhe o que ela queria, espancando-lhe o rabo vivamente enquanto ela terminava de se vir. Ele esfregou-lhe e envolveu-lhe as nádegas com as mãos quando o seu prazer diminuiu. Ela ficou descaída no seu colo, exausta pela força do orgasmo.

Fora tão bom, percebeu ela confusamente. Tão bom que suspeitava que devia ficar preocupada. Enterrou a testa e as faces afogueadas nos lençóis macios.

— Céus, sou tão tarada como tu — gemeu. Fez um pequeno sorriso ao ouvir a deliciosa gargalhada dele.

— Não. Ainda tens um longo caminho a percorrer antes de lá chegares — disse ele. Pressionou-lhe suavemente as costas e ergueu as ancas, para roçar o pau contra ela. Alice abriu de imediato os olhos, a saciedade a quebrar-se ao recordar a furiosa ereção debaixo de si. — Acho que te vou mostrar.

— Mostrar o quê? — balbuciou ela, virando a cabeça. Ele removera a mão que estava a segurar o vibrador entre as suas coxas.



— O degenerado que eu sou.

Ela sorriu, desconfiada e excitada. Adorava o toque de humor combinado com a severidade que tantas vezes ouvia no seu tom de voz. Saberia ele, de alguma forma, que se não fosse aquele leve tom divertido, ela poderia rebelar-se contra a autoridade sobre os seus sentidos?

— Está bem — concordou.

— Levanta-te só um bocadinho — disse ele com a voz tensa.

Ergueu-se vários centímetros do seu colo, apoiando-se sobre os cotovelos e joelhos. Viu um rápido movimento por baixo de si. Os seus olhos abriram-se mais. Ele acabara de baixar as calças do pijama até abaixo dos testículos. O pau jazia contra a pélvis e a barriga firme. A cabeça ampla cintilava com fluido pré-ejaculatório. Os seus dedos ficaram loucos para lhe tocar. A boca começou a salivar.

Depois ele agarrou-lhe os seios soltos nas duas mãos, o polegar e o indicador a contornar-lhe os mamilos, a acariciá-los. Ela gemeu. Ele continuou a moldar-lhe um seio e a estimular o mamilo com uma mão. A outra desceu para o seu pau. Ergueu a coluna até ficar em ângulo reto com o corpo.

— Estou obcecado pelas tuas mamas. — Alice foi percorrida por um frémito de excitação quando ouviu a sua voz, tensa de excitação. Ele agarrou no grande pénis, acariciando-se. O som e a visão e a sensação de Dylan a quase explodir de desejo era um vício que ela nunca tinha conhecido ou imaginado. — Estou numa reunião ou numa chamada telefónica importante e fecho os olhos e vejo-os. Dá-me outra coisa para me torturar a lembrar, Alice. Deixa-me senti-los à minha volta.

Ela agiu por instinto, baixando-se outra vez, desta vez com os seios no centro do colo dele. Encostou a carne contra a sua ereção e pressionou a densa haste no vale entre os seios. O gemido gutural que ele soltou soou tão docemente aos seus ouvidos. Ansiava por vê-lo com uma fração do descontrolo que ele lhe causava. As mãos dele descaíram.

Mais tarde, ao recordar o que fez a seguir, seria invadida por uma onda de calor e embaraço.

Usou a mão como um ponto de pressão e o firme abdômen dele como o outro, enquanto lhe comprimia o pênis entre os seios. Subia e descia no seu colo, a acariciar-lhe o pau com as suas carnes, deixando-o ter prazer com ela. Dylan começou a mover subtilmente as ancas, como se a estivesse a foder, e isso também a excitou.

Quando ele voltou a pôr-lhe o vibrador no clítoris e começou a falar com ela — *vou espancar-te com mais força por seres tão boa, Alice; és tão firme e macia, e dás-me tanto tesão; isso; mais depressa; ficas o máximo quando estás com essa fome; toca no mamilo; belisca-o* — Alice perdeu todos os vestígios de controlo ou decência. Via-lhe o pau a espreitar pela racha entre os seus seios apertados, e baixou-se e chupou-lhe a cabeça succulenta. O seu sabor inundou-lhe a língua.

Ficou ainda mais ávida.

Gritou, o seu transe sexual a quebrar-se, quando ouviu Dylan a praguejar duramente e a retirar-se dela. A ponta do seu pau fez um *pop* quando lhe saltou de entre os lábios.

— Vem cá — disse ele. — Senta-te.

Ela pestanejou. Estaria zangado? Não, percebeu sem fôlego quando ele a puxou para a frente para a fazer montá-lo. Depois uma mão estendeu-se para a gaveta da mesa de cabeceira aberta, o seu olhar a descer do rosto dela para os seios. Retirou um preservativo.

Ela estudou-lhe a expressão rígida um momento depois, quando ele segurou no pau para a penetrar. Estava quase tão cego de luxúria como ela, aparentemente. Alice fez um trémulo gemido de impotência quando o pênis a perfurou. Ele estava enorme de desejo, e aquela era uma posição que ainda não tinham experimentado. A pressão era intensa.

— Chhh — fez ele, apoiando uma porção do peso dela segurando-a pela cintura. Puxou-a para cima, e ela seguiu o movimento, subindo sobre ele. Depois deixou-a cair sobre o pau com um lascivo atrito de carne. Alice agarrou-lhe os ombros e estremeceu. — As coisas contigo podem começar muito controladas, mas depois transformam-se — ele gemeu audivelmente quando repetiram o firme movimento em uníssono — numa loucura em dois segundos — sussurrou por entre os dentes cerrados.

As mãos grandes desceram para as ancas dela, os dedos a enterrarem-se na carne do seu rabo. Alice abraçou-o desesperadamente, como se ele fosse um salva-vidas e ela estivesse com medo de se afogar. Pressionou os seios tensos contra o peito dele e contorceu-se. O tempo pareceu parar, e no entanto continuavam a mover-se juntos, cada vez mais depressa, com cada vez mais força. Havia alguma coisa errada. Sentia crescer dentro de si uma pressão que estava para além da necessidade do alívio, interligando-se com a excitação e apertando-a com tanto força que parecia estar a comprimir-lhe o coração.

— *Ajuda-me*, Dylan — gemeu febrilmente.

— Jesus — sibilou ele, e ela ouviu a feroz angústia no seu tom. As mãos apertaram-se mais nas suas ancas e rabo, os músculos tornaram-se impossivelmente duros. Ele fazia-a saltar sobre si, e ela foi atirada para um mar de prazer e pressão. Sentiu o polegar dele no seu clítoris, a pressionar e a deslizar. Desencostando a face do seu peito, ela gritou e arqueou as ancas contra a mão dele. O orgasmo atingiu-a violentamente.

Abriu muito os olhos ao sentir-lhe o pau a inchar no seu canal enquanto ela estremecia, perdida de prazer. Ele puxou-a com força contra si, prendendo-a ao seu colo quando começou a vir-se. Por entre a névoa do prazer, Alice viu-o a observá-la com um olhar tenso, cintilante, um ligeiro rosar a formar-se na sua boca. Um músculo saltou na sua face rígida. Ela sentiu a convulsão do seu pau dentro de si. Com uma mão na sua nuca, ele puxou-a para baixo até as suas testas se tocarem.

— Vou dar-te sempre o que tu queres, Alice. Sempre.

As palavras soaram como se tivessem sido arrancadas da sua garganta. *Não*, pensou Alice loucamente enquanto ele a movia em cima de si outra vez, retirando-se e enterrando-se e fazendo-a arfar.

Devia estar enganada, de certeza, mas as palavras pareciam ter saído de algum lugar ainda mais fundo.

## DOZE

**A**lice estava confusa. Não conseguia perceber por que razão adorava aqueles estranhos, loucos e emocionais momentos de prazer com Dylan, ao mesmo tempo que se encolhia de ansiedade quando dava por si a entregar-se às experiências e às memórias tão completamente.

— Acho que estou a dar em maluca — disse em voz baixa, os lábios a roçar como penas sobre a pele de Dylan. Tinham apagado a luz e programado o alarme. Ele estava deitado de costas com os braços à sua volta, e ela de lado, encostada a ele, a face pousada no seu peito. As lentas carícias que ele lhe fazia no ombro esmoreceram.

— Porque é que dizes isso?

— Porque não consigo perceber.

— O quê? — Ela limitou-se a pressionar os lábios contra a pele dele, uma pressão a crescer no seu peito. — Alice? — insistiu.

— Porque é que tudo parece tão estranho.

O seu sussurro soou muito frágil no silêncio que se seguiu.

Por um momento, ele não falou. Alice imaginou que estaria a tentar decodificar aquela espécie de crise feminina com o seu racional cérebro masculino, e mais uma vez experimentou uma ponta de desconforto. Estava a expor-se demasiado.

A mão de Dylan abriu-se nas suas costas. Fez-lhe uma carícia ao longo da espinha. Alice sentiu uma tensão crescer no ar à sua volta e lamentou a sua fraqueza momentânea.

— Não me vais perguntar nada acerca dos relatórios? — perguntou.

— Conseguiste mesmo trabalhar alguma coisa? Pensei que estavas demasiado distraída — murmurou ele. Ela ouviu o humor na sua voz e suprimiu um suspiro de alívio. O momento tenso tinha passado.

— Não lhes prestei um décimo da atenção que podia ter prestado, mas tenho algumas observações preliminares.

— Muito bem. Vamos ouvi-las — disse ele, o seu tom firme e prático a dar confiança a Alice.

— Aquela nova empresa de *marketing* que contrataram para a região noroeste? Talvez queiras considerar a hipótese de os contratar globalmente para a campanha *VitaThirst* — começou, referindo-se a uma nova e popular bebida energética da Durand. — A campanha que eles conceberam para as redes sociais teve um enorme efeito sobre as vendas na faixa etária entre os dezoito e os vinte e quatro, e o custo da campanha foi uma fração do que as outras regiões gastaram.

— Sim. Também reparei nisso. O nordeste foi onde procedemos aos nossos estudos de mercado e onde insistimos com mais força.

— E resultou, obviamente. Mas eu teria algum cuidado em assumir que, porque tiveram tão bons números de uma forma geral, estiveram a gastar os vossos fundos para publicidade da melhor maneira que deviam. — Ela mergulhou nas suas notas. Sentia a aguda atenção de Dylan sobre si o tempo todo, embora ele permanecesse em silêncio. — A minha rápida análise de custo-benefício da campanha na região noroeste *versus* as vossas campanhas mais tradicionais noutras regiões mostra um retorno de quinze-para-um, tendo em conta a população relativa da região, distribuição por faixa etária, custos da empresa e vendas líquidas — terminou.

— Se isso é verdade, então talvez também devamos fazer uma correção do nosso mercado-alvo. Estávamos a apontar para a população urbana entre os vinte e cinco e os trinta e nove, obcecada com a saúde — comentou Dylan.

— Era exatamente o que eu estava a pensar. Os números sugerem que pessoas mais jovens em regiões escassamente povoadas e que vivem tendencialmente ao ar livre podem ser tão interessadas no produto, se não mais ainda, do que o vosso alvo atual. Os anúncios que aquela pequena firma de publicidade inventou eram hilariantes. Tornaram-se virais, sabes — disse Alice, a bocejar. Levou alguns segundos a perceber que ele não falou. — Se não acreditas em mim, posso mostrar-te os meus cálculos. Organizei os dados todos. O pico de vendas naquela região *tem* de ser resultado da campanha publicitária. — Começou a levantar-se da cama,

apesar da sua exaustão, decidida a ir buscar o seu bloco de apontamentos e defender-se.

Dylan deteve-a. Puxou-a de novo para junto de si.

— Não estou a duvidar de ti. Estou espantado, mais nada. Percebeste isso depois de veres os relatórios, e distraidamente, como tu própria admitiste, durante pouco mais de uma hora?

— Posso fazer melhor, se tiver mais tempo. Só vi os números da *VitaThirst*.

Ele riu-se. O som grave e rouco fê-la contrair-se.

— Descontraí-te, Alice — disse ele com severidade, e ela percebeu que ele a sentira eriçar-se. Dylan suspirou e puxou-a para trás, instando-a a voltar à sua posição descontraída. Ela resistiu um pouco, mas depois a sua face tocou-lhe a pele, e inalou o seu perfume viciante. Ele enterrou os dedos no seu cabelo.

— Estou *impressionado*, não a duvidar de ti — acrescentou. O melindre de Alice evaporou-se com a sinceridade na sua voz. — Onde é que terás ido buscar essa cabeça para os números? — perguntou, passado um momento em que a esteve a fazer derreter massajando-lhe o escalpe. Ela fechou os olhos, a carne a ficar pesada e quente.

— À Sissy não foi, de certeza. Ela confunde-se a contar os trocos. Mas, para ser justa, até podia ter sido um génio, antes de as metanfetaminas lhe transformarem o cérebro em queijo suíço — balbuciou.

— Nunca falas do teu pai.

As pálpebras dela abriram-se de chofre. Teria Dylan sentido as suas pestanas a roçarem-lhe na pele?

— Disseste que ele morreu. Conheceste-o? — perguntou.

— Não — replicou ela curtamente. Não conseguiu impedir-se de engolir em seco, e pensou que Dylan devia ter sentido a convulsão na sua garganta. Conteve a respiração, com medo de estar a revelar demasiado. As pontas dos dedos dele continuavam a mover-se em gestos circulares e tranquilizadores no seu escalpe.

— Achas que foi dele que herdaste o teu brilhantismo na matemática? — perguntou Dylan.

Durante vários segundos, os seus pulmões fecharam. Por fim, recomeçaram a trabalhar com uma brusca inalação.

— Duvido sinceramente — disse.

— Porque é que duvidas, Alice? — insistiu ele quando ela não disse mais nada.

Ocorreu-lhe como ele parecia terno, naqueles momentos, enquanto a abraçava e acariciava. O que só fazia aumentar a pressão no seu peito. Estaria Dylan a ser condescendente com ela? Desviou-o abruptamente.

— Até que parte da minha vida a Durand andou a desenterrar, quando fizeram aquela verificação de segurança? — explodiu.

— *O quê?*

— Responde-me, raios. Se soubeste alguma coisa sobre o meu pai com essa estúpida investigação da Durand Enterprises, diz. Não te ponhas a brincar comigo.

— Eu não soube nada sobre o teu pai — replicou ele num tom duro que a informou que se sentia insultado. — Foi um relatório padrão sobre antecedentes criminais ou outras circunstâncias invulgares em que pudesses ter estado envolvida desde que fizeste dezoito anos. O que é que achas que eu ia descobrir sobre o teu pai?

— Nada. Só gostava que parasses... — Interrompeu-se de súbito, sem saber muito bem o que queria dizer. — De me *forçar* — silvou por fim entre os dentes cerrados. Virou-se de lado e fechou os olhos com força quando percebeu quão tensa e louca devia estar a parecer. A mortificação cresceu no seu interior durante uns horríveis segundos. A verdade também. Tinha a sua mentira usual sobre o pai ter morrido num acidente de viação antes de ela nascer, mas, por alguma razão, a mentira não lhe passava agora pela boca. Não quando estava com Dylan.

Ela não sabia quem era o seu pai, mas sabia o *suficiente* para sentir vergonha. A provável verdade era nojenta.

Não seria também ela — Alice — nojenta, por sua vez?

Foi inundada pela vergonha, a fúria a seguiu-a de perto. A culpa era toda *dele*. Soltou-se dos braços de Dylan.

— Vou-me embora — disse. A necessidade de estar sozinha era, de repente, avassaladora, precisava disso como um animal ferido. Quando Dylan a agarrou com firmeza pelos braços, sacudiu-se furiosamente.

— Alice, para — disse ele, severo.

— Eu não sei quem é o meu pai! Pronto. Estás satisfeito? — bradou.

O silêncio pareceu pressionar-lhe os tímpanos e o peito. Ela não sabia porque dissera aquilo. Desespero? Raiva irracional por Dylan inspirar uma tão grande fricção de sentimentos dentro de si? Talvez ela quisesse deixá-lo entrar.

Talvez só quisesse mostrar-lhe como era feia, e fazer com a sua inevitável repulsa se fizesse sentir de uma vez.

— Eu também não sei quem é o meu pai.

Ele disse isto com uma voz tão equilibrada, tão calma, que ela precisou de um momento para assimilar o que fora dito. Quando assimilou, todo o ar se esvaziou dos seus pulmões.

— *O quê?*

— A minha mãe era prostituta. O meu pai pode ter sido qualquer idiota, cada um mais imprestável do que o outro.

Ela ouviu-se arfar suavemente.

— Não acredito no que estás a dizer.

— É a verdade — disse ele, e desta vez Alice ouviu a minúscula ponta de fúria na sua voz, o legado de uma atitude defensiva que ela tão bem conhecia. Era verdade. Aquela sugestão de vulnerabilidade, um eco distante, dado o homem em que ele se tornara, tinha o selo da genuinidade. Ele era mesmo parecido com ela, nesse sentido.

Essa breve visão da realidade dele fê-la sentir ainda mais despida, e, no entanto, estranhamente... um pouco mais forte, também.

Ele soltou um suspiro, e, ao mesmo tempo, puxou-a de volta para junto de si. Os mamilos dela roçaram contra a pele firme que lhe cobria as costelas, e ela cedeu, afundando-se contra o seu corpo. A mão dele abriu-se de novo na sua nuca. Aqueles dedos mágicos...

— Porque é que dizes que não acreditas? — perguntou ele baixinho passado algum momento de silêncio.



— Por causa... de quem tu és — sussurrou, com a voz entrecortada. — Tu és tão... — *Brilhante. Especial. Maravilhoso.*

Ele segurou-lhe o queixo e virou-o para cima. Ela ficou contente pelo manto de escuridão, quando ergueu o rosto para o dele.

— Obrigado. E tu também, Alice — disse ele, como se tivesse ouvido os seus pensamentos. — Nós definimos quem somos pelas nossas vidas diárias. Não pelos nossos pais. Não pelas circunstâncias do nosso nascimento. És a prova viva disso.

Alice engoliu em seco, desprezando as lágrimas que lhe enchiam os olhos.

— Mas, e se... — Interrompeu-se porque sentiu a emoção a aproximar-se da sua garganta, e estava a soar tão fraca. Tão impotente.

— E se o quê? — perguntou Dylan.

Ela fechou os olhos. As lágrimas deslizaram pela sua face.

— Nada — conseguiu dizer, a voz embargada. Afastou-se de novo, desesperada, não querendo deixá-lo sentir a humidade das suas lágrimas, a prova da sua fraqueza.

— Alice...

— Não me vou embora. Vou só à casa de banho — tranquilizou-o através da garganta congestionada.

Ele deixou-a ir, mas Alice sentia os seus olhos em cima dela enquanto se movia por entre a escuridão.

Dylan tinha uma viagem marcada para Nova Iorque na sexta-feira. Instruiu-a — um pouco severamente demais para o gosto de Alice — a ficar na sua cabana na sexta à noite no fim do seu turno e trancar a porta.

— Porque é que estás tão paranoico? — quis saber Alice enquanto saíam do castelo escuro, na sexta de manhã, para a húmida madrugada. — Descobriste alguma coisa sobre a pessoa que me estava a perseguir no bosque? — perguntou, recordando que ele dissera que ia investigar o assunto.

— Não — respondeu ele, dando-lhe a mão e conduzindo-a pelo relvado coberto de orvalho na direção do bosque. — Chamei o xerife de

Morgantown e relatei o incidente. Gosto de o manter informado do que se passa aqui, em especial na altura do campo de férias. Chama-se Jim Sheridan. É um velho amigo.

— E o que foi que ele disse? — perguntou Alice.

— Que o mais provável era ser outra pessoa a fazer uma corrida matinal, como tu.

— Então porque é que estás com tanto medo que eu seja atacada, ou coisa do género? — perguntou ela, com divertida perplexidade.

— Porque vi como estavas assustada, naquela manhã — replicou ele simplesmente.

Ela queria agradecer-lhe por aquilo — ficara mesmo aterrorizada, naquela manhã — mas não sabia como o fazer sem soar estúpida. Por isso limitou-se a apertar-lhe um pouco mais a mão, num gesto caloroso. Ele manteve o olhar treinado na sombra da linha das árvores em frente, mas Alice pensou que ele tinha compreendido, quando apertou também a sua.

...

A última atividade antes do jantar, nessa noite, era uma discussão de grupo sobre confiança, juntamente com um exercício prático. À última da hora, Kehoe anunciou que duas equipas participariam na atividade juntas. Alice pensou que não era por acaso que os seus campistas tenham sido emparelhados com a Equipa Prateada de Brooke Seifert. Temia que vários dos gestores da Durand tivessem já reparado no ambiente gelado que se formava sempre que Alice e Brooke estavam perto uma da outra.

Alice cerrou os dentes e mergulhou na tarefa.

A discussão orientada correu bem, tendo em conta que tanto ela como Brooke precisavam apenas de seguir um guião de estrutura livre concebido para líderes de grupo. Não tinham verdadeiramente de interagir uma com a outra. O problema veio depois, durante a atividade.

Era o habitual jogo de confiança, em que cada membro de uma equipa tem de se deixar cair para trás, confiando que o seu parceiro lhe vai amparar a queda. Brooke e Alice demonstraram como funcionava, usando membros

das suas equipas para mostrar a forma segura de agarrar o outro, amortecendo a queda e guiando suavemente a pessoa até a depositar na relva. Os miúdos praticaram com membros da sua equipa. Depois, o círculo de confiança foi alargado para incluir os menos familiares membros da outra equipa. Estavam quase a terminar o exercício e aproximava-se a hora do jantar, quando Terrance Brown exclamou de repente.

— Ei, Alice. Agora tens de ser tu. Monitora com monitora, Equipa Vermelha contra Equipa Prata, Alice *versus* Brooke — terminou dramaticamente, pondo as mãos em forma de garras como se estivesse a anunciar o *Godzilla versus Mothra*. Alice fez um olhar carrancudo para Terrance. Vários dos miúdos riram-se, mas ela pensou que eles não deviam compreender inteiramente a razão. Era típico de Terrance, o barómetro social andante, ter captado a aversão entre Brooke e Alice.

— Boa — apoiou Judith, atirando o longo cabelo para trás do ombro e fazendo um sorriso trocista enquanto olhava para Alice e Brooke alternadamente. — Gostava de ver isso.

*Aposto que sim.*

A atitude de desprezo de Judith não diminuía nem um pouco. Alice olhou de relance para Brooke, que estava a observá-la com desconfiança malévola.

— Então? — perguntou, encolhendo os ombros e colocando-se em posição atrás dela. O melhor era acabar logo com aquilo.

— Porque é que tenho de ser a primeira? — queixou-se Brooke enquanto os miúdos se juntavam em volta, excitados, para observar. As suas conversas e risos não lhes permitia ouvirem Brooke e a sua conversa.

— O que é que interessa? Tens alguma razão para não confiar em mim? — perguntou Alice muito baixinho.

O olhar de Brooke percorreu ansiosamente as faces em volta e depois virou-se de novo para Alice.

— Não te vou deixar cair. *Eu* não sou assim tão mesquinha — disse Alice por entre os lábios rígidos, fazendo uma subtil referência ao que Brooke lhe fizera na plataforma do *slide*.

Tal como suspeitava, aquelas palavras tiveram o efeito oposto em Brooke, que pareceu ainda mais nervosa. No entanto, ergueu o queixo e virou-se, uma sombria expressão determinada a cair-lhe sobre o rosto.

Alice tinha de lhe dar crédito. Ela tinha coragem, em especial porque Alice teria *adorado* vê-la cair de rabo na frente dos miúdos todos.

E Brooke sabia-o.

Pelo canto do olho, viu a cabeça de Kehoe aparecer por trás da multidão. Brooke estava hirta como uma estátua. Caiu graciosamente e Alice apanhou-a sem dificuldade. Enquanto se levantava, o olhar de Brooke deslizou sobre a multidão e aterrou em Kehoe. Depois trocaram de lugares e Brooke amparou-a suavemente até a depositar na relva.

Alice ignorou calmamente as expressões desiludidas de Terrance e Judith pela ausência de drama (no caso de Terrance) ou de violência (no de Judith). Louvou os miúdos pelo bom trabalho e dispensou-os para se irem lavar antes do jantar. Brooke partiu na direção das cabanas, rodeada pela sua equipa. Alice fez o mesmo, conduzindo os seus campistas. À distância, Kehoe dirigia-se sozinho para o pavilhão principal.

Alice tinha a *certeza* de que Brooke não vira Kehoe chegar para observar. Estava de costas para ele. Alice, por outro lado, deixara-se cair sabendo que Brooke se apercebera da presença de Kehoe, quando trocaram de lugares.

Então porque é que Brooke confiara que Alice a apanharia, quando não sabia que Kehoe estava a ver? A pergunta inflamava-se como uma farpa debaixo da sua pele. Porque, de alguma forma, aquilo significava que Brooke era uma pessoa superior. Fora Brooke que se notabilizara no desafio pessoal, optando por confiar mesmo quando duvidava...

Enquanto Alice nunca correria qualquer risco. Nunca confiara.

Alice só jogara pelo seguro.

Naquela noite, após o jantar e a atividade noturna, Alice estava sentada com três das raparigas no sofá da sala comum. Um programa de televisão pusera-as a conversar descontraidamente sobre namorados, as coisas boas e as más, e — para surpresa de Alice — Judith levantara-se de onde estava

sentada sozinha a ler e fora ouvir a conversa. Previsivelmente, deixara-se ficar de pé, pairando pela periferia, em vez de entrar de facto no seu círculo.

— Estás a dar-lhe demasiado poder sobre ti — disse ela abruptamente quando Darcy Givens, uma conversadora rapariga de dezasseis anos que estava sempre ansiosa por agradar, contou angustiadamente o que se passava com um tipo do seu bairro. — Com essa atitude, ele vai passar-te por cima. Pareces um cachorrinho a pedir festas. Acabas é por levar um pontapé.

Darcy pareceu magoada.

— O que é que esperas conseguir a falar com ela dessa maneira, Judith? — perguntou Alice, irritada e genuinamente curiosa, ao mesmo tempo.

A expressão de Judith tornou-se truculenta, enquanto se virava para Alice.

— Estou a tentar dar-lhe um conselho.

— *A sério?* — perguntou Alice.

— Senão porque é que havia de me dar ao trabalho de vir falar com este bando de falhadas? — ripostou Judith. Começou a virar as costas, num acesso de cólera.

— Se queres mesmo ajudar a Darcy, então senta-te e ajuda-a — desafiou Alice. Judith virou bruscamente a cabeça, fazendo voar o cabelo por cima dos ombros. Olhou com um ar furioso para Alice. Esta limitou-se a arquear as sobrancelhas com uma mordaz expressão de expectativa.

Uns segundos depois, Judith caiu no sofá e cruzou os braços num gesto beligerante. Alice inspirou lentamente para se acalmar.

— Eu acredito em ti — disse Alice, sustentando o olhar da rapariga.

— Acreditas *no quê?* — perguntou Judith, com sarcasmo a gotejar-lhe da voz como fluido tóxico.

Alice silenciou a sua própria resposta agressiva com um gigantesco esforço.

— Acredito que querias ajudar a Darcy. Já vi como és boa com a Jill — disse Alice, referindo-se a Jill Sanchez, a jovem rapariga vulnerável que venerava Judith. À distância, Jill ergueu o olhar de onde estava a desenhar diligentemente. A arte provara-se o grande talento e conforto de Jill. Alice

mantinha um trabalho próximo com o talentoso arte-terapeuta do campo, Miguel Cabrera. Jill continuava apenas a desenhar confortáveis paisagens, em vez de trabalhar os seus traumas domésticos através da arte, mas Miguel assegurara a Alice que ela acabaria por se aventurar em tópicos mais desafiadores, quando se sentisse mais segura psicologicamente.

Judith reparou na expressão ansiosa de Jill e forçou-se a desfazer o ar carrancudo. Fez um sorriso tranquilizador à rapariga. Parecendo mais sossegada, Jill regressou ao seu desenho. Alice fez um aceno de aprovação para Judith.

— Se caís em cima de uma pessoa de uma maneira tão brusca — continuou Alice com mais suavidade — torna-se muito difícil ela aceitar o que estás a dizer. — Judith abriu a boca para retorquir. — Uma atitude brusca atinge as pessoas, Judith — disse Alice antes que a rapariga pudesse interromper. — Mas não da maneira que tu queres. Magoa. Não ajuda. Se vieste dar um conselho, então a seta falhou o alvo de longe, pela maneira como ofereceste essa ajuda.

Judith limitou-se a olhar para ela de boca aberta.

— É verdade que só querias ajudar? — perguntou Darcy, trémula, após um momento tenso.

— Sim — balbuciou Judith, rabugenta, de olhos postos na carpete.

— Obrigada — disse Darcy.

Judith fez um pequeno gesto de «de nada» e Alice sentiu a abertura na armadura da rapariga.

— E, para ser honesta, acho que a Judith tem alguma razão, Darcy — disse Alice, tentando difundir a atenção da rapariga sobre Judith. — Não te estás a comportar como um cachorrinho, não é isso que quero dizer. Mas não são as atenções deste tipo que vão tornar a tua vida perfeita, e estás a agir como se fosses.

— Mas ele é tão incrível — insistiu Darcy.

— Se estás tão preocupada com a incredibilidade *dele*, ele nunca vai reparar na tua — disse Judith.

Alice pestanejou, atónita pela concisão da rapariga.

— Esse sim, é um bom conselho — disse, fazendo um sorriso.

— Talvez tenhas razão — reconheceu Darcy.

Judith olhou para Alice de lado, cautelosamente. Esperançadamente. Alice foi percorrida por uma vaga de espanto. Reconhecia aquela expressão.

Normalmente era ela a fazê-la.

— Já cheguei — anunciou Crystal Dean, aproximando-se. Alice sentiu que o frágil momento que partilhara com as raparigas se fraturava. — É sexta à noite, Alice. Porque é que não descansa? Vi alguns dos outros monitores lá fora, estavam a falar de ir a Morgantown comer qualquer coisa. Talvez queira acompanhá-los.

Judith levantou-se abruptamente.

— Judith — chamou Alice, erguendo-se também do sofá. Judith fugiu da sala comum. Alice seguiu-a pelo corredor das raparigas, esperando solidificar a ténue ligação. Antes de a poder alcançar, porém, Judith desapareceu no seu quarto e bateu com a porta atrás de si. Alice estacou e começou a voltar para trás.

De súbito, parou.

Também reconhecia este particular gesto da parte de Judith, e reagira instintivamente indo embora. Não recuava ela constantemente quando as suas defesas eram quebradas, ansiosa por ficar sozinha para poder lamber as suas feridas e deixar que a ferida voltasse a cicatrizar?

Pensou na noite anterior, na cama com Dylan. Sentira-se crua e exposta quando ele lhe perguntara pelo pai. Mas Dylan não a deixara fugir. Não completamente. Só a deixara retirar-se por um pouco para a casa de banho para se recompor.

Quando reemergira e voltara para a cama, ele não dissera outra palavra. Limitara-se a abraçá-la e a acariciá-la até ela adormecer, a sua muda aceitação e o forte abraço a falarem mais alto do que quaisquer palavras.

Bem, ela não era tão competente nesta coisa da comunicação como Dylan. Mas também não ia simplesmente desistir. Alice apressou-se a voltar para a sala comum e encontrou papel e uma caneta. Escreveu rapidamente e depois dobrou o bilhete.

— Boa-noite a todos, pessoal — despediu-se dos miúdos. Sorriu alegremente com o forte coro de boas noites. Estava a começar a gostar mesmo muito dos seus miúdos.

— Não faças nada que eu não fizesse, Alice! — gritou maliciosamente Terrance.

— Está bem, então não vou ficar calada e agir com tato? — lançou por cima do ombro, fazendo ao rapaz um olhar afetuoso mas significativo. Terrance abriu muito os olhos. Ele e os amigos explodiram numa gargalhada. Alice parou, à espera que a sua diversão acalmasse. — Lembras-te do que vamos fazer na segunda de manhã antes do pequeno-almoço? — perguntou a Terrance.

Este revirou os olhos e gemeu.

— Oh, não. Vais *mesmo* obrigar-me a ir correr contigo? E a essa hora da manhã?

— Perdeste a aposta no jogo de futebol — disse Alice, encolhendo os ombros. — Uma aposta é uma aposta. Vais correr comigo pelo menos três vezes por semana. Tens medo de não conseguir acompanhar-me?

— Eu acompanho-te — insistiu Terrance enquanto os amigos fungavam de troça.

— Também posso ir? — perguntou Justin Arun.

— Não, sou só eu e a Alice, parvo — disse Terrance, com uma careta carrancuda para o amigo.

Alice suprimiu um sorriso. Já percebera que, embora Terrance se fingisse aborrecido com o acordo, estava secretamente satisfeito por ter aquele pequeno tempo individual com ela. Rezava para conseguir convencê-lo dos benefícios do exercício. Sabia que Terrance era forte fisicamente, pelos seus jogos de futebol e outras atividades. Era apenas alarmantemente obeso e tinha de lidar com uma doença crónica — a diabetes — cujo tratamento grande parte dos pacientes adultos tinham dificuldade em seguir. Nesse mesmo dia, o médico de visita dera autorização para Terrance correr. Alice tivera o trabalho facilitado.

Em tantos níveis.



Antes de sair para noite, enfiou o bilhete dobrado por baixo da porta de Judith.

...

Nessa noite, pensou muito na sua conversa com Judith e na sua experiência com Dylan. Ficava Dylan tão perplexo pela atitude defensiva e de desconfiança de Alice como ela pela de Judith? A ideia fê-la sentir um pouco culpada.

Também a fez sentir muito triste, porque não podia compensá-lo. Dylan estava a centenas de quilómetros de distância.

Depois de sair da cabana da Equipa Vermelha, o seu olhar foi de imediato atraído para o topo da linha de árvores e a falésia distante. Não o conseguia ver por causa das árvores, mas o castelo estava ali, vazio como uma concha, sem o seu dono.

Uma aguçada sensação pungente cresceu no seu peito. Levou um momento a reconhecê-la. Estava com saudades dele. Muitas saudades.

E vira-o nessa mesma manhã.

Uma enorme bandeira vermelha de aviso desfraldou-se na sua mente.

*Estás a cometer o maior erro da tua vida, se gostares dele.*

— Ei, Alice — chamou Dave Epstein à sua direita, interrompendo a sua auto censura. Voltou-se para ver Dave e Kuvi a vir na sua direção.

— Estamos a pensar ir à cidade, à Lakeside Tavern. Parece que servem boas pizzas. A Gina Sayre vive no Michigan, por isso trouxe o carro para o campo — disse Kuvi, referindo-se a outra monitora. — Alinhas?

Alice hesitou. Dylan dissera que queria que ela ficasse na cabana com a porta trancada, nessa noite. Mas de certeza que estava a exagerar nas suas medidas preventivas.

Além disso, Dylan Fall não mandava nela.

— Sim, parece-me bem — concordou, pondo-se a caminho ao lado dos amigos. Claro que nada sinistro aconteceu nessa noite, e Alice conseguiu pôr em *stand-by* as suas saudades de um homem que estava muito fora do seu campeonato — por algumas horas, pelo menos — enquanto bebia

algumas cervejas e convivia com os colegas monitores numa engraçada pizzeria junto ao lago. Passou um serão agradável sentada no pátio do estabelecimento com os amigos, embora sentisse o olhar de Thad na sua face demasiadas vezes. Esperava que o facto de o tratar exactamente da mesma maneira como tratava os seus outros amigos lhe enviasse uma mensagem.

Bem, nada *muito* sinistro aconteceu nessa noite, pelo menos. Mas houve uma coisa estranha. Quanto mais Alice pensava nisso mais tarde, mais a incomodava.

Estava a caminhar com Kuvi, Thad, Dave e Gina para o carro, ao fim da noite. O parque de estacionamento estava pouco iluminado. Alice levava uma caixa de piza, e o menu que estava colado à tampa voou, arrastado pela brisa do lago. Os outros continuaram a andar, mas Thad parou.

— Vai andando, já vos apanho — assegurou-lhe Alice. Ainda não tinham tido oportunidade de retomar a conversa iniciada antes de Dylan os interromper na noite anterior, e Alice não sentia muita vontade de o fazer, naquele momento. Thad pareceu um pouco desapontado, mas fez um aceno de assentimento antes de correr para apanhar os outros.

Alice foi atrás do menu atirado pelo vento. Depois de o apanhar, viu um caixote de lixo ao fundo do parque de estacionamento. Enquanto deitava fora o papel, o seu olhar passou de relance por um carro estacionado. Estava um homem encolhido atrás do volante. Reconheceu o seu perfil. Ele virou-se de súbito, talvez sentindo que estava a ser olhado. Foi percorrida por um baque de desconforto quando cruzou brevemente o olhar com Sal Rigo, um dos gestores da Durand.

Estaria Rigo a segui-los? Sebastian Kehoe já lhes dissera vezes sem conta que podiam fazer o que quisessem no seu tempo livre. Mas seria isso apenas uma artimanha da Durand para os poderem observar quando se julgavam livres de escrutínio?

Assim que entraram todos no carro e saíram do parque de estacionamento, Alice contou aos outros quatro que tinha visto Rigo. Toda a gente se mostrou surpreendida, mas Dave ficou zangado.

— Estava-se mesmo a ver — declarou amargamente. — Estão sempre a espiar-nos.

— Eu vi o Rigo seguir-nos quando saímos da praia, esta tarde — disse Kuvi a Thad e Alice. — Este homem assusta-me. Também já o vi a rondar à volta da nossa cabana.

— A sério? — perguntou Alice a Kuvi, que anuiu.

— Mas se calhar ele só estava à espera de alguém, depois de comer no Lakeside, não acham? — sugeriu Gina. — É um sítio muito popular em Morgantown. Além disso, como empregado da Durand, é provável que o Rigo more por aqui. Mais de metade dos seus executivos mora. Ele até pode ser cliente habitual do Lakeside.

— Eu não o vi por lá. Alguém viu? — perguntou Alice aos outros.

Todos abanaram a cabeça.

— Bem, ele não veio para admirar a vista do parque de estacionamento — balbuciou Alice, a olhar pela janela.

E se os monitores *estivessem* a ser seguidos?

E se os gestores da Durand — ou o próprio Sebastian Kehoe — soubesse dos seus encontros noturnos com Dylan Fall?

Teria sido o próprio Dylan a aprovar aquela vigilância? Se fora... significaria isso que os funcionários da Durand eram coniventes com as atividades do seu chefe? Ou será que Dylan não sabia que os monitores estavam a ser espiados?

**R**egressou da viagem de trabalho por volta do meio-dia e foi diretamente para o seu escritório em casa. Sem fazer uma pausa, Dylan mergulhou numa série de chamadas para o departamento de *marketing*. Queria libertar a agenda antes de se encontrar com Alice. A sua concisa e brilhante interpretação dos relatórios, seguida pela reunião que ele tivera com o vice-presidente da região nordeste da Durand na véspera, tinham resultado na conceção da estrutura de um ousado novo plano de marketing para a *VitaThirst*, usando a empresa de publicidade que Alice recomendara.

— Fall — atendeu distraidamente o telefone quando este voltou a tocar por volta da uma e meia. Assumira que seria um dos diretores de *marketing* a ligar para lhe dar os dados que tinha pedido.

— Dylan? Fala Sidney.

Dylan pestanejou ao ouvir o nome, tentando limpar a pilha de números acumulados no seu cérebro.

— Sidney? Aconteceu alguma coisa?

— Pensei que eu é que devia perguntar-te isso — disse Sidney. Dylan imaginou o perspicaz brilho divertido nos olhos do eminente psiquiatra. Com uma clínica privada em Morgantown, Sidney também trabalhava para a Durand Enterprises numa base internacional. Era fácil para Dylan convocar uma imagem do médico. A partir dos catorze anos, começara a visitar Sidney uma vez por semana, todos os meses de verão, até ir para a faculdade. Tendo desenvolvido uma amizade que perdurara pela idade adulta, Sidney tornara-se um dos seus poucos verdadeiros confidentes. Escolhera-o como um dos seus consultores na Durand, e muitas vezes procurava o seu conselho, valorizando a sua sagacidade psicológica em assuntos que podiam ir desde a motivação do pessoal até complicadas negociações financeiras.

— Não aconteceu nada — disse Dylan, tirando os óculos e esfregando os olhos a arder. Não andava a dormir muito, ultimamente, graças a Alice. E

também planeava descansar pouco nessa noite. Mal podia esperar pela noite.

— Mais algum pesadelo? — perguntou Sidney.

— Não. Nada óbvio. Ou, pelo menos, que me tenha contado. Mas, como eu disse, ela não é propriamente um livro aberto. Ao menos não parece tão ansiosa.

— E vocês continuam...

— *Sim.*

Lamentou de imediato a sua resposta brusca. Era a culpa que o estava a tornar tão defensivo junto do seu mais antigo amigo — o homem em quem mais confiava, naquele ponto da sua vida. E Sidney parecera muito preocupado quando ele lhe contara que andava a dormir com Alice. Fora uma situação inesperada, Alice a aparecer naqueles estábulos e a olhá-lo com aquele desejo desesperado, cru e ardente nos olhos.

Fora uma *complicação* inesperada, uma a que não conseguira resistir.

Agora era demasiado tarde para voltar atrás. Pisara o risco. Não ia desistir dela sem lutar. Ela valia demasiado.

Valia tudo, de facto.

Sidney pigarreou.

— Pareces preocupado.

— E surpreende-te? — perguntou Dylan, num tom rabugento.

— Não. Claro que não. Eu pensei que, dada a maneira como as coisas têm progredido, podia haver mais dessas... intrusões da sua parte. O gongo. O medo do bosque. A visão no corredor. É fascinante, tudo isso.

— Ela não é o sujeito de um dos teus artigos para as revistas científicas.

— Claro que não. De qualquer maneira, parece que o seu processo de integração abrandou. A ansiedade não é agradável, mas pode querer dizer que alguma coisa está a tentar erguer-se do seu inconsciente. Não é desejável que o processe pare completamente. É necessária alguma pressão, subtil mas firme. Talvez esteja na altura de acelerar o processo, lançar um pouco mais de luz na escuridão, por assim dizer. Talvez a devesse expor a *mais* potenciais gatilhos, não a menos.

— Achas mesmo que isso é sensato? — perguntou Dylan lentamente. — Pensei que tinhas dito que, se despejássemos a verdade em cima dela, isso podia ter resultados imprevistos, potencialmente catastróficos.

— Não estou a sugerir que lhe contemos a verdade de repente, talvez apenas testá-la com um pouco mais de intensidade, para podermos observar os resultados. Não vou fingir ser especialista na dose exata de pressão requerida.

— És o melhor especialista que temos. És um dos melhores do mundo — disse Dylan.

— Cada ser humano é diferente, é impossível calcular as forças e fraquezas de cada mente perante uma tensão específica.

Dylan suspirou, mas a tensão permaneceu nos seus músculos.

— Começo a pensar que devíamos simplesmente contar-lhe. Há alturas em que a olho nos olhos e ela me parece... tão perto.

— Ainda acho que é melhor não forçar inteiramente o assunto. É impossível saber precisamente a ansiedade que ela está a experimentar. Em especial porque, como tu disseste, ela a disfarça tão bem. Todos os relatórios têm mostrado que ela está a funcionar adequadamente no campo.

— Eu disse-te para não te baseares apenas nos relatórios do Kehoe — disse Dylan severamente. — Ele embirrou com ela. Os meus observadores mais objetivos dizem-me que ela é *excelente* como monitora. É generosa, esperta, esforçada, não tem medo de experimentar estratégias novas e os miúdos e o pessoal adoram-na.

— Melhor para a Durand Enterprises. Achas que o Kehoe pode suspeitar...

— Não. Não estou a ver como isso seria possível. Ele só reparou no meu interesse nela, mais nada. Suspeita que tem que ver com sexo, mas sabe que não é o meu comportamento habitual, mostrar interesse numa recruta da Durand, por isso está a agir com cuidado. Está confuso e lixado com isto tudo, mas não pode fazer nada sem desmascarar os seus próprios objetivos. Pôs pessoal a farejar à volta da Alice, mas ainda não encontrou fio à meada.

— Tem cuidado.

— Eu tenho muito cuidado com o Kehoe. E mantenho-a debaixo de olho a toda a hora.

— Ótimo. Todos sabíamos que isto era um risco inevitável. Foi por isso que sugeri esta linha de aço. Era impossível avaliá-la adequadamente sem a introduzir no ambiente.

Dylan pressionou as pálpebras com as pontas dos dedos.

— Quando ela está comigo, fica menos confusa. Menos perturbada.

— Tem outras coisas com que se ocupar — disse Sidney maliciosamente.

— Tu próprio disseste que isso podia não ser mau — replicou Dylan. Precisou de um momento para acalmar o seu acesso de fúria.

— Eu disse que era possível. O problema é que *qualquer coisa* é possível nesta situação.

— Se estás tão preocupado com o potencial dano que eu lhe possa causar, porque é que não vens cá vê-la pessoalmente?

— Dylan, eu não acho que lhe estejas a fazer mal. Só queria dizer que não queremos que o sexo se torne *demasiado* o seu penso rápido. E, sim, gostava de a conhecer. Gostava bastante. Como é que fazemos?

— Podes aparecer por aqui, como que por acaso. Ela tem o domingo de folga.

— E vai estar aí, na casa, contigo. — De novo, aquela subtil mas mordaz nota de condenação.

— Raios, Sidney, sabes que a última coisa que eu quero é que isto nos rebente na cara. Não teria levado as coisas a este nível se não me preocupasse tanto.

— Eu sei. Talvez seja essa a questão principal.

— E o que é que queres dizer com isso? — perguntou Dylan, reconhecendo de imediato o tom enganadoramente brando do outro homem por aquilo que era.

Sidney suspirou, soando um pouco arrependido por ter abordado o assunto.

— Ninguém conhece tão bem como eu a culpa que acumulaste em relação a esta rapariga. Eu sei que te preocupas, mas, como teu psiquiatra de sempre, não posso deixar de notar que a maioria da tua bagagem

emocional em relação a ela tem a ver com um deslocado sentido de responsabilidade e culpa por...

— Para com a conversa da treta. Já não sou teu paciente, Sidney. Não és meu médico. E a Alice e eu somos adultos. Tu não estás na minha cabeça. Não sabes o que isto significa para mim, mesmo que estejas convencido que sabes.

Sidney suspirou outra vez.

— Tens razão. Desculpa. Passo por aí amanhã.

— Ótimo — disse Dylan, contendo a sua fúria.

— E tenho *mesmo* curiosidade de a ver — disse Sidney, pensativo, após uma pausa. — Imagino que seja bastante especial, apesar do que me contaste da sua história. Deve haver nela uma centelha do que *poderia* ter sido.

Dylan contraiu o maxilar com força. Sidney não quisera soar condescendente. Só que o seu cérebro de cientista não conseguia deixar de ficar fascinado por aquela circunstância sem precedentes.

— Então passa por cá. Acho que vais ver muito mais do que uma centelha. Ela é um farol.

— Ou uma pilha de fogo-de-artifício com uma nuvem de faíscas a voar em todas as direções à sua volta? — perguntou Sidney baixinho.

Dylan mudou firmemente de assunto.

Tinham combinado que ele a esperaria à entrada do bosque, naquele sábado, quando ela terminasse o trabalho do dia. Ele sugerira que iam passar a noite juntos — a noite *inteira*, uma vez que Alice tinha a noite de sábado e o domingo de folga. No entanto, a sua despedida na sexta de manhã fora apressada e furtiva, porque tinham ouvido a porta de uma cabana a abrir e fechar por entre as árvores. Não houvera tempo para trocarem muitos pormenores sobre o que fariam na noite de sábado.

Alice mencionara de passagem a Kuvi que não devia espantar-se se ela não regressasse no fim de semana. O piscar de olho cúmplice de Kuvi ao ouvir isto fez aumentar a sensação de culpa de Alice. Era apenas uma questão de tempo antes que Kuvi e Dave percebessem que ela não se



andava a escapulir à noite para ir ter com Thad. Teria de resolver esse assunto quando chegasse a altura.

Não sabia muito bem se devia levar uma mala ou não. A ideia de aparecer a Dylan com uma mala na mão fazia-a sentir demasiado vulnerável, expondo as suas expectativas. E se Dylan, entretanto, mudara de ideias a respeito dos seus planos? Por isso não preparou nenhum saco. Lidaria com a necessidade da mudança de roupas se, ou quando, a situação se pusesse.

Como era a primeira vez que se encontravam secretamente em plena luz do dia e Alice sabia agora da entrada no bosque que dava para o castelo, Dylan concordara relutantemente que seria mais seguro que ela fosse sozinha. Além disso, Alice sabia que, do seu posto de observação, ele conseguiria seguir a maior parte da caminhada solitária na sua direção.

Quando saiu para o encontro marcado às três e meia dessa tarde, estava a tremer da expectativa de o voltar a ver, por mais que se obrigasse a descontrair. Parecia-lhe que fora há uma eternidade que se tinham despedido, na escuridão da sexta de manhã.

Muito tinha acontecido no seu trabalho desde que o vira pela última vez. Apenas uma hora antes, chamara Judith de parte e dissera-lhe que tinha gostado da maneira como ela tinha resolvido a situação com Darcy na noite anterior. Agora Alice recordava a conversa com uma mistura de irritação e divertida satisfação.

*— Era sobre isso que querias falar comigo? — perguntara Judith, empertigada, referindo-se ao bilhete que Alice lhe deixara na noite anterior. A sua atitude não era tão defensiva como na véspera, mas também não era exatamente recetiva.*

*— Sim, em parte — concordou Alice. — Como deves saber, os monitores têm de escolher um líder para a equipa esta semana.*

*— E então?*

*— Depois de te observar com a Jill durante toda a semana, e depois de ver como conseguiste ultrapassar o teu orgulho ontem à noite e dizer uma coisa com significado à Darcy, estava a pensar nomear-te líder da equipa.*

*Os miúdos respeitam-te... por vezes com relutância, dada a tua atitude, mas respeitam-te. Acho que não vão ter dificuldade em seguir-te.*

*Foi como se Alice tivesse largado uma bomba. Judith parecia tão atónita como isso.*

*— Estás a gozar comigo — declarou num tom monocórdico.*

*— Não.*

*— Então e o Noble D? Toda a gente diz que ele foi líder da equipa nos dois últimos anos.*

*— Ele é a escolha óbvia — disse Alice num tom determinado. — Tu és a escolha certa.*

*— Achas? — eriçou-se Judith.*

*— Sim. Acho. E é isso que conta — disse Alice com mais confiança do que aquela que sentia. — Então, queres ou não?*

*Judith pestanejou e abanou a cabeça, meio atordoadada e meio cinicamente incrédula.*

*— Eu, a liderar este bando de falhados?*

*— Se concordares em fazê-lo, vais ter de parar de lhes chamar falhados. Vão ser teus, Judith. Vais ter de tomar conta deles. Vais ter de os proteger.*

*— E essa é a verdadeira razão por que me estás a escolher? — perguntou Judith, a sua atitude desagradável a fazer uma flamejante reaparição.*

*— Talvez — replicou Alice, a começar a perder a paciência. Reparou na expressão ofendida de Judith e respirou fundo, a tentar acalmar-se. — Escolhi-te porque acho que serias uma líder fantástica. Isto é, se alguma vez conseguires descer desse raio de pedestal e parares de fazer esse papel de cabra solitária.*

*— Não me chames cabra, cabra — vociferou Judith, dando um passo zangado na direção dela, os punhos cerrados. Alice deu outro, com a mesma agressividade.*

*— Eu não te estou a chamar cabra. Estou-te a dizer que às vezes gostas de fazer esse papel — ripostou Alice, agora de olhos nos olhos com a rapariga. — Eu acho que podes fazer isto, Judith. Mas vais ter de sacrificar o pedestal e mostrar aos miúdos a humanidade que eu sei que possuis. Aos*

*montes. Então, como é que vai ser? Vais escolher o caminho mais fácil e recusar isto? Ou vais aceitar o desafio?*

*— Eu não tenho medo. Não vou recusar.*

*— Ótimo. Então vou fazer o anúncio. És a líder da Equipa Vermelha. Não me desiludas, Judith — avisou Alice com um olhar firme antes de se virar e ir embora.*

Em retrospectiva, não lhe parecia o acontecimento alegre que imaginara ao princípio, quando lhe falavam sobre o seu papel de conferir aquela honra a um aluno. Fora mais como o prelúdio de uma briga. Só a memória da volátil discussão deixou Alice aborrecida outra vez, cheia de adrenalina, preparada para a luta.

Alice sabia por experiência própria que expectativas boas e fofinhas só podiam acabar em desilusão. Na realidade, as coisas tinham corrido *exatamente* como deviam correr, tendo em conta as questões de Judith.

Tendo em conta as questões de Alice.

Enquanto atravessava o prado soalheiro e todos aqueles pensamentos se revolviam na sua cabeça, ela percebeu que estava talvez a preparar-se para o seu encontro com Dylan... a defender-se contra mais fantasias de arco-íris e corações. Não havia nada que criasse um maior turbilhão de loucas e irrealistas expectativas do que o assunto de Dylan Fall.

Depois de ele lhe contar que a mãe era prostituta e que não conhecia a identidade do pai, fora como se se tivesse juntado toda uma outra dimensão ao que sentia por ele. E o que sentia por ele era já de si suficientemente complexo. Dylan podia ter deixado para trás aquele rapazinho vulnerável para se tornar o homem poderoso que era agora, mas não podia ter sido fácil para ele confessar-lhe aquilo. Só podia imaginar a coragem que exigiria dizer uma coisa daquelas em voz alta.

Só podia imaginar porque a própria Alice não possuía coragem para falar de uma vergonha como aquela.

Quando chegou às sombras do bosque denso, um momento depois, suspirou de alívio. Estava um dia soalheiro e húmido. Olhando em volta, começou a avançar sob o dossel de árvores. Já estava a suar, mesmo com a

caminhada relativamente curta desde o campo. Limpou a humidade da testa e pestanejou, para ajustar os olhos à semiobscuridade.

Ao princípio, pensou que ele não estava lá. Foi inundada pela desilusão. Depois um movimento captou-lhe o olhar.

Estacou.

Ele estava encostado a um largo carvalho, completamente imóvel exceto aquele movimento que detetara — o erguer de um polegar na mão pousada sobre a coxa. Teria ele feito o movimento para trair a sua camuflagem e atrair a atenção? Tinha uma longa perna dobrada, um pé e o rabo encostados ao tronco da árvore. Ela ficou quase tão imóvel como ele, o seu olhar a procurá-lo nas sombras. Até o seu coração pareceu imobilizar-se por uma fração de segundo. Viu o cintilar nos olhos dele.

— Deixa-me adivinhar — disse num sussurro enquanto os topos das árvores suspiravam com o vento. — Quando estavas aqui como campista, eras bom em técnicas de sobrevivência na floresta — disse, trocista, dando um passo na sua direção.

— Nunca subestimes a capacidade de apanhar o teu inimigo de surpresa — replicou ele.

— É isso que eu sou? Uma inimiga? — perguntou num tom provocatório, dando mais um passo em frente. Ele continuou sem se mexer, a segui-la com o olhar. Estava mais atraente do que nunca, encostado àquela árvore, o seu corpo magro e poderoso aparentemente descontraído mas, na realidade, a postos para entrar em ação. Vestia calças de ganga e uma simples *T-shirt* azul-cobalto. Dylan ficava incrível com dispendiosos fatos europeus, mas ocorreu-lhe que ele nascera para usar calças de ganga. Enfatizavam a sua rebeldia, a sua inconveniência, as suas origens. Percebeu que era uma das coisas que adorava nele, aquela ímpar combinação de poder, sofisticação e ousada força bruta.

Ele abanou ligeiramente a cabeça e olhou o prado soalheiro de onde ela viera.

— Estava a observar a tua cara enquanto caminhavas. Não és minha inimiga, mas parecia mesmo que estavas a preparar-te para uma discussão.

Alice ruborizou-se quando percebeu que ele lera tão facilmente as suas emoções, enquanto pensava na discussão com Judith... e nos fortes e confusos sentimentos que nutria por ele. Deu mais um passo na sua direção, ficando a centímetros do seu joelho dobrado.

— Talvez esteja — disse.

— Porquê? O que foi que aconteceu?

— Não me apetece falar disso, neste momento. Não me apetece falar de nada — murmurou, a percorrê-lo com o olhar. Tinha o lábio superior e a parte inferior da cara mais escuros, da barba por fazer. Parecia delicioso. Ressentiu-se um pouco por isso, por ele criar nela aquele furioso desejo.

A mão dele disparou de imediato para o alto das suas costas. Puxou-a contra si ao mesmo tempo que baixava o joelho dobrado. Ela sentiu os pulmões esvaziarem-se quando chocou contra o seu corpo. Ele captou a sua reação surpresa quando a beijou. Beijou-a duramente. Completamente.

Alice gemeu, trémula, para a sua boca, enlaçando a língua com a dele, o corpo a ficar tenso de louca excitação. Enlaçou-lhe a cintura com as mãos e puxou-o mais contra si, esfregou-se nele, desesperada por aumentar a fricção.

Desesperada por aliviar a tensão que ele sempre construía no seu interior.

Dylan agarrou-lhe o queixo e desviou-lhe a boca da sua. Ela encostou-se ainda mais, a roçar os seios, a barriga e o sexo contra o seu corpo duro.

— Precisas de alguma coisa para te passar a fúria, não precisas? — disse ele, com a voz rouca, contra os seus lábios. — Queres foder para expulsar tudo isso tudo do teu organismo?

— Quem me dera poder foder para te tirar a *ti* do meu organismo — arfou ela antes de se poder conter.

Mais uma vez, ele ficou completamente imóvel. Ela engoliu em seco com qualquer coisa que viu arder no seu olhar guardado. Porque é que se esquecia sempre que não o devia provocar?

Ou provocá-lo era precisamente o que tencionara o tempo todo?

— Nisso não te posso ajudar, Alice.

Foi percorrida por um tremor — de ansiedade e de luxúria — porque sabia o que ele estava a dizer. Cada coisa que ele fazia era concebida para a

fazer recordá-lo até ao último dia da sua vida.

Pôs-se em bicos de pé, a procurar-lhe de novo a boca, a suplicar por um eufórico esquecimento. A cabeça dele recuou ligeiramente, esquivando-se aos seus lábios. A irritação cresceu dentro dela, mas vira os músculos dele contraírem-se no seu rosto, sentira o seu pau a endurecer. Ele não estava tão impassível e indiferente como queria fazer parecer.

— Fode-me aqui — provocou-o, de novo a pressionar o corpo, do sexo aos seios, contra o dele e a esfregar-lhe os mamilos duros. Perdera toda a vergonha, naqueles momentos. O sexo era curto e seco, uma aceitável e *deleitável* forma de mostrar a sua carência. — Fode-me aqui no bosque, contra esta árvore.

A boca dele formou um trejeito de desdém.

— Não aqui ao ar livre.

— Porquê? — perguntou ela, irritada. — Puseste alguém a seguir-me?

Ele pestanejou, o olhar a ficar glacial. Agarrou-a pelos braços.

— Porque é que estás a dizer isso? — perguntou bruscamente.

— Puseste aquele diretor, o Sal Rigo, a seguir-me a mim ou a algum dos outros monitores? Porque ele estava sentado no parque de estacionamento do Lakeside ontem à noite, quando de lá saímos. Parecia que estava a espiar-nos. Isso faz parte do protocolo da Durand para lidar com possíveis novas contratações? — perguntou.

— Claro que não — disse ele, franzindo severamente o sobrolho.

Ela estudou de perto o seu rosto.

— Porque é que eu sinto que me estás a mentir?

Viu nos olhos dele aquele brilho que era um sinal de perigo.

— Eu *não estou* a mentir. Não temos nada a ver com o que vocês fazem fora do trabalho. O Rigo *não está* a espiar os monitores quando eles estão no seu tempo livre.

— Pois parecia mesmo que estava — disse Alice, com um ar imponente.

— Vou investigar e tratar do assunto, se houver alguma coisa para tratar — disse ele, a boca comprimida de irritação. — Mas que história é essa do Lakeside? É aquele restaurante em Morgantown? Pensei que te tinha dito para ficares na cabana ontem à noite.

— Tu *pediste* — disse ela, o tom a deixar claro que ele lhe podia pedir para fazer tudo o que quisesse. Isso não significava que ela o faria.

— Cuidado, Alice — avisou ele suavemente.

Um arrepio de ansiosa excitação desceu-lhe pela espinha. Ela estava mesmo numa disposição volátil, prestes a explodir em chamas a qualquer momento.

— Eu não *quero* ter cuidado. — Estendeu a mão para o pénis dele.

Ele deteve-lhe o pulso com a velocidade de um relâmpago e desviou-lho, desencostando-se da árvore.

Rebocou-a atrás de si ao longo da subida. Alice sentia-se como se estivesse a ser puxada por um tornado. Tinha de correr para acompanhar o passo das suas longas pernas, com ramos e arbustos a estalar por baixo das suas sandálias. Viu por entre as árvores o declive do relvado verde-esmeralda e começou a arrepender-se do seu comportamento provocador.

*Que raio é que se passa contigo? Estavas tão feliz por o voltar a ver. E a única coisa que conseguiste fazer foi deixá-lo lixado? És o quê, alguma espécie de imbecil social?*

— Espera, Dylan, eu não queria...

Era como falar para uma tempestade. Tentou interromper a sua marcha determinada, mas ele não se voltou, e não parecia estar a ouvir. Saíram da linha das árvores e ele levou-a para a frente de um bem cuidado abrigo de madeira. Alice nunca reparara no edifício escondido. Dylan abriu a porta e fê-la transpor a ombreira. Assim que ela estava lá dentro, largou-lhe a mão. Alice deu meia-volta para ver a sua silhueta a bloquear a brilhante luz do Sol, antes de ele fechar a porta com um estrondo. Olhou o espaço escuro, ansiosa.

— O que é este sítio? — perguntou, ofegante.

— A arrecadação do jardineiro. Isto não vai esperar até chegarmos a casa.

Ela ouviu o som da fechadura a trancar-se. O coração começou a palpar nos seus ouvidos. Deu um passo atrás, afastando-se da sombra de Dylan. A luz filtrava-se em volta da moldura da porta, mas, de resto, estava tudo escuro.

— Não quero estar aqui — disse, num tom de desafio. — Está calor.

— Tem ar condicionado.

— Não parece. E provavelmente há aranhas.

— Tens razão. E ratos, também. E ferramentas afiadas por todo o lado.

— Ela saltou quando os braços dele a envolveram e uma mão se abriu na sua nuca. — Eu não tocaria em nada que não fosse absolutamente necessário. Agora. Vamos tratar do teu problema? — perguntou sarcasticamente antes de lhe cobrir a boca com a sua.

Ela gemeu quando ele a envolveu com os braços e a beijou com obcecada determinação. O seu cérebro agitado registou o gosto dele, já tão familiar. Tão delicioso. Passaram uns breves segundos antes de estar a enterrar as pontas dos dedos na sua *T-shirt* e na cintura fina, enquanto retribuía o beijo furiosamente. Avidamente. Cresceu de novo dentro de si como magma pressurizado, a sua vontade, alarmante mas inegável.

As mãos dele moveram-se entre os seus corpos, desabotoando-lhe a blusa de algodão. Quando ainda faltavam dois botões, ele fez um som impaciente e rouco na garganta e abriu a blusa à força. Por entre o trovejar nos seus ouvidos, Alice registou vagamente o som de botões de plástico a caírem no chão. Ele interrompeu o beijo para lhe retirar a blusa, o sutiã a seguiu-o de perto.

As mãos dele deslizaram ao longo do seu tronco nu, os ligeiros calos a fazerem-na arrepiar-se apesar do calor. Depois envolveram-lhe os seios, as pontas dos dedos a beliscarem-lhe levemente os mamilos. Foi percorrida por um calor líquido. Gemeu tremulamente, inclinando os joelhos e esfregando-se contra ele, desesperada pela fricção. Ficava louca quando ele lhe tocava, sempre. O volume do seu pau por baixo das calças deixava-a louca. Ele moldou-lhe os seios com as mãos grandes, massajando-os firmemente. O gemido que soltou aumentou a excitação dela.

— Esta noite, queria mimar-te, mas a princesa Alice consegue sempre o que quer, não é?

*Princesa Addie.*

Foi percorrida por um frémito de ansiedade quando ouviu as palavras na sua cabeça, como uma memória... mas não uma memória dela. De onde



viera aquela frase inexplicável?

— *Princesa?* — troçou, obrigando a mente a regressar à solidez do momento... à vibrante realidade que era Dylan. Colocou a mão entre as suas coxas. Encontrou a rígida coluna do seu pau e acariciou-o ao mesmo tempo que roçava a pélvis na dele, a balouçar as ancas. — Não sou nenhuma *princesa*.

— Não — concordou ele num tom sombrio, a acariciar-lhe um seio. Beliscou-lhe um mamilo entre o polegar e o indicador. — És o raio de uma ditadora, pela maneira como brincas com a minha pila.

Forçou-a a arquear as costas. Levou-lhe o mamilo à boca e aplicou uma quente e firme sucção. Alice contorceu-se contra ele. Os dedos percorreram a extensão do seu pau túrgido, esfregando e pressionando por cima das calças. Enlouquecia-a sentir a forma e a força da sua ereção. Usou a outra mão para lhe encontrar os testículos, e cobriu-os por cima do tecido. Ele soltou-lhe o mamilo da boca. Encontrou-lhe os pulsos e desviou-lhe as mãos do seu pau.

— Vou dar-te o que tu queres esta tarde, pequenina — disse, a voz rouca e perigosa a soar na escuridão. — Mas, à noite, vou obrigar-te a mostrar-me algum controlo.

Ela pensou em exigir saber o que queria ele dizer com aquilo, mas depois estava a desapertar os calções e a fazê-los descer pelas ancas. Era como aquele dia nos estábulos. Sexo quente. Suado. *Definitivamente* descontrolado.

Passado um momento, estava apenas com as sandálias, ofegante. Dylan virou-a nos braços. Puxou-a contra si, o maior peso e altura dele a forçá-la a dobrar-se pela cintura. Ela sentiu a mão dele a trabalhar nos botões nas calças de ganga e a puxá-las pelas coxas abaixo.

— Já sabes o que tens de fazer — disse ele, a boca perto da sua orelha. — Dobra-te. Quero essa ratinha quente. Vou dar-te o que tu precisas.

Ela fechou as pálpebras com força com aquelas instruções ilícitas, agitada e excitada pelas suas palavras. Tinha o sexo molhado e a palpitar, a precisar de pressão. De alívio.

Dobrou-se pela cintura, espetando o rabo nu contra o sexo protuberante de Dylan Fall. Céus, sabia tão bem. Ele estava tão pesado e duro por ela. Um homem tão lindo; um pau de fazer crescer água na boca. Rolou o traseiro contra ele num gesto tentador.

Ele deu-lhe uma palmada no rabo. O ardor resultante fez crescer a sua excitação.

— Vou foder-te à bruta. Sem preservativo. Estás a ouvir-me? — perguntou ele num tom zangado, porque ela retomara o bambolear das ancas, e deu-lhe outra palmada como reprimenda.

— Sim, sim, fode-me *já* — suplicou ela por entre os dentes cerrados.

— Dobra-te mais — ordenou, uma mão nas suas costas. A cabeça macia e dura da sua verga roçou-lhe a abertura escorregadia. Ele soltou um grunhido. Ela gemeu com a pressão implacável quando ele a penetrou, com as duas mãos a agarrarem-lhe as ancas. Era insuportável.

Era *tão* bom, raios.

O gemido dela cresceu e tornou-se um grito. Ela atirava com as ancas para trás, a tentar tê-lo completamente dentro de si. Tinha as coxas contraídas. Sentia-se em equilíbrio precário, apesar das mãos firmes que lhe seguravam as ancas.

— Afasta um pouco mais as coxas e firma os pés. Prepara-te. Vou foder-te com força — disse ele, tenso, nas suas costas. Alice fez isso mesmo e ele entrou mais fundo. Sentiu-lhe os testículos contra o exterior do sexo. Estava completamente preenchida por ele. Estava em chamas. — Preciso de um ângulo melhor. Dobra-te ainda mais. Agarra-te aos tornozelos. Põe o cóccix para cima.

Ela hesitou.

— Quem é que achas que estiveste a provocar? — exclamou ele furiosamente. Ela pestanejou de surpresa. Ele estava a palpitar dentro de si. Oh, céus, quem *estivera* ela a provocar? — Eu agarro-te, mas vais ter de levar com o que estavas a pedir — disse ele.

Ela cerrou os olhos com força e agarrou-se aos próprios tornozelos, erguendo a pélvis.

Ele retirou-se e voltou a enterrar-se até à base. Ela gritou de excitação. O ângulo de penetração era perfeito.

— Sabes a pecado, dos pés à cabeça — rosnou ele. — Já tinha imaginado. Tão apertada. Tão molhada para mim — balbuciou ele antes de a começar a foder.

Com força.

Alice uivou com a pressão, mas ele continuou o seu ritmo perverso sem piedade. Os olhos dela abriram-se mais. Ele estava enorme de desejo. Sem o preservativo, ela sentia melhor a forma da glândula inchada e da coluna de aço enquanto ele a incendiava por dentro. Penetrou-a com movimentos longos e fortes. O corpo dela balançava com o impacto, mas ele segurava-lhe as ancas e o rabo, mantendo-os bem firmes para o seu pau conquistador. Envolveu-lhe as nádegas com as mãos e enterrou-se, mergulhou nela, girando as ancas ligeiramente antes de retirar e repetir o implacável movimento vez após vez. As suas ancas deslizavam e carregavam de novo como uma máquina bem oleada. A pressão indireta no seu clítoris era feroz.

Fantástica.

Céus, o homem sabia foder. Ela ia explodir. Um grito ergueu-se da sua garganta com o aumento da fricção.

— Era disto que precisavas? — arfou ele, o pau a enterrar-se bem fundo, o ruído do chocar de carne contra carne a misturar-se com o rugido do seu coração. Desferiu-lhe uma palmada no rabo antes de a agarrar outra vez, enterrando-se de novo. Ela estava à sua mercê, dobrada e exposta, uma substância inflamável prestes a incendiar-se. Um grito desesperado soltou-se da sua garganta. — *Responde-me.*

— *Sim* — gritou ela.

— De uma bela foda à bruta — disse ele sombriamente, dando-lhe isso mesmo sem uma pausa.

— Precisava de ti — disse Alice numa voz pequena e trémula.

Ele parou, o pau meio enterrado. O seu áspero palavrão soou estranhamente doce aos ouvidos de Alice. Depois ele enfiou a mão debaixo das pernas dela. Acariciou-lhe o clítoris escorregadio e penetrou-a.

Ela gritou quando foi atingida pelo orgasmo. Dylan continuou a fodê-la enquanto ela gritava e era dominada pelos arrepios de prazer.

— Jesus, estou a sentir-te a vir — balbuciou ele perversamente. Quando Alice deu por si, estava a ser agarrada pelos ombros e puxada para cima contra ele. Dylan encheu uma mão com o seu seio direito. Dobrou-lhe os joelhos e pressionou-lhe as costas contra o corpo sólido como uma rocha. Agarrando-a com força, penetrou-a com movimentos curtos e precisos. Ela tremia à sua volta, impotente na investida de um violento prazer.

— Vou vir-me dentro de ti — disse ele, tenso, contra a sua orelha, um momento depois. — Nada vai voltar a separar-nos.

— Sim — concordou Alice. Estava demasiado inconsciente de prazer para reparar na forma como aquele sexo primitivo e cru se tornara, por alguma razão, sublime.

Ele retirou-se parcialmente e depois puxou-a contra si, voltando a enterrar-se bem fundo, o rabo dela a bater contra as suas coxas tensas.

— *Agora*, Alice. Isto é tão bom.

Os olhos dela dilataram-se quando o sentiu a crescer no seu interior, em espasmos. O corpo poderoso de Dylan estremecia atrás de si.

Ele segurou-a com força enquanto se veio dentro dela. Alice recordar-se-ia para sempre do gemido áspero e selvagem que o ouviu soltar.

Lentamente, as respirações erráticas de ambos abrandaram e tornaram-se mais regulares. Ela encostou a cabeça ao peito dele. Dylan já não a agarrava com tanta força, e os dedos acariciavam-lhe lentamente a barriga molhada de transpiração. A sensação era maravilhosa.

A emoção expandiu-se no seu peito. Adorava os momentos que partilhava com ele, e essa era uma verdade que temia. Mas era difícil não encarar esse medo quando estavam unidos como duas metades de um todo e ela sentia o seu perfume em cada movimento respiratório.

— Dylan? — sussurrou cautelosamente.

— Sim? — respondeu ele. Alice adorava o som daquela voz baixa e rouca atrás de si. Ele deu-lhe um beijo no pescoço.

— Desculpa. Não sei porque é que estava tão sensível e... — *Difícil*, terminou mudamente. Ele tivera razão, claro. Ela *viera mesmo* a preparar-se

para qualquer coisa, e não era uma discussão.

— Está tudo bem — resmungou, plantando-lhe um beijo no ombro e demorando-se a provar o seu suor com a língua.

— Está? — perguntou, incerta. Podia provocá-lo e fazer observações mordazes e ficava tudo bem?

Sentiu-o anuir porque a cara dele estava presa entre o seu pescoço e ombro.

— Está — disse ele, os lábios a moverem-se num terno deslizar contra o seu pescoço. Estremeceu e virou o queixo. As suas bocas encontraram-se, colaram-se, abriram-se ligeiramente.

— Também tive montes de saudades tuas, Alice.

Alice soltou um surpreendido arfar de prazer com aquela admissão, e depois ele estava a beijá-la outra vez, profunda e intensamente.

...

Meia hora mais tarde, estavam a secar-se depois de um lânguido duche na luxuosa casa de banho de Dylan. Alice enrolou a toalha à sua volta, prendendo-a nos seios, e observou-o, sem fôlego. Ele arqueou as sobrancelhas quando reparou na sua expressão extasiada enquanto secava as coxas duras com uma espessa toalha branca. Momentos antes, ensaboara-a com as mãos sensuais e levara-a ao clímax com os dedos escorregadios. O ocioso, delicioso duche deixara-o ereto outra vez. O seu pau projetava-se agora de entre as coxas musculadas. Ele era tão belo. Apanhara-a a admirá-lo, mas, pela primeira vez, não se importou. De alguma forma, o facto de ele ter dito o que ela tivera demasiado medo de dizer — «*Tive montes de saudades tuas*» — deixara-a um pouco mais livre para mostrar os seus sentimentos.

— Não queres que eu faça alguma coisa acerca disso? — perguntou, acenando para o seu pau. Tentara retribuir o favor ou o orgasmo no duche, mas ele dissera-lhe enigmaticamente para esperar.

Dylan sorriu aquele seu sorriso de deus do sexo. O pénis erguia-lhe a toalha à frente, quando ele a enrolou em volta das ancas. Estendeu-lhe a

mão e ela entregou-se ao círculo dos seus braços. Alice encostou o nariz à pele quente e húmida, a sua fome a crescer com a sensação da cabeça do pau a espetar-se no seu baixo-ventre por entre as toalhas.

— Quero a tua boca em mim — sussurrou-lhe ele ao ouvido. Ela estremeceu de excitação e tentou agarrá-lo. Ele deteve-lhe o pulso e desviou-lho para o lado. — Daqui a pouco. Vou dizer-te o que quero quando chegar a altura.

— Ah, vais dizer-me o que queres? — perguntou ela maliciosamente, contrariada e confusa, ao mesmo tempo. Mas não estava suficientemente irritada com a sua resposta descarada para se impedir de lhe beijar o peito, adorando o contraste dos pelos ásperos e a pele macia contra os seus lábios.

— Podes ter a certeza que sim — disse ele, acariciando-lhe os ombros. Depois levou a mão ao seu rosto, os polegares a pairar perto das sobrancelhas. Ela fechou obedientemente os olhos. Ele acariciou-lhe uma pálpebra com a ponta do dedo. — Tens as pestanas mais compridas que alguma vez vi. Os teus olhos são tão bonitos.

— Obrigada — murmurou, hipnotizada pela sua voz baixa e rouca e o toque terno.

— Detesto que escureças as pálpebras — murmurou ele. — E não devias pôr tanto *eyeliner* e rímel nos olhos.

O embaraço quebrou a lassidão que a invadira.

— Estás a parecer a Maggie — protestou, referindo-se à sua orientadora de mestrado e senhoria. — Está sempre a lembrar-me que sou um erro de estilo ambulante.

— Ela só não gosta de te ver esconder por baixo de tanta maquilhagem escura e tinta de cabelo. Tu és linda. Porque é que o hás de esconder?

Ela pestanejou ao ouvir isto, e ele desviou o dedo. Por um longo e ardente momento, ficaram de olhos um no outro.

— Oh, bem — disse ele, passado um momento, ainda a estudá-la com atenção. — Talvez seja melhor assim, por agora.

— O que é que queres dizer com isso? — disse ela com uma gargalhada, perplexa.

Ele limitou-se a abanar a cabeça, como que para dizer que não era importante.

— Reparei que não trouxeste mala. Estás a pensar passar cá a noite, certo?

Ela anuiu.

— Tenho algumas roupas para ti, incluindo um vestido.

— Vamos ter de nos aperaltar?

Ele anuiu.

— Vou levar-te a jantar num sítio que fica a cerca de uma hora de distância, na costa. Mas antes vamos a um outro sítio.

Ela sentiu-se percorrida por uma onda de prazer, com a ideia de passar tanto tempo sozinha com ele. Mas outro pensamento intrometeu-se na sua cabeça.

— Onde é que arranjaste o vestido e as roupas? — perguntou. Ele fez-lhe um olhar sardónico e sofredor ao detetar o seu tom desconfiado. — Quero dizer... não é roupa deixada por uma das tuas antigas namoradas, ou coisa do género, pois não?

— Não me achas capaz de comprar qualquer coisa especificamente para ti?

— Não sabes o meu tamanho, pois não?

— Vestes o tamanho trinta e oito, e calças o trinta e nove. — Debruçou-se mais para ela e falou-lhe perto da boca. — Tamanho de sutiã: trinta e quatro C.

— Como é que sabes? — quis ela saber, o rubor a incendiar-lhe as faces porque ele lhe tomara o peso do seio esquerdo suavemente na mão enquanto falava e estava agora a acariciá-la.

— Só de olhar para ti — disse, endireitando-se.

Ela fez-lhe um olhar que lhe dizia que não acreditava. Ele riu-se e passou o polegar pelo seu mamilo por cima da toalha. Ela estremeceu de prazer. Sentiu o pau dele inchar ainda mais.

— Está bem, vou admitir, fui ver o tamanho dos teus sapatos — concedeu. — Não sou um grande especialista em pés.

— Hmm. Mas és especialista em mamas. — Ele limitou-se a olhá-la, ainda com aquele pequeno sorriso enigmático. Alice mordeu o lábio e estudou-o por entre as pestanas baixas, a combater um indesejado sentimento de timidez. — Tiveste muitos relacionamentos? — aventurou-se, tentando fazer um tom ligeiro, despreocupado.

— Tem havido muitas mulheres — disse ele simplesmente. — Poucos relacionamentos.

— Porquê?

O encolher de ombros com que ele respondeu chamou-lhe a atenção para a largura dos seus ombros. Acariciou-lhe os músculos densos. Ele cheirava a sabonete e a homem. O peso da sua ereção entre as toalhas de ambos era uma extraordinária provocação.

— Eu tenho alguma tendência para ser um pouco obstinado, no que diz respeito à Durand. O trabalho absorve-me. Não dou atenção suficiente às necessidades das mulheres.

— Exceto as necessidades de carácter sexual? — aventurou ela. Tinha a certeza que Dylan mais do que satisfizera as necessidades sexuais das amantes.

— Pode-se dizer que sou egoísta.

Ela olhou-o.

— Que engraçado. Nunca me pareceste demasiado concentrado na Durand, quando estamos juntos.

— Isso é porque estou contigo.

Ela encheu-se de prazer com a sua resposta imediata.

— Mas eu *sou* obstinado, em grande parte do tempo. Já muita gente chamou obsessão a esta minha concentração no trabalho.

— Porquê? Porque é que és tão obcecado com a Durand?

— Atualmente? Acima de tudo, por causa do orgulho de saber que trabalhei tanto para a empresa. É um orgulho de propriedade.

— E no passado?

O sorriso dele ensombrou-se.

— No passado, senti que o devia aos Durands.

— Os proprietários originais?



Ele anuiu.

— Fazer da Durand Enterprises uma das mais bem-sucedidas empresas do mundo foi a minha forma de retribuição. De os compensar.

A testa dela franziu-se de consternação.

— Porque que é que terias de os compensar?

Dylan não respondeu por um momento, fazendo Alice suspeitar que não responderia de todo à pergunta.

— Devo-lhes muito, pela sua bondade comigo. E cometi um erro. Perdi uma coisa que era deles.

— E perdoaram-te? — sussurrou Alice. Sentiu um aperto no peito quando viu a sombra de angústia no seu rosto transformar-se em impassibilidade.

— Gosto de pensar que sim.

A boca dela estremeceu. Havia tanta coisa nele que não compreendia.

— Dylan... o que foi que aconteceu a dezoito de abril? — perguntou.

Ele sobressaltou-se com a pergunta. Alice sentiu a ligeira tensão nos seus músculos porque lhe estava a tocar. Apanhara-o desprevenido.

— *O quê?*

— Mencionaste na primeira noite que me trouxeste aqui que não estavas com uma mulher desde dezoito de abril. Disseste a data exata, como se tivesse algum significado. Tinha?

Ele surpreendeu-a fechando os olhos por um breve momento. Por alguma razão, sentiu o coração apertar-se com um pouco de angústia. Por uma fração de segundo, ele pareceu carregar o peso do mundo sobre os ombros.

— Tinha. Muito — disse passado um momento. — Nesse dia aconteceu uma coisa que monopolizou toda a minha energia. Anda, vou mostrar-te as roupas.

Agarrou-a pela mão e o momento desvaneceu-se. Alice ficou a perguntar-se se alguma vez teria existido de todo.

...

Dylan não lhe comprara apenas um vestido. Nada que se parecesse.

Alice ficou a olhar com os olhos enormes de espanto quando ele começou a retirar vários sacos do seu enorme *closet*. Sentou-se na berma da cama e ele juntou os sacos à sua volta. Num deles, encontrou um par de sofisticados sapatos pretos, noutra, um elegante *nécessaire* cheio de artigos de higiene pessoal.

— Pensei que podias deixar aqui algumas coisas — explicou ele quando ela retirou uma escova de dentes com um olhar atónito. Dissera-o com um ar tão prático que ela foi obrigada a reconhecer que tinha razão. Passava as noites com ele. Seria bom poder escovar os dentes adequadamente ou ter algo mais do que gel de duche e desodorizante masculinos com que se lavar, mesmo que os aromas a especiarias na sua pele a lembrassem depois de Dylan.

Havia também um conjunto de cosmética repleto de maquilhagem topo de gama, e ela experimentou um baque de embaraço com a memória da sua recente menção ao uso liberal de lápis barato, *eyeliner* e rímel. Havia um robe felpudo. A seguir, descobriu um sortido de *lingerie* embrulhada em papel de seda. Ergueu um conjunto de cuecas e sutiã de seda preta e olhou para Dylan.

— Suponho que também tenhas queda para *lingerie*? — perguntou secamente.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Tenho a sensação que vou ter uma grande queda para *ti* em *lingerie* — replicou sem uma pausa.

O olhar dela desceu para o volume na frente da sua toalha. Solto uma gargalhada. Ele sorriu com a sua reação. A hilaridade dela desvaneceu-se.

Os sorrisos de Dylan eram, realmente, algo digno de se ver.

Para seu enorme espanto, ele regressou ao *closet* e trouxe mais uma mão cheia de sacos.

— O que foi que fizeste? — perguntou ela, inquieta com a quantidade de compras. Embora fosse mais do que provável que tivesse mandado alguém comprar-lhe os artigos, ele teria tido de pensar largamente no que iam adquirir. Viu-o pousar duas grandes caixas, uma em cima da outra, sobre o seu colo. — Eu não posso aceitar tudo isto — exclamou, afogueada.

— Claro que podes — disse ele despreocupadamente. — O que é que eu ia fazer a estas coisas?

Ela nunca tinha visto embrulhos tão bonitos, quanto mais receber algum. Curiosa, apesar dos seus protestos, abriu a tampa de uma das caixas elegantes. Ficou a olhar um lindo par de botas castanhas feitas de uma pele macia. Deviam ter custado mais do que aquilo que ela alguma vez tivera na sua conta bancária em qualquer altura. Para não pensar no preço total de todos os outros artigos que a rodeavam. Qualquer coisa lhe captou a atenção, e ela retirou um par de suaves luvas de pele que condiziam com as botas.

— Isto são botas e luvas de montar? — perguntou, atordoadas.

— São. E ainda há uma outra coisa aí dentro. — Aproximou-se mais e desviou um pouco de papel de seda. Retirou da caixa uma chibata de pele castanha. A haste era fina e flexível e tinha uma ponta de pele preta.

Ela olhou para ele, desnorteada.

— Eu não sei montar.

Ele aproximou-se da mesa-de-cabeceira, abriu uma gaveta e guardou a chibata lá dentro.

— Na verdade, isto é para ficar aqui. Mas as outras coisas *são* para montares a cavalo.

Ela conteve uma gargalhada de incredulidade, as faces a afoguem-se com o que acabara de ocorrer, embora continuasse ainda um pouco confusa.

— Não me estás a ouvir, eu não sei montar — repetiu.

— Eu vou-te ensinar. *Alice*?

Ela pestanejou quando o ouviu dizer o seu nome duramente. Sentiu-se um pouco desorientada, por um momento.

— Detesto cavalos — sussurrou.

— Porquê? O que é que eles te lembram?

Ela fez-lhe um olhar incrédulo, perante a sua pergunta tensa. Que coisa tão estranha de se perguntar.

— O que é que eles me *lembram*? Nada. Não há nada para lembrar. Não tínhamos propriamente aulas de equitação oferecidas no Clube Little Paradise — riu-se. — Só não gosto de cavalos.

— Mas porquê?

Ela abanou a cabeça, a sentir-se subitamente como se estivesse sob um foco de luz.

— Estão demasiado longe do chão. — Ele limitou-se a olhar para ela, com uma expressão indecifrável. — Tenho medo de alturas — explicou. — Ou, mais precisamente, medo de cair. Queres *mesmo* pôr-me a andar de cavalo?

Ele anuiu e deu um passo na sua direção, mergulhando a mão num dos sacos.

— Tens aqui calças de ganga, meias, algumas *T-shirts*. Vamos esta tarde, antes do jantar. Há um picadeiro mesmo ao fundo da estrada da pousada onde vamos jantar. Pedi para nos servirem ali uma refeição privada, e a dona disse que podemos usar as instalações para nos lavarmos, depois de andarmos a cavalo.

Ela abanou a cabeça.

— Não sei, Dylan — disse, em tom de dúvida, referindo-se à última parte daquele plano.

Ele estudou-a com atenção por um momento e depois encolheu os ombros.

— Tudo bem. Foi só uma ideia.

Ela engoliu em seco e baixou o olhar para as lindas botas. Esfregou a pele macia com as pontas dos dedos. Sentia crescer dentro de si a vontade de ir com ele, mas também tinha medo.

— Achas que podia montar contigo? — perguntou, percebendo depois como a voz soara tão baixa. Tão fraca. — Quero dizer... no mesmo cavalo? Até me habituar mais a eles? — acrescentou, com mais convicção.

Ele surpreendeu-a quando se aproximou mais e lhe envolveu o lado da cabeça com a mão. O polegar acariciou-lhe a face quando ela ergueu o olhar.

— Claro. Só tinhas de pedir.

Ela revirou os olhos, tentando diminuir a sua vulnerabilidade e o impacto do que vira nos olhos dele naquele momento.

— Exato. Só tenho de pedir e todos os meus desejos estão garantidos —  
gracejou. — Sou a princesa Addie.

A expressão dele contraiu-se. Ela sentiu uma cascata de arrepios percorrer-lhe a espinha e descer-lhe pelos braços e pernas.

— O que foi que disseste?

Ela fez-lhe um olhar confuso. Riu-se, desconfortável, a tentar livrar-se de uma estranha sensação de mau agouro.

— Princesa Alice. Foi o que me chamaste. Na arrecadação? — Lembrou-o, as faces a afoguearem-se quando recordou as circunstâncias. Estaria Dylan tão enlouquecido de luxúria que se esquecera? E porque estaria a olhar para ela daquela forma tão estranha? — Só achei engraçado, quando disseste aquilo. Só tu, para alguma vez pensares em chamar-me princesa — troçou.

— Sim. Só eu.

O silêncio prolongou-se.

Ele desviou as botas para o lado e abriu a caixa que estava por baixo. Enfiando os dedos por entre as finas alças, ergueu um fabuloso vestido de seda azul-escura muito cavado nas costas.

— Pensei que ia destacar a cor dos teus olhos — disse em voz baixa.

Alice ficou de boca aberta, maravilhada, e a estranheza do momento anterior desvaneceu-se nas sombras.

**D**eixaram Morgantown e o castelo Durand para trás. O picadeiro aonde Dylan a levou ficava a norte da cidade costeira de Saugatuck. Alice gostou da viagem. Dylan conduzia o luxuoso carro por autoestradas e estradas rurais enquanto conversavam sobre o que quer que lhes viesse à mente. Estar com ele no carro fazia-a sentir menos insegura e mais descontraída. O próprio Dylan parecia mais acessível, vestido com um par de calças de ganga, uma simples *T-shirt* preta e óculos escuros. Ela estava sempre a lançar olhares de cobiça para as suas longas pernas, ou para os músculos suculentos dos seus braços que espreitavam por baixo das mangas, ou para a fascinante visão das suas mãos grandes a segurar levemente o volante de pele.

Quando não se estava a babar a olhar para Dylan, estava a admirar as suas lindas botas novas e as calças de ganga e o top. A roupa nova fazia-a sentir agradavelmente bonita e feminina, mas também algo transparente. Estava apenas a começar a aprender como era para ela natural reservar a sua sexualidade, diminuir o impacto da sua feminilidade como forma de autoproteção. Era um instinto bem arreigado, e contrariá-lo fazia-a sentir-se vagamente desconfortável.

Era uma nova experiência para ela, não se esconder nas sombras. Dylan não estava nas sombras. E a tentação que representava era tão grande que ela fora atraída para fora do seu lugar de segurança. Agora que ali estava, naquele tentador e maravilhoso espaço de estar com ele, tinha de combater a vontade de se encolher e voltar a fugir para o seu esconderijo.

Sob o feitiço de Dylan, abria-se mais do que alguma vez se abrira na vida. Ele perguntara-lhe na viagem como estava a correr a sua experiência como monitora, e ela teve a impressão de que ele queria mesmo ouvir o que tinha a dizer. Falou-lhe então dos seus miúdos, dos momentos bons e divertidos e dos mais desafiadores. Quando lhe falou da Equipa Vermelha, surpreendeu-se ao ouvir a nota de orgulho que soava na sua voz.

Falou-lhe de Judith e da sua interação complicada de apenas umas horas antes. Dylan ouviu-a sem a interromper, o olhar fixo na estrada.

— Achas que tomei a decisão certa, ao fazer de Judith a líder do grupo? — perguntou-lhe pouco depois.

— Sim — disse ele sem hesitação. — Ela é forte. É isso que vês nela. É o que os outros também vão ver.

— Vai ser difícil — disse Alice, a olhar em frente. O Sol da tarde começava a descer no céu, fazendo com que o lago Michigan cintilasse fortemente à esquerda do carro. — Confiar que ela não vai fazer asneira, quero eu dizer.

— Vai ser difícil. Mas vai valer a pena — disse Dylan. — Essa é uma parte muito importante do trabalho de um gestor, sabes. É por isso que enfatizamos tanto a confiança no Campo Durand. Não há maneira mais rápida de falhar como executivo do que assumir todas as responsabilidades pessoalmente porque não se confia em mais ninguém para fazer o trabalho. A capacidade de delegar é imprescindível.

Alice escutava-o com preocupado interesse. Compreendia o que Dylan queria dizer. Mas não estava tão certa de que era inteligente ceder *demasiado* controlo. Alice conhecia-se. *Sabia* que conseguia executar uma tarefa. Não tinha tanta certeza se qualquer outra pessoa a conseguia fazer igualmente bem. Era por isso que era uma *workaholic*. Ficava com trabalho a mais porque queria fazê-lo bem.

— Ali está o picadeiro — anunciou ele, erguendo dois dedos do volante e apontando. Alice espreitou pela janela e viu longas paliçadas brancas espalhadas ao longo de um prado verde-dourado. Um cavalo preto e dois castanhos pastavam calmamente. À distância, viu um bonito edifício branco à frente de um pequeno bosque e um cercado ao lado.

— Há quanto tempo sabes montar? — perguntou-lhe, uma sensação de excitação e nervosismo a crescer dentro de si, com a ideia de subir para as costas de um daqueles grandes animais.

— Desde os doze.

Ela olhou o seu perfil:

— A primeira vez foi no Campo Durand?

— Sim. E fiquei viciado desde essa altura.

— Quem é que te ensinou?

— Alan Durand.

— A sério?

Ele anuiu, mantendo os olhos na estrada.

— O Alan adorava cavalos.

— Então, conheceste-o mesmo bem? — perguntou Alice, a sua curiosidade sobre o assunto a fazer acelerar-lhe o coração.

— Sim. Tornámo-nos próximos — disse Dylan. Alguma coisa no seu tom avisou-a de que não ia desenvolver a resposta, por isso ela ficou surpreendida quando ele continuou, passado um momento. — Também conhecia a mulher. Eles não participavam de forma regular na programação do Campo Durand, embora tivessem muito carinho pelo projeto, o seu projeto filantrópico preferido. Era o orgulho e alegria de Lynn Durand. Ela adorava crianças. Mas normalmente deixavam a equipa e os monitores conduzirem as coisas no campo, com algumas exceções em ocasiões especiais.

— Como tu fazes agora — contribuiu Alice.

Ele anuiu.

— Mas como ambos montavam, encontrava-os de vez em quando nos estábulos, quando vim para o campo naquela primeira vez. Mas aproximámo-nos mais no meu segundo verão.

— Como é que eles eram?

— Simpáticos. O casal mais querido que alguma vez podias conhecer. Era muito fácil falar com eles, apesar da sua classe. Eram calorosos. Atenciosos.

— E ficaram a gostar de ti? — perguntou Alice baixinho. Tinha uma ávida curiosidade pela relação de Dylan com os Durands, em especial porque tudo parecia tão rodeado de mistério.

— Sim. — Ele virou o carro para uma estrada de gravilha. — E eu também fiquei a gostar deles. Passado algum tempo. Ou talvez um pouco mais do que *algum* tempo.

— Como é que tu eras, nessa altura?



— Eu?

— Sim. — Sorriu ao vê-lo ligeiramente surpreendido por ela querer saber.

— Estás a ver a maneira como descrevi os Durands?

— Ah-hã.

— Eu era basicamente o oposto disso.

Ela riu-se, compreendendo. Antes de poder fazer mais alguma pergunta, porém, ele parou o carro num parque. Um homem sorridente de cabelo cor de prata aproximava-se do carro para os receber.

— Aqui está o Kevin Riley. É o dono do picadeiro. Está nesta área desde sempre. É ele que nos fornece muitos dos cavalos para o campo — disse Dylan enquanto soltavam os cintos de segurança.

Kevin era um homem simples e acessível. Caminharam juntos para os estábulos, Kevin a inquirir Dylan a respeito da saúde do seu cavalo, *Kar Kalim*, que, descobriu Alice, fora adquirido naquele picadeiro. Kevin detetou rapidamente o receio de Alice perante os cavalos, o que não era de surpreender. Ela nunca fora muito boa a esconder a sua desconfiança.

— A Alice vai montar esta primeira vez comigo — disse Dylan. — Por isso vamos precisar de uma sela de bom tamanho e de uma montada calma.

— O *Quinn*, o que lhe parece? — perguntou Kevin enquanto os conduzia por um pequeno cercado para a entrada dos bonitos estábulos.

— Sim, estava a pensar numa coisa do género — concordou Dylan. Kevin fez um aceno afirmativo, o seu olhar a desviar-se de Dylan e a prender-se em Alice, que caminhava entre os dois. Então ela viu a expressão de Kevin tornar-se perplexa, enquanto olhava o seu perfil.

— Desculpe. É que há coisas levadas do diabo — disse Kevin, a abanar a cabeça como que para a limpar, e a sorrir, envergonhado. — Estou a olhar assim para si porque se parece tanto...

— Parece-se um pouco com a Jamie, não parece? — interrompeu-o Dylan. Alice pestanejou quando ele lhe pegou pela mão e a fez estacar. — A Jamie é a ajudante aqui — explicou a Alice. — É pena que esteja hoje de folga, senão podíamos fazer uma comparação lado a lado. Kevin, importa-se de trazer também um capacete para a Alice, por favor?

Kevin parou e olhou em volta.

— Eeh, claro... claro. Já volto num instante com o *Quinn* — disse antes de desaparecer dentro do estábulo.

Ela olhou para Dylan com um ar desconfiado.

— Então, é por isso que estás interessado em mim? Porque me pareço com essa Jamie? — perguntou, meio a brincar, mas um pouco séria.

Dylan soltou uma gargalhada. Alice não conseguiu deixar de sorrir, a surpresa dele com a sua pergunta a parecer tão genuína.

— Não. Vi a Jamie umas três vezes, e só me lembrava do nome porque o Kevin me disse que ela não trabalhava hoje, quando lhe liguei esta manhã.

Dylan começou a envergar as suas luvas de montar, prendendo-as no pulso com um gesto experiente. Ela imitou-o com as suas luvas novas. Quando terminaram, estudou-o disfarçadamente. Ele parecia no seu ambiente natural, ali, com a barba por fazer a ensombrar-lhe o queixo e lábio superior, o cabelo lustroso à luz do Sol, as calças de ganga, botas e luvas de montar todas gastas do uso. Apeteceu-lhe de súbito ter aquelas grandes mãos enluvadas em cima do seu corpo, a tranquilizá-la...

A fazê-la esquecer o seu medo. A fazê-la esquecer tudo senão a forma como ele a fazia sentir.

Como se lhe tivesse lido a mente, Dylan pegou-lhe de repente na mão. Ela tentou sorrir, mas acabou antes a fazer uma careta de preocupação.

— Pediste-lhe um capacete porque sabias que eu podia cair?

— Pedi-lhe um capacete porque pensei que te faria sentir mais segura, não porque ache que vais cair. Vai correr tudo bem. Vais estar comigo — disse, as sobrancelhas arqueadas e o tom firme a dar um aspeto final e absoluto ao que estava a dizer. Ela anuiu.

— Vamos — disse, a acenar com a cabeça na direção da vedação distante e do cintilante lago azul ao longe.

Enquanto Kevin selava o cavalo, admiraram a vista. A anterior humidade e as nuvens esparsas tinham desaparecido, deixando no seu lugar um quente e límpido dia de verão. O cenário era lindo, e ela sentia-se feliz por estar ali com Dylan. Se não estivesse tão nervosa com a ideia de subir para as costas de um animal...

Ouviu o som dos cascos de um cavalo atrás deles e deu meia-volta. Os seus olhos tornaram-se enormes.

— Oh, meu Deus, é gigantesco — exclamou, antes de se poder conter, a olhar ansiosamente o cavalo castanho-escuro que se aproximava. — Pensei que íamos ter qualquer coisa mais pequena, para a primeira vez.

— Não pode ser demasiado pequeno, para aguentar com os dois — disse Dylan, um sorriso a abrir-se na sua boca. — O *Quinn* é tão calmo como uma rocha. Vais ver.

Deu-lhe a mão, levando-a na direção de Kevin e *Quinn*. Alice seguiu-o com relutância, sem muita pressa. Kevin parou o cavalo à sombra de um ácer e colocou o que parecia ser um pequeno degrau de madeira no chão ao lado do cavalo.

— Deixo-vos à vontade para se familiarizarem uns com os outros, pode ser? — disse Kevin, com uma ponta de divertimento na voz. Alice estava ocupada a estudar *Quinn* como estudaria um potencial inimigo. Kevin passou as rédeas a Dylan. — O meu contabilista vai lá a casa e deve estar a chegar. Como a Jamie não está, vão ter de ficar por vossa conta.

— Não há problema nenhum. Trato do *Quinn* quando terminarmos — assegurou-lhe Dylan, apertando a mão ao homem mais velho. — Obrigado por arranjar tempo para nós, quando liguei tão em cima da hora.

— Sempre às ordens, Dylan — garantiu-lhe Kevin, antes de acenar e partir na direção da casa branca à distância.

O olhar de Alice permaneceu preso em *Quinn* durante o tempo todo. O cavalo observava-a com os seus líquidos olhos castanhos.

— Parece simpático. É simpático?

— É mesmo um bom tipo, não és, *Quinn*? — assegurou-lhe Dylan com um tom profundo e tranquilo, fazendo uma carícia no focinho de *Quinn*. O cavalo roçou ternamente o nariz na mão de Dylan, que lhe acariciou depois o lado do pescoço. — Queres fazer-lhe uma festa? — perguntou Dylan a Alice. — O nariz dele parece de veludo.

Alice pestanejou e olhou o perfil de Dylan, sobressaltada. Ele reparou no seu movimento abrupto e olhou para ela.

— O que foi?

— Nada — sussurrou Alice. — Um *déjà vu*, se calhar.

Por um momento, fora como se já antes tivesse ouvido alguém dizer aquilo mesmo. *Queres fazer-lhe uma festa? O nariz dele parece de veludo.*

Não apenas alguém. *Dylan.*

— Alice? — insistiu ele.

Ela abanou ligeiramente a cabeça, como se a quisesse limpar, e estendeu a mão. Conteve a respiração.

— É mesmo macio — disse, a sorrir, um momento mais tarde, enquanto acariciava o focinho do animal. — Acho que ele gosta — acrescentou, hesitante, quando as pestanas de *Quinn* baixaram ligeiramente e ele se manteve imóvel para receber as carícias.

— Acho que gostou de ti — disse Dylan, com um sorriso na voz. Encorajada, ela acariciou o lado da cabeça e pescoço do animal, o seu sorriso a aumentar quando as orelhas de *Quinn* se agitaram e ele moveu a cabeça para ficar mais perto dela. Enquanto Alice fazia amizade com o cavalo, Dylan pôs-lhe o capacete na cabeça e apertou a correia por baixo do seu queixo.

— Estás pronta? — perguntou.

Ela sentiu o estômago contrair-se, mas anuiu, determinada.

— Quem monta primeiro, eu ou tu? — perguntou.

— Tu. Eu subo para trás de ti quando estiveres instalada.

Ele empurrou a pequena escada com o pé, reposicionando-a.

— Calma, *Quinn* — fez Dylan ao mesmo tempo que indicava a escada a Alice. Ela subiu ao último degrau diretamente ao lado de *Quinn*, a respiração a ficar ofegante. O que é que se passava com ela? Aquilo não era assim *tão* alto. Não conseguia afastar a sensação de que era uma criança assustada. O seu embaraço aproximava-se da vergonha.

Dylan surgiu atrás dela no primeiro degrau do banco. Colocou-lhe as mãos nas ancas, e o nervosismo eclipsou-se numa fração de segundo. Só Dylan a conseguia fazer sentir como uma mulher adulta apenas com um toque.

— Segura nas rédeas com uma mão. Põe a mão no arção — instruiu, guiando-a — e este pé no estribo — indicou, fazendo deslizar a mão pela

sua perna abaixo para lhe mostrar o que queria. — Não te preocupes, o *Quinn* vai ficar parado para subires. Está extremamente bem treinado.

Alice pôs um pé no estribo e ergueu a outra perna. Por um segundo, sentiu-se estranhamente suspensa, e conheceu um momento de medo. Depois Dylan empurrou-lhe suavemente o rabo e a parte de trás da coxa e, quando deu por si, estava a montar *Quinn*, bem acima do chão. Deixou-se ficar debruçada para a frente, agarrada ao arção como se disso dependesse a sua vida, o rosto perto da crina do cavalo.

— Conseguieste — elogiou Dylan, usando as mãos para lhe reposicionar as ancas sobre a sela. — Agora, endireita-te — pediu. — Linda menina. — Ela ouviu o som quando ele afastou a escada com um pé. — Tira o pé do estribo por um segundo.

Ele estava a fazer os pedidos verbalmente, mas Alice estava demasiado atordoada, a olhar a erva tão longínqua no seu medo para conseguir responder. As mãos de Dylan moviam-na mais do que seus músculos inertes. Endireitou-se com relutância, não gostando de facto de parecer ainda mais distante do chão. Ele içou-se atrás dela sem usar a escada, a sua mostra de força descontraída a distraí-la por uns breves segundos. Antes que houvesse muita oportunidade para a sua ansiedade crescer, ele estava a aterrar na sela atrás dela, as longas pernas a colarem-se às suas. Os braços dele também a rodearam, as mãos cobriram as suas.

Deixou-se ficar assim, para que Alice pudesse sentir os seus movimentos. Agitou as rédeas e *Quinn* começou a mover-se por baixo dela.

— Uoooooooo — irrompeu-lhe da garganta involuntariamente. *Quinn* estava andar muito, mas parecia-lhe que a terra se movera. A sensação ondulante tão acima do chão deixou-a um pouco nauseada.

— Está tudo bem. Eu seguro-te — disse Dylan baixinho junto da sua orelha. Apertou-lhe a coxa direita. — Os dois pés nos estribos. Equilibra-te. Encontra o teu centro. Isso mesmo. Descontra-te a habitua-te ao ritmo do *Quinn*. Alice — disse ele com ênfase passado um momento, quando ela permaneceu rígida e tensa como uma tábua. — Descontra-te. O *Quinn* tem tudo sob controlo. E eu também.

— Desculpa — gemeu ela miseravelmente, o pânico a crescer no seu peito. — Eu disse-te que não ia ser capaz. Dylan, quero sair.

— Eu estou aqui, querida. Estás a portar-te muito bem.

Uma terrível vertigem percorria-lhe o estômago.

— Tenho medo de cair — exclamou, desesperada.

— Olha para o lago. Não olhes para o chão — tranquilizou-a. Alice desviou o olhar do chão que parecia ondular e tremer e seguiu as instruções dele. Lentamente, a sensação de pânico retrocedeu.

— Estás a sair-te muito bem — assegurou-lhe, a voz rouca e irresistível no seu ouvido a fazer-lhe cócegas. A hipnotizá-la. — Não há qualquer hipótese de caíres, comigo a segurar-te. O *Quinn* é mais sólido do que uma montanha, confia em mim. Sente-o. Absorve o seu movimento. Sentes os meus braços à tua volta, não sentes? — murmurou ele num tom reconfortante ao seu ouvido.

Alice anuiu, deixando-se descair um pouco mais contra ele para se sentir mais segura. Suspirou de alívio com a familiar solidez do corpo dele. Dylan transferiu as rédeas para uma mão e abriu a outra mão enluvada sobre a barriga dela. Isso fê-la sentir melhor.

Lentamente, quando nada de importante aconteceu e o lento círculo de *Quinn* em volta do cercado permaneceu disciplinado, a tensão nos músculos dela começou a desfazer-se.

— Isso mesmo. — Um arrepio percorreu-lhe o lado do pescoço com o impacto da voz tão perto da sua orelha. — Estás a sentir o movimento do *Quinn*. Estás a deixar o teu corpo entrar um pouco no seu ritmo. — Para demonstrar o que estava a dizer, a mão na barriga dela descreveu um subtil gesto circular, para cima e para baixo, que se harmonizava com a cadência do cavalo. De súbito, Alice ficou muito mais concentrada na pressão da mão de Dylan e na sensação quente e pesada que estava a crescer no seu sexo do que na distância a que se encontrava do solo.

— Ainda estás nervosa? — perguntou ele com os lábios a roçar na sua orelha, quando terminaram um circuito completo do cercado. Ela estava a vibrar de tensão sexual.

— Não. Não tanto como antes, pelo menos — acrescentou, hesitante.

Ele mostrou-lhe como devia usar as rédeas, guiando-a com as mãos.

— Então, quando soltamos as rédeas, é como retirar o pé de um travão, certo? — perguntou ela um momento mais tarde.

— Exato. Estás a dar-lhe rédea livre. Controlas a velocidade com a tensão que pões nas rédeas.

Ela anuiu, compreendendo instintivamente, apesar da sua ansiedade.

— Quando o cavalo estiver a trotar, — continuou ele no final da primeira volta — vais ter de balouçar o corpo para cima e para baixo ao mesmo ritmo. — A mão moveu-se de novo num gesto erótico na sua barriga. — Assim vais montá-lo mais facilmente.

Ela arrepiou-se, tentada pelo seu tom profundo e sedutor e os lábios em movimento. Sentira os mamilos contraírem-se contra o sutiã novo com aquelas palavras: *montá-lo mais facilmente*. E, no entanto...

— Não sei se quero ir mais depressa do que isto — disse ela, virando ligeiramente a cabeça para sentir melhor a barba e lábios dele contra a orelha e pescoço. Arfou quando a boca quente de Dylan aterrou contra o canto dos seus lábios. Os dedos longos desceram na sua barriga. Ele puxou-a mais firmemente contra si. Ela mordeu o lábio, suprimindo o suave gemido quando sentiu a dureza de coxas e pénis atrás do seu rabo. — Não podemos andar só a passo, hoje?

— Sim. Vamos ao teu ritmo. Mas acho que devias desafiar-te um bocadinho.

— Porquê? — perguntou ela sem fôlego, porque dois dos dedos dele estavam agora a esfregar-se por cima do fecho das calças, diretamente por cima do seu monte de Vénus.

— Porque acho que consegues fazer isto.

— Está bem — disse ela, incapaz de disfarçar a sua trepidação.

— Fazemos assim — disse ele após uma curta pausa. — Vamos a passo a direito até ao lago, e regressamos a trote. Parece-te bem?

Ela franziu o sobrolho. Já tinham feito metade do caminho desde o cercado até ao lago. Teriam de começar a andar mais depressa em *pouco* tempo. Muito pouco tempo. Dylan devia ter sentido a hesitação, porque a sua boca roçou pelo lado do pescoço dela e os seus dedos baixaram. De

súbito, estava a aplicar uma concisa pressão na sua braguilha, mesmo por cima do seu clítoris.

— E eu vou tocar-te e fazer-te sentir bem — disse ele baixinho. — Mas só quando estivermos a passo.

Alice abriu a boca, mas não saiu nada. A mão dele abriu-se sobre todo o seu sexo. Esfregou-a firmemente, aplicando uma pressão maravilhosa e puxando-a contra si ao mesmo tempo, fazendo-a altamente consciente do seu volume por baixo das calças de ganga.

— E ninguém nos vai ver? — perguntou ela, ofegante.

— Não. A vista desde a casa do Kevin fica tapada pelas árvores, mas mesmo que alguém nos visse por acaso, eu só te vou tocar enquanto estamos virados para o lago. Como podes verificar, não há uma criatura à vista. Está bem?

Ele estava agora a fazer a mão circular sobre o seu sexo, os movimentos subtis mas firmes. A cadência ondulante do cavalo por baixo deles ganhava agora um novo significado, aumentando a estimulação.

— Está bem — balbuciou ela. Teria concordado com qualquer coisa, com a mão de Dylan entre as suas coxas abertas e o pau dele a crescer, duro e cheio, contra o seu rabo. Como se estivesse a pensar o mesmo, ele fletiu ligeiramente as ancas, pressionando-lhe o rabo com mais força contra as suas virilhas.

Ele gemeu.

— Essas calças novas deixam o teu rabo ainda mais apetitoso — sussurrou-lhe ao ouvido. Alice estremeceu e depois derreteu-se com a sensação dos dentes dele a roçar no lóbulo da sua orelha. — Reparei mal as vestiste. Mas não tinha pensado na tortura de ficar atrás de ti num cavalo.

— Peço muita desculpa por te estar a torturar — balbuciou com distraído sarcasmo.

— Tudo bem. Hás de pagar por isso mais tarde. Vamos virar. Pega nas rédeas e diz ao *Quinn* o que queres.

Alice obedeceu sem pensar, fazendo o que lhe pareceu natural para guiar *Quinn*, inclinando as rédeas na direção que queria seguir. O animal seguiu a sua orientação sem hesitar. Ela soltou uma pequena gargalhada triunfante,



mas seguiu-se um pequeno gritinho de desagrado quando Dylan retirou a mão do seu sexo.

— Só virados para o lago — lembrou-a. Ela franziu o sobrolho com a ponta de riso que ouviu na sua voz grave. — Muito bem, endireita-o. Linda menina. — Voltou a pôr a mão sobre a dela enquanto *Quinn* contornava a curva, tomando controlo das rédeas. O braço dele contornou-lhe cintura. — Agora vamos mais depressa a trotar. Quero que te moves comigo no trote, faz o que eu faço.

O pânico saltou na sua barriga.

— Preciso de mais instruções do que isso!

— Não, não precisas. Eu sei como te moves comigo. És perfeita.

— Mas...

Ele baixou as rédeas e fez um estalido com a língua. *Quinn* deu um salto em frente. Ela conteve um gritinho. Era um trote lento, nada mais. Parecia-lhe estar em queda livre. O seu corpo ficou rígido de medo, as mãos agarradas ao arção, as coxas fortemente comprimidas contra a sela.

O braço de Dylan apertou-se à sua volta.

— Eu seguro-te. Está tudo bem. Estamos a mover-nos, mas somos nós que controlamos, Alice. Mexe-te ao mesmo ritmo que eu. Não te contenhas.

Demorou um momento até que a sua ansiedade diminuísse o suficiente para ela absorver o que estava a ouvir. Sintonizada como estava sempre com ele, o seu corpo começou instintivamente a ajustar a cadência. Percebeu que quando se movia ao ritmo de Dylan e do cavalo, a sensação de estar a ser sacudida de forma descontrolada diminuía.

Uma centelha de excitação rompeu por entre a sua ansiedade.

— Isso mesmo — murmurou Dylan nas suas costas, sentindo o corpo dela juntar-se ao seu. — Vês como te mexes bem comigo? — disse-lhe ao ouvido.

Ainda mal tinha começado a ajustar-se ao ritmo dele e do cavalo quando atingiram a outra ponta do cercado e Dylan puxou as rédeas. Alice foi percorrida por uma combinação de alívio e desapontamento quando *Quinn* abrandou. Tinha o coração a bater como um louco, mas sorriu.

— Não foi assim tão mau, pois não? — perguntou Dylan.

— Não. Foi fantástico. Assustador, mas fantástico.

— Como a vida, não é? — gracejou ele sombriamente.

*Como estar contigo.* O largo sorriso de Alice esmoreceu levemente com este pensamento incendiário.

— Vá, pega nas rédeas — disse ele. — Segura-as de maneira suave e firme, para ele saber que tem de ir devagar, mas sem gestos bruscos nem a puxar-lhe a cabeça com demasiada força. Suave mas firme. É isso mesmo.

Assim que *Quinn* recomeçou a lenta passada na direção do lago, os dedos de Dylan começaram habilmente a desapertar os botões das calças de ganga dela.

— O que é que estás a fazer? — perguntou, trémula.

— O que é que achas? Continua a segurar as rédeas com firmeza. Não as deixes soltas — ordenou. Ela observou, os olhos enormes de crescente excitação, enquanto ele desapertava a mola da luva da mão direita e a retirava.

— Oh — fez, hesitante, quando ele enfiou a mão nua na abertura das suas calças. Os dedos hábeis esfregaram-lhe os lábios vaginais. Alice ficou a olhar cegamente para o lago a cintilar por entre as árvores distantes, cada nervo do seu corpo concentrado na mão de Dylan entre as suas coxas.

— Estou viciado na tua rata — rosnou ele, enquanto lhe roçava o pescoço com o nariz. Estava quente um dia de verão, mas a onda de calor que a varreu não tinha nada a ver com a temperatura exterior. Ele enterrou mais o dedo, abrindo-lhe os lábios. Alice arfou ruidosamente quando ele entrou na sua racha e lhe agitou o clítoris. Ouviu-o gemer. — Podes estar assustada, Alice, mas também estás excitada — disse, soando contente. — Está tudo muito quente e molhado, por aqui.

— És tão porco — acusou-o.

A mão moveu-se mais depressa entre as suas coxas. O clítoris ardia deliciosamente sob o deslizar firme e lubrificado da ponta do dedo dele. Depois Dylan puxou-a mais trás com uma palma da mão, roçando a ereção contra o seu rabo. Alice soltou um grito trémulo.

— E tu adoras — disse-lhe ele com a voz escaldante, enquanto lhe mordiscava o lóbulo da orelha. — Não adoras?

— *Sim.*

Ele riu-se baixinho com a sua relutante, aturdida confissão. A mão saiu de dentro da sua braguilha.

— Ei...

— Hora de trotar — lembrou-a ele, voltando a enfiar a luva de pele. Beijou-lhe a orelha quando ela fez um som de desgosto. — Quanto mais depressa fizermos esta parte do percurso, mais depressa estaremos de novo a passo.

Alice franziu o sobrolho, as faces a ruborizarem-se. Ele tinha razão.

Dylan puxou-lhe a ponta da *T-shirt* para baixo, cobrindo-lhe a braguilha aberta. De repente, *Quinn* tinha virado e Dylan estava a pôr a mão em cima da dela, de novo a demonstrar o movimento necessário para um trote.

Desta vez, ela levou menos tempo a diminuir a ansiedade e a combinar o movimento com o de Dylan e *Quinn*. Desta vez, ficou hiperconsciente de estar a ser agarrada pelas coxas dele, de o seu rabo estar a subir e descer ao ritmo do pénis dele.

Ele devia estar a ficar mesmo com as calças muito apertadas, dado o tamanho daquela ereção.

Ficou desapontada quando Dylan puxou as rédeas e *Quinn* abrandou. O movimento no trote excitara-a tanto como a mão dele entre as suas coxas no passo. A sua respiração estava a tornar-se curta e irregular, com a ansiosa excitação. Agarrou-se ao arção e agitou o rabo contra a rígida coluna do pau dele.

Deu um salto quando ele lhe desferiu uma palmada na curva exterior da anca e rabo.

— Cuidado, Alice — avisou ele. Ela estremeceu. Quando *Quinn* virou de novo, sentiu a atenção de Dylan concentrada sobre si. — Tira-me a luva — disse ele, numa voz espessa.

Sentiu o clítoris agitar-se. De alguma forma, ele soubera que instruí-la a tirar-lhe a luva a ia excitar. Tinha toda a razão. Ela expôs-lhe a mão, descalçando-lhe a luva. Como podia a mera visão da sua *mão* fazê-la estremeecer de expectativa sexual?

— Segura nas rédeas — disse ele brevemente.

Alice obedeceu, a respiração presa nos pulmões. Ele ergueu-lhe a *T-shirt*, a mão nua de novo a deslizar para a abertura das calças de ganga. Desta vez, envolveu-lhe a cintura com a mão esquerda, como fazia no trote, enquanto lhe estimulava a rata com a direita. Puxou-a mais contra si quando ela soltou um gemido débil. O pénis palpitava contra o seu rabo, aumentando a sua excitação.

— Estás a sentir isto? — sussurrou-lhe ele ao ouvido. Uma vez que todo o seu consciente estava focado no pau dele, naquele momento, ela respondeu com isso em mente.

— Sim — fez numa voz estrangulada. Ele estava a fazê-la arder, era tão *bom*. Moveu as ancas ligeiramente para a frente contra a pressão da mão dele e depois recuou com o rabo contra o seu pau, sem conseguir decidir qual das sensações mais desejava.

— Gostas de chupar pau, Alice?

Ela ficou de boca aberta. Não conseguia pensar com ele a mexer-lhe no sexo daquela maneira.

— Acho que gosto de chupar o teu — arfou com sinceridade.

Ele ergueu a mão ainda enluvada e segurou-lhe o queixo firmemente. A sensação da pele contra a sua face sensível era deliciosa. Depois disse-lhe ao ouvido:

— Vou levar-te para aqueles estábulos, e tu vais pôr-me na boca e chupar-me. Tens estado a matar-me em cima deste cavalo. A tua boca tem estado a matar-me há mais tempo do que isso.

As ancas de Alice contorceram-se de excitação. A mão dele moveu-se mais depressa entre as suas coxas. O ardor no seu clítoris cresceu num incêndio.

— Alice?

— Sim — gemeu ela, automaticamente. Estava febril. A ideia de o ter na sua boca enlouquecera-a. — Vou chupar-te o pau. Tudo o que quiseres.

— O que eu quero neste momento é que tu te venhas. — Ele tirou-lhe as rédeas. Ergueu a mão entre as suas pernas e deu-lhe uma pequena palmadinha nos lábios vaginais. Foi uma palmadinha muito leve, na verdade, mas firme, precisa. Alice arfou, o corpo a contrair-se com esta

ação inesperada. Depois voltou a mergulhar o indicador na racha sumarenta, esfregando agilmente. Um grito sobressaltado escapou-se da sua garganta enquanto ela se contorcia num orgasmo.

— É isso mesmo — disse ele nas suas costas, o tom dominado pelo desejo. Trabalhou-a ao longo de um quente e delicioso clímax, a mão a mover-se severamente no seu sexo.

Alice só abriu as palpebras um momento depois, quando a mão de Dylan deslizou na sua braguilha, deixando-lhe um rasto de sucos quentes ao longo da pélvis e do baixo-ventre.

— A aula de equitação acabou — disse ele.

— Correu muito melhor do que eu esperava — replicou ela, atordoada.

Adorou a ouvir a gargalhada que ele soltou em resposta. Apressado, Dylan puxou-lhe a *T-shirt* para baixo para cobrir as calças desapertadas. Puxou as rédeas e *Quinn* virou-se bruscamente.

— Como é que vamos voltar para os estábulos? — perguntou, mordaz.

— Depressa — arfou Alice sem vestígios de hesitação.

Dylan agitou as rédeas e moveu as pernas, e *Quinn* acelerou para os estábulos.

A fresca penumbra no interior dos estábulos era uma delícia para a pele quente e os olhos ofuscados pelo Sol. Alice seguiu Dylan enquanto ele levava *Quinn* para um recinto vedado que era separado dos estábulos individuais à distância. Ficou a observá-lo enquanto, rápida e eficientemente, ele desapertava a cilha e removia a sela. Um momento depois, ele voltou-se para onde ela o aguardava, à esquina, perto de uns fardos de palha. A luz ali era muito fraca, mas ela viu o brilho lustroso no seu olhar.

— Não esforçámos muito o cavalo, mas está calor lá fora. Preciso de o escovar antes de o levar para o seu estábulo. Ele não deve esperar. Não quero que fique desconfortável.

— Tudo bem — disse ela.

Dylan anuiu uma vez, mas não se virou. O ar entre ambos parecia crepitar de eletricidade. Ele continuava a fixá-la com um olhar duro e

inescrutável no rosto ensombrado. Os olhos dela percorreram-no como que com vontade própria, descendo pelo tronco duro e magro e demorando-se no volume nas virilhas.

— Foda-se — balbuciou ele, tenso, dando um passo na sua direção ao mesmo tempo que abria a braguilha com um puxão. O coração de Alice deu um solavanco quando ele puxou as calças e um par de boxers pretos para baixo até às coxas. Agarrou-a pelos ombros. — Só um bocadinho antes de ir tratar dele — sussurrou, com a voz rouca, o rosto ousado com uma expressão feroz, enquanto a olhava.

— Tens a certeza de que ninguém vai entrar? — murmurou ela, o olhar preso na tentação do pau dele, que espreitava lascivamente por baixo da bainha da *T-shirt*.

— Não é provável. A única pessoa que podia vir seria o Kevin, e se isso acontecesse, teríamos alguns segundos de aviso antes de ele nos ver.

Ela anuiu e ajoelhou-se. A glande macia roçou-lhe na face. Conteve a respiração. Puxou desesperadamente as luvas enquanto virava a cabeça, deixando que os lábios sensíveis lhe tocassem no pau. Ele gemeu suavemente. Impacientemente.

A mão dele deslizou ao longo da haste, tomando-lhe o peso.

— Abre esses lindos lábios, Alice. — Ela ergueu o olhar para ele, os seus dedos a imobilizarem-se na mola da sua luva. Abriu os lábios. Os seus olhares não se desviaram enquanto ele introduzia o pau na sua boca. A cabeça deslizou pela sua língua. A grossa coluna esticou-lhe os lábios. Ele fez uma pausa, os olhos cintilantes. Alice fez girar a língua em volta da ponta flamejante. O rígido músculo na face dele estremeceu. Ele retirou-se e voltou a mergulhar na sua boca, com um grunhido.

— Ah, céus. Que boquinha tão quente — murmurou tensamente, a pulsar entre os lábios dela por um momento. A mão moveu-se para a nuca.

Atrás deles, *Quinn* relinchou. Dylan pestanejou e soltou uma praga. Retirou-se da boca dela, um trejeito de desespero a formar-se nos lábios. Por um momento, a sua ereção molhada ficou a balouçar na frente da cara dela, pesada e deliciosa.

— Deixa-me tratar do *Quinn*. Só um minuto — disse, o maxilar cerrado com muita força. Alice fez um aceno de assentimento, compreensiva, mas também excitada.

Faminta.

Dylan ajudou-a a levantar-se. Deu meia-volta, apertando as calças superficialmente, a sua pressa óbvia. Também Alice abotoou a braguilha das calças com os dedos trémulos — não as apertara desde que se viera no cercado — e sentou-se num fardo de palha. Ele tratou rapidamente do cavalo. Alice adorou ficar a observá-lo, admirando as suas ações seguras e os músculos fletidos, hipnotizada pelos movimentos bruscos mas, ao mesmo tempo, sensuais enquanto ele limpava e depois escovava o pelo lustroso. Nunca olhou para trás enquanto conduzia *Quinn* para o seu estábulo, mas ela sabia que Dylan estava altamente consciente da sua presença. Sentia a atenção dele sobre si como uma suave corrente em cada centímetro da pele.

A sua expectativa raiava a ansiedade, enquanto esperava que ele regressasse. Desejava dar-lhe prazer. Desejava-o, pura e simplesmente.

*Mas de certeza que ele já esteve com amantes mais experientes e hábeis do que tu.*

Alice não estava muito segura de que a sua avidez fosse suficiente para lhe dar prazer.

Ouviu o som das botas dele cada vez mais perto. Conteve a respiração ao olhar o seu corpo alto. Ele aproximou-se, a observá-la sob as pestanas baixas, retirando a luva remanescente enquanto entrava no recinto vedado. Dirigiu-se para onde ela estava sentada e atirou a luva para a palha. Por um momento, os seus olhares fixaram-se. Alguma coisa que ela leu nos brilhantes olhos escuros de Dylan fez com que tudo para além do seu desejo se dissipasse.

Sem uma palavra, estendeu a mão para o cóis das calças dele e desabotoou-lhas. Ele ajudou-a puxar a roupa para baixo, libertando-lhe a ereção.

— Vou vir-me num instante.

O coração dela parou com esta pura confissão de desejo fervente. Era *exatamente* o que queria naquele momento.

Passou a mão ao longo do lado inferior da sua pulsante ereção, maravilhada com o seu peso. Não admirava que ele dissesse que não ia demorar a vir-se. Estava totalmente esticado de luxúria. Aquela avidez fê-la incendiar-se. Levou-lhe a succulenta cabeça aos lábios. Ele silvou entre os dentes cerrados e envolveu-lhe a nuca com a palma da mão.

Ela sabia instintivamente como Dylan gostaria do broche: violento e enérgico. De que outra maneira poderia ser, quando aquelas duas palavras descreviam a essência do seu caráter? Sugou-o para o interior da boca, fechando os lábios com força. Toda a sua concentração se reduzia à sensação de o ter a encher-lhe a boca.

A transbordar da boca.

Ondulou a cabeça para a frente e para trás e gemeu, enterrando-o o mais fundo que se atreveu. Ele estava tão quente e vivo, tão duro e a vibrar da mais crua luxúria. Sentiu-lhe os dedos a enterrarem-se no cabelo na sua nuca, ouviu-o gemer, um som fundo e rouco. Enlouquecia-a tocar a sua carne mais sensível de uma forma tão íntima, controlar o seu prazer de uma forma tão total.

Envolveu-lhe os testículos com uma mão e continuou a mover a cabeça, chupando-o avidamente, chupando-o com tanta força que lhe doía o maxilar.

— Céus, Alice — rosnou ele, puxando-lhe suavemente a cabeça contra si enquanto ela o enterrava mais na boca a cada passo. — Sim, isso é tão bom. Eu sabia que ias ser assim, linda. — Incitada pelo elogio, ela recuou com a cabeça. A gorda cabeça do pau dele saiu-lhe dos lábios. Desferiu-lhe uma palmada na haste protuberante, adorando o seu peso túrgido. Depois agarrou-o e voltou a mergulhá-lo entre os lábios.

Ele grunhiu com surpreendida ferocidade e agarrou-lhe os cabelos na nuca.

— Vais pagar por isso.

A erótica ameaça só a deixou mais febril. O pau dele enterrou-se na sua boca mais fundo do que nunca, roçando-lhe a garganta. Alice engasgou-se,



e ele retirou-se de imediato, mas ela agarrou-o por uma nádega firme e macia e puxou-o de volta para si. A respirar pelo nariz e obrigando a garganta a descontraír, mergulhou-o outra vez, profundamente. O áspero gemido que ouviu foi a sua recompensa. A mão na sua nuca tornou-se mais firme, enquanto ela balouçava para a frente e para trás, mas Alice gostava disso. Ele estava a guiá-la no seu prazer, e ela não esperava que a viagem fosse calma.

— Oh, sim. *Foda-se...* Oh, Jesus, isso é tão bom — balbuciou ele, soando feroz mesmo enquanto se abandonava. Ela também se perdeu um pouco, naqueles tensos e desesperados momentos, sacrificando-se ao prazer dele. Apercebeu-se vagamente de ele lhe puxar o cabelo da nuca. Abriu os olhos e ergueu o olhar, surpreendida, enquanto ele a retirava da extensão do seu pau. Saiu do aro dos lábios dela, a cintilante e grossa cabeça do pénis a fazer ricochete contra a sua boca inchada e sensível.

— Quero ver os teus olhos — vociferou. — Olha para mim enquanto usas a língua. Lambe-o todo. *Sim*, isso mesmo — arfou ele enquanto ela seguia as suas instruções, segurando-lhe no pau pela base e lambendo-lhe a cabeça e haste distendida. Pressionou-o com força, percorrendo uma veia inchada com a ponta da língua. Um músculo saltou na face rígida, e ela foi invadida por um frémito de excitação. Ele observava-a com uma concentração feroz. Quando o tinha lambido todo, fechou os olhos e baixou a cabeça, lambendo-lhe os testículos redondos e cheios.

Ele grunhiu asperamente por cima dela e agarrou-lhe o cabelo, terna mas firmemente. Ela olhou para ele quando o sentiu guiar o pau de volta para os seus lábios.

— Vou-me vir na tua boca — disse, enquanto lhe enfiava a glande inflamável entre os lábios e lha agitava contra a língua. — Percebeste?

Alice sustentou o seu olhar e anuiu, fazendo o seu pénis balouçar no ar. O prazer louco que viu no seu rosto naquele momento deixou-a enfeitiçada.

As nádegas dele contraíram-se fortemente na sua mão enquanto ele se enterrava vez após vez, e ela acompanhou-lhe o ritmo, esforçando-se para não ficar para trás. Por um momento, existiram juntos no centro de uma luxúria desenfreada, e Alice deixou-o com rédea livre. Excitava-a envolver-

se naquela corrida com ele, deixá-lo usá-la para o seu prazer, ser a fonte da firme fricção que o faria desfazer-se no auge do prazer.

Abriu muito os olhos quando ele se enterrou mais e inchou na sua boca. Agarrou na porção inferior da coluna com uma mão e enterrou-o ainda mais, exigindo o que lhe era devido.

Mais tarde, quando se recompuseram e fizeram a caminhada até ao carro, saciados, Alice perguntou-se com um acesso de embaraço se Kevin e o seu contabilista teriam ouvido o forte rugido de Dylan quando se viera, minutos antes.

Mas, naqueles momentos, quando ele a agarrara desesperadamente contra si e ela provara pela primeira vez o prazer de Dylan, a sua única vontade fora beber mais e mais.

## QUINZE

O sítio onde Dylan fizera a reserva para o jantar chamava-se Twelve Oaks Inn. Erguia-se majestosamente no alto de uma gigantesca duna de areia com vista para o lago Michigan. Assim que Alice o viu à distância, abriu a boca de espanto.

— Parece o castelo Durand, mas em ponto pequeno — disse enquanto seguiam a estrada rural na direção da pousada solitária. O Sol começava a baixar sobre o lago cintilante na sua frente.

— Foi concebido pelo mesmo arquiteto e construído dois anos depois da casa Durand. Pertence a uma senhora muito simpática chamada Deanna Shrevecraft. Já trabalhou nos recursos humanos da Durand. Ela e o marido compraram isto há alguns anos — disse enquanto entrava num pequeno parque de estacionamento. — Já deve ter tudo pronto para podermos tomar banho e mudar de roupa.

Dylan olhou-a de relance enquanto desapertava o cinto, e depois olhou-a outra vez, com mais atenção. Estacou. Alice já se estava a sentir muito mole, com o Sol escaldante, a transpiração da sua primeira aula de equitação e do sexo intenso a secar no seu corpo. O lento sorriso de Dylan fê-la derreter ainda mais, em especial quando ele lhe prendeu o cabelo curto atrás das orelhas e passou suavemente as pontas dos dedos pela sua pele afogueada.

— Estás a corar ou isto vem de há pouco? — murmurou, a referir-se às suas escaldantes aventuras nos estábulos.

— Vem de há pouco, acho eu.

Alice reparou nas sobrancelhas arqueadas e na muda interrogação. Ele sabia que ela não estava a ser inteiramente honesta.

— É só que... não é invulgar uma pousada deixar-nos usar as suas instalações para tomarmos banho e mudar de roupa antes do jantar?

— Não — disse ele sem uma pausa. — Vou pagar dois quartos por uma noite.

— Mas vamos mesmo dormir aqui? — perguntou Alice, confusa.

— Eu preferia que passássemos a noite em casa. Não quero desperdiçar parte do teu dia de folga na estrada.

Alice ficou de boca aberta. A sua declaração em tom simples e prático confundiu-a e deixou-a feliz.

— O que é que se passa, a sério? — perguntou ele, a ponta do dedo a percorrer-lhe o pescoço, fazendo a sua pele arrepiar-se. — Alice? — insistiu quando ela hesitou.

— Fazes isto muitas vezes? — não conseguiu ela impedir-se de perguntar, por mais que se esforçasse. — Trazer para aqui mulheres? Quero dizer... é muito romântico, não é? — Ele pestanejou, o dedo a imobilizar-se. Alice olhou pela janela, pouco à vontade, a sentir-se perdida, por alguma razão, enquanto observava o cenário idílico da encantadora pousada empoleirada na duna branca e o Sol que se punha sobre o lago por trás.

Engoliu em seco, percebendo como devia ter parecido estúpida.

— Esquece, não interessa — disse bruscamente, voltando-se para abrir a porta do carro. Ele deteve-a por um ombro. Ela virou-se para ele, pouco à vontade.

— Estás a perguntar-me se és como as outras mulheres com quem já estive? É isso que queres saber?

Ela engoliu em seco. Sim, era isso que queria dizer. Mas parecia-lhe insuportável, naquele momento, querer tanto saber a resposta. Soar tão carente e digna de compaixão. Baixou a cabeça para ocultar a vergonha, mas Dylan segurou-lhe no queixo. Suavemente, fê-la olhar para ele.

Ela podia tê-lo repellido e saído pela porta. Era o que *queria* fazer, queria muito.

Infelizmente, queria ainda mais uma outra coisa.

Bastou um olhar para os seus olhos escuros e brilhantes e o seu rosto assombrosamente atraente, e já não conseguiu olhar para outro lado.

— Deves perceber que és especial. Não? — perguntou-lhe ele baixinho.

— Eu não sou especial — escapou-se dos seus lábios antes que os conseguisse censurar. — É por isso que não percebo *porque é que*... Não percebo nada disto... Porque é que tu...

A sua explosão foi interrompida quando ele se inclinou para a frente e a beijou, firme e conquistador, uma fervilhante, desapressada sedução. Ela foi percorrida por uma descarga de eletricidade, e abriu a boca para aumentar o contacto. Os lábios de ambos mordiscaram e moldaram e deslizaram juntos em sublime carnalidade.

— É por isto — disse num murmúrio contra os lábios dela, um momento depois. — Por causa disto.

Os beijos de Dylan baralhavam-lhe o cérebro. Ela levou um momento a voltar a encontrar a ponta do novelo da conversa.

— Por causa do sexo? Porque estamos tão atraídos um pelo outro?

Ele pôs-lhe a mão na nuca e puxou-a ligeiramente para a frente, para que as suas testas se tocassem. O seu riso baixo provocou-lhe pele de galinha por baixo da mão quente no seu pescoço.

— Foi só isso que sentiste no beijo? — perguntou ele.

Ela recuou com a cabeça, querendo ler a sua expressão. Viu-o sério. Parecia muito intenso, mas ela não conseguia interpretar a *razão*. Levou um momento a perceber que estava à espera de uma resposta.

— Não sei — admitiu, encurralada na honestidade. — Quero dizer... Foi... Nunca me tinha acontecido uma coisa assim.

— Nem a mim.

— Oh — balbuciou ela tremulamente, invadida por um calor.

A mão dele moveu-se no seu pescoço, as pontas dos dedos a acariciá-la.

— Vamos só dizer isto por agora: ainda não consegui dormir uma única noite inteira desde que soube da tua existência. — As faces dela ficaram mais quentes... se isso era possível. — E... quanto à tua pergunta original?

Ela sustentou o seu olhar com cautelosa esperança.

— Há anos que soube que a Deanna e o marido abriram esta pousada. Mas é a primeira vez que aqui estou. Ainda bem que o consideras um sítio romântico, porque é uma coisa que não costumo ser, Alice. Ou, pelo menos, com qualquer tipo de competência — acrescentou secamente.

Alice não conseguiu conter um ronco de aliviada gargalhada. Os lábios dele curvaram-se, divertidos.

— Está bem? — perguntou, ainda a acariciar-lhe o pescoço. Alice anuiu, a sentir-se vastamente satisfeita e tranquilizada pela sua resposta, mas ainda perturbada pela sua necessidade de a ouvir para acalmar as suas dúvidas...

Para silenciar os seus medos.

Foi a própria Deanna Shrevecraft que lhes abriu a porta de Twelve Oaks, o seu rosto ansioso a dizer alto e bom som a Alice que considerava a presença do CEO das Durand Enterprises no seu estabelecimento um acontecimento importante. Era uma mulher bonita e magra, no início da casa dos quarenta, que usava as roupas daquela forma casualmente elegante que Alice admirava mas sabia que nunca poderia esperar imitar. Deanna e Dylan conversaram descontraidamente enquanto a sua anfitriã os conduzia pela bonita pousada. Alice seguia atrás, com o seu novo *nécessaire* numa mão, a olhar o local com circumspecta admiração.

— Aqui estamos — disse Deanna sem fôlego, parando no segundo andar na frente de uma mesa antiga com um magnífico arranjo de flores frescas. — Senhor Fall, tenho este quarto equipado com tudo o que pode necessitar, e a menina Reed vai ficar na suite Sunset, os nossos melhores quartos — disse, acenando graciosamente da direita para a esquerda. — O senhor Fall pediu-me para verificar o seu vestido, por causa da viagem, por isso posso trazer-lho daqui a cerca de meia hora?

Alice anuiu, desconfortável por se ver objeto de um tão gracioso atendimento.

— Maravilhoso — disse Deanna, juntando as mãos. — Será servido champanhe no terraço às oito e meia, com o jantar às nove. Vai estar uma noite encantadora. Vão ver como o pôr do sol aqui é de cortar a respiração — disse Deanna, a sorrir-lhes antes de se apressar a voltar pelo corredor.

— Porque é que temos quartos separados? — sussurrou a Dylan, consciente dos passos de Deanna nas escadas atrás deles.

As sobrancelhas dele arquearam-se.

— Preferes vir tomar duche comigo? És mais do que bem-vinda.

As faces dela ruborizaram-se.

— Não, só me parece estranho que reserves quartos num sítio caro como este quando nem sequer tens planos para lá dormir. E nem sequer é um quarto, são *dois*.

— Então estás preocupada com o dinheiro — clarificou ele, impávido.

— Não é isso que eu quero dizer. — Ela franziu o sobrolho. Estava a mentir um pouco. Na verdade, sentia-se pouco à vontade naquele ambiente luxuoso, sem saber o que esperar. Não estava habituada a sítios tão opulentos nem a gastos tão despreocupados. O castelo Durand era o auge do luxo e do bom gosto, mas, quando lá estava, eram apenas Dylan e ela. A chama entre os dois eclipsava sempre o seu desconforto.

Dylan aproximou-se mais e roçou o sorriso contra a sua face ruborizada.

— Reservei dois quartos para não te atrapalhar enquanto te preparas para a noite. Pensei que podias gostar de ter um pouco de espaço. Mas talvez tenhas razão — murmurou, o firme mover dos lábios na pele dela a distraí-la. — Podes vir tomar duche comigo se fizeres uma coisa.

— O quê? — perguntou, virando-se e erguendo a face para cima, os lábios a procurá-lo como por um instinto fortemente arreigado.

— Estou a ficar um pouco cansado de ter de interpretar o que queres, Alice. Por isso diz-me que *queres* tomar duche comigo — disse-lhe ele baixinho, os lábios a tocarem os dela.

Alice abriu a boca para fazer isso mesmo, mas hesitou no último segundo. As suas doces e selvagens interações sexuais no picadeiro e a enigmática mas poderosa declaração de Dylan no carro tinham-na deixado esmagada. Precisava, de facto, de alguma distância dele, para pôr ordem nas ideias, para solidificar uma força de vontade que se transformava sempre numa matéria derretida na sua presença.

— Bem, já temos os dois quartos. — Ele beijou-a na boca suavemente. — E a Deanna disse que me trazia o vestido ao meu quarto — recuou Alice, num tom pouco convincente.

— Tudo bem — disse Dylan enquanto a beijava de novo, desta vez mergulhando a língua entre os seus lábios numa carícia breve e eletrificante. O sexo dela agitou-se. Ele deu um passo atrás. — Vemo-nos no terraço às oito e meia?

— Sim — concordou Alice.

Ela apressou-se a entrar no seu quarto, a sentir uma estranha combinação de expectativa, hesitante triunfo e prazer ofegante com o beijo de Dylan.

...

Alice terminara o seu duche e estava a experimentar alguns dos novos cosméticos quando ouviu bater suavemente à porta. Apressou-se a atravessar a suite, que parecia obscenamente grande e luxuosa quando o seu único objetivo para a noite era permitir que Alice tomasse banho e se vestisse. Deanna estava à porta, com o porta-fatos.

— O seu vestido ficou perfeito. E é lindo, já agora. Posso entrar e pendurá-lo por si? — perguntou Deanna.

— Claro — disse Alice, porque sentiu que seria descortês dizer o óbvio. *Sou capaz de pendurar um vestido no roupeiro sozinha, obrigada.*

Deanna entrou no quarto e abriu a porta do roupeiro ao lado da casa de banho. Rápida e eficientemente, removeu o vestido do saco e pendurou-o no gancho no interior da porta, por cima de um espelho. Estudou a peça com atenção, alisando com a mão o tecido leve.

— Lindo. Vai ficar um espanto com este vestido. — Deanna guardou o porta-fatos numa gaveta do grande roupeiro e virou-se para Alice. O seu olhar prendeu-se na porta aberta da casa de banho. — Usa cosméticos da Dior? — Alice percebeu que ela vira o seu novo conjunto de maquilhagem em cima da bancada. — É uma linha excelente. Eu tenho algumas das sombras, e são fantásticas — disse Deanna enquanto se aproximava de Alice. Não pela primeira vez desde que a conhecera, Alice estudou os bonitos olhos castanhos da mulher e a sua subtil e competente aplicação de maquilhagem.

— A maquilhagem é nova — admitiu Alice, desconfortável. Deanna era demasiado elegante e educada para alguma vez mostrar um grama de bisbilhotice a respeito da natureza da relação de Alice com Dylan, mas ela sabia que a mulher não era estúpida. Dylan pedira um jantar romântico junto ao lago para duas pessoas, e não se dera ao trabalho de ocultar o



relacionamento de Deanna, apesar dos quartos separados. Deanna devia suspeitar que a própria Alice nunca poderia ter comprado aquele vestido de seda ou a luxuosa maquilhagem. — Foi um presente. A verdade é que... nunca costumo usar sombra.

— Mas devia, com esses olhos — declarou Deanna inequivocamente.

— Obrigada — murmurou Alice. — Vou dar o meu melhor.

Deanna inclinou a cabeça, com um sorriso.

— E se me deixasse maquilhá-la? Antes de trabalhar nos recursos humanos na Durand, trabalhei no balcão de cosmética de um grande armazém, nas férias de verão da faculdade. E adorava.

— Deve ser por isso que a sua maquilhagem é tão boa — comentou Alice.

— Obrigada. Até tenho saudades, para ser honesta. Então? — perguntou Deanna com um sorriso, acenando com a cabeça na direção da casa de banho. — Deixa-me experimentar?

Alice hesitou.

— Deixe lá. De certeza que deve estar muito ocupada.

— Por favor! — Deanna fez um sorriso bem-disposto. — Com a sua cara, essa pele maravilhosa e aquela maquilhagem de sonho que tem ali dentro? Vou ficar no sétimo céu.

— Tem a *certeza*?

— Oh, meu Deus, vou parecer uma criança numa loja de guloseimas — insistiu Deanna, pegando na mão de Alice. Conduziu-a para a casa de banho. — Agora, sente-se aqui — disse, instalando-a num dos dois bancos na frente de um grande toucador. Virou Alice de costas para o enorme espelho e começou a escrutinar o conteúdo do conjunto de maquilhagem na bancada. Pegou num pequeno boião de pó e selecionou um pincel.

— Muito bem, agora vamos fazer magia.

Alice ficou desconfiada e espantada, ao princípio, mas em breve estava a descontrair sob a influência da conversa amigável de Deanna. Enquanto observava a mulher mais velha, foi ficando cada vez mais fascinada. Gostava de observar as suas mãos graciosas a manejar pincéis, lápis e

esponjas de esfumar de forma tão hábil. Ela nunca tivera ninguém a tratar dela, ou a tocar-lhe com as pontas dos dedos suaves e quentes.

Como uma mãe a tratar de uma filha.

Além disso, Alice podia compreender porque é que Deanna entrara no negócio da hotelaria. Era muito fácil falar com ela. Tópicos que podiam ser potencialmente desconfortáveis — como a relação de Alice com Dylan Fall, ou a maneira como se tinham conhecido — nunca surgiram. Alice compreendia que não era por Deanna ser estúpida, mas justamente o contrário. Deanna desenvolvia a conversa de forma hábil e subtil, de modo a evitar assuntos desconfortáveis.

— Nunca tem saudades de trabalhar na Durand? — perguntou Alice enquanto Deanna esfumava o seu *blush* com um pincel suave como seda.

— De vez em quando. Mas não o suficiente para alguma vez querer regressar. Adoro trabalhar por conta própria.

Um pensamento ocorreu a Alice.

— Trabalhava nos recursos humanos, não trabalhava? O Sebastian Kehoe já lá estava?

— Claro. O Kehoe está na Durand há séculos. É o responsável pelos recursos humanos a nível global. Fez os trinta anos na Durand mesmo antes de eu sair, e isso já foi há três anos — disse Deanna, e pegou numa sombra de olhos. — Pálpebras fechadas, por favor.

Começou a aplicar a sombra.

— Ela não parece ter idade suficiente para lá estar há tanto tempo — espantou-se Alice.

— O Kehoe? Está bem conservado, mas já deve ter uns cinquenta e sete, cinquenta e oito? Claro, também é um maníaco do exercício e da saúde. Completamente rígido na sua rotina diária. Não — disse Deanna com firmeza enquanto transferia as suas atenções para a outra pálpebra de Alice. — *Definitivamente, não sinto saudades de ter um chefe.*

Talvez Deanna não tivesse tencionado permitir que a nota ambígua transparecesse no seu tom de voz, porque mudou fluidamente de assunto enquanto pegava num rímel.

— Olhe para o chão — instruiu. — O senhor Fall contou-lhe que Twelve Oaks e o castelo Durand foram desenhados pela mesma pessoa? — perguntou enquanto aplicava o rímel nas pestanas de Alice.

— Sim. Twelve Oaks é como uma versão miniatura do castelo, quase — disse Alice.

— São parecidos em tudo. Muito bem, agora olhe para cima — disse Deanna com o ar de alguém concentrado numa tarefa. — O castelo e Twelve Oaks são parecidos até nas cornijas, no tipo de mármore usado nas lareiras e nos cubículos secretos.

— Já estive no castelo? — perguntou Alice.

— Já — disse Deanna enquanto começava a aplicar o rímel no outro olho de Alice. Endireitou-se por um momento e pegou num batom. — Não era gestora do campo Durand — disse, referendo-se à classe de gestores de elite recrutados na experiência do campo Durand. — Mas fui convidada para um retiro dos recursos humanos, quando o senhor Fall ali tomou residência. Ele sabia que eu e o meu marido tínhamos comprado Twelve Oaks e conhecia a história comum das casas, por isso teve a simpatia de me deixar explorar à vontade. Muito bem, excesso — disse, enquanto erguia um guardanapo de papel à altura dos lábios de Alice. Esta ficou confusa, ao princípio, mas depois pressionou os lábios suavemente no papel para retirar o excesso.

— Está pronta — disse Deanna com um ar de satisfação enquanto olhava Alice. Fê-la dar meia volta.

Alice olhou para o espelho. Pestanejou, a testa a franzir-se ligeiramente de confusão. Quem *era* aquela mulher? A sua pele parecia imaculada, os lábios, sensuais, a suculenta cor de baga a fazê-los parecer tão cheios e maduros como um fruto de verão.

E os seus *olhos*. Alice estava estupefacta. Não fazia ideia de que eram tão grandes, ou que as sombras castanhas e cor de pêssego conseguiam tornar o tom azul-noite das suas íris tão fabuloso, em contraste. Tudo o que Deanna fizera com os cosméticos fora acentuar subtilmente as suas feições, destacá-las.

Enquanto Alice, até ali, só tinha usado maquilhagem para as ofuscar.

— Está linda — disse Deanna, orgulhosa. — Absolutamente fabulosa. — Pegou num escova que estava em cima da bancada e escovou o cabelo curto de Alice para trás das orelhas. Já estava quase seco desde o duche. Quando Alice penteava o cabelo daquela maneira, ficava simplesmente a parecer prático e condizente com os seus calções e *T-shirts*. Quando Deanna o fizera, deixara-a a parecer requintada e sofisticada.

Ela. *Alice*.

— O seu cabelo natural é ruivo, não é?

Alice pestanejou de surpresa com a pergunta de Deanna. Olhou-se melhor ao espelho.

— Veem-se as raízes?

— Não, não é isso. Não estão muito más. São as suas sobrancelhas. Já vi que tem ali um lápis de sobrancelhas. Gostaria que lhas escurecesse? — perguntou Deanna num tom prático.

— Está bem, pode ser.

— É uma cor rara — murmurou Deanna um momento mais tarde enquanto passava o lápis sobre uma sobrancelha de Alice. — Normalmente as sobrancelhas são mais escuras do que o cabelo. Tem o cabelo ruivo claro?

— Sim, é um louro-arruivado, talvez. Já nem sei muito bem. Pinto o cabelo há muito tempo, e já nem sei como ficaria se o deixasse de pintar. Talvez tenha escurecido — confessou, pouco à vontade.

Alice viu a interrogação preocupada a pairar nos olhos bondosos de Deanna refletidos do espelho. Mas depois ela reparou na atenção de Alice e sorriu, ocultando a sua curiosidade.

— E se a ajudasse agora com o seu vestido? — perguntou ela, recuando.

— Está a ser muito simpática. Obrigada. Mas não tem mesmo de...

Deanna fez uma bem-humorada expressão de fingida dor.

— Depois de tudo o que fiz, não me vai deixar ver o grande resultado?

Alice riu-se.

— Se quer *mesmo* — disse, hesitante.

— Quero. Não tenho um projeto tão recompensador há muito tempo. Mal posso esperar para ver a expressão do senhor Fall quando lhe puser a vista

em cima.

Alice olhou o terraço, admirada. Deanna e o seu pessoal tinham-no transformado num ambiente romântico de sonho, incluindo uma mesa à luz das velas, com jarras baixas de hortênsias brancas, copos de cristal e porcelana branca e prateada. Reparou num aparelho baixo perto da mesa e percebeu ao aproximar-se que se tratava de um climatizador. Funcionava, porque a temperatura era confortável ao lado dos seus braços e costas expostos, apesar da quente noite de verão. Uma música suave pairava sobre o terraço, notas subtis difundidas pela brisa suave. Uma estrutura de metal com cortinas brancas fora montada em volta da linda mesa. Cada uma das cortinas fora presa à estrutura para permitir uma visão total do Sol que começava a descer sobre o azul-pálido do Grande Lago.

Dylan não a viu a aproximar-se por causa de uma das cortinas. Estava de pé junto à estrutura de metal. Ela só conseguia ver as suas calças escuras e braço pousado na balaustrada. Usava um fato preto e tinha um copo alto numa mão.

Alice aproximou-se da abertura entre as cortinas e parou. Abriu a boca para falar, mas uma incaracterística sensação de timidez tomou conta dela, silenciando-lhe a língua. Sentia-se linda, com a sua roupa nova, mas também uma tonta, como a criada de quarto a desfilar com as roupas da patroa.

Dylan olhou por cima do ombro, talvez pressentindo a sua presença. A expressão no seu rosto endureceu. Ao princípio, não moveu o corpo. Apenas o seu olhar desceu lentamente sobre ela, demorando-se nos seios. Os mamilos dela contraíram-se. Por causa do corte do vestido e das costas abertas, não podia usar sutiã por baixo. O olhar dele desceu e depois voltou a subir-lhe até ao rosto outra vez, sem pressa.

Virou-se lentamente, e ela viu que ele estava devastador, com o fato preto, camisa branca e uma fina gravata preta.

— Não vais dizer nada? — perguntou ela, a voz a soar congestionada de ansiedade.

— O que é que eu posso dizer?

Alice suspirou, a sentir-se um pouco desiludida por aquela resposta. Um vestígio de qualquer coisa — seria insatisfação? — dardejou pelas ousadas feições de Dylan. Ele dirigiu-se para ela, parando a poucos centímetros. Ela ergueu o olhar, insegura.

— O que eu queria dizer é que não há palavras. És uma visão.

Um sorriso curvou os lábios dela enquanto um calor se instalava no seu baixo-ventre.

— A Deanna ajudou-me — admitiu, desviando o olhar, como se o dele fosse demasiado escaldante para o poder fixar por muito tempo. — Com a maquilhagem, e a ver se o vestido estava bem, e tudo.

— Está mesmo *bem* — disse ele, a admirá-la. — Vou ter de me lembrar de agradecer pessoalmente à Deanna — murmurou. Passou-lhe um dedo suavemente por baixo do queixo e ela ergueu o olhar.

— Esta é a verdadeira Alice.

Ela pestanejou.

— Se esta é a verdadeira Alice, porque é que me sinto uma fraude? — perguntou-lhe. O sorriso dele era uma carícia sexual.

— Talvez a verdadeira Alice seja muito maior do que pensas. Só precisas de tempo para te familiarizares com todas as suas partes. — Inclinou a cabeça. Ela conteve a respiração. — Para descobrires todos os seus mistérios — acrescentou baixinho.

A sua boca roçou muito levemente na dela. Os olhos de Alice fecharam-se devagar. O momento era sublime. O Sol baixo no horizonte era morno na sua face, as ondas que beijavam a margem em baixo soavam como um suave suspiro.

Dylan tinha razão. Havia coisas que eram mistérios. E, por vezes, talvez fosse preciso aceitar simplesmente a beleza do momento. Porque, quando se fazia o que Alice habitualmente fazia — duvidar, questionar e recusar-se a confiar — quando se tentava demasiado compreender, arriscava-se a romper aquela frágil, efémera, realidade.

...

O jantar com Dylan foi um festim para os sentidos, cada pedaço da refeição maravilhosamente cozinhada, uma delícia, cada gole do champanhe fresco e seco a elevar a disposição eufórica de Alice. Mas o homem sentado na sua frente era a visão de que mais se banquetearia. Devastadoramente atraente com o seu fato, os cintilantes olhos castanhos captavam a luz das velas, à medida que o Sol desaparecia lentamente. Também ele parecia não conseguir arrancar os olhos dela, e isso só fazia aumentar o êxtase da noite. Ele achava-a linda. Desejável.

Especial.

Alice nunca chegara tão perto de aceitar aquela improvável realidade como naquele terraço emoldurado pelo pôr do sol.

— Queres mais bolo? — perguntou-lhe Dylan, e Alice ergueu o olhar rapidamente, ouvindo o humor e a afeição na sua voz profunda. A noite caíra. A luz das velas não suavizava as feições ousadas de Dylan, mas tornava-as ainda mais irresistíveis. A refeição de cinco pratos fora incrível, mas ela ainda arranjava espaço para a sobremesa — um deleitável *petit gâteau*. Levou, com um ar culpado, o indicador à boca, para lambeir os últimos vestígios da sua cobiça.

— Desculpa — murmurou, percebendo que estivera altamente concentrada no seu bolo durante os últimos minutos. Entretanto, Dylan não tocara no dele. Estava recostado na cadeira, com uma chávena de café a fumar na sua frente, a observá-la enquanto ela se banquetearia.

— Eu tenho uma pancada por chocolate — admitiu ela.

— Já reparei.

Alice pousou o garfo de prata com um tilintar. O sorriso de Dylan alargou-se.

— Não fiques ofendida por eu ter reparado. Qualquer um repararia em ti a comer chocolate. E não é só por esse exemplo — disse, a acenar para o seu prato vazio. — Quando vieste à casa com os outros naquela primeira noite, comeste todo o teu *cheesecake* de chocolate, para além do da rapariga sentada ao teu lado. E na outra noite limpaste aquele pacote de *Jingdots* em segundos.



— Reparaste nisso? — perguntou Alice com abismado embaraço. Ele reparara nos seus hábitos alimentares, até naquela primeira noite no castelo?

Dylan sorriu e deitou uma colher de natas no seu café. Ela ficou a vê-lo mexer a bebida com uma colher de prata, hipnotizada pela sensualidade dos seus movimentos. Ele pegou na chávena.

— Reparei em muitas coisas em ti — disse ele, antes de provar o café. — E não há nenhuma razão para alguma vez pedires desculpa por gostares da sobremesa. Gostei de ta ver comer. — As sobancelhas dela ergueram-se de surpreendida curiosidade. — *Bastante* — acrescentou significativamente.

Alice riu-se baixinho, um calor a difundir-se pelo seu corpo quando ele a imitou.

— Queres dançar? — perguntou-lhe ele quando o riso se dissipou.

A alegria dela evaporou-se. Abanou a cabeça numa expressão resoluta.

— Não sei dançar.

— Também disseste que não sabias montar.

— Não tenho a certeza se deveríamos chamar montar ao que fizemos hoje — balbuciou ela de modo dúbio.

Ele pareceu divertido, mas determinado. Levantou-se e estendeu-lhe as mãos. Alice suspirou e estendeu as suas.

— Não é só não saber dançar — explicou ela quando ele a tomou nos braços um momento depois. — São estes sapatos. Não estou habituada a andar de saltos — explicou, baixando o olhar para os pés quando começou a mover-se em uníssono com o corpo de Dylan.

— Alice, olha para mim, não para os teus pés — ordenou ele.

Ela obedeceu. Os olhos escuros de Dylan brilhavam à luz das velas. As suas sobancelhas estavam arqueadas numa expressão sardónica.

— Estás a ver? Eu disse-te que nos mexíamos bem juntos.

Percebeu que estivera a deslizar em suave harmonia com o corpo dele, demasiado arrebatada com os seus olhos para se preocupar com os pés. As pontas dos seus seios vibraram quando roçaram contra a lapela do casaco dele. Queria encostar-se mais ao seu corpo longo e duro. Desejava o provocante roçar das suas roupas, mas a fugidia sugestão do corpo dele por baixo era igualmente potente.

— Acho que te aproveitas da atração que sinto por ti — disse ela.

As sobrancelhas dele elevaram-se.

— Com que objetivo, posso eu saber?

— Para me obrigares a fazer todos os tipos de coisas que normalmente recusaria fazer.

Ele pareceu pensar sobriamente no que ela lhe dissera enquanto deslizavam ao som da música.

— Talvez tenhas razão. E isso é assim tão mau?

— Talvez não — admitiu ela. Um sorriso revirou os lábios dele.

— Ótimo — murmurou, baixando a cabeça para lhe roçar uma têmpora com a boca. Ela estremeceu de prazer. Ele passou a boca para perto da sua orelha. — Porque vou levar-te de volta para casa e pedir-te para fazeres mais algumas coisas que normalmente não fazes. E não é porque *posso*. — Beijou-lhe a orelha, e ela tremeu. — É porque quero. Porque és a coisa mais bonita que alguma vez vi, e tenho de te ter completamente. Não quero que te contendas. Não o vou permitir. Compreendes? — perguntou-lhe baixinho, recuando a cabeça para lhe examinar o rosto.

Alice fez um aceno afirmativo, o olhar engolido pelo dele.

— Quero que confies em mim, Alice.

— Eu confio — sussurrou ela por entre lábios que pareciam dormentes, antes de Dylan inclinar a cabeça e aquecê-los e suavizá-los com a sua boca.

Ela estava tão excitada com aquela noite mágica que ficou um pouco surpreendida por ter adormecido durante a viagem de volta para casa. Acordou com o som da porta do condutor a abrir e a fechar. As suas pálpebras ergueram-se lentamente. A porta do passageiro abriu-se e ela olhou as feições duras de Dylan suavizadas pelo riso... e uma outra emoção que a fez ficar a olhar para ele, entontecida.

— Consegues andar? — perguntou ele.

— Claro que consigo — murmurou. Assim que começou a andar, tropeçou. Dylan ajudou-a a equilibrar-se e depois pegou-lhe ao colo. Ela sobressaltou-se com o som da porta do passageiro a bater e de repente estava a voar sobre a grande garagem.

— Estúpidos sapatos — balbuciou, a voz pastosa de sono. Ele virou-a nos braços para desativar o alarme e ela agarrou-se aos seus ombros, de novo a arrepiar-se com a forma como o sentia, grande, e sólido, e masculino, por baixo do casaco do fato. Quando se apercebeu de como ele lhe sabia bem, como adorava estar nos seus braços, a culpa intrometeu-se nessa consciência da sua crescente dependência dele... daquele vício irreduzível.

— Põe-me no chão — disse enquanto ele abria a porta.

Dylan fez-lhe um olhar duro e seco, transpondo a entrada e fechando a porta com o pé.

— Estás muito bem aí. Não quero tornozelos partidos — disse, ocupado a reativar a segurança.

Ela suspirou e pousou a face contra o casaco dele. Estava demasiado cansada para discutir.

Ou não queria discutir, simplesmente.

Antes de dar por isso, ele estava a entrar no quarto e a fechar a porta.

— Tranca-a, Alice — disse.

Recordava-se de ele ter dito qualquer coisa parecida naquela primeira noite em que tinham tido sexo juntos. A excitação percorreu-a quando se lembrou do que ele lhe dissera durante a dança. De súbito, ficou bem acordada, a pele arrepiada.

Ele levou-a para a cama, depois de ela trancar a porta. Pousou-a na berma e tirou-lhe de imediato os sapatos novos.

— A partir de agora, compramos-te sapatos rasos.

— Assim nunca me vou habituar a usar saltos — protestou ela.

— Queres habituar-te?

— Não sei. Talvez. — disse. Ele fê-la pôr-se de pé, descalça. — Os homens não acham que os saltos altos são sensuais?

— Eras capaz de aprender a usá-los por essa razão? — perguntou Dylan enquanto a tomava nos braços. Ela habituara-se aos saltos durante as últimas horas e agora ele parecia-lhe mais alto, ela, tão baixa.

— Talvez — repetiu, a olhá-lo de relance. — Talvez... se os achasses sensuais.

Ele segurou-lhe no queixo, o polegar a percorrer-lhe o maxilar.

— Eu acho que *isso* é sensual.

— O quê? Usar saltos altos? — perguntou ela, confusa.

— Saber que os usarias se pensasses que eu ia gostar. Mas não te preocupes. Eu ia achar-te sensual mesmo que estivesses de chinelos rotos.

— *Pois*.

Ele soltou uma gargalhada baixa e rouca e depois ficou sério enquanto olhava o dedo com que lhe contornava o maxilar e depois a orelha.

— Mas há uma coisa com que te gostava de ver.

— O quê? — perguntou ela, porque sentira o aumento de tensão no corpo dele enquanto fazia a pergunta.

— Algemas, nos tornozelos e nos pulsos. E mais nada.

A excitação de Alice aumentou.

— Queres prender-me outra vez?

Ele olhou-a nos olhos.

— Eu disse-te o que queria, quando estávamos em Twelve Oaks. Quero que te soltes. Quero a tua confiança.

— Sexualmente?

— Para começar.

Ela estudou-o, desconfiada.

— Vou dizer-te exatamente o que gostaria de fazer e tu podes decidir se queres ou não — disse ele, afastando-se. Alice observou-o, confusa, enquanto ele se dirigia para a zona dos sofás e enfiava a mão por baixo de uma longa consola por trás do sofá. Retirou uma espécie de banco. Era muito baixo, razão pela qual cabia debaixo da mesa. Já reparara nele de passagem, mas nunca lhe prestara muita atenção. Pensara vagamente que devia ser alguma espécie de peça de arte que podia passar por mobília. Tinha um design elegante e moderno. Normalmente, havia várias almofadas de pele e camurça por cima.

Olhou-o com atenção pela primeira vez quando ele o levou para a sua frente. Viu que o assento não era um assento tradicional, mas antes duas peças largas de couro com um espaço vazio de cerca de seis centímetros entre elas. As faixas de couro estavam suspensas de uma estrutura a pouco

mais de vinte centímetros do chão. Alice pensara antes que a estrutura era feita de madeira, mas percebia agora que era metal pintado para combinar com o castanho da pele.

Olhou para Dylan, espantada.

— Isto é concebido para ser usado no sexo — declarou ele de imediato.

— Eu vou sentar-te ali e prender-te.

Alice pestanejou.

— E depois?

Ele encolheu os ombros, o sorriso sedutor.

— O que é que há de ser? Vou fazer amor contigo.

— Queres antes dizer que me vais torturar, não é? — perguntou ela, desconfiada, embora a sua respiração se tivesse tornado irregular com a excitação.

— Vou ter-te à minha mercê — apressou-se ele a corrigir enquanto passava as mãos para trás das costas dela e começava a puxar-lhe o fecho do vestido. O descer da sua mão coincidia com a deliciosa sensação de excitação que lhe descia pela barriga até ao sexo. — Vou castigar-te um bocadinho. Vou pedir-te que confies em mim o suficiente para me deixares tomar o controlo, e vou fazer-te sentir muito bem. Isso parece-te uma tortura?

Puxou-lhe as finas alças do vestido sobre os ombros e o tecido caiu-lhe até à cintura. Dylan moveu as mãos ao longo do lado da sua caixa torácica, deixando-lhe a pele arrepiada e os mamilos contraídos. Envolveu-lhe os seios com as mãos e roçou os polegares sobre os mamilos, sempre a observar as suas ações.

— Céus, és tão linda. Tenho estado toda a noite à espera para fazer isto — disse, um ligeiro sorriso a moldar-lhe a boca enquanto olhava fixamente os seios nas suas mãos. Beliscou-lhe os mamilos ao de leve. Ela comprimiu as coxas para aliviar o súbito ardor que lhe incendiou o sexo. — Responde-me, Alice — insistiu, porque os pulmões dela tinham deixado de trabalhar, com aquele toque. — Parece-te uma tortura, o meu plano?

— Talvez um pouco — admitiu ela. Dylan continuava a brincar com os seus seios, fazendo-a arrepiar-se de prazer. Confiava nele, e em ficar nas

*suas* mãos. Adorava. — Mas, acima de tudo, parece-me mesmo porco. E, potencialmente, muito agradável — acrescentou muito baixinho.

Dylan olhou-a nos olhos. Ela encolheu os ombros num gesto dúbio, e ele sorriu, e a visão dos dentes brancos contra o seu rosto era arrebatadora e um pouco perigosa. Ela sentia o coração aos pulos, sob aqueles dedos experientes, mas depois ele baixou as mãos.

— Então, tira o vestido e as cuecas — ordenou. Esperou que ela seguisse as suas instruções, o olhar firme.

Ela despiu o vestido num instante. Fora excitante sentir-se quase despida por baixo do tecido sensual e macio durante toda a noite, mas era exponencialmente mais arrepiante tirá-lo enquanto Dylan a observava com o seu olhar de falcão. Depositou o vestido no banco aos pés da cama e virou-se para ele. Dylan olhou intencionalmente para as suas cuecas de seda e ela despiu-as, atirando-as para cima do vestido. Quando se virou para Dylan, ele não se movera. Alice sentiu o coração a expandir-se até parecer que lhe estava a comprimir a caixa torácica, de tão escaldante que era o olhar dele.

Tão possessivo.

Tinha a certeza que ele estava prestes a atirá-la para a cama e a agarrá-la.

Em vez disso, ele pestanejou e virou-se.

Retirou várias algemas de uma cómoda ao lado da cama. Quando regressou para junto de Alice, ela viu que eram diferentes daquelas com que lhe prendera os braços à cama, na outra noite. Primeiro, eram quatro. Cada uma continha um aro almofadado para os pulsos ou tornozelos preso a uma correia ajustável. Alice olhou-as com crescente excitação ansiosa enquanto Dylan as colocava sobre a cama e removia rapidamente o casaco, atirando-o para o lado. Olhou-a de relance enquanto começava a desapertar os alfinetes de punho da camisa.

— Vem cá — disse.

Parecia, de repente, muito severo, e Alice experimentou um clarão de timidez enquanto se dirigia para ele, nua. Isso fez aumentar a sua excitação. Tudo nela parecia exposto e vulnerável, as coxas, e a barriga, e os seios. A cabeça. Os mamilos tornaram-se duros, e a sensação era quase como se

estivessem a ser beliscados. Parou a uns centímetros de distância, prudentemente, a vê-lo retirar a gravata. Queria que ele a olhasse com aquele brilho divertido e caloroso nos olhos que tantas vezes vira a misturar-se com o puro desejo. Mas nessa noite ele estava diferente, a sua autoridade e seriedade, de alguma forma, tão naturais e excitantes como a afeição e indisfarçada luxúria enquanto a guiara sexualmente no passado.

Dylan arrancou o olhar do dela e virou-se. Retirou qualquer coisa daquela arca do tesouro ao lado da cama e fechou a gaveta com força.

Os olhos de Alice cresceram quando ele pousou a sua nova chibata sobre a cama ao lado das algemas. A excitação disparou pelo seu corpo como uma descarga de adrenalina no seu sangue. Embaraçara-a pensar em como ficara louca quando ele a espancara na outra noite, como se transformara numa selvagem hedonística que mal reconhecia.

A mera visão da chibata trouxe tudo de volta num segundo. Mas aquilo era mais sério. Devia doer. Resistiu à tentação de levar a mão ao rabo. As suas terminações nervosas pareciam já dormentes, como que em antecipação do que estava por vir.

— Só para que saibas o que vai acontecer antes de concordares em deixar-me algemar-te — disse Dylan, com um aceno na direção da chibata. Desapertou a camisa e fê-la cair dos ombros com um fascinante fletir de músculo volumoso e brilho de pele macia. A verdade atingiu-a em cheio. Ele era forte — muito mais poderoso do que ela. Podia submetê-la em qualquer altura que quisesse. Em vez disso, Dylan estava a pedir-lhe que lhe concedesse as rédeas da sua vontade própria, que confiasse nele o suficiente para se submeter, para compreender que ele a manteria em segurança enquanto o fazia.

A ideia deixou-a ansiosa, mas também quase insuportavelmente excitada.

Devorou a visão do seu tronco nu, a pulsação a começar a fazer-se sentir na sua garganta. Ele pegou numa das algemas e ergueu-a, com uma expressão de expectativa, as sobrancelhas escuras e elegantes arqueadas numa muda interrogação.

Alice lambeu o lábio inferior, nervosa, a olhar a chibata, e estendeu o pulso.

**A**s algemas eram feitas de pele almofadada, flexível e forte. As correntes e os ganchos eram prateados. Dylan levantou-se depois de lhe prender as outras duas aos tornozelos, o olhar velado a percorrê-la lentamente enquanto ela ficava ali de pé apenas com as algemas no corpo. Alice quase soltou alguma piada para aligeirar a intensidade do momento, mas depois viu o maxilar dele cerrar-se de tensão. A sua irreverência sarcástica evaporou-se de imediato. Ele pegou-lhe na mão e levou-a para o banco.

Dylan dissera que fora concebido para o sexo, mas ela não compreendia plenamente o que isso implicava.

— Senta-te na parte da frente — disse ele, e Alice percebeu que estava prestes a descobrir.

Sentou-se com a assistência de Dylan, os joelhos dobrados na sua frente, mas o traseiro a ficar sobre o assento de pele. As largas tiras de couro eram firmes mas elásticas, suspensas como estavam entre a flexível estrutura de metal. Dylan ajoelhou-se na sua frente.

— Afasta as coxas — murmurou, e ela percebeu que ele estava de olhos fixos na sua rata. Obedeceu, abrindo-se ainda mais. Ele pôs-lhe as mãos nas ancas e fê-la desviar-se ligeiramente para um lado.

— *Oh* — balbuciou ela, percebendo, surpreendida, porque a sua rata tinha acabado de deslizar entre as duas tiras de pele, expondo-se por baixo. O peso do seu corpo sobre as tiras esticadas abria-lhe o sexo.

Dylan fez um pequeno sorriso ao ouvir a sua exclamação. Puxou-lhe os pulsos para trás das costas, unindo-lhos ao fundo das costas. A coluna dela arqueou-se ligeiramente, os seios projetando-se para a frente. Ela sentiu-o unir as duas algemas, prendendo-lhe as mãos atrás de si.

— Confortável? — perguntou.

— Sim.

— Põe os pés no lado do banco. — Virou-lhe suavemente a perna, o lado inferior a ficar encostado à estrutura de metal do banco. Ela ouviu um



clique metálico. Experimentou puxar o pé. Estava preso.

— Prendeste-me a este banco? *Assim?* — perguntou, referindo-se à sua posição exposta, totalmente vulnerável.

— Eu disse-te — disse ele rudemente, e levantou-se. — Quero-te à minha mercê. — Dirigiu-se para o outro lado. Depois deve ter reparado na sua expressão ansiosa, porque fez uma pausa e tocou-lhe na face. — Queres que pare?

Alice engoliu em seco e abanou a cabeça. Olhá-lo nos olhos, ver o que lá havia de misterioso mas ao mesmo tempo *incrível*, afastou a sua ansiedade. Ele anuiu e ajoelhou-se, prendendo-lhe o outro tornozelo à estrutura de metal.

Quando terminou e se levantou, ela estava empoleirada no banco, as pernas totalmente afastadas e algemadas, o sexo e as nádegas abertos e suspensos no espaço entre as duas tiras de couro, os seios nus projetados para a frente e a ondular ligeiramente enquanto ela arfava um pouco com a crescente excitação.

Quando ele se foi colocar na sua frente, ela estava a olhá-lo de olhos muito abertos, assombrada. Estava numa posição flagrantemente lasciva, sugestiva de qualquer número de possibilidades sexuais, cada uma mais porca do que a outra.

— Estás confortável? — perguntou ele.

— *Confortável?* — repetiu ela, atónita. Estava demasiado excitada e ansiosa para o seu estado poder ser remotamente considerado *confortável*.

— O que eu quero dizer é se sentes alguma dor ou desconforto — explicitou ele, a acariciar-lhe os ombros. Ela sentiu os nervos a vibrar, sob os seus dedos. Os mamilos retesaram-se.

— Não — disse com honestidade.

Ele fez um aceno com a cabeça. Ela olhou-o, o coração a começar a bater mais depressa, a sensação amplificada por causa do seu tronco esticado e exposto.

— Tens de me dizer se, em algum momento, sentires as articulações a ficar desconfortáveis, ou se começarem a doer, *qualquer coisa*.

Alice limitou-se a olhar para ele, sem fala.

— *Alice?* — Ela pestanejou. — Estou a falar a sério. À menor ponta de dor, avisa-me. Compreendeste? — repetiu ele severamente. — Não quero que sofras uma distensão muscular, ou coisa do género. Diz que concordas com isto, que vais dizer se te sentires desconfortável ou tiveres alguma dor, não importa o que estiver a acontecer. Tenho de confiar que o vais fazer, tal como tu estás a confiar em mim nisto. — Acenou para o seu corpo algemado. — Compreendeste?

— Está bem — concordou ela.

A expressão rígida no rosto dele relaxou ligeiramente. Dirigiu-se para a cama e pegou na chibata. O ritmo do bater do coração de Alice, já acelerado, pareceu redobrar. Um protesto formou-se na sua garganta, mas ela conteve-o no último minuto quando Dylan se aproximou, a chibata na mão. Sim, ela estava insuportavelmente exposta e vulnerável, mas ele era tão autoritário naquele momento, tão belo e excitante. Ainda tinha as calças vestidas, mas nada mais. Percebeu pelo volume nas suas virilhas que ele ficara ereto ao prendê-la ao banco.

Mas era o brilho escaldante e possessivo que tinha nos olhos, enquanto caminhava na sua direção, que silenciou verdadeiramente o seu protesto.

— Não tenhas medo — disse ele baixinho, e Alice percebeu que Dylan percebera que estava ansiosa, apesar de ter anulado as suas preocupações. — Eu disse-te que não te ia fazer mal. — Ele ergueu a chibata nova e passou com a ponta de couro ao longo do lado do seu corpo até à cintura, depois subiu outra vez. Alice arfou e estremeceu. O couro era fresco e macio, a sensação na sua pele, excitante. Dylan deu mais um passo em frente enquanto lhe percorria com a ponta a curva da anca e a extensão da barriga. Ela observava o movimento, hipnotizada, mas depois ele fez deslizar a chibata para o fundo das suas costas. Ergueu a cabeça, apenas para fitar diretamente as virilhas dele, a poucos centímetros de distância. Ele estava muito perto. Conseguia ver a coluna do pénis ereta e inclinada para a esquerda, presa entre o seu corpo e os *boxers*. O desejo dominou-a. Debruçou-se instintivamente para a frente.

*Pop.*

— Au! — exclamou, atónita. Ele erguera a chibata e batera-lhe no topo da nádega direita.

— Não te inclines para a frente. Não quero que te magoes, não te esqueças de que tens as mãos presas — disse, usando agora a ponta de couro para esfregar o local a arder no rabo dela.

— Está bem — balbuciou, lançando-lhe um olhar ofendido. Ele sorriu.

— Sabias que ia usar esta chibata para te espancar. Porque é que te estás a fingir de zangada quando o fiz?

— Porque não preciso de ouvir sermões ao mesmo tempo — balbuciou Alice distraidamente, porque ele agora estava a fazer deslizar a ponta de couro sobre o alto das suas nádegas, descendo-a até à racha aberta do seu rabo. Entretanto, o firme abdómen e pélvis de Dylan ocupavam quase todo o seu campo de visão. Ela só podia olhar, sem tocar.

— Não te dou sermões se fizeres o que eu te mando — rosnou ele. Passou-lhe a chibata pelo lado do corpo, provocando-lhe uma onda de excitação. Ela gemeu quando a ponta deslizou pelo globo de um seio. Cobriu-lhe o mamilo com a ponta, pressionou, circulou-o muito subtilmente.

Um calor líquido percorreu-a. Ela conteve um gemido. Era a sensação do proibido, vê-lo segurar aquela chibata e pressioná-la contra o seu mamilo parecia-lhe totalmente porca. Excitante.

— Gostas da tua chibata nova — disse ele num tom quente, roçando-lhe a pele entre o vale dos seios e estimulando-lhe o outro mamilo. Os mamilos retesaram-se, fazendo-a cerrar os dentes.

— Quem disse? — sussurrou.

— Tu — replicou ele, usando a chibata para lhe roçar ligeiramente o mamilo esquerdo. Alice gemeu descontroladamente. Sabia o que ele queria dizer. A chibata estava a deixar-lhe os mamilos tensos e duros. Estavam a arder por estimulação. Ele ergueu a ponta e deixou-a cair sobre o seu mamilo direito. Ela silvou. Dylan fez um profundo som de gratificação.

— Tão sensível. Vais partir esta chibata com a fúria, não vais?

— Tu é que estás a fazer isso — disse ela numa voz sufocada.

Ele riu-se baixinho.

— Tens razão — concordou, antes de continuar a brincar com os seus seios usando a ponta da chibata, erguendo e acariciando os globos, esfregando-lhe os mamilos túmidos, e, de vez em quando, com palmadas eróticas nos lados. Alice ficou tão excitada pela estimulação forçada que um grito se formou na sua garganta.

Ele aproximou-se mais, um pé entre as suas coxas afastadas, a pélvis agora apenas a centímetros da sua face. Ela conseguia distinguir a forma da glândula suculenta onde se pressionava contra as calças. Desejou aquela dura pressão contra os lábios entreabertos, conseguia imaginar exatamente como seria. Mas Dylan tinha outros planos.

— Inclina-te um pouco para cima de mim. Eu seguro-te — disse, a palma da mão aberta no seu ombro para a apoiar. Inclinou-se para ele, as ancas a subir sobre as faixas de pele. A posição expunha mais o alto das suas nádegas, percebeu ela com uma sensação de trepidação e excitação. Ele ergueu a chibata às suas costas nuas e agitou-a para cima e para baixo num movimento rítmico. Para cima, para baixo, para cima, para baixo.

*Pop.*

Espancara-lhe o alto das nádegas, mas, assim que o fez, a chibata voltou a deslizar pelas suas costas acima. Ela ficou tensa quando ele a fez deslizar de novo ao longo da sua coluna, mas ele só chegou à clavícula. Depois desceu ao seu rabo e...

*Pac.*

O corpo dela deu um solavanco de excitação. Ardia-lhe o traseiro. De repente, amaldiçoava o banco, porque não lhe permitia aplicar nenhuma pressão contra a sua rata molhada, pendurada como estava entre as tiras de couro. Agitou as ancas de excitação inquieta.

— Não te mexas — ordenou Dylan, nunca diminuindo o seu ritmo. Voltou a agitar a ponta da chibata para cima e para baixo nas suas costas, para cima e para baixo, *pop*. Uma chibatada no rabo. O ritmo constante, a noção de que seria espancada ao segundo movimento para baixo, deixava-a louca de expectativa. Tinha o clítoris completamente duro. O ar fazia-lhe cócegas no sexo molhado e aberto. Toda a sua consciência estava concentrada no movimento daquela perversa chibata e da sua cadência: para

cima, para baixo, para cima, para baixo, *pac*; para cima, para baixo, para cima, para baixo, *pop*.

As nádegas estavam em chamas. Sabia que Dylan ia protestar se ela agitasse demasiado as ancas, mas pressionou instintivamente para baixo com a pélvis, quase como se julgasse que o mero ar lhe daria a fricção contra a rata de que tanto necessitava. Não funcionou. Um grito frustrado e furioso escapou-se da sua garganta.

Dylan interrompeu o seu ritmo maligno e esfregou suavemente a chibata contra a sua anca.

— O que foi?

— A minha... Não tenho nada para... — Alice interrompeu-se na sua desesperada e afogueada explicação do que precisava. Dylan deslizara a chibata para a frente da sua anca e agora estava a roçá-la pela sua barriga. Pressionou-a ligeiramente, fazendo crescer a sensação pesada e densa de congestão no seu sexo.

— Alice? — insistiu.

— O quê?

— Pede.

Ela fechou os olhos com aquelas palavras. Porque é que ele tinha de a obrigar a dizer? Tinha o rabo e a rata a arder em uníssono. O clítoris a ferver. Conteve a sua súplica e fletiu as ancas, soltando uma lamúria quando não conseguiu a pressão de que precisava.

Que exigia.

Cerrou os olhos com força. Uma minúscula gota de suor rolou-lhe pelo vale entre os seus seios.

— Põe-na entre as minhas pernas como me fizeste nas mamas — sussurrou fracamente.

Ele empurrou-lhe suavemente o ombro para trás, endireitando-a. Fez descer a chibata até ao seu monte de Vénus. Ela gemeu quando ele pressionou sugestivamente.

— Abre os teus lindos olhos e olha para mim — ouviu-o dizer, o tom severo a abrir caminho por entre o seu estado cada vez mais perdido. Muito

devagar, abriu as pálpebras e olhou para ele. O seu rosto parecia intenso e rígido, mas havia compaixão a misturar-se com o ardor dos seus olhos.

— Diz em voz alta, Alice. Diz-me o que queres.

O sexo dela contraiu-se, tão faminto de pressão.

— Põe a chibata na minha rata. Faz-me vir — pediu tremulamente.

Um selvagem triunfo perpassou pelo rosto atraente de Dylan. Depois ele estava a baixar a ponta de pele para o seu sexo exposto. Alice gritou tremulamente quando ele lhe pressionou os lábios vaginais e o clítoris. A chibata moveu-se para trás e para a frente num ritmo firme enquanto ele a estimulava. Era lascivo e divino, ao mesmo tempo. Ele estimulava-a na perfeição, com aquela pequena ponta da chibata.

Ela estremeceu quando atingiu o clímax.

— É isso mesmo — ouviu-o dizer por entre o seu grito. Levou um momento a perceber que era ela que estava a fazer todo aquele barulho. O grito que crescera na sua garganta irrompera quando ela se veio. Mordeu o lábio, a tentar conter o prazer crescente, mas Dylan esfregou-lhe a rata com a chibata mais fortemente.

— *Oh, meu Deus* — explodiu ela quando as convulsões de prazer se amplificaram.

— Esta é agora a tua chibata. Vais ter de a deixar bem molhada com os teus sucos.

Ela agitava-se, impotente, o seu prazer a voltar a crescer ainda mais com as suas palavras ilícitas.

Um delicioso e longo momento mais tarde, Dylan removeu a chibata de entre as suas pernas, detendo a sua estimulação. Ela ficou mole, ofegante, sem ar. Percebeu vagamente que ele se afastara. Demorou alguns segundos até a curiosidade a respeito do que ele estava a fazer se infiltrar na sua consciência. Abriu indolentemente os olhos, obrigando-se a virar para Dylan, que atravessara o quarto com o seu passo longo e atirara a chibata para a cama. Depois vinha na sua direção, a expressão ardente a fazê-la pestanejar. O cérebro dela debateu-se para recuperar do seu clímax explosivo.

Ele ajoelhou-se na sua frente, e, para sua enorme surpresa, deitou-se de costas no chão.

— O que é que estás... a fazer? — perguntou, a voz entrecortada, quando o viu enfiar a cabeça por baixo do banco e agarrar-lhe nas ancas.

— Estava a ouvir aquela chibata a mover-se na tua rata. Estás completamente encharcada — ouviu a sua voz rouca em baixo. — O que é que achas que vou fazer?

Passou-lhe a língua entre os lábios vaginais, recolhendo os seus sucos. Alice tremeu. A ponta da língua lavou-lhe o clítoris com uma forte pressão, e ela gritou de prazer reacendido.

Ele puxava-lhe as ancas para baixo, fazendo balouçar o seu corpo nas faixas de couro e na sua língua. O banco guinchava enquanto ela saltitava subtilmente contra a boca e a língua exploratórias, para cima e para baixo, para cima e para baixo. Ela gritou. Quisera pressão, e ele agora dava-lha aos montes.

Comeu-a com selvagem abandono, e a sua fome era chocante. Alice estava encurralada... à mercê do seu próprio prazer avassalador e de Dylan. Era a sua vítima consensual. Não tinha outra opção senão ficar ali sentada enquanto ele lhe lambia o clítoris impiedosamente e exercia uma sucção de a fazer revirar os olhos, o tempo todo a fazê-la saltar por cima de si. Não a deixara agitar o corpo, mas, em vez disso, insistia em controlar o ritmo. O mundo dela reduziu-se ao pulsar do seu sexo contra ele, o som ilícito da estrutura a guinchar e do coração a ribombar-lhe nos ouvidos. Todo o seu corpo estava esticado num suplício de prazer. O tempo desmoronou-se...

E depois explodiu violentamente.

Ele fê-la vir não uma, mas duas vezes, fazendo uma pausa para introduzir a língua no seu canal depois de cada clímax, para beber até à saciedade os frutos do seu labor.

Alice ficou caída contra as algemas depois do segundo clímax, a sentir-se entontecida e puramente esgotada de prazer. A boca de Dylan continuava a mover-se no seu sexo, lançando-lhe espasmos pós-climáticos pela carne. A sua rata parecia eletrizada de uma forma que ela nunca a conhecera, a contínua, concentrada estimulação a sobressensibilizar os seus nervos ao

ponto de ela experimentar quase um constante orgasmo de baixa intensidade. Dylan estava deitado de costas na sua frente, o musculado tronco nu a pedir para ser agarrado. O olhar dela fixou-se no grande volume por baixo das calças pretas. Gemeu, a pairar no limite entre saciação e fome.

Era insuportável.

— Dylan, para, por favor — disse, com a voz a tremer. Já não aguentava ter o que quisera tão agudamente a desfilar na sua frente enquanto ela era impotente para lhe tocar.

Ele passou a língua entre os seus lábios vaginais uma última vez e depois roçou-a suavemente com o nariz.

— Já tiveste o suficiente?

— Não — disse ela miseravelmente, porque a falta da sua língua firme era um golpe. — É só porque já não aguento mais.

Ele acariciou-lhe as coxas, e os seus músculos contraíram-se.

— O que é que queres? — perguntou ele. Alice estremeceu com a sensação do seu hálito quente contra os tecidos hiperestimulados.

— Quero-te a ti.

Fechou os olhos, aquelas palavras, a sua nua súplica, a ecoar no seu crânio. Ele soltou-lhe as ancas. Alice fechou os olhos com força, como se com isso pudesse negar o seu desejo. Depois sentiu a mão dele a envolver-lhe o maxilar, o polegar a roçar-lhe a face escaldante.

— Tão linda — disse ele. — Abre os olhos, Alice.

Ela abriu-os, pestanejou. Ele estava na sua frente, limpava a boca enquanto se levantava, mas os lábios e o queixo ainda tinham o brilho dos seus sucos. Queria fechar outra vez os olhos, porque ele pareceu-lhe tão belo, naquele momento, que lhe provocava uma pequena dor aguda. Mas os olhos escuros de Dylan impediram-na de desviar os seus.

— Confiaste em mim. Eu senti isso — disse ele, a voz rouca.

Ela anuiu. Tinha de ser verdade. Alice nunca, nem num milhão de anos, teria julgado possível permitir que outra pessoa tivesse todo o controlo sobre si, e acabara de conceder isso mesmo a Dylan. E não fora apenas concedê-lo. Adorara cada segundo.



Sustentando o seu olhar, ele começou a desapertar as calças. Puxou os boxers para baixo juntamente com as calças. O pau irrompeu em liberdade. Ela conteve a respiração, hipnotizada por aquela visão. Não era só o tamanho que a deixava excitada; era tão bem formado, com a coluna grossa e direita, de onde se erguia dos testículos redondos e rapados. A cabeça era de uma suculência que a fazia salivar.

Ele deu um passo em frente, a mão a deslizar para a nuca dela.

— Não, Alice — disse severamente quando ela se esticou para o alcançar. — Assim vais magoar os músculos do ombro. Eu vou dar-to. Compreendes?

Ela olhou para ele, os lábios entreabertos. Ele tinha o maxilar muito tenso.

— Eu vou foder-te a boca. Não quero que te mexas. Confias em mim para fazer isto?

Foi percorrida por uma onda de qualquer coisa. Seria expectativa? Ou excitação? Continuaría sob a sua mercê. Ele podia magoá-la.

*Dylan não o faria.*

— Sim — sussurrou.

Ele estudou-lhe a face com atenção, e depois aproximou-se mais. A superfície grossa e macia da glândula roçou-lhe a boca e espalhou-lhe uma fina camada de fluido pré-ejaculatório no lábio inferior. Ela sentiu o coração saltar-lhe no peito quando ele segurou o pénis por baixo.

— Abre os lábios — disse.

Ela abriu-se com prontidão. Sentiu o odor da sua ereção, captou o seu travo na língua. Os receios evaporaram-se sob o feitiço da sua própria fome. Ele fez uma pausa, apenas a grossa cabeça a penetrar-lhe a boca.

— Lava-a com a língua — exigiu.

Ela seguiu ansiosamente a sua instrução, o sabor a penetrar a sua consciência.

— Isso mesmo. Assim, movimentos firmes — elogiou, e ela sentiu a concentração dele sobre si, a atenção a excitá-la.

A mão de Dylan apertou-se mais na sua nuca, equilibrando-a.

— Só vou sujeitar-te a isto durante um ou dois minutos — disse, a voz espessa. — Vou explodir na tua rata. — Os olhos dela aumentaram de tamanho. Tentou ver-lhe a cara para ler a sua expressão, mas não o conseguia ver, dadas as suas posições.

*Sujeitá-la àquilo?*

Foi atingida por um ansioso frémito de excitação.

Ele dobrou ligeiramente os joelhos, afastando as coxas para se equilibrar e encontrar o ângulo certo.

A pila deslizou pela língua dela. Ela sugou-a com avidez.

Ele gemeu.

— Céus, a tua boca. Tenho estado a pensar fazer isto desde que me chupaste todo nos estábulos esta tarde — disse. A sua outra mão ergueu-se para a cabeça dela, segurando-lhe o queixo para o apoiar. E começou a pulsar para dentro e para fora da boca dela.

Era horrivelmente excitante. Ela não podia fazer nada, era apenas o recetáculo do desejo de Dylan. Estava algemada ao banco, e ele segurava-lhe a cabeça, deixando-a imóvel. A única coisa que podia fazer para mostrar o seu desejo era formar com os lábios um aro apertado e tenso, massajar-lhe o fundo do pau com a língua e chupar.

Por isso chupou com todas as suas forças.

— Oh, raios, querias mesmo fazer isto, não querias? — gemeu ele, a soar quase zangado. Fletia as ancas e entrava e saía da boca dela. Não era meigo, mas também não abusava da situação. Penetrava-a de forma rápida e firme, mas superficial, poupando-lhe a garganta.

— Isto é tão bom, caralho — gemeu furiosamente. — Quero vir-me outra vez nessa tua boca quente. Quero foder-te essa ratinha doce, também. Raios, Alice. Quero-te por todo o lado. O tempo todo — acrescentou, sombrio, enterrando-se mais energicamente.

Ela deu por si a desejar que ele entrasse mais fundo. Havia qualquer coisa em tê-lo a usá-la para o seu prazer que a excitava. Talvez porque isso claramente o excitava a ele. O desejo era nu e cru. Ela fez força contra a mão dele, tentando agarrar mais daquela coluna que a invadia. Ganhou um centímetro e sentiu-o enterrar-se até à sua garganta.

Ele fez um som selvagem rouco. Recuou com as ancas e o pau túrgido saltou-lhe dos lábios.

— O que foi? — balbuciou ela, a pestanejar. Tinha os lábios dormentes e inchados de o estar a comprimir tão implacavelmente, mas ansiava por aquela forte pressão outra vez. Dylan já não estava na sua frente. Tentou olhar em volta para ver o que estava ele a fazer, mas depois sentiu o alívio no pé direito e percebeu que ele a estava a soltar do banco. O pé esquerdo também se soltou.

— Põe os pés na frente do banco — orientou ele, numa voz sombria. Ela sentiu a tensão nos braços diminuir. Ele puxou-a para cima. Colocando-se na sua frente e ao lado dela, massajou-lhe os ombros vivamente. Ela percebeu que fizera uma careta de dor ao ser libertada das algemas. A posição não a magoara antes, quando estava drogada de luxúria, mas sentia agora o desconforto, depois de aliviada a tensão. As mãos quentes de Dylan a massajá-la acalmaram rapidamente os músculos tensos.

— Melhor? — perguntou ele.

— Sim — assegurou-lhe Alice.

— Ótimo. Agora vem cá — disse.

Ajudou-a a levantar-se, deixando as mãos nos seus ombros para a manter equilibrada. Quando ela ficou de pé, sobre as pernas a tremer, o seu olhar virou-se para baixo. Ele livrara-se das calças e cuecas em alguma altura, enquanto lhe retirava as algemas. O pau projetava-se do seu corpo para a frente, enorme e um pouco intimidante. Ele fez um som rouco com a garganta, e Alice percebeu que estivera a olhá-lo fixamente.

Ele deu-lhe a mão e puxou-a para a cama.

— Não quero ser grosseiro, mas estás a dar comigo em louco. Só quero explodir em ti.

— Está bem — concordou Alice, os olhos muito abertos. Adorava montes de coisas em Dylan, mas achava que gostava ainda mais dele quando o seu controlo começava a desfazer-se.

— Dobra-te sobre a cama.

Ela apressou-se a tomar a posição, contente por pôr um fim no seu sofrimento, ansiando pelo seu alívio talvez tanto quanto ele. Dylan levava-a

ao clímax uma e outra vez, tão altruísta em dar-lhe prazer. Agora só queria dar-lhe uma pequena parte do que ele lhe dera.

Dobrou-se, pondo as mãos sobre a cama. As mãos dele deslizaram pelas suas ancas, empurrando-a ligeiramente de forma a encostar-lhe a pélvis contra a berma do colchão. Pressionou-lhe levemente as costas, e ela ficou com os seios e depois as faces sobre a colcha macia.

— Abre as pernas — instruiu, e ela sentiu o pénis a roçar-lhe a rata. — Isto não vai demorar muito tempo. E isto é para *mim*. Tens sido um desafio, Alice. Foi a este ponto que me levaste.

Ela sentiu um espasmo de excitação. Ele dissera aquilo afetuosamente, mas com aquela ponta de aço na voz que a excitava. *Isto é para mim*. Mordeu o lábio para se impedir de gritar quando ele lhe apertou uma nádega, para a firmar, e enterrou o pau na sua rata.

— Foda-se — vociferou ele furiosamente. Estava enorme de desejo, esticando-lhe a carne, mesmo saciada como estava. Fez uma pausa quando estava totalmente enterrado, o pau a palpitar. Ela sobressaltou-se quando ele lhe agarrou um pulso.

— Põe-no nas costas — disse-lhe, a voz tensa.

Embora lhe tivesse dito o que devia fazer, ele orientou-a. Segurou-lhe firmemente o pulso contra o fundo das costas, a outra mão a envolver-lhe uma nádega.

Alice preparara-se para ser fodida com força, mas ele superou as suas expectativas.

Foi como ser apanhada por uma tempestade. Tremia sobre a cama, abalada pela sua resoluta possessão. A maneira como ele lhe segurava um pulso ao fundo das costas excitava-a, bem como a outra mão no seu rabo. Pertencia-lhe, ele podia fazer com ela o que lhe agradasse. Dylan sabia-o e esse conhecimento excitava-o.

Também a excitava a ela.

Parecia estar a agarrá-la de uma forma possessiva enquanto se dava prazer, mas não era o que parecia. Em vez disso, fazia-a sentir tão segura. Bela, porque sabia ser o centro do seu monumental desejo, e isso era uma verdade inegável.

Um momento depois, sentiu o pau dele guinar dentro de si, fazendo-a gritar de angustiada excitação. Sentiu-o estremecer e apertou-se instintivamente à sua volta. O grito dele quando se veio foi áspero, atingindo-a diretamente no coração.

Alice ficou ali deitada, ofegante e descomposta, a sentir os espasmos de Dylan dentro do seu corpo, e perguntou-se como raio chegara àquele lindo, inexplicável, momento.

## DEZOITO

**E**ra o seu dia de folga. Embora não tivesse de acordar antes de o Sol nascer, nesse dia, Alice praguejou quando acordou na mesma. Sentia-se ligeiramente fria na parte da frente do corpo, mas quente nas costas. A suite estava coberta na mais negra escuridão da noite. O lençol e cobertor tinham escorregado um pouco de cima dela, mas o corpo longo de Dylan curvava-se à sua volta numa posição protetora. Puxou a roupa de cama para cima, com cuidado para não o acordar.

Por uns segundos, ficou a absorver o prazer de acordar no círculo do corpo dele, com o braço à sua volta. Era sublime. No passado, tivera um ou dois namorados que tinham querido abraçá-la enquanto dormiam. Alice sempre se afastara na cama, a sentir-se sufocada pelo peso de outro corpo humano em cima dela enquanto tentava sucumbir no sono.

Quando Dylan a abraçava, era diferente. Dava-lhe segurança; e era também um prazer para os seus sentidos. Quando ele a procurava na escuridão, parecia como a atração natural entre dois corpos, como se, quando estavam juntos, tivessem sido feitos para se tocarem. Alice teve a estranha e vaga ideia de que também ele se sentia mais tranquilo por tê-la encostada a si, como se o acalmasse saber que estava presente. Era um conceito algo turvo, que não fazia sentido, agora que pensava no assunto, ali deitada no escuro.

Provavelmente ele estava com medo que ela tivesse outro ataque de sonambulismo, como na primeira noite em que dormira no castelo.

Estremeceu involuntariamente ao recordar aquela noite. De certeza que fora tudo produto da sua imaginação. Ou isso ou andara mesmo a andar enquanto dormia.

O medo introduziu-se na sua mente.

*Não penses naquela noite. Só vais ficar assustada.*

A partir do momento em que se proibiu de recordar os pormenores daquela noite, foi precisamente o que o seu cérebro decidiu fazer, claro. Ainda conseguia reproduzir de memória o sinistro chamamento daquela

mulher. Abriu os olhos na escuridão, procurando pontos de referência conhecidos na grande suite. Também os ouvidos entraram em alerta máximo, como que numa missão de busca.

E ouviu precisamente o que temera ouvir.

*Aaa-iiii!*

Alice sobressaltou-se. Era como se a voz na sua memória tivesse saltado da sua cabeça para a casa. Era indistinta, e não a conseguia perceber bem, mas teve a horrível sensação de que a voz estava a chamar o seu nome.

— Estás bem?

— *O quê?* — perguntou Alice numa voz aguda, o tom grave e ensonado de Dylan a ecoar-lhe nos ouvidos. A mão dele abriu-se na sua coxa nua e seguiu a curva até à cintura. Levou um momento a perceber que o acordara com o pulo que tinha dado. Esperou, ansiosa, que a mulher voltasse a chamar, para Dylan poder confirmá-lo. O silêncio pressionou-lhe os ouvidos.

— Alice?

— Eeh... sim, estava a sonhar. Desculpa ter-te acordado.

A mão quente desceu-lhe para a coxa.

— Deve ter sido um pesadelo. Estás toda arrepiada. O que é que estavas a sonhar?

— Aquela mulher... — balbuciou.

— Qual mulher?

Engoliu em seco.

— Nada. Não consigo — esquivou-se. — Não me lembro.

Ele não respondeu, mas a sua mão quente continuou a mover-se, a acalmar-lhe a pele áspera de arrepiada. Ela tinha a certeza de que não o convencera.

À medida que os segundos passavam, contudo, percebeu que estava a ser ridícula. Dylan nunca podia ter compreendido aquele medo estranho e atávico que a varrera. Sentiu-o levantar a cabeça e percebeu que estava a ver as horas.

— É a hora a que costumamos acordar — disse ele. Ela aninhou-se melhor entre os seus braços, para se sentir mais confortada.

— Eu sei. Que pouca sorte.

— Talvez não.

Virou o queixo para ele e sentiu o seu nariz e lábios a roçarem-lhe a orelha.

— Porquê?

— Podemos aproveitar, em vez de voltarmos já a dormir — disse ele, fazendo-a estremecer de prazer com os lábios a mover-se contra a sua orelha.

— O que é que estás a planear? — quis saber, a sacudir o rabo contra ele. Dylan gemeu suavemente e abriu a mão grande sobre a sua anca nua.

— Isso, com certeza — disse secamente, enterrando os dedos na nádega dela num gesto sugestivo. — Mas se calhar podíamos subir e ir ver o nascer do Sol primeiro...

Ela virou-se para o outro lado rapidamente.

— A sério?

— Sim. Porque não?

— Para uma pessoa que se diz pouco romântica, até tens umas ideias bem românticas.

— Estás-te a queixar? Porque, se estás, eu desisto de tentar mesmo quando estou a começar — disse ele secamente, arrancando o lençol e o cobertor de cima deles.

Ela saltou e riu-se quando ele lhe deu uma palmada no rabo na brincadeira.

— Sem queixas. Prometo.

— Então, levanta-te, sua destruidora de romance.

Dez minutos mais tarde, Dylan estava a conduzi-la da cozinha para as escadas das traseiras que tinham usado naquela primeira noite da festa, quando a encontrara sozinha na sala de jantar. Dylan preparara, rápida e eficientemente, duas chávenas de café usando a máquina da *Keurig* na vasta cozinha. Ambos transportavam agora as suas chávenas a fumar enquanto Alice o seguia por um segundo, terceiro, e depois um quarto nível de escadas.



— Aonde vamos? — sussurrou. Dylan acendera uma luz fraca para iluminar as escadas estreitas, mas Alice percebeu que a atividade na penumbra oferecia uma sensação furtiva e excitante, tal como muitas outras coisas naquela imponente casa antiga.

Tal como muitas outras coisas com Dylan.

— Há um terraço virado para nascente. Esta área é conhecida pelo pôr do sol sobre o lago, mas, se conseguires ver por cima da linha das árvores, o nascer do Sol também é bonito. A vista é boa, aqui em cima.

— Estás a falar como se visses muitas vezes o nascer do Sol — comentou Alice, passando por uma porta no quarto andar quando Dylan a abriu.

— Não muitas, mas já te disse que não durmo muito.

Alice não respondeu, porque estavam agora numa escadaria ainda mais apertada, que subia do terceiro para o quarto andar, os degraus de madeira a ranger ruidosamente por baixo dos seus pés descalços. Abriu a porta no alto das escadas e passaram para a noite quente e escura como breu. A luz que saía pelas portas abertas permitiu-lhe orientar-se ao longo do terraço com uns três metros e meio de profundidade.

— Um baloiço — exclamou, ignorando várias cadeiras baixas e dirigindo-se de imediato para um grande baloiço de alpendre de madeira. Deixou-se cair no assento, tendo o cuidado de não entornar o café. Detetou o pequeno sorriso de Dylan quando ele se foi sentar ao seu lado.

— As meninas pequeninas gostam sempre de um baloiço — disse ele, empurrando com os pés para baloiçarem ligeiramente.

— Esta menina grande também gosta — replicou Alice, a sorrir. As cordas guinchavam nos ganchos por cima deles, e o som era acolhedor e algo relaxante, a soar na escuridão da madrugada. — É velho — observou, passando os dedos pela madeira gasta.

— Sim. Já tenho pensado em mandar pintá-lo — disse Dylan, a enlaçá-la com um braço. Alice encostou-se a ele, a face pressionada contra a sua *T-shirt*. Sentia-se um pouco ensonada, mas também muito satisfeita.

— Branco — disse Alice baixinho, o som do baloiço a embalá-la.

— Hmmm? — perguntou Dylan, a mão a envolver-lhe o ombro. Alice reparou distraidamente que, embora a pergunta soasse bastante casual, ele detivera-se a meio de um gole de café.

— Devias pintar o baloiço de branco — explicitou Alice. — E pôr vasos de flores ali — continuou, acenando com a chávena de café ao longo dos postes brancos da varanda. Bebeu um gole da sua chávena. — Era assim que devia ficar.

— Está bem — disse Dylan antes de levar a sua chávena aos lábios. Embora soasse muito sóbrio, Alice tinha a certeza que ele estava a achar graça às suas ensonadas fantasias.

— O céu está a começar a clarear um pouco — murmurou Alice um momento depois, o olhar fixo sobre a linha das árvores. As aves tinham iniciado a sua tagarelice pré-matinal. — Acho que vou ligar hoje à Maggie.

Um longo dedo acariciou-lhe o pescoço.

— Porque é que te lembraste agora da Maggie?

— Não sei — balbuciou ela, virando o rosto para *T-shirt* dele e inalando o delicioso odor a algodão limpo e a Dylan. — Acho que foi porque nunca tínhamos estado tanto tempo sem falar, desde que me mudei para a casa dela, há uns anos.

— Costumam falar muito?

— Sim. Falamos na faculdade, claro, no laboratório da Maggie. Mas normalmente jantamos juntas na casa dela, e vemos televisão, e coisas do género. — Beijou-lhe o peito antes de bebericar mais um pouco de café. — Tenho saudades do Doby — refletiu passado um momento

— Dobo, o cão cheio de pulgas que detesta o veterinário?

Ela olhou para ele, com um enorme sorriso.

— Lembras-te disso?

Ele encolheu os ombros.

— Parece que sim — disse com um pequeno sorriso. Ficaram de olhos presos um no outro. — A Maggie quase parece ser a tua família — disse, acariciando-lhe a orelha.

Alice pensou um momento.

— E é, acho eu. Tem sido muito boa para mim. Se não fosse ela, acho que não tinha conseguido entrar no mestrado. E quase pareceu que tinha sido ela a conseguir um lugar como monitora do Campo Durand, de tão orgulhosa que ficou quando entrei.

— Quase como uma mãe.

Alice pestanejou.

— Talvez. Mais ou menos. É capaz de ser o mais parecido com uma mãe que alguma vez tive. — Riu-se brevemente. — E tu? — perguntou, hesitante, passado um momento, bebendo um gole de café e endireitando-se.

— Espero *bem* que não estejas a pensar que sou como uma figura maternal.

Ela riu-se. *Como se fosse possível.*

— Não, o que queria dizer era... costumavas ver a tua mãe? Nunca falas da tua família.

— Isso é porque não tenho família.

— Ninguém? Não tens irmãos nem irmãs?

Ele abanou a cabeça.

— Que eu saiba, não.

Ela anuiu, recordando com demasiado clareza o que ele lhe contara sobre a mãe.

— Eu sei que nunca conhecestes o teu pai — disse ela rapidamente, como que para terminar logo com o assunto. — Mas, e a tua mãe? Ainda está viva?

— Não. Morreu de doença hepática há cinco anos.

— Tenho muita pena — sussurrou Alice, de olhos fixos na sua chávena de café. Não gostava disso. Não gostava mesmo nada de pensar em Dylan tão sozinho no mundo. — Ela... — engoliu em seco — orgulhava-se de ti? Por tudo o que alcançaste na tua vida? Espero que sim, porque tu és uma incrível história de sucesso.

Olhou-o no rosto quando ele não respondeu de imediato.

— Não.

— Oh. — Os ombros de Alice descaíram visivelmente.

Ele fez uma careta.

— Não é isso. Eu nunca *esperei* que ela ficasse orgulhosa. A minha mãe nunca me quis, para começar. Eu fui um fardo para ela desde o primeiro dia — disse num tom duro. — Porque é que lhe havia de interessar o que eu estava a fazer na vida? Nem sequer sei muito bem se ela *sabia* o que eu fazia na vida, quanto mais ter capacidade de sentir orgulho. Mas não é uma tragédia. Eu tinha alguém, tal como tu tens a Maggie.

— O Alan Durand?

Ele anuiu. Durante vários segundos, ambos ficaram sentados em silêncio a observar o despontar do dia. Alice conseguia agora distinguir claramente o contorno do topo das árvores contra o fundo de um céu rosa-dourado.

— A tua mãe era alcoólica? Ou toxicodependente? — perguntou Alice baixinho, a pensar no que ele tinha dito sobre a mãe ter morrido de doença hepática.

— O veneno dela era o álcool.

Alice anuiu, compreensiva.

— Também estou sempre à espera que o fígado da Sissy desista, qualquer dia. É um milagre que aquela mulher ainda se tenha de pé, com as coisas que faz ao corpo...

Quando se calou, a mão sobre o seu ombro subiu-lhe para o queixo e virou-lho ligeiramente. Alice olhou para ele.

— Tu ama-la? — perguntou ele.

— Se amo a minha mãe?

— A Sissy.

Alice ficou calada por um momento.

— Eu não *quero* amá-la. A maior parte de mim odeia-a.

Aquelas palavras bruscas só pareceram salientar a outra parte. Alice só queria não sofrer sempre que testemunhava ou pensava em Sissy a destruir-se pouco a pouco a cada dia, sabendo que não podia fazer absolutamente nada para a deter. Um brilho feroz banhava agora as feições rígidas de Dylan.

— E tu? Amavas a tua mãe?

A boca dele comprimiu-se.

— Não *queria* amá-la — repetiu as palavras dela após uma pausa.

Ela foi percorrida por um pequeno espasmo de emoção. Puxou os joelhos para cima sobre o baloiço e aninhou-se no corpo dela, a face encostada ao seu peito, a mão no seu abdómen. Ele envolveu-lhe o ombro e puxou-a mais contra si.

Juntos, viram o Sol nascer no céu em chamas, em pleno, compassivo, silêncio.

Quando a bola laranja do Sol se erguera por cima da linha das árvores, Dylan levantou-se e, sem uma palavra, deu-lhe a mão. Ela não sabia exatamente porquê, mas o seu peito comprimiu-se, doeu, enquanto ele a conduzia pela casa até ao seu quarto. Ali, começou a despi-la, as ações precisas e desapressadas. Quando, finalmente, ela ficou na sua frente nua e a tremer, ele passou ambas as mãos pelos lados do seu corpo, detendo-se nas ancas.

— És um milagre vivo — disse-lhe baixinho. Alguma coisa no seu olhar sóbrio fez-lhe arder a garganta, tornando impossível responder. Seria reverência? Gratidão? Como era isso possível?

Como era *tudo* aquilo possível?

Mas era real. Não havia como o negar, por mais que pudesse querer tentar. A emoção cresceu dentro de si, desconfortável e imparável. A verdade doía. Explodia dentro dela, feria-a, como se a Alice que fora antes já não fosse suficientemente grande para a conter. Seria por isso que havia pessoas que rejeitavam ou sabotavam o amor, porque sabiam que destruiria o que elas eram, que faria em estilhaços a sua antiga identidade e as forçaria a ser qualquer outra coisa diferente? Que insistiria em que se transformassem?

Estava a apaixonar-se por ele. A apaixonar-se tanto.

Olharam-se nos olhos enquanto ela se deitava de costas na cama, um momento depois, e ele a penetrou. A monumental completude que experimentou esmagou-a. Quebrou a sua frágil, difícil, armadura.

Ela *já* se apaixonara por ele, e não havia como voltar atrás.

— Chhh — sussurrou Dylan, baixando-se para beijar as lágrimas que lhe escorregavam pelas faces. Ela olhou para ele quando o sentiu começar a mover-se, sabendo que a estava a ver tal como era, vulnerável e nua, mas incapaz de desviar o olhar. Incapaz de se proteger. Sensação e emoção chocaram violentamente dentro de si. Fundiram-se.

Dylan devia ser para ela quase um desconhecido, mas não era.

Ele apoiou-se sobre os braços e inclinou-se para lhe tocar a boca com a sua.

Ao fim dessa manhã, Alice ouviu o som de pratos a bater na cozinha distante. Agarrou na mão de Dylan e ele parou, virando-se para ela, parada no corredor.

— A Marie está cá? — perguntou ansiosamente.

Dylan anuiu.

— Está. Ela costuma fazer-me um grande pequeno-almoço aos domingos, quando cá estou, mesmo que eu lhe diga que não quero — replicou baixinho.

— Não tens medo que ela me veja?

Ele aproximou-se mais e baixou a cabeça, roçando os lábios na sua têmpora. Alice estremeceu e abraçou-o. Tinham adormecido depois de fazer amor e, quando acordaram, tomaram um duche juntos. Dylan não se barbeara e tinha a barba crescida em volta do queixo e da boca. Estava adorável, com um par de calças de ganga e uma *T-shirt* azul-escura, os pés descalços, o cabelo espesso e brilhante ainda um pouco molhado. Cheirava ainda melhor, pensou Alice enquanto erguia o rosto para lhe roçar o queixo áspero. Não tinham falado sobre aquele acesso de violenta emoção que ela experimentara enquanto faziam amor, mas, de alguma forma, aqueles momentos estavam presentes, como uma delicada e recém-nascida energia que parecia pulsar entre os dois. E podia jurar que Dylan também a sentia, porque ele parecia não conseguir deixar de lhe tocar. Talvez estivesse a ser estúpida, mas sentia-se maravilhamento naquelas mãos e lábios exploratórios e ansiosos por dar prazer.

— Não — respondeu ele contra os seus lábios um momento mais tarde. Alice pestanejou, a esforçar-se para recordar de que assunto tinham estado a falar. — Porque é que não poderia ver-te? Ela não tem problemas nenhuns em dizer o que lhe vem à cabeça, mas é uma pessoa discreta. Este é tanto o reino dela como o meu — acrescentou maliciosamente enquanto retomavam o caminho pelo corredor. — E a rainha mantém em segurança os segredos do castelo.

— Estás a falar como se houvesse montes de segredos para manter, por aqui — observou Alice, trocista, enquanto desciam as escadas.

— Eu tenho a certeza que a Marie os conhece melhor do que eu — replicou Dylan. Chegaram à cozinha. Alice sentiu um aroma delicioso.

— O que é que estava a dizer nas minhas costas? — perguntou Marie, atrás de uma grande ilha de cozinha com tampo de granito. Era uma mulher de meia-idade com um queixo quadrado e cabelo curto cor de mel. O seu peso sugeria que ela apreciava tanto os próprios cozinhados como qualquer outra pessoa e não tinha medo de o admitir. Parou de mexer os ovos enquanto olhava Alice com um olhar francamente curioso.

— Só os elogios habituais — retrucou Dylan amigavelmente, enquanto conduzia Alice na direção da cozinheira. O sorriso de dúvida de Marie dizia que aquela não pegava, e o de resposta de Dylan indicava que ele também não esperava que pegasse. Marie fez um aceno quando Dylan as apresentou e voltou a bater os seus ovos.

— Prazer em conhecer, Alice. O café está pronto e estou a fazer-vos omeletes. Temos queques no forno. Pus a mesa para dois no terraço.

— Como é que sabia que eu cá estava? — perguntou Alice, espantada. Era a primeira vez que dormia com Dylan e acordava com o pessoal em casa. *Céus, e se Marie ou Louise os tivessem ouvido a fazer amor?*

— Vi as duas chávenas e calculei que Dylan tivesse uma visita — disse, referindo-se às chávenas que tinham usado para beber o café nessa madrugada. — Não precisa de ficar assim — disse Marie sem cerimónia enquanto vertia os ovos mexidos na frigideira a fervilhar. — Normalmente ele não as deixa ficar tempo suficiente para servir café. Por isso calculei que era uma exceção e fiz pequeno-almoço para dois.

Alice soltou uma gargalhada atônita com a declaração da cozinheira. Marie devia claramente ter lido o olhar de preocupação de Alice ao ver os preparativos. Seria um hábito de Dylan ter companhia feminina para o seu *brunch* de domingo?

Dylan pigarreou para quebrar o silêncio desconfortável.

— Sempre muito diplomática — balbuciou em surdina. Marie fez-lhe um olhar malicioso. Ele limitou-se a abanar a cabeça e a revirar os olhos enquanto abria um armário.

— Café, Alice?

Suprimindo um sorriso, Alice fez um aceno afirmativo.

— Está tudo tão bonito aqui fora — disse, algum tempo depois, antes de enfiar o último pedaço do succulento queque de maçã na boca. O dia estava brilhante e dourado, e Alice não atribuíra isso apenas à sua disposição eufórica. — Então, esta é a tua habitual rotina de domingo?

— Não.

— Então qual é, posso perguntar? — perguntou Alice com divertido sarcasmo perante a resposta lacónica. Ele sorriu.

— A mesma rotina de todos os outros dias da semana.

— Trabalho, queres tu dizer? — replicou Alice, cúmplice.

— Quando cá estou, normalmente como a minha omelete no escritório — disse, apontando com um garfo na direção de uma janela da casa. Deu uma rápida garfada no ovo macio, a observá-la, e engoliu. — Mas passo metade do tempo a viajar. Se estiver por cá, muitas vezes nem tomo pequeno almoço e vou para a empresa. Mas assim é mais agradável — terminou, depois de beber um pouco de sumo.

— Fazes-me sentir especial — disse ela com ligeireza, a sorrir e a olhar o terraço polvilhado de Sol e sombra, enquanto uma suave brisa lhe beijava as faces.

— O que foi que eu te disse ontem?

Pestanejou perante o súbito aço que ouviu no tom dele.

— Que era mesmo? — perguntou ela, a rir-se porque estava surpreendida com a sua repentina seriedade.

Ele estendeu a mão por baixo da pequena mesa e apertou-lhe o joelho.



— Tu és especial para mim. Não gozes com isso.

Alice abriu a boca para replicar, mas o brilho do calor nos olhos dele deixou-a de língua presa. O telefone de Dylan começou a tocar. Ele continuou de olhos fixos nos dela, a expressão dura, enquanto o retirava do bolso. Olhou o número de relance e franziu o sobrolho.

— Importas-te que atenda? — perguntou-lhe. — Se não fosse importante, eu não...

— Não há problema — garantiu-lhe Alice. — Vou só levar os nossos pratos e podes ficar aqui à vontade.

— Obrigado — disse Dylan, premindo um botão no aparelho.

Lá dentro, Alice ficou a tagarelar com Marie enquanto a ajudava a pôr a loiça na máquina. Pensou naquele momento intenso que acabara de experimentar com Dylan. Ele ficara irritado com a sua brincadeira em relação aos seus sentimentos por ela. Dissera-lhe alto e bom som que ela podia minimizar os *próprios* sentimentos porque estava assustada, mas que *não podia* fazer o mesmo em relação aos dele.

— Há quanto tempo trabalha aqui? — perguntou a Marie.

— Desde que o Dylan veio para cá viver, há seis anos — disse ela, passando-lhe o último prato. Alice arrumou-o e fechou a máquina, limpando as mãos com uma toalha. — Vejo que está habituada a trabalhar por si, em vez de ficar à espera de ser servida — observou Marie enquanto transferia a frigideira da omelete para o lavatório. — Mais uma coisa boa.

Alice sorriu e encostou-se à bancada.

— Qual foi a outra?

Marie acenou na direção da janela por cima do lavatório. Lá fora, Dylan andava distraidamente de um lado para o outro enquanto falava ao telefone.

— Consegue fazê-lo sorrir — disse.

Alice corou de prazer com o ríspido e potente elogio. Olhou a cozinha à sua volta. Apesar do luxo e dos aparelhos caros, a divisão estava estampada com o caráter de Marie: calorosa e confortável mas imaculada e prática. Aquela divisão pertencia a Marie, não havia dúvidas quanto a isso.

— Onde é que está o gongo? — perguntou impulsivamente, a olhar as bancadas.

— *O gongo?* — repetiu a cozinheira, sem perceber, enquanto lavava a frigideira.

— O que usa para chamar a atenção dos empregados que servem às mesas? O Dylan disse-me que o encontrou aqui na casa. Disse que era uma antiguidade. Pareceu-me interessante. Tinha esperança de o ver — explicou Alice, a lembrar-se de como ouvira o nítido som doce e misterioso na primeira noite em que entrara no castelo.

— Vai ter de perguntar ao Dylan, querida, porque não faço ideia do que está a falar. Talvez ele tenha esse gongo no escritório, ou coisa do género. Quer mais um queque, antes de eu os guardar? — perguntou Marie, erguendo a lata dos bolos.

— Eeh... não, mas muito obrigada. Estavam deliciosos. Estava tudo delicioso — disse Alice distraidamente, as sobancelhas franzidas enquanto olhava pela janela das traseiras para Dylan. Foi percorrida por um arrepio. Porque teria ele contado aquela história sobre o gongo? Não fazia qualquer sentido.

*Como tantas outras coisas.*

— Importava-se de dizer ao Dylan que subi para fazer uma chamada?

— Com certeza — disse Marie.

Voou pelas escadas acima, o coração a começar a acelerar. Não tinha muito tempo. Dylan podia terminar a sua chamada a qualquer segundo, embora parecesse bastante embrenhado, pelo que vira pela janela agora mesmo. As escadas das traseiras conduziam a um ponto que ficava mais afastado do corredor principal do que a escadaria principal. Quando Alice emergiu, estava apenas a uns quatro metros e meio da bifurcação do corredor onde Dylan a encontrara naquela estranha noite...

Aquela parte do corredor onde vira a figura fantasmagórica.

Alguns segundos mais tarde, estava parada na frente da porta de madeira trabalhada, a respiração a fazer-se ouvir em sopros erráticos.

*Não fiques aí parada, Alice. Não tens muito tempo. Entra.*

Num movimento rápido e desesperado, girou a maçaneta e abriu a porta. Pestanejou. A ofuscante luz do Sol transbordou para o corredor escuro, banhando-lhe o rosto e os braços e pernas nus.

Com os pulmões a arder, deu um passo em frente.

— Ah, estás aqui — disse Dylan quando viu Alice à janela do seu quarto. Ela tinha aberto as persianas e corrido as cortinas, e estava de costas para ele. — Desculpa ter demorado tanto tempo. Já ligaste à Maggie?

Começou a atravessar o quarto na sua direção, mas estacou. Ela estava imóvel como uma rocha. Era como se ele não tivesse falado. A luz do Sol jorrava à sua volta. Pensou distraidamente que o Sol lhe iluminava as raízes louro-avermelhadas do cabelo, dando a impressão de um halo à volta da sua cabeça.

— Alice?

Transpôs a distância que os separava quando ela continuou sem responder. Pensou que ela ia sobressaltar-se, quando lhe tocou o braço — parecia perdida nos próprios pensamentos — mas Alice virou-se sem estremecer. Olhou-o nos olhos.

— Porque é que me estás a mentir?

Ele foi percorrido por um arrepio — não por causa da pergunta calma e monocórdica, mas pela qualidade estranha, como uma máscara, da sua expressão.

— Mentir-te? De que é que estás a falar?

Ela apontou sem uma palavra pela janela, a observar o rosto dele o tempo todo.

— Então? — perguntou ele, não vendo nada fora do normal pelo vidro. Lá fora tudo parecia normal. Já *ela* era uma outra história. — Alice, o que é que se passa? — perguntou, tenso.

— A *estrada*? — perguntou, e, apesar da sua confusão, ele ficou contente por ouvir o familiar sarcasmo mordaz e a fúria no seu tom de voz. Preferia isso à Alice de pedra que acabara de ver. — Tinhas uma magnífica vista do lago naquele outro quarto. Porque é que te mudaste para aqui, onde tens vista sobre a estrada?

— De que raio estás tu a falar?

— Eu entrei lá dentro! — Ela apontou, os olhos em chamas. — Entrei agora mesmo naquele quarto. Aquele onde não me deixaste entrar naquela

noite porque tinha um *soalho afundado*. Não havia nenhum soalho afundado! É o *teu* antigo quarto. Aquele que ocupavas antes de te mudares para este. Parece ser a suite principal de todo este maldito palácio. Ainda tens lá algumas das tuas antigas coisas.

*Merda.*

— Alice... — começou ele, o alarme a fazer espetar os pelos dos seus braços.

— Quando cá vim pela primeira vez, disseste-me que gostavas mais da vista deste quarto, e que foi por isso que te mudaste! — Apontou de novo pela janela. — Preferiste a vista da *estrada* à mais extraordinária vista do lago que já vi nesta casa? Gostaste mais deste quarto do que aquele que parece uma espécie de suite de contos de fadas? — perguntou ela, a voz aguda de incredulidade. Ele pôs-lhe as mãos nos braços e virou-a para si.

— Eu posso explicar.

— A *sério*? — perguntou ela, a expressão desvairada. Libertou-se dele e afastou-se. Depois pareceu mudar de ideias e deu meia volta, ofegante. — Está bem. Força. Explica. E aproveita para explicar também porque é que me disseste que aquele quarto tinha o soalho estragado para me impedir de lá entrar. Admite, Dylan. És um *mentiroso*. Mentiste para eu não entrar no quarto. Mentiste sobre a razão por que te mudaste para aqui! Mentiste a respeito daquele gongo. A Marie não fazia ideia do que estava eu a falar, quando mencionei o gongo que ouvi na primeira vez que cá vim. Não consigo perceber *a razão*, porque parecem coisas tão estúpidas, mas tu *estás* a mentir! *Eu* não estou a enlouquecer — gritou, a respiração agora mais pesada. — És tu. *Tu* é que estás a mentir!

Ele ergueu uma mão cautelosa e aproximou-se dela, sustentando o seu olhar.

— Não o estou a negar, Alice. Deixa-me explicar.

— Desde o princípio que pensei que isto tudo entre nós era demasiado bom para ser verdade. Sabia que tinha de haver qualquer coisa por trás. Sabia que estavas a mentir — disse ela, em surdina.

— Jesus — gemeu Dylan, ao ver que ela estava a tremer. Agarrou-a pelos ombros, recusando-se a soltá-la quando ela se encolheu. — Ouve-me. É

verdade — disse. — Tenho-te estado a mentir sobre algumas coisas. Mas só o fiz porque estava preocupado contigo.

Ela olhou para ele, a sua expressão esmagada e atónita a cortar-lhe o coração.

— Estavas preocupado *comigo*? Fizeste-me pensar que estava a enlouquecer, quando és tu que és maluco. Como é que o facto de eu saber qualquer coisa sobre um quarto estúpido podia aliviar a tua preocupação comigo? — Soltou-se freneticamente das mãos dele e tropeçou. Ele agarrou-a a tempo de a impedir de cair. Puxou-a contra si.

— Olha para mim — exigiu. O olhar frenético e errante de Alice captou os olhos dele. — Eu vou explicar, mas tens de te acalmar, Alice.

— Larga-me — vociferou ela sucintamente.

Ele soltou-a de imediato e recuou. Olharam-se cautelosamente à distância de alguns metros, ambos ofegantes. Ela deu um pulo quando alguém bateu à porta.

— O que foi? — bradou ele, mantendo o olhar fixo no rosto pálido de Alice.

— Dylan? Sou eu — disse uma mulher num tom hesitante, a voz fraca e abafada pela espessura da porta.

— Agora não, Louise — gritou.

— Desculpe. É só porque Sidney Gates está aí. Devo dizer-lhe que não está disponível?

Alice parecia um animal selvagem encurralado a um canto. Ele não teria ficado surpreendido se ela investisse contra ele, de dentes arreganhados. *Foda-se*. Julgara saber o significado do desespero, mas aquilo era todo um novo nível da definição. Passou os dedos pelo cabelo e fechou os olhos brevemente.

— Não. Diga ao Sidney que eu e a Alice o vamos receber no meu escritório — disse para Louise, a soar muito mais calmo do que se sentia.

Sustentou o olhar desconfiado de Alice e inspirou lentamente, para se preparar para o desconhecido.

Para o pior.

Alice engoliu em seco, a tentar desesperadamente controlar a respiração acelerada.

— Eu não quero ir ter com um desconhecido qualquer. Quero a verdade! — disse a Dylan.

— É isso que eu te vou dar. O Sidney pode ajudar. Ele conhecia Alan Durand.

— O que é que isso me interessa? — perguntou ela, a sua incredulidade a amplificar-se. — Para de me tentar enganar e...

— Alice — disse Dylan severamente, interrompendo a sua explosão. Ela pestanejou, as palavras a prenderem-se na sua boca. — O Sidney conhecia o teu pai.

Ela ficou de boca aberta.

— Ele conhecia o meu pai? — perguntou, incrédula. Aquilo não podia estar a acontecer. Porque é que *estava* a acontecer? Arrepios de temor percorriam-lhe a pele. Dylan estendeu a mão, como que para a escoltar para a porta do quarto, mas ela recuou, evitando o seu toque.

— Indica só o caminho — disse friamente.

Era como se tivesse um par de mãos a fechar-se em volta da sua garganta e a apertá-la até permanecer apenas o mais fino fio de ar.

Sentiu o olhar de Dylan sobre si enquanto lhe abria a porta, quando chegaram ao andar inferior. Alice entrou no escritório elegante e masculino de queixo erguido, desafiadora.

Entorpecida.

Não mudara muito. Prateleiras cheias de livros cobriam três paredes, e a quarta tinha uma fila de janelas que davam para os jardins e o lago. A enorme secretária entalhada — um bom esconderijo — fora mudada para uma nova posição à direita do quarto.

*Tu nunca aqui estiveste!*

Uma tontura assaltou-a com este pensamento. As pernas esqueceram o seu propósito. Deixou-se cair num fundo sofá de veludo azul antes que elas cedessem por baixo do seu corpo.

— Alice?

A sua visão levou um momento a desanuviar-se. Um homem alto e distinto, com cabelo cor de prata, olhava-a com preocupação nos olhos cinzentos. Ela olhou para ele, confusa. Dylan entrou no seu campo de visão.

— As coisas mudaram — ouviu-o dizer baixinho ao outro homem. — Ela percebeu que algumas coisas que lhe disse sobre a casa não fazem sentido, e isso... perturbou-a — terminou Dylan com a voz tensa.

Durante alguns segundos, estava a olhar os brilhantes olhos escuros de Dylan e a cair...

Cair.

*O que é que se passa comigo? Eu sou forte. Preciso de sair daqui. Esta casa está a deixar-me tão fraca. Esta casa — o raio da propriedade inteira — é como a minha Kryptonite...*

O pânico apertou-lhe ainda mais a garganta.

— Dylan — conseguiu dizer.

— Está tudo bem, Alice — disse, e tomou-lhe as mãos. Ela tinha mesmo estendido os braços para ele, como uma criancinha? Céus, o que é que se estava a passar? Ouvia um estranho tinido nos ouvidos. — Vai correr tudo bem, querida. — Sentou-se no sofá ao seu lado e pôs um braço à sua volta. Alice agarrou-lhe a mão livre como se fosse um salva-vidas.

— Há alguma coisa errada — sussurrou ela. *Alguma coisa está horrivelmente errada.*

— Sydney, *faz* alguma coisa — arfou Dylan.

A luz do sol que entrava pela janela parecia cegá-la. A única coisa que conseguia fazer era agarrar-se a Dylan, a sua segurança. A sua âncora. O seu...

— Cavaleiro andante — sussurrou por entre os lábios dormentes.

— O quê, Alice? — Alguém estava a bloquear a luz do Sol. — Tome. Beba isto — disse o homem com os olhos cinzentos. Baixara-se na sua frente e estava a passar-lhe um copo. Sorriu bondosamente. — Está tudo bem. É só água — assegurou-lhe. — Teve uma tontura. Beba um gole e depois respire fundo algumas vezes.

Ela fez um aceno de assentimento. Queria aceitar a água, mas, por alguma razão, tinha medo de soltar Dylan. Depois a borda do copo estava a

pressionar-se contra o seu lábio inferior, e ela bebeu sequiosamente. Foi bom, a sensação familiar do líquido fresco a deslizar pela sua garganta e a dissipar um pouco o nevoeiro. O copo afastou-se. Dylan passou-o ao homem grisalho, que se levantou e pousou o copo na secretária. Depois puxou uma cadeira de braços para a sua frente.

— Melhor? — perguntou.

Alice anuiu.

— O meu nome é Sidney Gates. Sou amigo do Dylan — explicou amigavelmente. — O que é que estava a dizer acerca de um cavaleiro andante?

— O Dylan — sussurrou. O braço de Dylan apertou-se mais à sua volta.

— O Dylan é o seu cavaleiro andante?

— Como o cavaleiro batente — balbuciou.

Sidney olhou para Dylan de relance, uma interrogação no olhar.

— O batente da porta. A porta principal. Ela gostava dele.

Alice virou o queixo e olhou para Dylan, estupefacta. Era como se ele tivesse acabado de encarnar na frente dos seus olhos e ela o estivesse a ver pela primeira vez. Diferente. Familiar.

— Acho que vou vomitar — disse.

Dylan anuiu, a expressão muito sombria.

— Anda. Eu levo-te à casa de banho. — Ajudou-a gentilmente a levantar-se. Alice cambaleou. Tudo ficou enevoadado e depois preto.

— Dylan — disse o homem vivamente.

— Eu agarro-a — disse Dylan.

Ela já não o conseguiu ver. Mas teve a certeza de que os braços de Dylan estavam ali mesmo, quando caiu para dentro deles.

Quando acordou, voltou a ouvir a voz de Dylan, embora não o conseguisse ver. Isso tranquilizou-a. Estava deitada de costas. Pestanejou pesadamente e viu que continuava no escritório banhado de Sol. Não tinha passado muito tempo, se a qualidade da luz era um bom indicador. Percebeu que estava estendida no sofá de veludo.

— Devíamos levá-la a um médico — estava Dylan a dizer.



— *Eu sou médico.*

— Ela devia estar num hospital.

— Ela não está fisicamente doente, Dylan. Está em choque. O choque é assim. Não é propriamente como se um comprimido a fizesse ficar bem. Saberei melhor o que fazer quando ela acordar. Não digas nada até vermos do que é que se lembra da última hora. Preciso de determinar até que ponto está a conseguir assimilar as coisas.

Alice não sabia de que estava aquele homem a falar. Era como se falasse inglês mas numa maneira baralhada e inexplicável que o seu cérebro não conseguia interpretar. Pestanejou e viu os dois homens de pé a uns poucos metros de distância. Reconheceu de imediato a forma alta e magnífica de Dylan. Recordou as suas roupas descontraídas da manhã — calças de ganga e uma *T-shirt* azul-escura. O que ele vestira depois de tomarem duche.

Depois de fazerem amor.

Estava tudo confuso, mas a memória do sexo emotivo e intenso daquela manhã possuía uma clareza cristalina. Outras memórias empurravam-se umas às outras ao fundo da sua consciência. A pressão fez com que a náusea se erguesse da sua barriga e a garganta se comprimisse. Mas obrigou os pensamentos intrusos a recuar.

Uma coisa, porém, lembrava com demasiada nitidez.

*O Sidney conheceu o teu pai.*

A memória de Dylan a dizer aquilo com uma expressão rígida ficara gravada a fogo no seu cérebro, sobrevivendo até ao nevoeiro.

— Dylan — crocitou.

Ambos os homens viraram rapidamente a cabeça.

— Estou aqui — disse ele num tom preocupado, sentando-se na berma do sofá, a anca pressionada contra a sua cintura. Deu-lhe a mão. — Estás bem? Queres mais um pouco de água?

Ela abanou a cabeça e engoliu em seco.

— Não. Já estou bem. — Começou a levantar-se.

— Ainda não — disse Dylan firmemente, detendo-a com uma mão no seu ombro.

— Está tudo bem — disse ela, olhando-o nos olhos. — Quero falar com este senhor. Aquele que disseste que conhece o meu pai.

*Quero acabar com isto de uma vez por todas.*

— Deixa-a sentar-se, Dylan — disse o homem. Dylan hesitou, mas quando ela voltou a tentar sentar-se não a impediu. — Devagar — aconselhou o homem. Alice deixou cair os pés para o chão e sentou-se ao lado de Dylan.

— Isto é tão estranho. Nunca tinha desmaiado — balbuciou, a esfregar os olhos. Assustara-se e enchera-se de receio por causa do que suspeitava que lhe iam dizer. Mas estava na altura de encarar a verdade, por mais feia que pudesse ser. O homem de cabelo grisalho sentou-se na cadeira em frente ao sofá. Ela obrigou-se a manter a concentração.

— Disse que se chamava Sidney Gates?

— Sim — disse o homem.

Engoliu em seco. Sentia-se muito estranha, como um nervo exposto, hipersensível e dormente, ao mesmo tempo.

— O Dylan disse que conheceu o meu pai... — começou num tom baixo.

Sidney anuiu. Ela achou os seus olhos cinzentos tranquilizadores, suaves mas fortes como o aço, ao mesmo tempo.

Olhou de relance para Dylan. O seu coração apertou-se um pouco quando percebeu pela sua expressão como ele estava preocupado, como eram intensos os seus olhos.

— Disseste que não tinhas usado um detetive privado para descobrir quem era o meu pai, mas *usaste*, não *usaste*? — perguntou resignadamente. Porque é que ele fizera uma coisa dessas? Porque é que estava tão decidido a vê-la exposta e vulnerável?

E *por que motivo*, apesar da sensação de traição que experimentava com esse pensamento, ainda procurava desesperadamente por Dylan para a confortar na sua desorientação?

Fechou os olhos quando ouviu a própria voz a repetir-se na sua cabeça e reconheceu como tremia. Respirou fundo.

— O que é que descobriste? — quis saber. — Ele é... — A náusea subiu por dentro dela. Combateu-a. — O meu pai é um dos irmãos da Sissy?

O silêncio ensurdecador foi quebrado pela áspera exclamação de Dylan.

— O quê?

— É? — insistiu ela, a olhar de Dylan para Sidney.

— *Não* — disse Dylan acaloradamente, agarrando-lhe nas mãos. — Porque é que haverias de *pensar* uma coisa dessas?

— Foi o que sempre pensei. Sempre temi. Desconfiei — balbuciou ela por fim, a olhar cegamente para os joelhos.

— Pensaste que um dos teus tios era teu pai? — perguntou Dylan.

A vergonha abriu caminho por dentro de Alice, mesmo por entre o seu denso estado de choque.

— Eram os candidatos mais prováveis, sim — disse ela, um pouco defensivamente. Era a primeira vez na vida que dava voz àquela suspeita profundamente mortificadora. Apesar da negação contundente de Dylan, ainda não sentia qualquer alívio. A vergonha crescia no seu interior como uma criatura viva a contorcer-se na sua barriga. — Tens a *certeza*? — perguntou numa voz entrecortada.

— Alice, olha para mim — disse Dylan.

Ela reconheceu aquele tom de aço. Combateu a vergonha e ergueu o olhar, a sua mortificação a tornar o contacto visual muito difícil. Olharam-se fixamente. Ela nunca o vira com um ar tão feroz.

— *Dylan...* — fez Sidney Gates num tom de aviso.

— Não vou deixar que ela continue a acreditar numa coisa que a está a envenenar desta maneira, não se o puder impedir — ripostou Dylan, a olhar para Sidney com uma expressão de rebeldia. Virou-se de novo para Alice. — Tenho a certeza absoluta. Eu conhecia o teu pai.

— Conhecias? — perguntou ela, espantada.

Ele anuiu.

— E não era um dos irmãos Reed. Nada parecido. Era um homem maravilhoso, brilhante, amoroso. E também conheci a tua mãe. E ela não se chamava Sissy Reed — disse energicamente, apertando-lhe a mão com mais força. Um músculo contraiu-se no seu rosto. — Eu sei que isto pode parecer incrível, mas vou tentar explicar...

— Dylan, como psiquiatra, não te aconselho a...

— Alice, a tua mãe e o teu pai eram Lynn e Alan Durand — disse Dylan.

**A**mbos os homens ficaram a olhar para ela como se esperassem que se transformasse num alienígena na sua frente. Estranhamente, a ridícula declaração de Dylan e a tangível ansiedade que neles via serviu para a acalmar. Ela respirou fundo e sorriu.

— Ahah — disse com exausto sarcasmo. Reparou no seu copo de água em cima de uma mesa de apoio. Pegou nele e preparou-se para se levantar. Dylan agarrou-a pelo braço.

— Alice.

Ela olhou-lhe o rosto. Percebeu naquele momento. Aquela sugestão de alguma espécie de peso, uma intensa pressão ou fardo sempre tinha estado presente nas suas feições atraentes. Ela só reparara agora porque agora estava ali em toda a sua força, indisfarçada. Leu-a nos seus olhos.

Um espasmo de uma emoção sem nome percorreu-a.

— Eu não acredito em ti — balbuciou. — Estás louco.

— Não — disse ele num tom enfático, um pedido de desculpas a suavizar-lhe ligeiramente a expressão pétrea.

Alice ergueu o olhar para Sidney Gates, não porque confiasse mais nele do que em Dylan, mas porque era um desconhecido. Decerto que poderia oferecer alguma espécie de objetividade àquele bizarro desenrolar de acontecimentos.

— É verdade, Alice — disse Sidney num tom bondoso. — O seu verdadeiro nome é Adelaide Lynn Durand. É filha de Alan e Lynn Durand, e era o centro do seu mundo. Eles adoravam-na.

— Eu não compreendo o que está a dizer — disse ela, incrédula, e virou-se para Dylan. Deixava-a estupefacta pensar que ele podia estar a dizer-lhe aquelas piadas cruéis. — Porque é que me estão a fazer isto, vocês os dois?

Dylan olhou de relance para Sidney antes de agarrar nas mãos dela. Apertou-lhas e, como sempre, Alice experimentou aquela sensação de encontrar o seu centro... mesmo quando não devia, dada aquela bizarra situação.

— Alice, isto não é uma brincadeira. Nunca falei mais a sério, mas eu sei que deve ser avassalador. Precisas de te deitar um pouco? Ou preferes saber mais coisas já? — perguntou Dylan simplesmente.

Ela soltou uma gargalhada amarga.

— Não podes dizer-me uma coisa dessas e depois esperar que eu adormeça. Tens de me dizer agora, de preferência saltando de imediato para a *punch line* desta estúpida anedota.

— Não é uma anedota, é justamente o oposto — disse Dylan num tom sombrio. Apertou-lhe outra vez as mãos e depois levantou-se. Atravessou a divisão e abriu um dos armários na estante de livros. Do seu lugar no sofá, ela viu de relance várias molduras de fotografias, empilhadas numa prateleira. Confusa, olhou as muitas prateleiras na sala. Não havia uma única fotografia à vista. Alguém removera as fotos emolduradas e pusera-as no armário, percebeu confusamente.

Dylan pegou numa caixa de couro vermelho escuro e depois na moldura de cima. A caminho de volta para o sofá, pegou numa mesinha com uma mão. Sidney desviou a cadeira para o lado para abrir espaço para a mesa, e Dylan colocou-a na frente de Alice. Ambos os homens se sentaram, Dylan ao lado dela no sofá.

— Só posso imaginar como tudo isto te deve parecer muito estranho — começou depois de pousar a caixa sobre a mesa. — Mas o facto é que eu te conheci muito tempo antes do dia da tua entrevista. — Estendeu-lhe a fotografia emoldurada. A luz do Sol lançava um reflexo sobre o vidro da moldura, e Alice franziu os olhos para ver.

A imagem ganhou nitidez perante os seus olhos.

Era uma fotografia de uma menina muito pequenina sentada às costas de um brilhante pónei preto. Usava calças de montar caqui, uma blusa branca, botas pretas e um pequeno capacete preso por baixo do queixo. Dois totós de um tom louro-arruivado caíam-lhe de debaixo do capacete. Ela olhava diretamente para a câmara com o sorriso mais aberto, inocente e feliz que Alice pensou alguma vez ter visto na sua vida.

De pé ao lado do pequeno pónei e da menina estava um rapaz alto e magro que vestia calças de ganga, uma *T-shirt* e botas empoeiradas. Parecia

ter uns catorze ou quinze anos. O cabelo castanho algo comprido cintilava à brilhante luz do Sol. A sua posição era um pouco rígida. Não desconfortável, necessariamente. Cautelosa, reconheceu Alice. Fazia um meio sorriso para a máquina fotográfica, com um brilho de diversão ou mesmo felicidade a transparecer por entre a sua reserva. Uma mão estava pousada sobre a sela da menina, o gesto, de alguma forma, a uni-los.

Isso... e o brilho de orgulho em ambos os rostos juvenis.

Alice não conseguia desviar o olhar do rapaz.

— És tu — sussurrou a Dylan.

— E tu — disse ele.

As duas palavras ressaltar no seu cérebro. Olhou para a cara de Dylan. Consequia ver as semelhanças com a foto. Tanto o rapaz como o homem eram bonitos, mas de formas diferentes. A inocência do rapaz era ainda evidente, apesar da sua prudência. Apesar das suas feridas. O homem era tudo o que o rapaz prometia, e ainda mais.

Engoliu em seco.

— O que foi que aconteceu? — perguntou num tom monocórdico.

Ele fechou brevemente os olhos.

— Foste raptada quando tinhas quatro anos — disse ele num tom pesado.

— Roubada da propriedade. Roubada de mim.

— De ti? — perguntou Alice, a ouvi-lo mas sem absorver o que ele estava a dizer.

— Lembras-te de te ter contado que conheci o Alan e a Lynn durante o primeiro verão que aqui passei, quando tinha doze anos? Eles ensinaram-me a montar nesse verão, e tornámo-nos amigos. O Alan viu como adorava os cavalos, e pediu ao Sebastian Kehoe para me atribuir um lugar especial como assistente do responsável pelos estábulos. Mais tarde, nesse verão, conheci-te. O teu pai trazia-te para os estábulos. Tinhas três anos, e adoravas os cavalos — disse ele, rouco.

— E adoravas o Dylan.

Dylan baixou o olhar para o chão com a interrupção de Sidney, uma expressão rígida no rosto. Alice pestanejou, o seu transe quebrado pela voz de Sidney.

— O teu pai disse-mo várias vezes, antes de morrer. Tu idolatravas o Dylan. Vocês tinham uma ligação especial. Lembro-me de o Alan dizer muitas vezes que a filha era um *Doce Adelaide* mas que, de vez quando, conseguia ser um *Citrus Ácido*. — Sidney sorriu, ao nomear dois icónicos doces da Durand Enterprises que Alice reconheceu. — Eras muito teimosa, mas ouvias o Dylan. E ele saiu um pouco da sua concha, junto de ti, uma menina pequenina e inocente que via o mundo de uma forma tão fresca e bonita como no dia em que foi criado. Ao ver a maneira como esta menina adorava cavalos... e o rapaz dos estábulos... o Alan adquiriu um pônei muito meigo para ti no verão seguinte. Esse mesmo pônei — disse Sidney, acenando para a fotografia ainda presa entre as mãos dela. — Tanto o Alan como o Dylan estavam presentes quando o montaste pela primeira vez.

— *Angelfire* — disse ela lenta e deliberadamente, como que a experimentar uma língua estrangeira. O nome demorou-se na sua língua, estranho e belo.

O coração de Dylan deu um pulo.

— Sim. Era esse o nome do teu pônei. Lembras-te de mais alguma coisa, Alice?

Ela abanou a cabeça. Pelo contrário, a sua mente parecia-lhe estranhamente vazia.

— Não. Só me ocorreu... como um tiro no escuro.

— Estás bem? — perguntou-lhe Dylan.

— Sim. Estou bem. Melhor do que antes, na verdade — disse ela honestamente. — Por favor, continua a tua história.

— É a tua história — disse Dylan num tom rígido. — E não é uma *história*. É a tua vida, Alice. — Levantou a tampa da caixa vermelha e retirou alguns jornais dobrados. — A dois de Agosto, há quase vinte anos, o Campo Durand estava em sessão. Eu tinha catorze anos e tu tinhas quatro. Eu e o Alan estávamos a ensinar-te a montar o *Angelfire*, e tu estavas a aprender muito depressa. — Abriu o jornal. — O Alan deixava-me levar-te a dar pequenos passeios de manhã.

— O Alan confiava no Dylan para fazer essa tarefa — disse Sidney.



— Sidney — grunhiu Dylan ameaçadoramente. Sidney pareceu subjugado.

As sobranceiras de Alice franziram-se com aquela interação. Sidney dissera aquelas palavras com algum peso, e ela não compreendera nem a sua gravidade nem o aviso de Dylan. Um arrepio de ansiedade dardejou pela sua barriga. Não era ansiedade por ela... porque a história que lhe estava a ser contada não lhe parecia pessoal. Parecia-lhe bem mais distante do que o seu medo e vergonha de ser filha da Sissy e de um dos seus tios. Não, o nervosismo que sentia era por Dylan. Reconhecia aquele rapaz da foto, num vago sentido, reconhecia-o mais do que à menina alegre. Aquela rapariga era amada e acarinhada, o centro de um mundo radiante que girava alegremente à sua volta. Uma perfeita desconhecida para Alice.

Dylan, porém... com esse rapaz reservado e bonito experimentava uma misteriosa e eletrizante conexão.

— Numa manhã, levei-te a passear no *Angelfire* por um caminho no bosque. Dois homens atacaram-nos — explicou Dylan, o tom monocórdico. Tenso. Ele passou-lhe o jornal e os dedos de Alice fecharam-se instintivamente em volta das páginas.

A primeira coisa que viu foi uma fotografia a cores de um homem alto e elegante, de cabelo louro-escuro, sentado ao lado de uma mulher muito atraente, com cabelo ruivo por altura do ombro, olhos grandes e um rosto muito bonito e delicado. O casal abraçava a mesma menina que ela vira no pónei. Pareciam todos tão felizes. Tão abençoados.

O título era um arrasador contraponto com a foto da linda família.

## HERDEIRA DURAND RAPTADA BUSCA GIGANTESCA EM CURSO

Alice não leu o artigo de primeira página do *Morgantown Gazette*. O seu olhar estava preso na pulseira que a mulher usava. Era feito de uma minuciosa filigrana onde se entrelaçavam vinhas e folhas. Estudou o rosto da mulher.

Passou abruptamente o jornal a Dylan.

— Diz-me só o que *te* aconteceu quando estes homens te atacaram no bosque — disse, com a garganta seca. — Quero ouvir a *tua* história.

Pelo canto do olho, viu Dylan olhar bruscamente para Sidney. Este anuiu.

— Isso é uma ótima ideia. A Alice é que sabe — disse ele enigmaticamente. — Conta-lhe a *tua* história, Dylan. É um bom sítio para começar.

Dylan examinou Alice, hesitante. Ainda estava muito pálida, mas os olhos grandes pareciam mais límpidos do que antes de ela ter desmaiado. Preocupou-o o facto de não fazer ideia do que ela estava a viver por dentro. Sentia-se confuso por não ter uma régua, um barómetro, que lhe permitisse calcular qual seria a reação «saudável» a uma situação daquelas.

Uma revelação daquelas não era, pela sua natureza, um tremendo golpe para a psique? Como é que podia ser saudável?

Até Sidney se mostrava cauteloso, já tinha percebido. Ele estava com receio que Dylan lhe contasse a verdade. Reagira puramente por instinto, porém, quando testemunhara em primeira mão o peso da vergonha e ansiedade de Alice ao acreditar ser filha de um incesto. Talvez tivesse sido errado da sua parte contar-lhe naquele momento, mas não lhe parecia. Não se conformava com a ideia de Alice ter acreditado numa coisa tão odiosa a respeito das suas origens durante tantos anos.

Não se conformava mesmo.

Ainda assim, compreendera a referência do psiquiatra, e estava disposto a alinhar. Sidney estava a instruir Dylan a seguir o caminho de Alice. Ela não estava preparada para ouvir que se referissem a ela e a Addie Durand como a mesma pessoa. Mas estava a dizer que *queria* ouvir a história dele — a experiência de Dylan. Era mais seguro para ela, talvez, ouvir as coisas do seu ponto de vista, absorver tudo lentamente como que à distância.

— Aquela parte do caminho entre o lago e os estábulos era um trilho de cavalos — começou Dylan, as palavras com um sabor estranho na sua língua. Não falara muito sobre aquele dia terrível, desde a terapia, e já passavam dezasseis anos desde que deixara de ter consultas com Sidney. — Foi ali que tudo aconteceu. Tu estavas no *Angelfire* e eu estava a conduzi-

lo. O Alan e a Lynn tinham falado com o meu monitor e o Sebastian e tinham todos concordado em deixar-me ensinar-te, depois de nos terem visto juntos durante uma ou duas semanas. O raptos deviam estar a observar-nos do bosque há dias, ou mesmo semanas, à espera da sua oportunidade.

— Tu querias? — perguntou Alice. Ele olhou para ela, confuso com a mudança de assunto. — Querias ensinar aquela menina a montar o seu pónei?

Ele abriu a boca, mas só soprou, ao princípio. Abriu as mãos, à procura de palavras, sem as encontrar.

— Eu era um refugiado, neste paraíso, era um *outsider*. E depois, um dia, conheci Alan Durand. Vim a respeitá-lo mais do que qualquer outro homem no mundo. Era como se fosse de uma espécie diferente de todas as outras pessoas que tinha conhecido na minha vida. Era caloroso. Sensato. A sua bondade era infinita. E o mesmo acontecia com a Lynn. Ambos me trataram como um igual desde o primeiro minuto em que os conheci. E eu não percebia *porquê*. Mas quando a sua atitude se manteve ao longo de três verões, quando a sua confiança em mim só pareceu crescer, comecei a acreditar nela. Comecei a acreditar em mim. — Fez uma pausa, alisando a tensão da sua testa com as pontas dos dedos. — Um dia, o Alan confiou-me nada menos do que o seu universo. — Ouviu Sidney a pigarrear e agitou-se na cadeira. Olhou Alice nos olhos. — Houve duas responsabilidades que Alan me atribuiu que mudaram a minha vida: quando me pediu para gerir a sua empresa e quando me confiou a sua filha. Para responder à tua pergunta? *Claro* que eu queria ensinar Addie Durand a montar.

Ele viu a garganta dela comprimir-se. Alice anuiu, como que a fazer-lhe sinal para continuar. Por uma fração de segundo, a memória daquela dia regressou num vívido clarão de movimento confuso e horrível.

— Eu estava virado para a Addie a dar-lhe instruções, e eles bateram-me por trás. Caí no chão, mas não apaguei completamente. Eu vi-os. Um deles foi arrancar a Addie do cavalo, mas ela estava em pânico e deu luta. Deu um pontapé na cara do tipo com a bota de montar — disse Dylan, um sorriso amargo a curvar-lhe os lábios, com a memória, uma impressão de

sombrio triunfo misturada com milhares de imagens aterradoras. — Ele soltou-a por um segundo e a Addie caiu do *Angelfire* pelo lado oposto. Ouvi-a cair no chão, vi que não se mexia.

Dylan não viu qualquer centelha de memória nos olhos cor de safira de Alice, quando os seus olhares se encontraram, mas ela também não os desviou. Pelo menos não estava com medo, o que já era alguma coisa.

— Um dos raptos agarrou no *Angelfire*. Quando o outro tipo começou a dar a volta ao pônei para ir buscar a Addie, eu agarrei-lhe as pernas e atirei-o ao chão. Lutámos.

— E o que aconteceu? — perguntou Alice.

*Falhei.*

Era uma voz do seu passado, a voz de uma criança que reemergia à superfície, uma que ele julgara que silenciara para sempre. As circunstâncias tinham voltado a desenterrá-la outra vez.

— O outro homem esfaqueou o Dylan — disse Sidney quando ele não respondeu de imediato. — Foi uma sorte não ter morrido.

Ele sentiu o olhar ansioso de Alice no seu perfil.

— Acordei numa cama de hospital, na tarde seguinte — disse Dylan num tom sombrio.

— Os ferimentos foram graves? — perguntou Alice.

Ele encolheu os ombros.

— Bastante maus. Mas eu tinha catorze anos, era saudável, e a recuperação foi rápida.

— Foi assim que ficaste com aquelas cicatrizes — disse Alice, a olhar de relance o seu tronco. Ele fez um aceno afirmativo.

— Tive medo de te perguntar por elas. Porque é que *nunca* o fiz? — disse quase para si mesma, a abanar a cabeça ligeiramente. A preocupação dele cresceu.

— Estás bem? — perguntou-lhe, ansioso. Ela anuiu e pigarreou.

— Queres mais um pouco de água? — perguntou ele.

— Não — disse ela distraidamente. — Tu viste-os? Os raptos?

— Usavam máscaras e chapéus. A única coisa que consegui dar à polícia e ao FBI foi a minha estimativa de alturas e pesos e a descrição das roupas.

— E uma descrição dos danos que provocaste no homem que esmurraste — acrescentou Sidney secamente.

— Não foi suficiente — disse Dylan.

— Foi mais do que muitos homens adultos teriam sido capazes de fazer, atacados daquela maneira inesperada por homens dispostos a matar para concretizar o seu crime. Eras apenas um miúdo, Dylan.

Ele foi percorrido por um relâmpago de irritação com a já conhecida litania de Sidney. Fora também o discurso regular de Alan.

— Então, os raptos nunca foram apanhados nem descobertos? — perguntou Alice.

— O Dylan encontrou-os — disse Sidney. — Recentemente. Um deles estava a morrer, o outro já estava morto. Agora estão ambos mortos. Morreram em duas penitenciárias do Michigan diferentes.

— Mas pensei que tinhas dito que não foram apanhados.

— Queres mesmo ouvir agora esta parte? — perguntou-lhe Dylan, em tom de dúvida. Ela anuiu.

Raios, ele estava a ter dificuldade em ler a sua expressão. Olhou para Sidney, que fez um aceno afirmativo. Suspirou e continuou.

— Um dos homens foi levado para uma esquadra de polícia em Detroit por uma acusação de agressão grave, dez meses depois de Addie Durand ser raptada. Ele tinha múltiplas detenções no seu cadastro, mas nenhuma, incluindo aquela, tinha nada a ver com o caso Durand. A investigação do FBI no âmbito do rapto Durand foi ficando rapidamente num impasse, à medida que passavam as semanas, e depois os meses. O esperado pedido de resgate nunca chegou. Quaisquer pistas de Addie ou dos seus raptos nunca davam em nada.

Uma circunspeção atingiu-o ao dizer as palavras. Talvez fosse a recordação da dor de todos aqueles meses e anos de espera, a esperança a desvanecer-se lentamente até nada mais restar senão uma dolorosa e cruel memória. Ou talvez essa mesma dor vivesse ainda nos seus ossos, gravada nos seus tecidos.

Como que para se dar coragem, olhou para o rosto de Alice.

— Este homem era Jim Stout, e, quando o levaram para a esquadra, estava embriagado. Foi colocado numa cela até ficar sóbrio para ser interrogado. Mas, enquanto ainda estava bêbado, ele confessou a um dos agentes de detenção ter raptado Addie Durand. Ao que parece, confessou porque tinha ficado sob a impressão errada de que era por causa do rapto que estava a ser preso. Ele queria deixar claro que, embora fosse um dos raptadores, nunca assassinara a rapariga.

— Assassinada? — perguntou Alice. Parecia branca de choque.

— De acordo com Stout, Addie Durand tinha morrido quando o parceiro dele, um homem pelo nome de Avery Cunningham, administrara acidentalmente uma dose letal do sedativo que tinham planeado usar para a manter sob controlo a seguir ao rapto. Stout fartou-se de falar, em pânico, completamente bêbado, porque não queria ser acusado do homicídio de uma criança. Depois apagou, na cela. Quando acordou e o confrontaram com a sua confissão, foi tudo diferente. Deve ter percebido como fora estúpido confessar uma coisa quando não tinha compreendido a acusação atual nem tinha um advogado presente para o proteger. Recuou e, por mais que insistissem e o interrogassem, nem a polícia, nem o procurador, nem o FBI conseguiram fazê-lo voltar a falar sobre Addie Durand.

— Não compreendo — disse Alice, e Dylan voltou a ouvir aquele choque no seu tom. Olhou para Sidney, hesitante, mas o médico estava a estudar o rosto de Alice com atenção. Sentindo-se altamente desconfortável, pôs a mão sobre o joelho de Alice e apertou-o levemente. — E o outro homem? — perguntou ela. — O que Stout disse ter assassinado a menina?

— Cunningham já estava na prisão por uma outra acusação de homicídio — disse Dylan. — Tinha assassinado um homem alguns meses antes, quando estava pedrado com anfetaminas. Cunningham negou tudo o que Stout tinha referido na sua confissão. Para resumir, nunca se conseguiu encontrar nenhuma pista que levasse a provas suficientes para fazer uma acusação formal contra os dois homens. O FBI e a polícia ficaram convencidos, porém, de que aqueles tinham sido os raptadores de Adelaide Durand. E acreditavam que eram também responsáveis pelo seu homicídio.

Por baixo da sua mão, sentiu a pele de Alice tornar-se áspera.

— E eles saíram impunes? — crocitou ela.

— Não foi como se ficassem propriamente à solta — disse Sidney. — Cunningham já estava a cumprir pena perpétua. E Stout estava a ser acusado de agressão agravada, um espancamento que quase se tornou fatal. Dado o seu anterior registo criminal e a suspeita generalizada de que era provavelmente um dos raptos de Adelaide Durand e cúmplice do seu homicídio... bem, podemos dizer apenas que o juiz garantiu que Stout nunca mais voltava a sair da cela de uma prisão.

— E nenhum deles saiu, certo? — perguntou Alice a Dylan.

— Não. Uma pequena consolação, dado aquilo por que deveriam ter sido presos — disse ele num tom amargo.

— Tu trouxeste a verdade ao de cima, Dylan — disse Sidney baixinho. — Quem mais teria a determinação e a paciência para chegar ao cerne de um caso esquecido ao fim de tantos anos... ao fim de tanto desespero.

Mais uma vez, Dylan desviou a cara. Alice perguntou-se de que estaria ele a protegê-la.

Sentia-se como se a sua consciência se tivesse encolhido no centro de um turbilhão de pensamentos e sentimentos confusos, como se ela existisse no olho de um furacão. Parecia calma e suficientemente lúcida, mas o caos girava à sua volta. Estava como que esmagada por tudo aquilo, mas não tinha a certeza do que estava a sentir. Uma coisa sabia, porém. Quando Dylan desviou a cara daquela maneira, naquele momento, ela não gostou nada. Fazia com que a tempestade de confusão comesse a girar mais perto do centro.

— Como é que descobriste a verdade, Dylan? — perguntou, a maldizer o tremor na sua voz.

Viu o queixo dele estremecer subtilmente, mas Dylan não respondeu.

— Ele nunca desistiu — disse Sidney após uma pausa. — Pôs um detetive a trabalhar a tempo inteiro, durante os últimos onze anos, a tentar encontrar pistas que há muito deviam ter desaparecido. Mais importante, insistiu em visitar Avery Cunningham duas vezes por ano, ao longo de dez

anos. Parecia que não ia servir de nada. Cunningham insistia que não tinha nada a ver com o rapto Durand. Até abril passado.

Ela foi percorrida por um arrepio.

*Dylan... o que foi que aconteceu a dezoito de abril?*

Estremeceu de novo quando recordou o peso na expressão de Dylan quando ela lhe fizera aquela pergunta. Uma parte de si devia ter calculado que aquela data era crucial.

— Estás bem? — perguntou Dylan, a olhar em volta. Devia ter reparado nos seus arrepios. As suas sobrancelhas escuras arquearam-se enquanto ele a olhava.

— O que foi que aconteceu a dezoito de abril? — Alice repetiu aquela pergunta num tom monocórdico.

Leu a intensa tristeza nos seus olhos escuros.

— Dylan? — insistiu.

— Falamos sobre isso mais tarde — disse ele. — Já ouviste o suficiente, por agora.

— Eu não concordo — replicou veementemente. — O que foi que aconteceu a dezoito de abril?

— Alice...

— Diz-me.

— Avery Cunningham confessou — disse Dylan por entre os dentes cerrados. — Todos os anos, quando eu fazia aquelas visitas à prisão, ele era inflexível numa coisa: jurava nunca ter matado uma criança na vida. Estranhamente, foi uma das poucas coisas que alguma vez disse que eu acreditei. A maior parte das pessoas poderia julgar que era apenas a habitual negação da culpa, mas eu... achei que aquela alegação tinha um tom verdadeiro.

— Era isso que te fazia continuar — disse Sidney. — E veio a verificar-se que tinhas razão.

— Cunningham estava a morrer de cancro da próstata e já não tinha nada a perder — continuou Dylan. — Finalmente, confessou ter raptado a menina Durand, com a ajuda de Jim Stout, depois de passar anos a negá-lo. Também insistiu que não a tinha assassinado. Stout acreditara mesmo que



ela estava morta. Mas Addie ainda estava viva quando Cunningham a vira pela última vez. Addie Durand ainda estava viva — repetiu ele, a mão a apertar-se no joelho de Alice. — E eu encontrei-a.

Ela ficou de olhos fixos nos de Dylan, os pulmões a arder, a voz dele a ecoar-lhe na cabeça.

— Respire fundo, Alice. — Ela pestanejou e inspirou. Sidney devia ter percebido que estava a conter a respiração.

— Em que é que está a pensar? — perguntou-lhe Sidney, num tom sério e preocupado, enquanto se inclinava para a frente na sua cadeira, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Estou a pensar que tudo isso é demasiado incrível — disse ela. Olhou de relance para Dylan, pouco à vontade. — Mas se tu acreditas — continuou — deve ser verdade. E isso é difícil de compreender, quanto mais aceitar.

— Tens razão, Alice — disse Dylan.

Os pulmões dela contraíram-se involuntariamente, fazendo-lhe arder a respiração.

— Bem... então estou a pensar que lamento que tenhas passado por tudo isso.

Dylan abriu a boca para falar, mas pareceu conter-se no último minuto.

— O mais importante é que está feito. Addie Durand voltou para a sua casa.

Alice abanou a cabeça numa negação. De repente, sentia-se muito cansada.

— Não sei o que é que isso significa realmente.

— Vai levar algum tempo. Não deve pressionar-se. Tanto eu como o Dylan estaremos aqui para responder a quaisquer perguntas que possas ter nas próximas horas e dias, semanas, meses. Anos, se necessário — disse Sidney.

— Tens perguntas agora? — perguntou Dylan.

Ela tinha um milhão de perguntas. Eram tantas, mas estavam todas presas no louco redemoinho na sua mente. Não conseguia extraí-las, não

conseguia concentrar-se.

— Agora não — disse. Pôs a mão sobre a coxa de Dylan e antes que ele a pudesse impedir, levantou-se. Foi assaltada por uma vertigem. Dylan voou para o seu lado, as mãos a apoiarem-na pelos braços. Concentrou-se, reunindo toda a sua força de vontade, e o peito de Dylan solidificou-se na sua frente.

— Estou mesmo muito cansada — disse. Sentia a garganta em carne viva, como se tivesse sido arranhada.

— Acho que um descanso pode ser mesmo o que está a precisar — disse Sidney.

Dylan anuiu.

— Eu levo-a para cima — disse a Sidney, pondo o braço à volta de Alice.  
— Ficas?

Sidney abanou a cabeça.

— Liga-me assim que ela acordar. Se for necessário, volto. Acha que poderá precisar de alguma medicação? — perguntou a Alice.

— Para quê? — perguntou ela, confusa.

— Está em choque — disse Sidney.

Alice abanou a cabeça.

— Não. Estou só cansada. Não necessito de nenhum medicamento.

Viu Sidney e Dylan trocarem um olhar.

— Isto vai levar tempo, Alice. Sabe que está em segurança aqui, entretanto? — perguntou Sidney bondosamente. — O Dylan é mesmo o seu cavaleiro andante. Sempre foi.

Alice olhou o rosto de Dylan. Ele estava mesmo ali, sólido e belo. A apoiá-la, como sempre. O que faria se não o tivesse ao seu lado?

Ela não *estaria* ali se não fosse ele, percebeu com dormente incredulidade. Afastou o pensamento impossível do seu cérebro. Mais uma vez, a fadiga pesou-lhe. Parecia-lhe inimaginável, sentir-se tão cansada quando acordara umas poucas horas antes.

...

Por entre aquela opressiva exaustão, Alice apercebeu-se de que Louise arrumara a suite de Dylan na sua ausência. Fechara as cortinas que Alice abrira e o quarto estava escuro e fresco. Pararam ambos ao lado da grande cama e ele puxou a colcha e o lençol para trás. Virou-a para si e começou a desapertar-lhe os calções.

— Vais ficar mais confortável sem eles — disse baixinho um momento depois, quando a *T-shirt* se juntou aos calções na carpete.

Fechou-se em posição fetal entre as roupas de cama apenas de sutiã e cuecas. Os lençóis frescos pareceram-lhe maravilhosos na pele dormente. Dylan deitou-se atrás dela. Não se despira. Ela desejou que o tivesse feito. Fechou os olhos com força quando os seus braços a rodearam. Ele puxou-a contra si. Alice agarrou-lhe as mãos que se tinham fechado em volta da sua cintura. Talvez ele tivesse sentido o seu espasmo de emoção.

— Alice? Estás bem? — perguntou.

— Estou — fez ela suavemente. — Mas...

— O quê? — perguntou ele quando ela se calou.

— Abraça-me com mais força — sussurrou.

Acordou com a sensação de Dylan ainda a abraçá-la, e a sua presença foi a primeira coisa a que a sua consciência se agarrou, como se tivesse despertado no meio de um mar tempestuoso e procurasse desesperadamente por algo sólido a que se agarrar. Quanto tempo dormira, perguntou-se, o espírito ainda embotado. Olhou a luz que brilhava em volta das cortinas corridas. Tinha uma qualidade rosada. Os seus dedos moveram-se sobre os nós dos dedos de Dylan, e ele virou a palma, oferecendo-lhe a mão.

— Quanto tempo dormi? — perguntou ela numa voz abafada.

— São quase oito.

— Da noite? — murmurou, confusa. Não deviam ser mais do que duas da tarde, quando se tinham deitado. Tentou virar-se para o outro lado, dentro do círculo dos braços dele. Dylan soltou-a um pouco e ela virou-se para ele. Olhou a sua barba por fazer, que crescera sensualmente em volta da boca. Ele fez-lhe um aceno, o rosto ensombrado e ilegível com a pouca luz do quarto.

— Dormiste? — perguntou ela, tocando-lhe o queixo com a ponta dos dedos.

Ele limitou-se a abanar a cabeça. Quando o fez, ela viu o brilho dos seus olhos lustrosos. Estivera a dormir durante mais de seis horas. Continuava na mesma posição em que se instalaram quando se tinham deitado. Se ele não dormira, devia estar tão desconfortável, ali deitado sem se mexer.

Ela devia ter apagado por completo. As memórias do que acontecera no escritório pareciam nítidas, mas não tão próximas, de alguma maneira. Não a esmagavam tanto. O sono servira para a distanciar dos eventos bizarros da tarde. O seu corpo e mente tinham-se encerrado para lhe dar espaço.

— Desculpa — disse suavemente, a ideia de ele suportar todas aquelas horas de desconforto para a deixar dormir sem ser interrompida fez com que a emoção a dominasse. — Deves estar todo dorido — disse, esfregando-lhe o ombro e os densos músculos da parte superior do braço. Ele sabia tão bem.

— *Eu* estou bem. E *tu*? — perguntou ele, e, mais uma vez, Alice experimentou a sua preocupada atenção. Nem sequer conseguia começar a imaginar o peso que ele suportara naquele momento; o que teria estado a pensar enquanto ficava ali deitado, sem dormir, a abraçá-la durante horas a fio. Sempre que considerava o fardo que ele carregava desde os catorze anos, isso ameaçava fazer com que as emoções transbordassem como um vulcão em erupção.

Olhou-o firmemente nos olhos, ainda a esfregar-lhe os músculos.

— Eu *vou* ficar bem. Não é como estás a pensar.

Qualquer coisa dardejou pelas feições ensombradas de Dylan.

— O que é que queres dizer com isso? — perguntou ele baixinho.

— Não sou eu que tenho as memórias, Dylan. És tu.

Aquela suave resposta pareceu ficar a pairar no ar entre eles.

Ela engoliu em seco, a garganta congestionada de emoção.

— Eu sei que devia agradecer-te, mas parece tão... — fez uma pausa, com várias palavras a saltarem-lhe à cabeça: *inútil, banal, oco* — ... inadequado dizê-lo — concluiu.

— Não tens nada para me agradecer.

O polegar dela riscou-lhe a cova no queixo. Esfregou-a distraidamente, adorando sentir a sua barba áspera, a sua pele.

— Não concordo. — Abriu uma mão sobre o peito dele, a precisar de sentir a sua força para lhe fazer a pergunta.

— Dylan? Porque é que o Jim Stout pensava que Addie Durand estava morta?

Ele abriu a mão na sua anca. Ela ficou altamente consciente daquela mão.

— De acordo com a confissão do Cunningham, em abril, ambos pensaram que ela estava morta. Foi por isso que nunca fizeram o pedido de resgate. Tinham-na sedado demasiado na manhã depois do rapto.

Ela acariciou-lhe o queixo, absorvendo a sensação de o ter ali.

— Continua — sussurrou.

— O Cunningham levou-a para o carro mesmo antes de o Sol nascer. O plano era livrarem-se do corpo num ribeiro próximo, no campo — disse Dylan numa voz tensa.

Alice conteve a respiração e continuou a acariciá-lo.

— Queres mesmo ouvir isto? — perguntou Dylan.

— Sim — arfou ela.

Durante alguns segundos, continuaram apenas a tocar-se e a acariciar-se mutuamente em grave silêncio.

— Há uma velha ponte ferroviária que passa por cima do ribeiro, a uns oitenta quilómetros daqui. É um sítio desolado no campo.

Ela recostou-se para trás e olhou-o no rosto.

— Estiveste lá?

Ele fez um aceno afirmativo. Uma imagem insinuou-se na cabeça dela, a de Dylan a fazer aquela missão solitária, depois de ouvir a confissão de Cunningham em abril. Doeu-lhe o coração.

Sentiu a sua hesitação.

— Dylan? — incitou-o.

— O Cunningham levou-a para a ponte, planeando atirá-la para dentro do ribeiro — disse rapidamente com o ar de alguém a arrancar com um esticão um penso rápido de uma ferida. — Mas, quando ia começar a soltá-la, viu

os olhos de Addie a abrirem-se, e, no último segundo, percebeu que ela ainda estava viva.

Alice ficou arrepiada.

— Então não a atirou para o ribeiro?

O rosto dele parecia uma máscara de morte.

— Não conseguiu deter-se a tempo. Foi no mesmo segundo em que viu os olhos dela a mexer que a soltou. É uma queda de uns sete metros e meio, dependendo da altura da água naquele tempo.

Alice olhou para ele de boca aberta, os dedos a imobilizarem as carícias. Um medo primitivo e atávico invadiu-a.

— E o que foi que aconteceu? — conseguiu dizer passado um momento.

— Alice, queres mesmo...

— Eu quero saber. Disseste que podia fazer perguntas.

Ele fez uma careta.

— O Cunningham desceu a correr para o leito do rio e seguiu o corpo dela, e finalmente entrou na água e tirou a Addie do ribeiro. Tinha a cabeça ferida, estava a sangrar e inconsciente. Mas respirava — disse Dylan, sombrio.

Ela passou as pontas dos dedos pelo seu maxilar contraído.

— Está tudo bem — sussurrou. Ele agarrou-lhe a mão com a sua.

— *Não*, não está, Alice — disse, a voz grave e rouca a embargar-se ligeiramente.

— Está. Está, sim. Ou vai estar — garantiu-lhe. — Porque é que achas que o Cunningham fez isso? Porque é a salvou depois de... — Experimentou uma sensação de vertigem que lhe roubou momentaneamente o fôlego. Seria por isso que tinha um medo mortal das alturas?

*Não, aquela menina não era eu. Não podia ser.*

*Não penses nisso agora!*

Tirava-lhe o fôlego, pensar em si e naquela adorável pequenina como a mesma pessoa.

— ... de ter atirado a Addie para o ribeiro? — concluiu.

— Acho que isso é óbvio — disse Dylan amargamente. — Ela só valia alguma coisa se estivesse viva. Claro, não foi essa a razão que o

Cunningham alegou, antes de morrer.

— Qual foi a razão que ele deu? — perguntou Alice, a mão a descer sobre as costelas e o abdómen firme de Dylan.

— Ele disse que foi por causa dos olhos dela.

Alice dardejou-lhe o rosto com o olhar.

— O que é que tinham os olhos dela?

— Ele disse que eram enormes e azuis-escuros. Que nunca tinha visto uns iguais — disse Dylan rudemente. — Disse que aqueles olhos o assombrariam até ao dia da sua morte. Disse que foi por isso que concordou em receber-me todos os anos enquanto estive na prisão. Ponderava regularmente na ideia de confessar, mas Cunningham era um covarde — disse ele, o lábio a curvar-se de desprezo. — Não conseguiu obrigar-se a fazer a coisa certa senão quando estava quase a morrer. — Fechou a mão na anca dela. — E embora o desprezasse, pensei na Addie quando o Cunningham me disse aquilo. Pensei para mim, desde essa altura: *Raios*. Quase acreditei que aquele filho da mãe inútil estava a dizer a verdade.

O silêncio cresceu.

Lenta e determinadamente, Alice começou a puxar-lhe a *T-shirt* para cima. Ele agarrou-a pelo pulso.

— O que é que estás a fazer? — perguntou.

— Quero fazer amor.

— Agora? Depois disto tudo? — Ele soava estupefacto.

Ela soltou a mão e enfiou-a debaixo da sua *T-shirt*. A sua pele era quente e macia, os pelos no peito, ásperos, uma sensual delícia sob os seus dedos. Encontrou um mamilo e esfregou-o com a ponta dos dedos.

— *Especialmente* depois disto tudo. És a coisa mais real no mundo para mim, neste momento. Preciso de te sentir mais, não menos — sussurrou Alice, a fazer com que o mamilo dele endurecesse sob as suas atenções. Inclinou a cabeça para cima, procurando-lhe a boca. Como naquela primeira noite nos estábulos, ele não retribuiu o beijo, ao princípio, mas ela sentiu os lábios firmes a cederem. — *Por favor* — murmurou contra a sua boca.

E, tal como na outra vez, ele agarrou-a, dotando-a com o seu calor e a sua força.

Rolou parcialmente para cima dela, boca a conquistar boca, a língua a penetrar-lhe os lábios. Como sempre, ela pertencia-lhe, naqueles momentos. Tudo o resto ficava de lado. O cheiro e o gosto dele inundavam-na. Embriagavam-na. Alice mergulhou os dedos no seu cabelo espesso, puxando-o contra si. Céus, precisava *tanto* dele. A complexidade dos seus sentimentos por ele, uma profundidade de emoção que nunca fizera sentido para ela, no passado, atingiu-a naquele momento. Uma mera visão fugidia do que ele significava para ela e como as suas vidas se tinham entrelaçado misteriosamente cresceu no seu espírito e na sua carne, ameaçando explodir.

Não conseguia compreender todas aquelas coisas. Não conseguia assimilá-las.

Mas conseguia absorver Dylan com todo o coração.

As mãos dele abriram-se no lado das suas costelas, os dedos a apertarem-se em volta das suas costas. Ele estava a abraçar-lhe o coração. Os seus dedos moveram-se e o sutiã abriu-se. As mãos introduziram-se por baixo do tecido, envolvendo-lhe os seios ternamente.

— Alice — sussurrou ele numa voz tensa, a boca a mover-se ao longo da sua garganta. As pontas dos dedos puxavam-lhe suavemente os mamilos. O calor subiu pelo corpo dela, endurecendo a carne que Dylan tocava, suavizando-lhe o sexo. Ele endireitou-se ligeiramente e retirou-lhe o sutiã pelos braços. Ela viu o brilho nos seus olhos escuros quando a encarou um momento depois.

— Tu és um milagre para mim. Foi o que te quis dizer no primeiro momento em que te vi. Quis tanto. Mas não podia.

Os lábios dele percorreram-lhe a pele, e, ao mesmo tempo que a tranquilizavam, também faziam crescer o ardor no seu peito e entre as suas coxas. Beijou-lhe um seio, a boca a fechar-se sobre um mamilo, e Alice arfou e tremeu. Havia fome e possessão no seu toque, mas havia também uma reverência que quase a fez transbordar de emoção.



Sentiu-se outra vez cair, sentiu o familiar, ofegante, combate. A boca dele percorria-lhe as costelas e a barriga. A língua introduziu-se por baixo do elástico das suas cuecas, e Alice deu por si a confiar, a confiar que ele a agarraria, quando caísse.

**D**epois de fazerem amor, Dylan insistiu que ela comesse alguma coisa. Levantou-se da cama para ir à cozinha. Alice viu-o puxar as calças de ganga sobre o rabo macio e musculado e levantou-se da cama.

— Volta a deitar-te — disse ele, as sobrancelhas a arquearem-se. — Eu trago-te.

Ela abanou a cabeça e apanhou a *T-shirt* da carpete.

— Não sou nenhuma inválida.

— Alice...

— Eu quero ir contigo — interrompeu-o ela com um olhar feroz.

Não queria ficar deitada naquela cama sozinha, à espera que o turbilhão de emoções e confusão se aproximasse cada vez mais.

Ele estudou-a com atenção e depois fez um aceno de assentimento.

— Então, veste o robe que te comprei — instruiu, renitente. — Não precisas de te vestir outra vez. A Louise e a Marie já cá não estão, a esta hora.

Na cozinha, Dylan abriu uma lata de sopa e pô-la no fogão a aquecer, enquanto Alice escolhia os ingredientes para fazer sanduíches.

— Importas-te que ligue ao Sidney? — perguntou Dylan enquanto ela dispunha pão em dois pratos.

— Não. Disseste-lhe que lhe ligavas — disse Alice num tom neutro, encontrando a gaveta com os talheres. — Ouvi-o dizer que era médico. Que espécie de médico?

— Psiquiatra. Um dos melhores. Trabalha para a Durand Enterprises e tem uma clínica em Morgantown. Ele vai querer saber como estás.

Ela anuiu com forçada despreocupação, enquanto procurava uma faca para cortar um tomate.

— Alice?

— Sim? — perguntou, erguendo o olhar da sua tarefa.

— Como é que estás?

Ela pestanejou e riu-se.

— Estou bem.

Ele fez um lento aceno com a cabeça, e Alice soube que não tinha acreditado. Mas o que podia ela dizer? Não estava nem de longe como se sentira no escritório, quando ficara convencida de que o receio de toda a sua vida estava prestes a ser revelado, que era filha de Sissy e de um dos seus tios. Que estúpida que fora. Porque é que Dylan se daria ao trabalho de investigar uma coisa *dessas*? Por mais improvável que fosse esse cenário, parecia bem menos bizarro do que aquilo que ele lhe contara em vez disso.

Pegou na primeira rodela do tomate e enfiou-o na boca.

— Diz-lhe só que estou em *stand-by* — disse, enquanto mastigava. Ergueu as sobrancelhas quando Dylan não se moveu. — É uma boa maneira de se estar por agora, não achas? — perguntou-lhe secamente. — Roma e Pavia não se fizeram num dia.

Ele soltou um grunhido suave, claramente pouco convencido, e virou-se para fazer a chamada.

Depois de Dylan falar com Sidney e de jantarem sobre uma bandeja na suite, Alice perguntou se podiam ver televisão. Dylan devia ter sentido que ela estava a lidar com o assunto tentando distrair-se, mas não fez qualquer comentário. Limitou-se a levantar-se e a abrir as portas de um grande armário, revelando uma televisão e sistema de entretenimento. Acalmou-a, como uma calma que antecede a tempestade, ficar deitada sobre as almofadas com os braços de Dylan à sua volta, a mente a esvaziar-se enquanto viam o final de uma comédia num dos canais de cinema.

Bocejou quando os créditos começaram a passar no fim, e virou-se para Dylan.

— Preciso de dormir. Amanhã vou ter um dia muito comprido — disse.

A expressão dele tornou-se rígida.

— De que é que estás a falar?

— O Marco Fernandez vai fazer a sua apresentação de oratória às onze. Vai ensinar a cozinhar chili, e tenho de o ajudar a preparar-se e de dar apoio moral. Ah, e estou a tentar interessar o Terrance em correr, e combinámos

sair bastante cedo. Não te tenho falado muito dele, mas é um miúdo mesmo esperto, gosta de dizer piadas, e não tem ninguém em casa que olhe a sério pela sua saúde. É diabético e perigosamente obeso. Preciso mesmo de lhe ensinar alguns aspetos básicos de saúde. Fiz uma aposta com ele num jogo de futebol. Quando ganhei, desafiei-o a...

— Alice — disse Dylan, interrompendo as suas divagações.

— O que foi? — perguntou ela, surpreendida pelo seu tom abrupto.

— Estás a comportar-te como se pretendesses voltar para o campo amanhã, voltar ao trabalho de monitora — disse ele.

— Claro. O que é que havia de fazer amanhã?

Ele apoiou-se lentamente sobre o cotovelo, dardejando-a com o olhar.

— Já não te lembras do que aconteceu no escritório? Do que estivemos a falar?

Alice percebeu que ele pensava que estava a reprimir as coisas por se encontrar traumatizada, ou coisa do género.

— Eu lembro-me de tudo, Dylan.

— Então porque é que pensaste que ias voltar a ser monitora? Contratar-te foi apenas um esquema que eu e o Sidney arranjámos para te fazer voltar para aqui sem te obrigar a ver as coisas abruptamente, para tentar perceber de quanto te recordavas... se é que te recordavas de alguma coisa.

Ela levou a mão ao coração, como que para aliviar a súbita picada de pressão. Foi como se um fio de água gelada lhe tivesse descido pela espinha.

— Oh, meu Deus. Queres dizer... que não achaste mesmo que eu era suficientemente boa para estar aqui? — perguntou ela, horrorizada. Ela nem sequer tinha considerado aquele ângulo. — Eu estava sempre a pensar que tinha sido um engano. Devia ter percebido! Acho que montes de pessoas... como o Kehoe, por exemplo, só se perguntam o que raio estou aqui a fazer. Não podia ser mais evidente que não este não é o meu lugar...

Ele sentou-se de repente e agarrou-a pelos ombros, fazendo-a sentar ao seu lado. Ela conteve a respiração com aquela ação firme, interrompendo o seu discurso.

— Alice, para com isso. Tu és *mais* do que qualificada para estar aqui. E como é que podes dizer que este não é o teu lugar? Este lugar é teu. Esta casa. A Durand Enterprises. *Tudo*. Eu ainda nem tive oportunidade de mencionar o *trust* que o teu pai...

— Não, *não*, para! — exclamou ela, soando frenética e estúpida até aos seus próprios ouvidos. — Isso tudo é da *Addie Durand* — disse ela numa voz embargada.

A boca de Dylan comprimiu-se. Os olhos pareciam selvagens.

— O meu nome é Alice — continuou ela, trémula. — E a Alice Reed é monitora do Campo Durand. Tenho um milhão de coisas para fazer amanhã, incluindo anunciar aos miúdos que escolhi a Judith como líder da equipa e apagar quaisquer fogos que possa criar com isso. E, ah, é verdade... e vai haver uma grande fogueira na praia à noite, depois do jantar! É a primeira vez que vamos ouvir o total dos pontos das equipas, até agora.

Ele abanou a cabeça, claramente atónito. Sem fala. O coração dela apertou-se.

Pôs-lhe uma mão no queixo.

— Tens de me deixar fazer o que *eu* vim aqui fazer — disse.

— Não pode ser — disse ele. — Não te posso deixar fazer isso.

— Estás a dizer que me vais despedir?

— *Não*. Mas não te posso deixar ir ali para baixo e fingir que o dia de hoje não aconteceu! — bradou ele.

— Eu não estou a fingir nada — replicou. — Eu lembro-me do que te aconteceu a *ti*, Dylan. Céus, nunca me esquecerei — acrescentou sentidamente. — Lembro-me do que aconteceu à Addie. Vai demorar algum tempo até que eu assimile tudo o que isso significa, e, entretanto, vou viver a minha vida. A *minha* vida.

Ele soltou um ronco de incredulidade e olhou em volta do quarto, como que em busca de uma ferramenta que a conseguisse convencer. Os dedos dela enterraram-se nos seus cabelos, as pontas a massajarem-lhe o escalpe. Odiava vê-lo tão tenso, com uma expressão tão desesperada no rosto.

— Eu não estou convencido de que estejas segura lá em baixo no campo — disse ele de repente, como se tivesse encontrado a sua arma de eleição e

a estivesse a brandir finalmente.

Ela fechou os olhos e abanou a cabeça.

— Estou perfeitamente segura. Além disso — acrescentou, aborrecida — não é propriamente como se não tivesses posto ninguém a seguir-me a toda a hora, certo?

O olhar dele estreitou-se perigosamente. Ela não sabia porque é que aquilo lhe ocorrera de repente, mas a reação dele informou-a de que a sua declaração impulsiva acertara em cheio.

— O Sal Rigo? Aquele gestor da Durand? Tu *puseste-o* a seguir-me — disse ela, a fúria a penetrar no seu tom de voz. — Porque é que me mentiste? — fez uma pausa e soltou um som de desgosto. — Claro. Pergunta estúpida. Na verdade, não fizeste outra coisa senão mentir, desde que entrei naquela entrevista em maio.

— Só te menti quando era necessário. Tu própria tens estado aqui a dizer-me que não estás preparada para saber tudo — disse ele, e Alice percebeu pelo maxilar contraído que despertara o seu mau génio com o último comentário. Bem, não podia fazer nada. — Além disso, eu não te menti a respeito do Rigo. Ele e um outro funcionário são do departamento de segurança da Durand. Foram trazidos para cá numa base confidencial, arranjada unicamente por mim, para ficar de olho em ti. Não tem nada a ver com o processo de seleção de executivos para a Durand.

Alice abanou a cabeça, incrédula com a sua admissão de culpa. Recordava-se vagamente de Kehoe ter mencionado no primeiro dia em que chegara que havia mais dois gestores da Durand do que era habitual, naquele verão. *Dylan ataca de novo.*

— Nenhum dos outros gestores sabe a razão por que o Rigo e o Peterson cá estão, nem sequer o Kehoe — continuou Dylan. — O nosso departamento de segurança normalmente não frequenta o campo, e eu disse ao Kehoe à última da hora que pensei que os seus membros também deviam ser incluídos. Ele não podia recusar. Não era uma má ideia. Quanto a ter-te mentido, tu perguntaste-me se o Rigo estava a vigiar todos os monitores da Durand nos seus tempos livres, e eu disse-te que não. O que é verdade —

disse ele com um olhar de lado antes de se levantar da cama. — Só foram contratados para te vigiar a ti.

Ela saltou também da cama e seguiu-o quando ele se dirigiu para a frente de uma cómoda, tirando o telemóvel do bolso das calças.

— Jesus. Era o Rigo ou o Peterson que me estava a seguir no bosque, naquela manhã. Não era? Junto aos estábulos? — quis ela saber.

Um traço de aborrecimento atravessou o rosto atraente de Dylan.

— Falei com o Peterson acerca disso. Idiota. Até parecia a primeira vez que ele seguia alguém na sua vida. E depois o Rigo também estragou tudo quando se deixou ver naquele parque de estacionamento.

A boca de Alice abriu-se de incredulidade. A dor e o embaraço seguiram-na de perto.

— Como é que pudeste não me dizer nada nos estábulos? Como é que pudeste deixar-me continuar tão assustada quando sabias o que se passava o tempo todo?

Ele largou o telefone sobre a cómoda com força e virou-se para ela.

— Raios, o que é que estavas à espera que fizesse? — perguntou, os olhos em chamas. — Estavas louca de medo, e não era por causa de um homem que vinha atrás de ti no caminho do bosque... não completamente, pelo menos. O Peterson só despoletou qualquer coisa em ti, mais nada. Uma memória enterrada de qualquer coisa que aconteceu há muito tempo, um medo genuíno que viveste naquele mesmo sítio! Estavas em pânico, Alice. Estás-te a esquecer onde eu te disse que o rapto teve lugar?

— Não quero falar disso agora — quase gritou Alice.

— Então o que é que esperas que eu faça? — replicou ele com igual intensidade. — Deixar-te andar por aí como um rastilho aceso pelo meio do campo? Deixar-te trabalhar na empresa na cidade e fingir que não podes rebentar a qualquer segundo, que te aconteça alguma coisa traumática?

— Eu não sou assim tão frágil!

— És. És *sim* — bradou ele, agarrando-a pelos ombros para enfatizar o que estava a dizer. A sua voz grave ficou a vibrar nos ouvidos dela como um gongo.

Alice olhou-o nos olhos e viu sem querer o seu desespero. Não conseguia imaginar o que aquilo estava a ser para ele. Como *podia* imaginar, de facto, quando não conseguia compreender verdadeiramente o que lhe acontecera nas últimas doze horas da sua vida?

Nas últimas doze horas? Cada dia, cada minuto de toda a sua vida parecia-lhe de súbito inexplicável. Estava a tentar agarrar-se mentalmente ao que ainda havia de familiar. De conhecido.

Engoliu em seco.

— Não concordo — disse mais baixo. — Mas estou a tentar ver o teu ponto de vista.

— Obrigado — disse ele, as mãos a apertarem-se e depois a abrandarem nos seus ombros.

Ela olhou-o fixamente.

— Mas vou voltar ao trabalho amanhã no campo.

— Alice...

— Nada mudou, Dylan. Os homens que trouxeste para cá para olharem por mim vão continuar a fazer o seu trabalho.

— Tudo mudou.

— Se não concordas com isto, então vais ter de me demitir do meu emprego como monitora. Porque, caso contrário, vou voltar ao campo amanhã. — Foi de imediato atingida por um clarão de arrependimento pela sua dureza não intencional. Ergueu uma mão, acariciou-lhe o queixo áspero, para tentar aliviar alguma da fúria e tensão que ali via.

— Não podes deixar que isto continue indefinidamente — disse ele.

— Não vou deixar — sussurrou ela acaloradamente. — Só preciso de tempo. Não é um pedido razoável? O campo, os miúdos... tudo isso é importante para mim. É território conhecido. Confortável.

Um espasmo percorreu as feições rígidas de Dylan.

— Há tanta coisa que tens de me deixar explicar, Alice. Sinto que vou estar a largar-te no mundo completamente vulnerável. Vais estar em maior risco do que antes.

Ela aproximou-se mais, os braços envolveram-lhe o pescoço. Ele baixou a cabeça lentamente quando ela lhe puxou a nuca. Depois Alice pressionou



os lábios contra os dele, rígidos.

— Eu não sou uma criança. Já não sou. Vou ficar bem. Dylan? — murmurou quando ele não respondeu e manteve-se de lábios hirtos.

— Quero falar com o Sidney, para lhe pedir a opinião — disse ele após uma pausa.

— Está bem — concordou Alice. Tinha a sensação, por algumas coisas que Sidney dissera, que ele teria mais facilidade em aceitar do que Dylan. Como, por exemplo, que era ela que sabia. Os braços dele fecharam-se em volta da sua cintura e puxaram-na contra si. Ela encostou a cabeça ao seu peito.

— E vais continuar a passar as noites e os domingos comigo. Caso contrário, não vou concordar.

Alice sorriu contra um denso músculo peitoral e abraçou-o com mais força.

— Eu não quero que essa parte mude. Se não fosses tu, acho que estaria a dar completamente em louca, neste momento — balbuciou.

Deveria estar mais zangada com Dylan por causa das suas mentiras e manipulações? Talvez. A única coisa que Alice sabia era que não conseguia mostrar qualquer indignação, naquele momento. Se calhar porque estar zangada com ele implicaria que encarava tudo aquilo de uma forma pessoal, o que não era verdade.

A Addie Durand não era *ela*. Ela era a Alice.

Como que para contrariar aquele pensamento forçado, uma visão daquela mulher no corredor, a que usava a pulseira de filigrana dourada, saltou-lhe à mente. Fechou os olhos com força contra o peito de Dylan, quando uma poderosa emoção a invadiu e ela quis desesperadamente oprimi-la. Não queria que Dylan sentisse a sua perfurante angústia.

Agora sabia quem era aquela mulher.

Era a mãe de Addie Durand, Lynn. Estava a chamar a sua filha. Era como se as memórias da pequena Addie se tivessem transplantado na cabeça de Alice, ou pelo menos era o que lhe parecia.

Agarrou-se a Dylan com mais força, desejando que o momento agonizante passasse.

No dia seguinte, mergulhou de cabeça no trabalho. Sempre que começava a sentir-se estranha e desligada, como se estivesse a olhar-se de uma forma independente e afastada, procurava Kuvi, Thad, Dave ou um dos seus miúdos, obrigando-se a concentrar-se na conversa e no momento.

E acabou por ser um dia bastante agradável, apesar de tudo. Mais uma vez, foi recordada de que era uma boa atriz sob pressão. Foi correr com Terrance, este sempre a queixar-se, a bufar, a fazer piadas o tempo todo, enquanto Alice se divertiu imenso com a corrida lenta e o riso incessante. Marco estava extremamente nervoso na sua demonstração de oratória, mas conseguiu vencer o desafio com muito mérito, enquanto Alice se mantinha por perto e desempenhava o papel de assistente de cozinha.

Os seus miúdos ficaram mudos de espanto quando ela anunciara que Judith seria a líder da equipa. Claramente, tinham esperado que fosse Noble D o escolhido. Mas quando Noble foi o primeiro a aplaudir e a soltar uma palavra de encorajamento a Judith, o resto da equipa começou a imitá-lo. Os aplausos começaram timidamente e cresceram em entusiasmo quando Judith se levantou para se colocar ao lado de Alice, tentando ocultar o seu sorriso. Alice percebeu que nunca vira a rapariga sorrir sem uma ponta de sarcasmo ou amargura. A sua felicidade transformava-a.

Antes do jantar, Alice esteve a conduzir uma atividade de tiro com arco com Dave Epstein. O número de campistas interessados tinha aumentado para o dobro da semana anterior, e muitos dos novos participantes nunca tinham experimentado. Em resultado disso, Alice não ficou surpreendida quando as flechas eram lançadas ao acaso e acabavam por cair no bosque. Normalmente esperavam que uma meia dúzia de flechas se transviasse antes de as irem recolher.

— Vou tirá-los deste alvo — disse Dave, querendo dizer que ia impedir que os miúdos atirassem na direção de Alice enquanto ela corria para o limite do bosque.

Alice entrou cautelosamente na linha das árvores, evitando a erva alta e espreitando em volta dos arbustos. Recuperou cinco das flechas, mas tinha de procurar a sexta. Ao fim de vários segundos, viu uma seta laranja no

chão entre dois carvalhos. Desviou os ramos, pegou nela e virou-se para partir.

— ... porque é que não podes só dizer-me o que é que se está a passar.

Alice parou ao ouvir a voz feminina ali perto. O tom era irritado e tenso. Cautelosamente, espreitou para trás de um tronco de um carvalho. Viu Thad e Brooke numa clareira afastada a uns seis metros de distância.

— Achas que devia ter recusado? — perguntou Thad.

— Não, claro que não. Mas porquê todo este interesse *nela*? Não faz nenhum sentido — disse Brooke, e Alice ouviu o desespero no seu tom.

— Não me vou defender outra vez neste assunto. Não te menti em nada.

Brooke aproximou-se mais dele. O rosto de Thad pairou sobre o seu rosto virado para cima.

— Como é que achas que eu me sinto? — perguntou Brooke numa voz embargada. — Sabendo que praticamente toda a gente no raio do campo pensa que estás louco por ela?

— Não posso fazer nada a esse respeito. Ela não sente nada por mim, por isso, que diferença faz?

— Faz toda a diferença do mundo — disse Brooke, infeliz.

— Então porque é que estás aqui comigo? — perguntou Thad baixinho, a mão a envolver-lhe o queixo. A sua cabeça dourada baixou-se. As suas bocas fundiram-se.

Lentamente, cuidadosamente, Alice fugiu dali.

Quando foi emparelhada com Kuvi para prepararem a fogueira na praia, Alice teve tempo para pensar no que tinha visto no bosque. Em muitos sentidos, era reconfortante para ela ter qualquer coisa concreta e complexa com que se distrair. É verdade, o que vira e ouvira preocupava-a e confundia-a, mas pelo menos era melhor do que se focar em tudo o que ficara a saber na véspera no escritório de Dylan.

Tinha a certeza que era dela que Brooke estava a falar. Alice não conseguia pensar em qualquer outra pessoa que os colegas do campo pudessem suspeitar que Thad estava interessado. Tinha a certeza que ele nunca dera qualquer impressão de gostar de Brooke. Alice pensara que o

interesse de Brooke nele era totalmente unilateral. Mas era óbvio que estava errada. Perturbava-a pensar que Thad a estivera a enganar propositadamente.

— Alguma vez viste o Thad e a Brooke juntos? — perguntou Alice a Kuvi enquanto dispunham grossos troncos num enorme círculo na praia para servir como limite exterior para os miúdos.

— Claro — disse Kuvi, franzindo o sobrolho e erguendo-se da posição de joelhos em que se encontrava. Sacudiu as mãos. — Ela anda sempre atrás dele, como uma viciada atrás da sua droga preferida.

— Bem, isso eu sei — disse Alice. — O que queria dizer era... se alguma vez o viste a corresponder ao seu interesse?

Kuvi abriu muito os olhos. Pareceu, de repente, pouco à vontade.

— Tens alguma razão para achar que ele te anda a enganar? — sussurrou.

— Enganar? Não, Kuvi, estás errada, eu e o Thad nunca...

— A sério? — guinchou. Pareceu surpreendida, e depois aliviada. — Ainda bem, porque eu estava em brasa, sem saber se havia de te dizer ou não.

— Dizer-me o quê? — perguntou Alice, largando um tronco na areia.

— Tu disseste que ias estar fora no fim de semana, por isso pensei... sabes como é, que tu e o Thad iam para um sítio qualquer juntos, ou coisa do género. Mas depois vi-o no domingo à noite com a Brooke, na doca. Pareciam muito amiguinhos, pelo que consegui ver. Na verdade, até fiz figura de parva e chamei por ti. Pensei que era contigo que o Thad estava.

Alice abanou a cabeça.

— Não era eu. Eu não ando com o Thad.

Kuvi franziu as sobrancelhas.

— Ei... então por onde é que tens andado todas estas noites?

— Tenho querido falar contigo acerca disso — começou ela, sabendo que estava na altura de confessar pelo menos o seu caso com Dylan Fall à colega de quarto, senão as outras coisas tremendas que soubera na véspera. Alice não conseguia sequer imaginar como explicaria *essa* história a qualquer outra pessoa.

Ouviu-se uma voz a chamar. Três outros monitores vinham na sua direção trazendo enormes braçadas de lenha.

— Explico-te quando tivermos a primeira oportunidade — prometeu-lhe Alice apressadamente. — Mas, Kuvi? Vais ter de prometer não falar disto a ninguém, quando te contar.

Kuvi acenou ansiosamente, o olhar preocupado. Os outros monitores aproximaram-se e interromperam a sua conversa.

Naquela noite, acenderam a fogueira ao crepúsculo, e os campistas e pessoal reuniram-se todos na praia, estendendo-se na areia a bebericar refrigerantes e a assar *marshmallows*. O pessoal noturno já tinha chegado, mas os monitores ficavam de serviço até mais tarde, por causa da fogueira. Só ao final da noite o pessoal noturno assumiria a supervisão dos miúdos. Alice já explicara a Dylan que chegaria mais tarde do que o habitual.

À medida que o colorido e fabuloso pôr do sol se dissipava, Alice viu relâmpagos longínquos no céu a ocidente, o que só contribuía para aumentar o excitado ambiente da noite. A multidão estava ansiosa por ouvir os pontos totais das equipas. Toda a gente foi mandada sentar na praia. Alice e Judith organizaram a Equipa Vermelha à sua volta. Sebastian Kehoe iria anunciar pessoalmente a contagem de pontos após uma semana de campo. Havia montes de expectativa no ar.

Enquanto Kehoe falava numa voz ribombante de onde se encontrava, perto da fogueira, a escuridão instalou-se à volta deles. Alice e os seus miúdos estavam sentados perto do limite exterior do círculo, virados para o lago e para a fogueira e de costas para o bosque. A luz das chamas era mais fraca junto do seu grupo. Um relâmpago fez-se ver de novo sobre o céu a sudoeste, iluminando os contornos de enormes nuvens de tempestade. A eletricidade pareceu pairar no ar, deixando-lhe os braços arrepiados.

Kehoe começou a anunciar os pontos para cada equipa, mas Alice estava distraída. Sentia uma comichão na nuca. Olhou de relance para trás, tentando perscrutar a escura linha das árvores à distância. Foi percorrida por um arrepio. Era *aquela* bosque. Não estavam muito longe do sítio onde Addie Durand fora raptada.

Onde Dylan fora esfaqueado.

Estremeceu.

— Está tudo bem?

Pestanejou, concentrando-se no rosto de Judith iluminado pela fraca luz da fogueira.

— Sim. Foi só um pequeno arrepio — replicou suavemente. — O que é que achas? Temos alguma hipótese? — perguntou, com um aceno na direção de Kehoe.

— Vai ser difícil — disse Judith. — A equipa do Thad está quilómetros na frente dos outros todos, até agora.

— Não sei. Pode ser renhido — sussurrou Alice.

— Tens razão. A Equipa Vermelha tem boas hipóteses — balbuciou Judith com um ar decidido, endireitando-se e inclinando a cabeça para ouvir Kehoe. Alice reprimiu um sorriso. Era a primeira conversa pacífica que alguma vez tivera com a rapariga. Era bom ouvir Judith a tomar posse da Equipa Vermelha.

Apesar dos seus pensamentos, foi de novo distraída pelo bosque atrás de si. Olhou por cima do ombro, a tentar ver para além das sombras. Um trovão rugiu à distância.

— Caramba, ele deixou-nos mesmo para o fim — comentou Judith, desesperada, um momento mais tarde, a roer uma unha.

— A Equipa Vermelha — anunciou Kehoe. — Monitora Alice Reed e líder de equipa Judith Arnold: o total da primeira semana é de seiscentos e quarenta e sete pontos.

Alice sobressaltou-se com a explosão de gritos e berros de triunfo que irromperam de todos os seus miúdos. Tinham batido a Equipa Laranja de Thad por dois pontos!

*Talvez eu tenha chegado aqui em circunstâncias suspeitas, mas não me estou a sair muito mal.*

Mal podia acreditar. A rir, trocou um impulsivo abraço com Darcy e depois com Judith.

— Então, agora já não somos falhados, pois não? — disse baixinho ao ouvido de Judith. Esta fez-lhe um olhar severo quando se separaram, mas a

sua felicidade era demasiado grande para se rebelar naquele momento. Em vez disso, fez um enorme sorriso.

— Quem disse que éramos falhados? — perguntou com fingida inocência.

— Ninguém, claro — replicou Alice, a bater palmas e a celebrar pelos seus miúdos.

Depois de toda a gente se acalmar, uma das gestoras da Durand disse que era tradição contar-se histórias de fantasmas à volta de uma fogueira. Anunciou que os miúdos podiam ganhar pontos de oratória para a equipa se se oferecessem como voluntários.

— E está uma noite ótima para isso — disse a gestora, acenando para o céu a sudoeste, onde os relâmpagos continuavam. — Algum voluntário?

Matt Dinorio, sentado ao lado de Judith, levantou a mão e acenou impetuosamente. A gestora chamou o seu nome. Alice foi percorrida por um arrepio de trepidação. De repente, os pequenos pormenores da história de fantasmas de Matt saltaram-lhe à mente, ganhando uma nova vida e significado.

*Posso-vos contar uma história de fantasmas no campo Durand que é verdadeira... aquela sobre a mãe que anda a assombrar o bosque e o castelo porque a sua bebé foi ali assassinada e ela anda à sua procura... estou-vos a dizer, é verdade!... Falei com um dos meus professores acerca disso, depois de ouvir a história, no ano passado, e o professor Glycer disse que se lembrava de qualquer coisa que tinha acontecido há uns anos, aqui mesmo no Campo Durand. Saiu nos jornais todos.*

*Oh, não.*

Ficara tão distraída com o que soubera no dia anterior que não juntara as peças no seu cérebro. A história de Matt era uma versão alterada da história de Addie Durand, um fantasma do acontecimento que devia ter abalado Morgantown e a área circundantes vinte anos antes. Crystal devia saber. Fora por isso que a supervisora noturna se mostrara tão pronta em negar a verdade da história. E, de facto, Crystal não mentira. *Nenhum campista* fora raptado. Crystal não quisera assustar os miúdos, por isso abafara a

conversa. Alice perguntou-se se os empregados do campo Durand andavam a fazer a mesma coisa há anos, mesmo que não conseguissem apagar inteiramente o rapto Durand da consciência pública.

— Matt — disse Alice numa voz tensa quando o rapaz se começou a levantar. — Não vais contar a história sobre a miúda que foi raptada no Campo Durand.

— Já tenho tudo pensado — disse-lhe Matt, excitado, em voz baixa, enquanto sacudia a areia das calças. — A Crystal ficou zangada na outra noite porque eu disse que tinha acontecido aqui. Ela pensou que isso ia assustar os miúdos mais novos. Eu vou contar a história de uma maneira mais genérica, vou dizer que aconteceu num bosque qualquer aqui na região, não no Campo Durand — sibilou-lhe ele antes de se lançar por entre a multidão.

Desapareceu como uma seta, ficando para além do alcance da voz de Alice, a não ser que ela quisesse gritar-lhe e fazer uma cena. Ficou a ouvir, pouco à vontade, enquanto Matt começava a sua narrativa, acrescentando mais pormenores e drama ali junto à fogueira do que tinha feito na sala de convívio da Equipa Vermelha, algumas noites antes.

—... este homem e a mulher... os pais — estava Matt a dizer —, adoravam a sua filha. Ela era o seu mundo, e era tudo tão maravilhoso para eles, eram tão felizes. Mas tudo isso mudou numa escura noite de tempestade de verão... uma noite muito parecida com esta — disse Matt, os olhos a moverem-se dramaticamente sobre o seu público, atraindo-o para a história. — Nessa noite, a mãe tinha ido dar um passeio para visitar uns amigos. Demorou mais do que tinha previsto. Uma tempestade aproximou-se rapidamente, e fez a noite cair mais cedo do que o normal. Ela tinha levado a filha, que adormecera durante a visita. Por isso a mãe teve de a levar ao colo por um caminho no bosque escuro, para chegar a casa. Estava muito nervosa, não conseguia afastar a sensação de que estava a ser observada.

»E estava *mesmo* a ser observada por entre as árvores. Havia uns raptos no bosque, à espera, e eles arrancaram a menina dos braços da sua mãe. Num segundo, a sua filha estava ali, e no segundo seguinte a mãe estava



sozinha a gritar pela sua bebé... gritos que ainda se podem ouvir ecoar naquele bosque até aos dias de hoje.»

A pele de Alice estava toda arrepiada. Ela esfregou os braços, a tentar diminuir a pele de galinha que se formara na sua carne. Olhou de relance para o bosque nas suas costas, pouco à vontade. A fogueira devia estar a começar a enfraquecer, porque as sombras pareciam agora mais próximas...

— Bem, aqueles homens assassinaram a menina; mataram-na a sangue frio — disse Matt solenemente, e tinha agora toda a atenção dos campistas. Até Alice, que estava altamente perturbada pela história, não parava de escutar, enquanto os seus pulmões ardiam por ter contido a respiração. — E quando a mãe soube que a filha tinha sido assassinada, enlouqueceu. Já não queria viver, depois de a sua filha lhe ter sido arrancada dos braços daquela maneira e assassinada. Estava fora de si de tristeza. Por isso, uma noite, a mãe...

— Com licença, peço desculpa por interromper — disse um homem em voz alta.

Alice sobressaltou-se e deu um pulo quando alguém lhe tocou no braço. Viu-se frente a frente com o rosto de Dylan, chocada. As pontas dos dedos dele roçaram-lhe levemente pelas costas, como que num furtivo gesto de conforto, antes de ele se endireitar.

— Com licença — disse de novo, o olhar a encontrar-se com o dela muito rapidamente. — Posso passar? Tenho um anúncio para fazer a toda a gente.

Alice desviou-se, como fizeram os outros miúdos à sua frente, abrindo caminho para Dylan poder passar por entre a multidão. A figura escura e autoritária parecia emitir luz à sua volta, com a fogueira por trás. Kehoe levantou-se para ir ao seu encontro quando ele chegou ao centro do círculo. Alice observou ansiosamente enquanto os dois homens conferenciavam em voz baixa. Toda a gente começou a tagarelar entretanto, curiosos e interessados quanto à razão da interrupção.

Dylan virou-se e ergueu uma mão. As conversas silenciaram-se.

— Infelizmente, vou ter de pedir a todos que recolham às vossas cabanas — disse em voz alta. — Vem uma grande tempestade a caminho. O pessoal

noturno pode organizar rapidamente as suas equipas, por favor? Toda a gente deve recolher-se o mais depressa possível.

Alice levantou-se com todos os outros, espantada e inquieta com a interrupção.

Embora ainda faltassem quinze minutos para a hora a que combinara encontrar-se com Dylan, Alice saiu da cabana e entrou no bosque. A tempestade aproximara-se, e ela soube, de alguma forma, que ele estaria à sua espera naquele momento, antes que rebentasse. O ar parecia crepitar com a eletricidade, e os trovões faziam-se ouvir sinistramente mesmo por cima do campo.

De repente, sentiu uma mão roçar-lhe o braço e virou-se para ele na escuridão. Abriu a boca para dizer qualquer coisa — não sabia muito bem o quê, porque estava demasiado ansiosa para lhe perguntar se interrompera a «história» de Matt naquele ponto particular de propósito — mas depois a boca dele estava a cobrir a sua, quente e possessiva, e os seus pensamentos dispersaram-se sobre o calor que o beijo lhe provocou.

Um trovão ribombou no céu, mais alto, desta vez.

— Anda — disse Dylan urgentemente junto aos seus lábios. — A tempestade está prestes a rebentar.

Seguiu-o pelo meio da escuridão total, já não tão hesitante como estivera na primeira noite, confiando na sua orientação. Quando chegaram à entrada do bosque, a seguir ao estábulo, colocou-se atrás dele, os braços à volta da sua cintura. Ele levou-a para o meio das árvores e ela estremeceu apesar do ar quente e húmido. As árvores dançavam e gemiam à sua volta. Um chocante relâmpago tornou o bosque iridescente por um momento, deixando a impressão de que a cabeça e os largos ombros de Dylan estavam a arder. Os pelos dos seus braços eriçaram-se, e parecia-lhe que cada centímetro da sua pele vibrava com a eletricidade.

A chuva começou a chicotear-lhe a pele no momento em que entraram nos terrenos do castelo.

— Anda. Vai cair mesmo em cima de nós — disse Dylan, fazendo-a correr pela vertente acima. O vento e a chuva socavam-na, quando

chegaram ao terraço das traseiras. Um trovão ribombou, e Dylan estava a fazê-la subir as escadas das traseiras para se abrigarem por baixo da caleira. Destrancou a porta e fez-lhe sinal com a mão para entrar na sua frente para a sala de entretenimento ainda às escuras. Ela esperou, ofegante, enquanto ele trancava a porta e introduzia o código no sistema de alarme. Quando se virou para ela, o ar condicionado fizera com que a sua pele molhada se arrepiasse. No pátio, o vento dobrava já as árvores e agitava os ramos como se fossem feitos de borracha e não de madeira.

— É *mesmo* uma tempestade enorme — comentou baixinho quando ele a olhou.

— Achaste que estava a inventar? — perguntou Dylan, aproximando-se dela. Sem desviar o olhar, atirou as chaves para uma mesa próxima, causando um sonoro tilintar de metal contra a madeira. Apesar da referência que fizera, na noite anterior, sobre ter de ir à empresa, em Morgantown, ela perguntou-se se ele não teria ficado antes a trabalhar em casa. Estava de calças de ganga e uma camisa aos quadrados azuis e brancos. Ainda não fizera a barba. Com aquela sombra escura a adensar-se no rosto, parecia mesmo um verdadeiro pirata. Parecia um pouco perigoso.

*Sexy como o raio.*

— Não, não é isso. Foi só o *momento* em que optaste por interromper a atividade. Dylan, aquela história que o Matt estava a contar, era... — engoliu em seco, esfregou os braços gelados — uma espécie de mito urbano sobre a Addie? Era, não era? — sussurrou quando ele não respondeu de imediato e a sua expressão continuou inexpressiva como uma máscara. Ele abraçou-a, as mãos a abrirem-se nas suas ancas.

— Eu contei-te como tudo aconteceu realmente. Eu estava lá. Quem melhor do que eu para o saber? Aquela é só uma história de fantasmas que tem sido embelezada ao longo dos anos.

— Sobre o fantasma de uma mulher que assombra este bosque? — disse Alice, a estudar com atenção o rosto atraente junto ao seu, enquanto o coração acelerava nos seus ouvidos. — A mãe da menina...

— Agora não é altura para falar nisso — interrompeu-a Dylan. Deu mais um passo em frente, e ela sentiu o calor do corpo dele a penetrar a sua *T-*

*shirt* e o volume por trás da braguilha. Pressionou-se contra ele, contendo um gemido quando o desejo invadiu de rompante a sua consciência.

— Então é altura para quê? — perguntou. Ele inclinou a cabeça e ela ergueu o queixo. A pergunta provocadora era a sua forma de ocultar a súbita punhalada de medo que a percorreria. Dylan tinha razão. Ela não queria falar sobre Lynn Durand, naquele momento.

— Acho que tu sabes — disse ele, com uma curva sombria na forma dos lábios. As mãos desceram para o seu rabo coberto pelos calções. Envolveram-lhe as nádegas. Depois, dobrando os joelhos, fez deslizar o pénis entre a junção das suas coxas. — Estive preocupado contigo o dia todo.

— Lamento. Eu estive bem — sussurrou-lhe ela depois de um trovão se silenciar. O brilho dos olhos dele na sala escura estava a fazê-la estremecer, mas desta vez não era de medo. Dylan ergueu as mãos para lhe acariciar o maxilar. Ela sentiu um frémito de excitação quando as suas mãos grandes a seguraram firmemente. Ele elevou-lhe mais a face.

— Prova-me, Alice. Prova-me que estás bem — disse ele com a voz rouca antes de conquistar a boca dela com a sua.

Ela ergueu as mãos e enterrou os dedos no seu cabelo. A avidez espalhou-se pelo seu corpo com garras ferozes, poderosa e crescente. Fora mesmo há algumas horas que estivera pela última vez entre os seus braços?

Ele começou a despi-la um momento depois, ao mesmo tempo que continuavam a procurar-se com a boca, o beijo, voraz. Só se afastaram relutantemente depois de ele lhe tirar a *T-shirt* e o sutiã, para Dylan lhe puxar os calções pelas coxas abaixo. Alice descalçou as sandálias e ajudou Dylan a arrancar-lhe as roupas. Assim que se libertou delas, ele agarrou-a, a boca dura e entreaberta de excitação.

— Vem cá — balbuciou rudemente, virando-a firmemente nos braços. Pressionou-a contra si, o corpo nu contra o seu com roupas, as costas dela contra a sua parte da frente. As mãos dele acariciaram-lhe a barriga e as ancas, puxando-a mais contra si. Apesar do calor que a inundava, a pele dela continuava arrepiada, tanto pelo ar fresco da sala climatizada como por sentir o seu toque quente. As mãos dele moviam-se gananciosamente,

deslizavam contra a sua pele demasiado sensível, moldavam-lhe as ancas, a cintura, os seios, com a curva das mãos. Ela sentia a sua fome contida a custo, um fervilhante desejo sexual que era fortificado por uma negra e gloriosa intensidade de emoção que Alice conseguia sentir, embora não conseguisse sondar inteiramente. A boca dele pressionava-se contra o seu pescoço. Ela estremeceu descontroladamente quando a chuva começou a desabar com mais força sobre o terraço e a caleira lá fora e os relâmpagos a iluminar a sala escura. O longo corpo de Dylan curvou-se sobre o seu, o pénis pressionado contra o alto das suas nádegas e o fundo das costas. Uma mão envolvia-lhe um seio, a outra deslizava ao longo da sua pélvis e coxa. Ele mordeu-lhe um ombro.

— Dylan — gemeu, trémula, a tentar virar-se nos seus braços, procurando o louco arrebatamento do seu beijo. Mas a mão na sua anca manteve-a no mesmo sítio, e depois abriu-se entre as suas coxas. Ela arfou, ao sentir-se presa. Ele cobriu-lhe o sexo inteiro, aplicando uma doce pressão ao mesmo tempo que roçava o pau contra ela.

— Não gosto que estejas lá em baixo naquele campo, Alice. Não posso controlar o que te acontece — disse-lhe ao ouvido, e a sua voz era uma grave e fértil sedução.

— Não podes controlar o que acontece em cada segundo do meu dia — gemeu ela, porque ele lhe estava a beijar e morder a orelha, ao mesmo tempo que lhe apalpava um seio e exercia uma estonteante pressão no seu sexo, e tudo aquilo era tão escaldante e delicioso.

— Talvez não — arfou ele. — Mas neste momento posso.

Moveu a mão ligeiramente e introduziu o indicador entre os seus lábios vaginais. Soltou um grunhido e beijou-lhe a orelha mais intensamente enquanto lhe esfregava o clítoris escorregadio. Ela gritou, trémula, com o ardor.

— Tão bom, querida, tão quente e molhada — silvou-lhe ele ao ouvido. — Anda cá. — Recuou e ela seguiu-o. Deixou-se cair no sofá, puxando-a consigo. Alice soltou um gritinho de surpresa quando aterrou no seu colo. Antes de ter recuperado da queda, ele pôs-lhe as mãos nas ancas nuas e começou a fazê-la girar contra o seu pau.

Alice gemeu, rendendo-se ao momento. Arqueou as costas e deixou-o esfregá-la contra si, juntando-se à subtil dança erótica. Os relâmpagos iluminavam a sala e os trovões rasgavam o céu noturno. Sentia a eletricidade correr-lhe nas veias, arrepiar-lhe a pele. As mãos grandes de Dylan cobriram-lhe o rabo, e ele gemeu duramente.

— Levanta-te por um segundo — ouviu-o dizer por entre o martelar da chuva. Deixou-se deslizar por entre as suas coxas afastadas e os seus pés encontraram a carpete. Sentiu o barulho atrás de si e soube que ele estava a desapertar as calças.

— Não, não te mexas. Mantém os pés no chão — vociferou ele quando Alice começou a endireitar-se e a virar-se para ele. E depois aquelas mãos estavam de novo nas suas ancas e a puxá-la de volta para o seu colo. — Senta-te em cima de mim — ordenou, com a voz tensa. Fechou um braço em volta da sua cintura, e inclinou-se para a frente no sofá. Depois ela sentiu a mão dele a mover-se entre os seus corpos e o roçar da cabeça do seu pau contra o sexo.

Gemeu baixinho quando ele a fez descer e sentiu o pau a abrir lentamente caminho dentro da sua rata. Quando finalmente se sentou no seu colo, tinha o pau dele a palpitar bem fundo dentro de si, e ele abraçou-a com mais força, os lábios e os dentes a moverem-se ao longo do seu ombro, fazendo disparar as terminações nervosas.

— Agora posso controlar-te, Alice — ouviu-o dizer sombriamente por entre o rugido da chuva.

E era verdade, pensou ela por entre uma névoa de denso desejo. Ele podia fazer-lhe o que quisesse, naquele momento, que ela teria suplicado por mais.

Dylan fez deslizar uma mão ao longo do fundo das suas costas, incitando-a a inclinar-se para a frente. A sensação de completude e pressão amplificou-se. Ela colocou as mãos nas suas coxas duras para se equilibrar. Quando ele pediu, começou a mover-se. Ele erguia-a e voltava a fazê-la descer em cima do seu pau com os braços fortes, mas Alice era uma participante ativa e ardente. Nunca fizera amor naquela posição, mas compreendeu intuitivamente o movimento necessário. De pés no chão, os

joelhos dobrados, ia fletindo as pernas num movimento para cima e para baixo sobre o colo dele.

Parecia-lhe excitante e lascivo, a sua vulnerabilidade e nudez salientadas pela posição e a frequente iluminação do quarto com os relâmpagos. Dylan agarrava-lhe as ancas possessivamente, enterrando-a fortemente no seu pau. Os seu gemidos roucos misturavam-se com a trovoada e a chuva, e com o som dos seus corpos a chocarem um com o outro a um ritmo primitivo. A fricção era intensa. Ideal. Ela ardia por todo o lado: nas pontas dos seios, por baixo das mãos firmes de Dylan, ao longo das coxas fletidas... em volta do seu pau ágil e exigente.

Ansiava pelo alívio. Procurou-o, o choque dos seus corpos e o rugido da chuva a tornar-se uma louca cacofonia nos seus ouvidos. O ardor nas coxas que se fletiam rapidamente deu lugar a uma dor quase insuportável. Soltou um grito desesperado com o desconforto, mas nunca cessou o movimento no seu colo, demasiado ébria de prazer.

No entanto, ele devia ter ouvido a sua dor, porque a fez cair sobre o seu pau e manteve-a firme no colo.

— Chhh — rosnou-lhe ao ouvido quando ela soltou um vagido desesperado. A mão procurou entre as suas coxas. Encontrou-lhe o clítoris, e esfregou e agitou a carne sensível.

Ela acendeu-se como uma lamparina, o prazer a percorrê-la como faíscas.

Regressou a si com a sensação dele a fazê-la subir e descer tensamente no seu colo, perfurando-a com investidas curtas e firmes. Não demorou muito tempo. Ele mergulhou-a no seu colo, os dedos a enterrarem-se nas suas ancas e nádegas.

— É *aqui* que eu te quero, Alice — rosnou. Os olhos dela abriram-se mais quando sentiu o pau dele tornar-se enorme dentro de si. — Nunca consigo ficar feliz quando te afastas demasiado.

Ela ficou de olhos fixos no terraço açoitado pela tempestade, mas sem o ver realmente. A única coisa que sentia era o pau dele a estremecer na sua carne e a enchê-la com o seu sémen quente. Roucos gemidos de prazer encheram-lhe os ouvidos. Mas, na sua cabeça, continuava a ouvir aquelas

palavras ecoarem vez após vez, como se tivessem ficado gravadas no seu espírito.

Quando a monumental tensão abandonou o corpo dele, deixando-o caído sem forças no sofá, Alice levantou-se. Virou-se e ele estendeu-lhe os braços.

Ela enroscou-se no seu colo, os joelhos encostados às suas costelas, a face ao seu peito. Ele envolveu-lhe a cabeça com uma mão, as pontas dos dedos a massajarem-lhe o escalpe. O outro braço contornava-lhe a cintura, protegendo-lhe a nudez do frio do ar condicionado.

O rugido da chuva transformou-se num suave murmúrio, e a trovoadá num rumor distante. Alice sentiu que estava a fundir-se com ele.

— A tempestade está a afastar-se — murmurou.

— Hmmm — confirmou ele, soando saciado.

Distraído.

Ela ergueu as ancas e viu-lhe as feições ousadas à luz de um relâmpago.

— O que foi? — perguntou Dylan baixinho, os dedos hábeis a transferirem-se para a parte de trás do seu pescoço. Fechou brevemente os olhos com o prazer, enquanto ele massajava o músculo tenso.

— Estás mesmo assim tão preocupado? — perguntou ela. Abriu os olhos.  
— Não há razão para isso.

Dado o seu grunhido suave, Dylan continuava pouco convencido. Ela mordeu o lábio. Apesar de toda a sua confusão e da dificuldade em absorver os acontecimentos dos últimos dias, havia uma pergunta que se recusava a ser reprimida ou em ficar no fundo da sua mente.

— Dylan?

— Sim — balbuciou ele.

— Posso fazer-te uma pergunta?

Os dedos que a massajavam imobilizaram-se.

— Sobre a mãe da Addie? — perguntou, desconfiado.

A garganta dela comprimiu-se.

— Não — sussurrou ela. — Acho... acho que não quero falar disso, esta noite.



Os dedos retomaram a sua massagem.

— Concorde. Há tanta coisa que ainda tens de saber. Tanta coisa para absorver. Tudo o que tem a ver com... os pais da Addie... a mãe dela... pode esperar — disse ele, sombrio. — Então, qual era a tua pergunta? — perguntou.

— Porque é que fizeste amor comigo naquela primeira vez?

Ele não respondeu de imediato. Um relâmpago que iluminou a sala — mais fraco do que os anteriores — permitiu-lhe ver a sua cara. Seria a sua imaginação ou ele parecia atónito com aquela pergunta?

— O que é que queres dizer com isso?

— Quero dizer... — Interrompeu-se de súbito. O que é que ela queria dizer? Tudo lhe parecia tão novo e estranho, e era tão complicado tentar assimilar o que lhe acontecera desde que entrara num gabinete e vira Dylan Fall, a barragem de informação bizarra que recebera no dia anterior...

E agora, ali sentada, aninhada no seu abraço protetor depois da devastadora tempestade do sexo. Que enormes e alucinantes alterações e mudanças tinham ocorrido.

— Fizeste amor comigo para teres mais controlo sobre mim? — Percebeu como aquilo soara tão negativo, e apressou-se a atenuar o efeito. — Quero dizer, para teres uma boa desculpa para me teres contigo durante a noite... para ficares com uma melhor ideia do que se passava comigo no campo Durand? Dylan? — insistiu ela, hesitante, após uma pausa, porque ele interrompera os relaxantes movimentos de massagem no seu pescoço e não respondeu.

— Não sabes porque é que fiz amor contigo naquela primeira vez? — perguntou. Ela ouviu a incredulidade no seu tom, mas não compreendeu o significado.

— Não. Devia saber? — perguntou, confusa.

Ele deslizou as mãos ao longo do lado do seu pescoço, o movimento a deixá-la hiperconsciente da congestão que sentia na sua garganta. Depois envolveu-lhe o maxilar com as duas mãos, num gesto terno.

Precioso.

— Fiz amor contigo porque nunca desejei tanto uma coisa na vida como te desejei naqueles estábulos, e em todas as outras vezes desde então.

— Por causa de tudo o que tiveste de passar — perguntou ela, trémula. — Por causa da Addie...

— Não foi por causa da Addie — interrompeu-a. — Foi por causa da Alice.

Um relâmpago iluminou-o por um breve momento. Ela perguntou-se o que tinha visto na sua expressão. Tocou-lhe o rosto, abismada, como se julgasse poder captar o que vira com as pontas dos dedos, imprimi-lo na sua alma.

— Eu sabia que ia gostar de ti — disse ele bruscamente quando ela lhe tocou os lábios. — Não fazia ideia de que me ia apaixonar.

A respiração dela prendeu-se de emoção.

— Foi uma complicação inesperada? — perguntou com uma suave gargalhada.

Ele acariciou-lhe as faces com os polegares, e o aperto que ela sentia na garganta transferiu-se para o peito.

— Foi o que pensei ao princípio — disse ele, a envolvê-la com os braços. Alice pousou a cabeça no seu peito, segura e reverente no ninho dos seus braços. — Agora parece-me mais o destino. Ou uma bênção — ouviu-o sussurrar contra o seu ouvido.

Foi então varrida por uma intensa emoção.

O que ele lhe estava a contar era nada menos do que um milagre.

Teria ela chegado a um ponto em que podia confiar em milagres? Não sabia. Mas ali, naquele momento, o crescente sentimento que nutria por Dylan era maior do que o buraco negro de dúvida e cinismo dentro de si.

— As próximas semanas ou meses vão ser difíceis, por vezes. Desafiadores — disse Dylan. — Ainda tens tanto para assimilar, tanto para aprender. Mas quero que te lembres do que acabei de te dizer, acima de tudo. Alice? Promete-me.

Envolveu-lhe a nuca com as mãos. Alice virou o nariz para o seu peito, inalando o seu odor, deixando-o dissipar os resíduos das suas inseguranças

e ansiedade. Quando estava com Dylan, os medos e as desconfianças tornavam-se tão pequenos.

Uma dúvida, porém, parecia manter-se agarrada ao seu coração.

Ergueu a face, procurando-lhe os lábios na escuridão.

— Prometo — disse. As suas bocas fundiram-se. Ela não conseguiu deter o estremecimento de emoção que a percorria; não conseguiu escondê-lo.

— Alice? — As sobrancelhas de Dylan arquearam-se.

Encostou a testa à dele.

— Tenho medo — admitiu, com a garganta embargada.

Ele apertou-a com mais força.

— Eu sei. Nem posso imaginar como terão sido estes últimos dias para...

— Não é isso. Não é disso que tenho medo. Não neste segundo, pelo menos — disse ela.

— Então?

Alice arfou suavemente contra os lábios dele, a verdade cortante como uma faca.

— Tenho medo porque seria capaz de te prometer quase tudo.

## BIOGRAFIA



BETH KERY cresceu numa casa construída no séc. XIX, o que cultivou o seu amor pelo mistério e o paranormal. Quando não estava à procura de passagens secretas e fantasmas com os seus amigos, devorava livros de fantasia e romances, a par de qualquer outro livro que lhe caísse nas mãos. Hoje em dia tenta equilibrar a sua exigente carreira com o seu amor pela sua cidade, pelas artes e pela vida familiar, e a sua escrita reflete a paixão que tem por tudo isso. Já adulta, começou a investigar a fundo os mistérios do romance e do sexo. É uma autora de êxito com mais de trinta livros e contos publicados, e escreve igualmente sobre o pseudónimo de Bethany Kane. Beth acredita, principalmente, que escrever uma intensa e apaixonada história de amor preenche o leitor a nível sensual, emocional e intelectual.

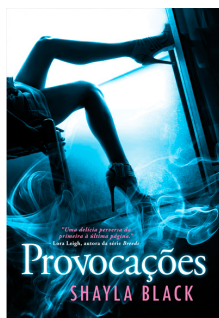
*Mais informações em*

[WWW.CHADASCINCO.COM](http://WWW.CHADASCINCO.COM)

LEIA NAS PRÓXIMAS PÁGINAS UM EXCERTO DO LIVRO DE SHAYLA BLACK

## PROVOCAÇÕES

*UMA NOITE DE DESEJO LOUCO MUDOU A SUA VIDA... E FÊ-LA ESQUECER O PASSADO.*



Alyssa Devereaux é dançarina de strip, gerente do clube onde dança e dona de um recém-inaugurado restaurante sofisticado. A jovem desafia as aparências, provando ser muito mais do que aquilo que mostra com o corpo. Independente e decidida a não se prender a ninguém, Alyssa vê-se obrigada a questionar tudo depois de uma noite de loucura tórrida com Luc.

A fim de honrar um compromisso, Luc é o *chef* convidado para a abertura do restaurante de Alyssa. Simplesmente olhar para ela inflama Luc de desejo. Como vai aguentar uma semana sem lhe tocar? O desejo desesperante de Luc explode quando percebe que não é o único que se rende à sensualidade da jovem — e entre os homens, há um que se aproxima demasiado. Fará ele parte dos segredos de Alyssa, tão misteriosos como as fantasias que ela lhe provoca?

*Mais informações em*

[WWW.CHADASCINCO.COM](http://WWW.CHADASCINCO.COM)

## Capítulo Um

**V**ou entrar tão fundo em ti, que nunca te esquecerás de que aqui estive.

Alyssa Devereaux estremeceu perante a memória daquela promessa gutural, proferida ao mesmo tempo que tinha sido envolvida por músculos tensos e carência masculina. Luc Traverson. Até o seu nome lhe causava picadas escaldantes de desejo no estômago. Luc tinha cumprido totalmente aquela promessa: Alyssa nunca o esquecera, nem por um instante.

A noite que este tinha passado na sua cama fora incrível, mágica. O que era dizer bastante, tendo em conta que Alyssa há muito que tinha deixado de acreditar em contos de fadas. Ser envolvida pela força inabalável de Luc tinha sido o paraíso. Naquela noite, sob o seu olhar, não se sentira apenas como uma mulher desejável, mas como se fosse *a única* mulher. A intimidade... oh, meu Deus. Escaldante. Para além de a ter feito perder a cabeça, tinha-lhe dado uma nova definição de prazer. Os seus infinitos olhos escuros tinham-na penetrado enquanto a atingia com estocadas poderosas; o seu cabelo comprido e negro pendia em redor de ambos os rostos, anulando toda a realidade exceto as suas exigências sussurradas e respiração pesada, enquanto a montava, orgasmo após orgasmo.

Luc tinha-lhe deixado o corpo febril, tinha-a levado onde nunca pensara que um homem a pudesse levar. Tinha-o feito vezes sem conta, ao longo de seis horas. Nunca se cansou, nunca ficou satisfeito. Voraz, ávido e incrível. Alyssa já tinha tido sexo suficiente ao longo da sua vida, para saber que tinham partilhado algo mais do que isso.

Na manhã seguinte, Luc tinha desaparecido. Nem um bilhete, nem uma explicação. Alguns dias depois, tinha-lhe enviado flores, juntamente com um pedido de desculpa por qualquer incómodo ou dor que lhe pudesse ter causado. Alyssa tinha ficado irritada, um pouco magoada... mas não tinha ficado realmente surpreendida. Mesmo assim, não estava disposta a desistir. Só pela possibilidade de voltar a vê-lo, Alyssa tinha quebrado a sua própria regra e tinha-lhe telefonado. Duas vezes. Luc nunca tinha respondido

pessoalmente às suas chamadas. Em vez disso, a sua assistente tinha-lhe ligado para dizer simplesmente que Luc iria cumprir a sua parte do acordo. Nada mais.

Alyssa não tinha significado nada para ele. Sim, tinha percebido que ele não a respeitava, antes da noite que tinham passado juntos. Tinham-se conhecido quando ela fez *strip* na despedida de solteiro do amigo dele, uns anos antes. De alguma forma, Alyssa tivera esperança de que ao abrir-se totalmente para ele, Luc mudasse de opinião. Estúpida. Mesmo assim, Luc era tudo o que ela sempre desejara num homem: atraente, bem-sucedido, capaz de amar profundamente, sensível, sexy... Não ia desistir dele sem mais nem menos.

— Boa-tarde, patroa. — Tyler Murphy lançou-lhe um assobio baixo e prolongado, com o olhar a vaguear-lhe pelo corpo abaixo, enquanto Alyssa saía das traseiras do clube e parava em frente ao palco. — Estás muito gira.

— Tyler. — Alyssa cumprimentou o gigante de cabelo cor de areia. — O teu trabalho é olhar para os clientes, não para mim.

— Visto que ainda não abrimos, não está cá ninguém para expulsar. Além disso, não gosto de fazer olhinhos a universitários bêbados, nem a homens casados e com tusa. De que cor são as ligas que tens debaixo dessa saiazinha preta?

O seu segurança tinha feito parte de algum tipo de força policial — nunca lhe tinha dito qual — e tinha-se licenciado num curso de Engenharia. Tyler tinha muito a seu favor. Ninguém fazia ideia porque tinha aceitado trabalhar ali como segurança. Mas nos poucos meses que tinha estado com Alyssa, tinha provado ser indispensável. Havia dias em que o negócio dela *precisava* dele. Na verdade, era uma pena que o seu coração não precisasse também. Por baixo das suas pestanas, Alyssa lançou-lhe um olhar repreensivo:

— Nunca direi.

— Oh, vá lá. Dá um ossinho ao cão.

Alyssa olhou-lhe de relance para o entrepernas.

— Parece que já tens um.

Tyler piscou o olho e sorriu-lhe de forma sedutora.

— É tudo para ti.

Era bonito, parecia tirado da capa de uma revista de culturismo, inteligente, engraçado, de confiança. Mas ao fim dos longos dias a gerir o Sereias Sensuais — o mais famoso clube de *strip* de Lafayette, Louisiana — e a tentar abrir um restaurante, quando Alyssa caía na sua cama solitária à noite, não eram os pensamentos sobre Tyler que a assolavam. Essa honra estava reservada exclusivamente para Luc Traverson.

E ao fim de pouco mais de três meses de separação, Luc estaria ali naquele dia.

*Sente-me. Siiim. És tão apertada, é tão bom. É isso, doçura. Vem-te para mim. Outra vez.*

A voz de Luc, um pecado envolvido em veludo, mergulhado em mel, não lhe saía da cabeça. Até a sua memória a deixava com calor. Os pensamentos acerca daquela noite conseguiam sempre deixá-la aturdida e desorientada. Queria aquilo outra vez. Queria Luc novamente.

— Olá? Terra chama Alyssa.

Tyler. *Ops.*

— Desculpa. Ando tão preocupada com o restaurante ultimamente.

Tyler fitou-a com aqueles olhos verdes que viam demasiado.

— Então pratos lavados e ementas deixam-te com essa expressão corada, de quem quer ser fodida?

— Vai procurar uns bêbados para espancar.

— Preferia ficar contigo.

Tyler cruzou os braços sobre o peito amplo. Os seus bíceps incharam sob a sua t-shirt preta e justa. Era mesmo atraente. E desejava-a; não o escondia. Alyssa podia arranjar bem pior.

— Como se chama ele? — suspirou Tyler.

— Quem?

— O homem que te deixou com esse ar carente. Não sei se quero dar-lhe uma coça ou um aperto de mão.

— Não há ninguém na minha vida — tecnicamente, era verdade. Para além de se ter envolvido com Luc, não tinha sexo havia anos.

— Mentirosa.



Naquela fase da conversa, Tyler costumava dizer em tom de brincadeira que não se importava nada de ser essa pessoa. Naquela tarde, parecia ter-se apercebido de que algo estava diferente.

— És boa demais para estar sozinha. As miúdas veneram-te. Tratas toda a gente de forma justa e trabalhas mesmo muito. És mais querida do que acreditas. Não matas ninguém quando aquele parvalhão do vereador Primpton aparece para arranjar problemas. — Lançou-lhe um olhar pensativo. — Tens passado por muito, mereces uma pausa.

Se Alyssa não tivesse cuidado, a preocupação de Tyler ia fazê-la chorar. Seria maravilhosamente fácil deixar-se levar pela autocomiseração — e seria uma completa perda de tempo. Alyssa pousou as mãos nas ancas.

— Não está destinado.

— Talvez devesse adiar a abertura do restaurante por umas semanas.

— Porquê?

Tyler perdeu o controlo. Esticou-se para ela, acariciando-lhe o braço com a mão enorme, num gesto reconfortante.

— A tua mãe só se foi há duas semanas.

Alyssa ficou tensa.

— Já não a via há catorze anos.

— Não importa. Ainda estás a lidar com a perda.

Tinha-o feito, com uma mistura de sentimentos. Raiva, dor, tristeza, fúria, uma necessidade de desatinar com a mulher que nada tinha feito para a ajudar ou compreender. Pena que tivesse sido tão egocêntrica.

E ao lado da sua sepultura, tinha estado a tenebrosa razão para a rutura entre ambas: Joshua. Mesmo ao fim de doze anos, a mais de trinta metros e através de um par de óculos de sol de duzentos dólares, o sacana com cara de menino era inconfundível. Pelo menos, não a tinha visto. Deus sabe o que lhe teria feito, se tivesse.

Alyssa afastou aquele pensamento.

— Tyler, agradeço a tua preocupação, mas despendi demasiado tempo e energia nesta abertura para a adiar. Tenho de pôr o restaurante a funcionar para poder entrar dinheiro. Além disso, de que é que adiantava choramingar por causa da minha mãe?

Tyler envolveu-lhe os ombros, num gesto terno.

— Saíste daqui às três da manhã, e a Sadie disse-me que voltaste às oito. Querida, tens de dormir e dar tempo a ti mesma para fazer o luto.

Alyssa preferia não o fazer.

Inclinando-se para a frente, beijou-o suavemente na bochecha.

— Um dia, vais ser um ótimo marido.

— Estás a pedir-me em casamento?

Alyssa bufou.

— Pareço-te do tipo de ter uma casa com cerca branca? Põe esse rabo a trabalhar.

— Sim, senhora — Tyler fez-lhe continência e virou costas, para voltar para trás logo a seguir. — Ah, esqueci-me de te dizer, está aqui um tipo qualquer para te ver. Um *chef* qualquer.

— Luc Traverson? — sussurrou Alyssa.

— Sim. Disse que vocês tinham hora marcada. Não parecia muito satisfeito. É o tipo que vai fazer o espetáculo do *chef* convidado esta semana?

Alyssa ouviu a pergunta de Tyler, mas não respondeu. Em vez disso, olhou para trás dele, para a porta da frente do clube.

*Bum!* Ali estava ele, com mais de um metro e oitenta e o corpo elegante e esguio, mas tenso. A sua visão era como um golpe visceral. Alyssa engoliu em seco... e deixou que o seu olhar faminto o devorasse. O cabelo escuro a pender em redor dos seus ombros largos, as calças de ganga a abraçá-lo em todos os sítios certos. Aqueles olhos escuros e penetrantes. Uma onda de calor tomou o corpo de Alyssa. O seu coração não começou simplesmente a bater mais depressa; descontrolou-se completamente. Ficou com muito mais do que as palmas das mãos húmidas. Cambaleou, aturdida pelo entusiasmo.

Tyler apanhou-a. As suas mãos robustas deslizaram-lhe pela cintura para a segurar. Depois olhou para trás, em direção a Luc.

— Deves estar a brincar comigo. Ele?

*Oh, sim. Ele, definitivamente.*

— Cala-te, Tyler — Alyssa afastou-se e deu um passo em frente, decidida. Luc Traverson estava ali. Finalmente. Alyssa fez os possíveis por

esconder um sorriso malicioso. Era impossível voltar a ignorá-la; ia certificar-se disso.

...

Até conhecer Alyssa Devereaux, alguma vez tinha ficado duro como pedra só por olhar para uma mulher do outro lado da sala? Luc não gostava da resposta. Não tinha de imaginar o que estava debaixo daquela saia minúscula; já sabia. Coxas macias envolvidas por ligas de uma qualquer cor concebidas para levar um homem à loucura. Uma tanga de renda que revelava mais das suas qualidades do que o que escondia. E debaixo disso... O toque e o sabor das suas pregas inchadas e escorregadias bombardearam-lhe a memória e deixaram-no acelerado, como se tivesse injetado combustível para foguetes na corrente sanguínea.

E agora tinha de trabalhar ao lado de Alyssa durante uma semana. Que inferno. Como é que ia evitar que se repetisse o acontecimento que queria esquecer, mas não conseguia?

*És um profissional. Cozinha e guarda as mãos para ti.* Além disso, tinha mais em que pensar. As negociações para o seu programa na TV por cabo estavam quase a terminar. Tinha algum trabalho de edição para fazer no seu último livro de culinária. Não haveria muito tempo livre naquela semana, mas o pouco que houvesse iria ocupá-lo.

Evidentemente, Alyssa também tinha a sua própria forma de ocupar o tempo. O enorme bloco masculino ao seu lado, cuja bochecha ela tinha beijado há instantes, estava com uma t-shirt do Sereias Sensuais esticada no peito enorme. Um empregado de bar? Um segurança?

Quem quer que fosse, lançou um olhar possessivo a Alyssa, demasiado evidente para Luc, e depois fulminou-o com o olhar.

Controlando a sua fúria irracional, Luc lembrou a si mesmo que se Alyssa queria foder com o seu pessoal, o problema era dela. A ânsia violenta de desmembrar o seu empregado acabaria por passar.

Alyssa deu um passo na direção de Luc, e depois outro.

— Senhorita Alyssa — uma mulher chamou-a pelas colunas, com uma voz provocadora e sensual. — É a sua vez!

Alyssa parou. Fechou os olhos. Suspirou. Estaria a preparar-se?

Depois, como se a hesitação nunca tivesse existido, lançou-lhe um olhar frio e azul, apontou para a cadeira em frente ao palco, deu meia volta e encaminhou-se para os bastidores a passos largos. Luc não conseguiu conter-se. Observou-a a afastar-se, com o balanço daquelas ancas curvilíneas a atraí-lo como o canto de uma sereia. Raios. Se estivessem sozinhos, não teria conseguido evitar tocar-lhe, ponto final.

A não ser que quisesse ter outro encontro com o seu lado selvagem e descontrolado, tinha de esquecer a promessa imprudente que lhe fizera e fugir daquele trabalho. Imediatamente. Com relutância, Luc arrastou-se até à frente do palco e sentou-se na cadeira que Alyssa lhe indicara. Assim que ela terminasse o que raio estivesse a fazer e falasse com ele, dir-lhe-ia que o acordo estava cancelado. Que raio, até lhe pagaria pelo inconveniente.

Se ficasse, a sua pila iria metê-lo em apuros. Iria despir Alyssa e meter-se no meio das suas pernas em dois minutos. Ou menos. E isso seria mau. Luc estava à procura da Sra. Certa, uma mulher simples que quisesse filhos tanto como ele e que o ajudasse a manter o seu monstro sob controlo. Alyssa Devereaux, *stripper* divina, definitivamente *não* era essa mulher.

De repente, a música ribombou nas colunas, retumbando com uma batida atrevida, o deslizar malicioso de um instrumento de sopro. Cada nota sugeria sexo — daquele escaldante, suado, sem limites. Daquele que Luc tivera com Alyssa e queria voltar a ter.

Puxando a camisa larga por cima do colo para esconder a ereção, Luc observou Alyssa enquanto esta subia para o palco, pavoneando-se. Tinha apanhado o cabelo liso e platinado num puxo desgrenhado no cimo da cabeça e vestido um bolero vermelho com lantejoulas. Luc estava ansioso por ver o que trazia por baixo. A forma como Alyssa se mexia era um convite... e uma promessa.

Alyssa fincou os pés enfiados em sapatos de salto alto à frente de Luc, com um passo decidido. Depois balançou as ancas, fazendo um círculo sensual. Encostou a palma da mão à pele nua do seu abdómen bronzeado —

e começou a fazê-la descer. Desceu... tão devagar. Luc ficou com a respiração presa no peito até que finalmente Alyssa tocou em si própria. *Oh, porra.*

Os dedos de Alyssa deslizavam entre as suas pernas, e esta atirou a cabeça para trás, como se estivesse em êxtase total.

Luc engoliu em seco. Começou a suar.

Sacudindo a cabeça, Alyssa voltou a fitá-lo, e os seus olhos eram como lasers azuis, abalando-o até aos dedos dos pés. Caramba, notavam-se bem as suas nove semanas a sair com administradoras paroquiais, decoradoras de interiores e professoras da primária. Nenhuma lhe tinha causado uma ereção. Durante essa época, tinha acordado a meio da noite mais do que uma vez, a suar, com a pila na mão e o nome de Alyssa nos lábios. Agora, há menos de cinco minutos na sua presença, estava pronto a explodir.

Tinha de pensar nas palavras certas começadas por «F»: futuro e família. Infelizmente, com Alyssa por perto, a ânsia de voltar a fodê-la matava-lhe as boas intenções.

No instante seguinte, Alyssa soltou as madeixas suaves do seu cabelo, que lhe abraçou os ombros, colou-se aos seus seios, e namoriscou com a sua cintura. Depois despiu o pequeno blusão e atirou-o para o chão com desleixo, expondo uma meia-blusa minúscula, que Luc era capaz de jurar que mostrava as sombras das suas auréolas. Alyssa passou por cima do blusão e avançou até ao varão, ao centro do palco. Quando o agarrou com ambas as mãos e ondulou contra ele, pressionando-o contra a junção das suas coxas, Luc quase sufocou.

E ela continuava a fitá-lo, como se estivesse a dançar só para ele.

A música tornou-se mais intensa, gemendo com sensualidade e de forma sugestiva. Alyssa subiu a parada, enfiando um dedo na caverna húmida que era a sua boca e chupando. Mais sangue desceu rapidamente à pila de Luc, perante a memória da boca dela em seu redor, a sua língua escorregadia a atravessar-lhe a glândula, incitando um fervor que lhe queimava todo o corpo. Mesmo meses depois, conseguia sentir o chicotear da sua língua, a seda escaldante da sua boca. Estremeceu.

Com um sorriso felino, Alyssa tirou o dedo da boca e arrastou a ponta húmida pelo decote abaixo. Depois a palma da sua mão assumiu o comando, amaciando o seio direito, com uma expressão de quem convida ao puro pecado no rosto deslumbrante.

Meu Deus, não era de admirar que ela tivesse construído um pequeno império ali, em Lafayette. A mulher era um sonho molhado ambulante e era boa no que fazia. Nenhum homem heterossexual de sangue quente podia suportar uma provocação tão intensa e manter a sanidade mental.

Pelo canto do olho, Luc viu o empregado de Alyssa, aquele em que ela tinha tocado antes, a avançar furtivamente para o palco. Virando a cabeça depressa, Luc viu rapidamente que a montanha de t-shirt preta e justa estava tensa, a arfar e a ostentar uma protuberância que dizia estar pronta para a ação. Luc gostaria de poder dizer que aquilo não o irritava. Mas estaria a mentir. Então, quando voltou a olhar para o palco, quase se esqueceu do próprio nome.

Alyssa virou-lhe as costas e dobrou-se pela cintura, fitando-o por cima de um ombro praticamente nu, com uma expressão tão provocadora que o deixou atordoado. Luc agarrou os braços da cadeira, obrigando-se a ficar sentado, e não subir a correr para o palco, estendê-la e penetrá-la novamente naquele instante.

A alça fina do seu pequeno *top* estava a cair-lhe pelo braço. E aquela saia indecente... Com Alyssa dobrada, o vislumbre das suas nádegas nuas espreitava por baixo da seda preta. As suas ligas eram de um vermelho chamativo. A tanga — Luc conseguia ver apenas um pedaço dela — era a condizer.

Os seus dedos macios subiram de forma provocadora pela canela, pela coxa e desapareceram debaixo daquela saia minúscula. Com os olhos semicerrados, a boca de Alyssa abriu-se num gemido silencioso, de aparente prazer autoinfligido. Todo o corpo de Luc estava tenso. Tinha de sair dali.

As mãos dela subiram pelas ancas ondulantes, levando a saia com elas. Alyssa puxou a pequena peça de roupa preta e esta voou para o chão. As metades bronzeadas do seu traseiro, divididas por um pedaço de renda

vermelha, impuseram uma luxúria renovada no peito de Luc, tornando-lhe difícil respirar.

Alyssa tinha um rabo lindo. Mas ele já sabia isso. Luc fechou os olhos com força para que a tentação visual da sua carne nua não o provocasse. Em vez disso, foi assolado pelas memórias de lhe invadir o traseiro. A sua total disponibilidade em aceitá-lo de todas as formas que ele quisesse. O aperto do seu corpo húmido e almiscarado, a prendê-lo. O suor a pingar de ambos enquanto a penetrava profundamente. Os gemidos dela.

Jesus, a luxúria ardente tinha de parar — pelo menos até conseguir dizer-lhe que não ia ficar.

A rezar para que a tortura terminasse em breve, Luc abriu os olhos. E susteve a respiração.

Alyssa lançou-lhe um sorriso atrevido e convidativo ao mesmo tempo que rasgava o pequeno *top* mesmo à frente, revelando um sutiã vermelho de meia copa que mal lhe tapava os mamilos. Mamilos rijos. Mamilos rosados, capazes de derreter na sua boca, dos quais se lembrava bem demais.

Luc contorceu-se na cadeira — e quase ejaculou como um adolescente. Mais do que excitado, a sua pila estava tão sensível, que a sensação da ganga a deslizar-lhe contra a glândula quase o fez vir-se.

Tinha de se ir embora. Que se lixasse a conversa educada; ia enviar-lhe um e-mail com uma explicação, porque se ficasse, iria pôr de parte os seus objetivos a longo prazo e fodê-la até perder os sentidos.

Enquanto se levantava, Luc reviu mentalmente uma lista de *chefs* — mulheres — a quem poderia pagar para ajudar Alyssa naquela semana. Era uma lista curta, mas com alguns nomes resistentes. Enviaria receitas à prova de idiotas... O sutiã vermelho caiu ao chão, aos pés de Alyssa.

Os seus seios enormes eram tão dourados como o resto do seu corpo e balançavam graciosamente a cada movimento sinuoso, cada passo. Aqueles mamilos de que se lembrava tão bem chamavam-no, dizendo-lhe «Prova-me».

*Vai-te embora!*, ordenou a si mesmo.

As suas pernas não se mexeram.

Alyssa desceu as escadas a dançar, levantando os seios como se fossem uma oferenda. Passou pelo empregado excitado, a pavonear-se, e lançou-lhe um sorriso divertido ao acariciar-lhe a face. Luc ficou tenso quando o tipo musculado tentou tomá-la nos braços. Mas Alyssa era demasiado rápida e rodopiou para fora do seu alcance, na direção de Luc.

A mancha húmida na parte da frente da sua tanga foi como um soco no estômago. Luc cerrou os punhos à medida que ela dançava mais perto, mais perto... Alyssa deixou-se cair de joelhos à sua frente e olhou para cima. Os seus olhares ficaram presos um no outro. Alyssa arquejava profundamente. Apesar das calças de Luc, a sua respiração quente acariciava-lhe a pila. Tinha os tomates a ferver, e não lhe tinha tocado uma única vez. Era impossível evitar esticar-se para enrolar-lhe os dedos no cabelo e trazer-lhe a boca para mais perto. Mas quando o fez, agarrou ar. Alyssa já se tinha afastado, pavoneando-se, com aquele seu corpo dourado a queimar-lhe o cérebro.

A música ribombou uma última vez, enquanto esta se deixava cair no palco com habilidade, estendendo o corpo com as pernas abertas, os joelhos dobrados, as mãos a taparem parcialmente os seios e as costas arqueadas... como se estivesse pronta para que ele a cobrisse, a possuísse.

Luc deu um passo na sua direção. Depois forçou-se a parar e respirar fundo. Não tinha queda para a autodestruição e não ia deixar-se apanhar na armadilha agora.

Ao seu lado, o segurança musculoso aplaudia freneticamente e assobiava como um homem possuído.

— Isso foi sensual, patroa. Caramba!

Alyssa levantou-se e sorriu, deixando cair os braços ao lado do corpo, como se estivesse completamente inconsciente ou despreocupada por estar a mostrar os seios ao seu funcionário e ao seu *chef* convidado.

*Este era o emprego dela*, lembrou a si mesmo. Costumava mostrar o corpo a estranhos e fazia sabe-se lá o que mais com eles. Porque é que deveria interessar-lhe quem lhe via as mamas?

— Obrigada! Tenho andado a trabalhar na coreografia há algum tempo.



— Na parte final, se precisares de cair aos pés de alguém, eu ofereço-me.  
— O seu segurança piscou-lhe o olho.

— Vou lembrar-me disso.

Alyssa pegou no bolero, enfiou os braços nas mangas curtas e depois cobriu os seios com as lapelas. Mais ou menos. A peça de roupa não tinha presilhas à frente, por isso ficou aberta, exibindo um decote e o volume generoso dos seus seios à medida que descia as escadas.

— Sr. Traverson, é um prazer voltar a vê-lo. — Estendeu-lhe a mão. Estaria à espera que a tocasse de uma forma profissional? Luc preparou-se para a corrente elétrica que o trespassava sempre que tocava naquela mulher. Mas por mais que se preparasse, isso não reduziu o choque que sentiu quando lhe apertou a mão.

— Menina Devereaux. Temos de falar. Há algum lugar mais sossegado? Mais... — Luc olhou de relance para o segurança, que o fitava com um olhar curioso e intrometido. — Privado?

— Tyler. — Alyssa estalou os dedos. — Volta ao trabalho. São quatro horas, certo? Abre as portas. — Depois voltou a olhar para Luc. — Siga-me.

Como se ele pudesse resistir quando ela virou aquele rabo fantástico na sua direção e se afastou a pavonear-se... Impossível.

Luc seguiu-a para os bastidores e depois desceram um corredor que tinha sido pintado de preto. Luzes vermelhas brilhavam no teto, dando às traseiras um toque gótico que contrastava com o ambiente acolhedor da área pública. Depois desceram até uma sala, ao fundo. Branca. Reconfortante, com fotos a preto e branco na parede. Com salpicos de vermelho, nas flores de seda e numa cadeira de escritório.

Alyssa escancarou a porta e depois fechou-a atrás de Luc, assim que este entrou. Este apercebeu-se de que não se ouviam os sons do clube. Inclinou a cabeça, à escuta do silêncio puro.

— É à prova de som — confirmou Alyssa, empoleirando a anca na beira da secretária, numa pose descontraída que, de alguma forma, gritava sexo. — É terrivelmente difícil tratar da contabilidade às duas da manhã, com as Pussycat Dolls a darem-nos cabo dos ouvidos.

Aquilo fazia sentido, mas não tinha nada a ver com aquela reunião.

— Oiça, eu...

— Antes de tratarmos de negócios, posso pedir-lhe uma opinião em relação ao meu número? Já não danço à volta de um varão há dois anos. Perdi a prática.

Ela já não dançava à volta de um varão há dois anos? Uau... Luc não frequentava clubes de cavalheiros — achava que não tinham nada de cavalheiresco — por isso, não tinha termo de comparação. Mas se ela achava que tinha perdido a prática, Luc concluiu que provavelmente teria um ataque cardíaco, se alguma vez a visse no pico da sua forma.

— Porque me pergunta?

Alyssa fez uma careta.

— Para além do Tyler, que gosta de tudo o que eu digo ou faço, era o único homem a assistir. Preciso de uma opinião masculina. Resultou para si?

*E de que maneira.*

— Hum... Foi bom.

— Bom. — Alyssa suspirou. — Preciso que seja ótimo. Raios! Esta noite é o quinto aniversário do Sereias Sensuais, e prometi atuar. Já não o faço. Mas vou esforçar-me mais quando subir ao palco, logo à noite. Obrigada pela opinião.

Se ela se esforçasse mais, provocaria orgasmos instantâneos em metade do público, nos primeiros trinta segundos.

— Então, como tem estado? — O seu sorriso iluminou-lhe todo o rosto, toda a sala. Raios, todo o corpo de Luc.

— Ótimo. Muito ocupado. E a Alyssa?

— Oh. — Revirou os olhos. — Incrivelmente ocupada! Não fazia ideia que o ramo da restauração era tão duro. O Luc sabe perfeitamente, claro. Mas ainda estou a aprender. Seja como for, estou contente que esteja aqui. Tenho estado ansiosa por vê-lo em ação. — O seu sorriso era, só por si, uma provocação. — Na cozinha, claro.

A temperatura corporal de Luc voltou a subir. Se não fosse embora rapidamente, ela iria vê-lo em ação na cozinha e em qualquer outro lugar

em que a deixasse fodê-la. Mas como poderia dizer aquilo sem a perturbar? Estava em dívida para com ela, sem dúvida.

— Ouvi dizer que o seu primo se casou — comentou Alyssa.

Luc tentou não se encolher.

— Sim. O Deke e a Kimber casaram há uns meses.

Alyssa fez uma pausa, inclinou a cabeça, analisou-o com aqueles olhos azuis e frios.

— Não se importa com isso? Sei que também teve um relacionamento com ela.

Sim, um relacionamento que quase tinha acabado com a morte do seu maior sonho. Tinha-se envolvido num *ménage* selvagem com Kimber e o seu primo, sabendo que esta amava Deke. Ainda assim, Luc tivera esperança de casar com ela, de que Deke a engravidasse e que todos vivessem como uma família feliz. Demasiado cedo, os outros dois tinham formado um casal e tinham-no deixado sozinho. Provavelmente, a sua última oportunidade de criar uma criança com uma gota que fosse do seu sangue tinha saído porta fora com eles.

Hesitou e depois fugiu à pergunta.

— Ela continua a ser especial para mim.

Não era uma mentira, mas também não era a verdade completa. Kimber e Deke não precisavam de mais ninguém, e Luc só os tinha atrapalhado. Tinha aceitado isso porque embora adorasse Kimber, não a amara. Contudo, quisera a única coisa que eles lhe podiam ter dado; por vezes, queria-a tanto que essa ânsia lhe dilacerava o peito.

Queria um filho. E não podia ser pai.

— Sente-se bem? — perguntou Alyssa. — Posso oferecer-lhe uma bebida?

Não. O que tinha de fazer era sair dali antes que deixasse que a sua pila o levasse a cometer atos estúpidos, como esquecer o facto de que tinha de encontrar uma mulher aceitável, que quisesse um filho tanto quanto ele. Alyssa... era sensual, determinada, toda ela mulher, generosa e espantosa no escuro. Mas não era a mulher ideal para ter filhos com ninguém. Se Luc acabasse por seguir a vida da adoção, bastaria os assistentes sociais olharem

para Alyssa uma vez e saíam a correr, aos gritos. Mesmo que ela quisesse filhos agora — e porque haveria de querer? — não lhe parecia que ela concordasse em dar um salto ao banco de esperma mais próximo ou em passar por várias rondas de fertilização *in vitro*. Queria um homem que pudesse ser pai dos seus filhos da forma normal.

Aos trinta e cinco anos, Luc já deveria ter ultrapassado há muito aquela ânsia ofuscante por sexo, típica dos adolescentes; o tipo de ânsia que eliminava qualquer pensamento lógico. Alyssa não iria ajudá-lo a obter o que mais desejava na vida. De alguma forma, teria de dar a notícia à sua pila.

Caramba, nunca preferira ser impotente, em vez de estéril. Essa era nova.

— Não, obrigado. Alyssa, não posso ficar.

— Agora? Deve estar cansado. Não faz mal. Faço-lhe uma visita guiada ao restaurante e à cozinha amanhã de manhã. Fica só a uns quarteirões daqui. Encomendei toda a comida indicada pela sua assistente e...

— Esta semana, quero dizer. Não posso fazer isto.

— Outro compromisso? — O seu tom ríspido teria mostrado que estava irritada, embora a sua expressão impassível não o denunciasse.

Luc queria mentir, mas já estava a deixá-la pendurada. Mentir só iria piorar as coisas, e ela merecia a verdade.

— É pelo que se passa entre nós.

— Fomos para a cama, e agora não podes cozinhar para mim? O que é que uma coisa tem a ver com a outra, exatamente?

Luc passou o peso de um pé para o outro. Merda, aquilo não estava a correr bem.

— Ouve, desculpa o que te fiz...

— Estás a pedir-me desculpa por me teres feito ter tantos orgasmos que perdi a conta? Tenho de ouvir a razão disto.

Como raio é que ela não entendia?

Passando uma mão rígida pelo seu cabelo até aos ombros, resmungou:

— Caramba, eu estava frenético. Trespassei-te. É impossível que tenha sido delicado ou atencioso. E peço desculpa. Tenho a certeza de que não te pedi permissão antes de... — Meu Deus, nem conseguia falar com ela sobre

sexo anal sem voltar a ficar duro como pedra. — Não seria boa ideia eu ficar, simplesmente.

Alyssa juntou as lapelas do seu pequeno blusão, numa tentativa inútil de tapar os seios. Tudo o que fez foi proporcionar uma melhor vista do seu decote. E deixá-lo ainda com mais tesão.

— Pareceu-te que me importei, naquela noite?

Luc engoliu em seco.

— Não compreendes? Provavelmente imploraste-me que parasse. E eu não parei. Não me lembro de te ouvir. Se ficar esta semana, não posso garantir que não voltarei a perder a cabeça. Não te quero magoar.

— Eu não sou de vidro — assegurou-lhe Alyssa. O seu sussurro causou-lhe um arrepio na espinha.

— Há outra pessoa. — Mais ou menos. Três encontros não constituíam uma relação. Olhando para os traços voluptuosos e para o corpo de modelo de Alyssa, Luc não conseguia visualizar o rosto de Emily, nem que a sua vida dependesse disso. Mas ia casar com ela. Ou com alguém como ela. Alyssa simplesmente não era o tipo de mulher que Luc visse como estando disposta a brincar às mamãs quando ele finalmente encontrasse uma forma de ser pai.

— A Kimber? Ainda andas a fazer *ménages* com o teu primo e a mulher dele?

Não, e nunca mais voltaria a fazê-lo, mas admiti-lo perante Alyssa só a deixaria mais determinada.

— Isso importa?

Alyssa abanou a cabeça.

— Seja ela quem for, espero que compreenda que estás aqui para fazer um trabalho. Posso pôr o passado atrás das costas e concentrar-me no trabalho, se tu conseguires.

O olhar esfomeado de Luc percorreu-lhe o corpo.

— Ainda não me tocaste, e já estou desconcentrado.

Luc atravessou a sala intempestivamente, agarrou-lhe a mão e pô-la por cima do seu caralho dorido. Instantaneamente, ficou melhor — e pior. Meu Deus, queria que ela lhe saltasse em cima, o despirse completamente, lhe

metesse o caralho dentro da sua boca, dentro do seu corpo. Antes que se entusiasmasse, afastou a mão dela.

— És uma mulher muito sensual, e eu não me controlo quando estou perto de ti. Não posso ficar.

Alyssa respirou fundo, e o seu peito expandiu. Caramba, ele não precisava de ver aquilo. Mas Luc não conseguiu ir-se embora enquanto ela deslizava da beira da secretária e se aproximava furtivamente.

— Primeiro, para a tua preocupação ser válida, eu teria de concordar em fazer sexo contigo. Hoje não o fiz. Não presumas também que o farei amanhã. Segundo, *tu* é que vieste ter *comigo* há três meses, lembra-te? Em troca de ir para a cama contigo e com o teu primo, ias cozinhar para mim durante a semana de abertura. Mesmo que o Deke tivesse ido embora antes de as coisas aquecerem, eu cumpri a minha parte do acordo.

— Tu fizeste muito mais do que isso. É um dos motivos pelos quais me é impossível *não* pensar em ti e em sexo na mesma frase.

Numa tentativa de mostrar ao seu primo Deke que a sua atual esposa era a mulher perfeita para ambos, Luc tinha combinado uma sessão de sexo a três consigo, o seu primo e Alyssa. Tinha-lhe saído o tiro pela culatra. Deke fora embora antes de a festa começar, o que Luc já esperava. O que não previra era precisar de todo o tipo de sexo de que se lembrasse com a dona do clube de *strip* — repetidamente.

— Desculpa — murmurou. — Vou-te mandar outra pessoa, totalmente qualificada.

— Já fiz publicidade ao facto de que vais estar cá. Tenho um ano de trabalho e todas as minhas poupanças investidos neste lugar. Preferia que este restaurante não fosse um fracasso que me obrigasse a voltar a dançar no verão para ganhar a vida. Deste-me a tua palavra, e confiei em ti. Vais mesmo deixar-me pendurada?

## Capítulo Dois

A música ecoava nos ouvidos de Luc. À medida que as notas finais soavam e Alyssa assumia uma pose sugestiva em redor do varão, com uma tanga vestida — e nada mais — o caralho duro como aço de Luc voltou a enrijecer e agora quase lhe doía.

Assim que a música terminou, a multidão totalmente masculina, amontoada dentro do clube de luxo, desatou a aplaudir ruidosamente. Luc rangeu os dentes. Todos os homens presentes tinham uma ereção provocada pela mulher com quem se queria enfiar na cama outra vez. E outra vez. A mulher em quem não devia tocar.

Depois de uma ovação de pé de dois minutos, os clientes voltaram finalmente a sentar-se. Com um sorriso matreiro, Alyssa pegou no microfone, atingindo distraidamente aquele minúsculo blusão vermelho com lantejoulas, de tal forma que só lhe tapou os mamilos — e mal.

— Obrigada a todos por terem vindo esta noite — sussurrou, ainda a arquejar. — O vosso entusiasmo ao longo dos últimos cinco anos fez do Sereias Sensuais um lugar muito especial. Estou felicíssima por terem vindo passar o vosso serão comigo.

Sacudiu as pestanas negras por cima dos olhos azuis-bebé, manobrando a multidão.

Luc queria vomitar. Não, não era verdade. Queria pegar nela, atirá-la por cima do ombro e proibi-la de alguma vez voltar ali ou voltar a despir-se em público.

Suspirou. A cena de homem das cavernas era o estilo de Deke, não o seu. E Alyssa não era sua. Nunca seria.

Por que raio tinha concordado em ficar ali e cozinhar durante a semana? Ah, sim. Culpa. Ela tinha concordado ajudá-lo três meses antes. Não tinha culpa que ele não tivesse — e continuasse a não conseguir — manter a sua pila sob controlo. Também não tinha culpa que Deke se tivesse ido embora e a tivesse deixado com o lado negro e lamentável de Luc. Tendo em conta o quanto da sua vida e das suas poupanças ela tinha empatado no seu novo restaurante, ele seria um verdadeiro canalha se a abandonasse agora. Os

seus fantásticos seios, as suas perguntas incisivas e doces, juntamente com as memórias escaldantes de Luc, não tinham jogado a seu favor. Não tivera hipóteses de se ir embora.

Depois de fazer mais alguns anúncios, Alyssa saiu do palco de forma exuberante e foi para o meio de um grupo expectante de admiradores. Tyler, o seu segurança, puxou uma cadeira para ela e ficou por perto para a proteger. De braços cruzados e com uma expressão ameaçadora, parecia todo ele um arruaceiro. Ainda assim, isso não desencorajava os admiradores ardentes de Alyssa. Bajulavam-na de perto. Alguns enfiavam-lhe notas diretamente na tanga. Alyssa dava-lhes palmadas nas mãos, com um sorriso malicioso... mas isso não os impedia.

Um tipo com uma t-shirt da LSU [2](#) atravessou a multidão aos empurrões até chegar perto de Alyssa e espetou-lhe um beijo em cheio na boca. Alyssa não o empurrou; limitou-se a pousar-lhe as mãos suavemente nos ombros. Segundos depois, Tyler puxou o tipo de cima dela, empurrou-o na direção da porta com uma expressão de filho da puta e depois deixou-se ficar ainda mais perto de Alyssa. A sua postura gritava «Minha!».

Recusando-se a assistir por mais um segundo que fosse, Luc praguejou e engoliu a dura verdade. Tinha sido enganado. Na noite que passara com Alyssa, esta tinha jurado que há quase dois anos que não deixava nenhum homem entrar-lhe na cama ou na rata. Na altura, Luc tinha acreditado nela. Era incrivelmente apertada. Ao deparar-se com aquela multidão a espumar pela boca, não percebia como era possível que a cama de Alyssa tivesse ficado vazia por dois dias, sequer.

Não importava se ela dormia com o seu segurança, todos os seus clientes e a maioria da população masculina do Louisiana. Tinha feito um acordo com ela e ia honrá-lo. Além disso, iria manter as mãos longe dela durante essa semana, por mais atraente que ela fosse. Tinha um futuro — se Deus quisesse, uma esposa e um filho, em breve — em que pensar.

Três da manhã. Com as portas do clube fechadas, as bailarinas e empregadas de mesa dispensadas, Alyssa e Luc estavam sozinhos. Finalmente. Alyssa parou um momento para saborear o facto de que se tudo



corresse bem, teria feito a sua última dança no varão. Nunca mais voltaria a ganhar dinheiro a expor o corpo. Fizera-o para sobreviver nos últimos catorze anos. O restaurante representava o seu futuro, o seu caminho para uma vida melhor. Esforçara-se por ter uma abertura de sucesso, só para evitar voltar a mostrar as mamas a estranhos. Luc era uma parte importante da sua receita para o sucesso. Graças a Deus que o tinha convencido a ficar.

Para o bem do seu restaurante e para o seu próprio bem.

Ao lado dela, Luc estava de pé, direito e tão tenso que se Alyssa lhe atirasse com uma moeda, esta teria ressaltado. Alyssa sorriu. O *chef* delicioso e assustadiço nem fazia ideia do que o esperava.

— De certeza que queres fazer agora a visita ao restaurante? — perguntou.

Luc anuiu com a cabeça.

— Ver a tua organização vai permitir-me planear os postos, sentir a energia da comida. Amanhã vou ter de conhecer o teu pessoal. Falei ao telefone com os teus *chefs* de pastelaria e *sous chefs*, assim como com o teu subgerente. Todos concluíram a formação que lhes enviei. Temos a ementa da semana definida. Disseste que alguém comprou as quantidades de produtos que pedi?

Alyssa fez que sim com a cabeça e lançou-lhe um olhar provocante.

— Tem gostos caros, Sr. Traverson.

— Vai recuperar esse dinheiro, Menina Devereaux.

Claro que tinha de fazer aquela promessa. Queria assegurar-se de que não lhe devia absolutamente nada quando saísse por aquela porta. E ela estava totalmente determinada a conseguir o oposto. Alyssa jurou que no final daquela semana, seria dona do seu corpo, coração e alma.

Em carros separados, atravessaram os poucos quarteirões até ao seu novo empreendimento. Alyssa recusou-se a ver o facto de ele se ter recusado a ir no mesmo carro que ela como uma contrariedade. Assim que chegaram, tirou as chaves da bolsa e destrancou a porta. Lá dentro, virou a esquina e acendeu as luzes mais fracas, no teto. Havia um conjunto de lâmpadas mais brilhantes... mas para quê estragar o ambiente?

Alyssa olhou em redor, para a *sua* criação. Pura elegância. Uma parede com janelas do chão ao teto. Madeiras escuras, acentuadas por paredes cinzento-acastanhadas e dourado cor de terra, salpicadas com tons acentuados de bordô e castanho-chocolate. O espaço amplo tinha uma atmosfera expectante, como se estivesse à espera de convidados. Abundavam cadeiras e mesas com toalhas imaculadas, algumas postas com porcelana, guardanapos de linho e cristal, para se poder ver o efeito. A inscrição discreta na parede da entrada dizia BONHEUR e ao vê-la, Alyssa ficava cheia de orgulho e ansiedade, sempre que vinha ali.

Pelo canto do olho, olhou na direção de Luc. De braços cruzados sobre o peito, este sondava o restaurante, com um olhar avaliador. O coração de Alyssa bateu mais depressa, enquanto esperava a sua reação. Não fazia sentido querer tanto a sua aprovação... mas isso não a impediu de ficar ansiosa.

— Então? — sussurrou.

— Bonheur — murmurou Luc. — É «felicidade» em Francês.

— Achei que era adequado. É suposto os clientes serem felizes aqui. *E eu rezo para que eu também seja feliz por ser a proprietária.*

— Gosto. Jantares de luxo para grupos grandes? Casais?

— Tanto faz. Ambos.

Luc voltou a olhar em redor, para as mesas.

— Se queres que seja um lugar atrativo para jantares românticos, tens demasiadas mesas para grupos de quatro a oito, especialmente nos cantos mais acolhedores. A separação entre o bar e a sala de jantar... — Apontou para o outro lado da sala, para a meia parede que separava os clientes que estavam a comer dos clientes que estavam apenas a beber. — É demasiado baixa e está demasiado próxima do bar. Vai ser difícil conseguir uma atmosfera, se se puder ver as pessoas que se estão a rir, a fumar e a beber muito, a partir da sala de jantar. Sobe-a até ao teto. Tens ventilação, para puxar o fumo no bar?

Tinha debatido aquilo, pois detestava ter de fechar a sala. Mas ele tinha razão.

— Não se pode fumar, de todo.

Luc hesitou.

— Mesmo no bar? Isso vai sair-te caro.

— Vale a pena. Quero fazer dinheiro com o bar por as pessoas estarem a pedir bebidas junto com a comida ou enquanto esperam por uma mesa, não porque não vão jantar e vão ficar a beber um *scotch*, à espera de encontrarem um par para passar a noite. Já tenho um bar; não preciso de outro.

Luc acenou com a cabeça, mas não teve qualquer outra reação. Alyssa tomou nota mentalmente que devia arrastar mais mesas pequenas para fora do armazém e telefonar de manhã ao seu empreiteiro para arranjar a parede.

— Onde fica a cozinha? — perguntou Luc.

Mordendo o lábio, Alyssa foi à frente, contornando uma esquina e acendendo mais luzes. De provocação e sedução, percebia ela; o ramo da restauração era a especialidade de Luc, e este assumia agora uma postura conservadora e segura. Alyssa estava grata por isso. Esforçara-se por criar a cozinha ideal para o Bonheur, um lugar em que um *chef* do calibre de Luc teria orgulho em cozinhar.

Ao descer o corredor, tinha noção de que Luc estava a olhar para ela. O seu olhar perpassou-lhe os ombros, abraçou a curva da sua cintura, demorou-se no seu traseiro. Conseguia sentir o ardor.

— A cozinha não se vê a partir da sala de jantar; boa disposição.

Quando chegaram à divisão enorme, quase toda em aço inoxidável, Alyssa acendeu as luzes.

— Ouvi dizer que as pessoas não gostam de ver a cozinha enquanto comem.

Mais uma vez, Luc cruzou os ombros sobre o peito, olhando de um lado para o outro da divisão, acenando lentamente com a cabeça.

— Muito bem. A área de preparação com bancada de carne é grande e está bem localizada. Fogão com doze bicos. Gás?

— Claro.

O ar de aprovação de Luc notou-se no seu rosto, reconfortando-a.

— Um número razoável de fornos industriais. Quatro pias. Boa localização de utensílios ao longo das paredes. Aquecedores?

Alyssa apontou para o espaço com prateleiras debaixo das bancadas e para outro no corredor, onde se montariam os pratos.

— Ótimo, tens bastante espaço de refrigeração. — Olhou em redor de outra esquina e abriu a porta. — Excelente frigorífico. Bastante arrumação.

— Nunca é demais. — Alyssa sorriu.

— Hum. — Parecia estar a conter a vontade de lhe sorrir também. — Que tipo de piso é este? — Bateu com a bota na superfície.

— Cortiça. Nunca fica escorregadio, é fácil de varrer ou substituir e proporciona um apoio natural para os pés de toda a gente.

Finalmente virou-se para ela, e notava-se nos seus traços que estava impressionado.

— Planeaste isto tudo sozinha?

— A maior parte. Tive alguma ajuda do meu empreiteiro. O Sereias Sensuais tem alguns clientes na área da restauração; pedi-lhes conselhos. O resto... fiz o trabalho de casa. Queria que ficasse tudo direito.

Algo no rosto de Luc alterou-se, fechou-se. O seu corpo ficou tenso, ao mesmo tempo que desviou rapidamente os seus olhos escuros.

— Conquistaste.

*Raios!* O que é que tinha feito com que a sua expressão calorosa se tornasse fria? Teria sido por ter falado no Sereias Sensuais? Deke tinha-lhe dito uma vez que ela não era o tipo de Luc porque ele estava à procura de uma *senhora*. Será que o facto de a evitar significava que a via como pouco mais do que uma puta?

Alyssa levantou o queixo. Conhecia os homens. Mesmo que Luc estivesse relutante em admitir que ela era o seu tipo, sabia que lhe provocava espasmos na pila. Era um começo.

Agora ele estava outra vez virado para os negócios.

— A que horas podes ter cá o pessoal amanhã?

— Ao meio-dia, está bom para ti?

— Perfeito. — Virou costas.

— Já aprovaste as ementas; precisas de ver mais alguma coisa esta noite?

— Estava a segurar nas chaves e a pensar como poderia recuperar o clima que tinham partilhado minutos antes.

*Paciência*, disse para si mesma. *Segue o plano*. A noite ainda era uma criança.

...

Luc seguiu Alyssa para o parque de estacionamento vazio do restaurante. A iluminação abrangente fazia com que os clientes se sentissem seguros. Contudo, a iluminação irritou-o porque conseguia ver cada balouçar das suas ancas provocantes enquanto ela se pavoneava até ao carro. Fê-lo ficar teso. Outra vez.

Luc tinha levado o seu SUV desde o clube de *strip*, principalmente para não ter de se fechar num espaço apertado com ela, mesmo que fosse só por três quartos. Achava que não se podia responsabilizar pelas suas ações, mesmo por tão pouco tempo. Na cozinha do Bonheur, a ideia de a estender em cima de uma daquelas bancadas brilhantes de aço inoxidável e fodê-la até perder os sentidos não lhe saía da cabeça. Devia agradecer-lhe por ter falado no Sereias Sensuais e nos favores que provavelmente teve de fazer aos seus clientes habituais para conseguir o seu aconselhamento. Aquela ideia fê-lo ranger os dentes e deu-lhe a volta ao estômago. Ficou com o temperamento alterado. Alyssa era uma *stripper*, foda-se. Não era o tipo de mulher que passasse dois anos sem sexo. Tinha sido um idiota por acreditar nisso quando ela lhe sussurrou aquela mentira trémula enquanto ele a deitava na cama, três meses antes. Alyssa estava no ramo de manipular os homens pela pila. E era muito boa nisso. Luc não podia ficar chateado com ela por ser como era; nunca tinha fingido ser algo diferente. Mas podia — e devia — ficar furioso consigo mesmo por se importar com isso.

Apesar de o parque estar completamente vazio, Luc tinha estacionado a três lugares de distância do carro dela. Enquanto premia o comando para destrancar a porta do condutor, observou-a a fazer o mesmo com o seu carro desportivo preto. Luc cerrou os punhos. Agora ela iria para casa, tiraria aquela saia preta minúscula, o *top* branco, o sutiã vermelho e os sapatos sensuais. Mesmo que ela não fizesse parte do futuro por que Luc ansiava,

estava desejoso de a seguir até casa... ajudá-la a tirar cada peça de roupa, enterrar-se naquele corpo perfeito e tonificado.

Engoliu em seco. *Mantém a pila dentro das calças. Cozinha, cala-te e põe-te a milhas de Lafayette. Sete dias. Achas que consegues arranjar algum autocontrolo?*

Um guincho feminino atravessou o parque de estacionamento, cortando-lhe os pensamentos. Alyssa.

O coração de Luc sobressaltou-se, e este quase saltou por cima do carro enquanto corria pelo asfalto. Ela recuou — em cheio contra o seu peito. Luc segurou-a, com as palmas das mãos a envolverem-lhe os ombros nus.

— O que foi? — perguntou.

Alyssa inspirou de forma trémula.

— Sacanas!

Antes que Luc pudesse perguntar-lhe de quem ou do que estava a falar, Alyssa esticou-se para dentro do carro e arrancou alguma coisa. Instantes depois, exibia uma faca de serra comprida, com um pedaço de papel agarrado. Sob os candeeiros da rua, a palavra PUTA reluzia, escrita a batom vermelho-vivo.

O choque atingiu o seu pico, transformando-se rapidamente em fúria incandescente. Era irónico; Luc tinha estado a pensar praticamente o mesmo, instantes antes. Mas nunca o teria dito em voz alta e muito menos o teria cravado no lugar da frente do seu descapotável.

— Quem seria capaz de te fazer isto? — A sua voz vibrava de raiva.

Alyssa atirou a faca para o lugar da frente e lançou-lhe um olhar desconfiado por cima do ombro.

— Quem sabe?

Luc virou-a de frente para si e cerrou os maxilares.

— Quem... te... fez... isto?

O tom dele apanhou-a desprevenida.

— Olha, isto não é nada de novo. Estas merdas estão sempre a acontecer.

*Sempre?* Aquilo só o deixou ainda mais furioso. Luc apertou-a ainda mais contra si, enquanto o seu rosto assumia uma expressão tenebrosa. Ela não tinha medo, e ele temia terrivelmente por ela.

— O que é que a polícia disse das outras vezes?

— Polícia? — Alyssa abanou a cabeça. — Isto é apenas... uma partida ou um cliente irritado que achou que não lhe dei atenção suficiente, provavelmente.

E quem quer que tivesse feito aquilo também podia estar a falar a sério. Aquela faca não era motivo para brincadeiras.

— E se alguém mesmo doentio te quiser magoar? Há quanto tempo dura isto?

— Como disse, acontece. Já lá vai algum tempo, mas...

— Mete-te no meu carro. — Já estava farto de a deixar ficar ali de pé, como um alvo conveniente num parque de estacionamento sombrio. Não era agente de segurança pessoal como o seu primo Deke, mas passara tempo suficiente com ele e com o seu sócio, Jack Cole, para saber que ficar a descoberto podia ser mortífero.

— O quê? — Alyssa parecia incrédula. — Não vou deixar o meu carro aqui.

— Vou levar-te a casa. Vais chamar a polícia e denunciar o crime, para que eles possam investigar.

Alyssa hesitou e depois falou num tom mais suave.

— Luc. És muito querido por estar preocupado, mas...

— Mete-te na merda do carro.

Alyssa empalideceu, e Luc praguejou em voz baixa. Tinha de controlar o seu temperamento. Mas a frustração sexual cada vez maior, combinada com a sua preocupação, deixou-o nos seus limites. Quem se achava no direito de a difamar e assustar? Com os punhos cerrados, Luc ansiava por uma oportunidade de espancar o canalha. Alyssa suspirou, e Luc preparou o seu próximo argumento, mas ela avançou calmamente para o seu SUV.

— Está bem.

Luc abriu-lhe a porta e viu-a deslizar para o interior do carro, com as madeixas do seu cabelo platinado a pousarem-lhe nos ombros. Parecia estar algures entre a calma e a circunspeção, apesar do facto de que tinha acabado de ser ameaçada. Estaria louca?

Abanando a cabeça, Luc contornou rapidamente o carro, até ao lugar do condutor. Quando entrou, ela já estava ao telefone.

— Desculpa se já é tarde, Remy. Achei que devia ligar-vos. Alguém me mexeu no carro... — Rapidamente e sem qualquer emoção, descreveu a sua localização e o que tinha acontecido. Luc ouviu murmúrios da conversa do outro homem, com um tom mais de brincadeira do que de preocupação, e fez uma careta. Ninguém levava aquilo a sério?

Tirou-lhe o telefone da mão e apresentou-se rispidamente.

— Procurem impressões digitais. Ela tocou na arma, mas poderão encontrar outras impressões no puxador. Quem fez isto *arrombou-lhe* o carro.

— Duvido que tenha sido mais do que uma partida. Os rapazes daqui, de vez em quando, portam-se um bocado mal...

— E cravam-lhe a palavra «puta» no assento do carro? De que maneira é que isso tem piada?

Remy aclarou a garganta.

— Não tem. Mas acho que ninguém teve más intenções.

Luc rangeu os dentes.

— Costuma resolver todos os seus casos antes de visitar o local do crime?

Finalmente, Remy falou num tom sério.

— Vou investigar.

— Minuciosamente.

Alyssa pegou no telefone.

— Obrigada, querido. Agradeço.

Quando Remy terminou a chamada, Luc mal conseguia descerrar os maxilares, ao mesmo tempo que saía do parque de estacionamento a alta velocidade.

— Querido? O homem nem sequer queria investigar, e chamas-lhe «querido»?

Alyssa encolheu os ombros.

— É uma coisa do Louisiana. Apanham-se mais moscas com mel do que com vinagre.



— Ah, sim? — perguntou em tom de desafio. — Ou será mais uma coisa de «ele é meu cliente»? Ele viu-te a fazer *strip* esta noite?

Alyssa engoliu em seco.

— Pedi a todas as forças policiais para virem, incluindo ao xerife. Diminui as possibilidades de os arruaceiros se descontrolarem e destruírem o clube.

Luc agarrou o volante com mais força enquanto saía do parque de estacionamento.

— Então, isso é um «sim».

Lutando contra a vontade de bater em alguma coisa numa demonstração invulgar de mau temperamento, Luc respirou fundo. Na noite que tinha passado com ela, tinha sido fácil fingir que ela não tinha outros amantes. Tinham estado a sós, com a casa em silêncio. Nenhum telefone a tocar, nenhum cliente por perto, nenhum psicopata a deixar-lhe «presentes» ameaçadores no carro. Só eles os dois e horas e mais horas de prazer. Meu Deus, como tinha sido crédulo.

Alyssa acenou com a cabeça.

— O que é que importa, se o Remy e os rapazes estavam lá?

A resposta curta era que não devia importar.

— Se te devias preocupar com alguma coisa — continuou Alyssa — era com o teu quarto de hotel. Já são quase quatro da manhã; o Homer provavelmente já deu o teu quarto a um daqueles turistas que vêm para o festival de artes que começa amanhã.

Luc franziu o sobrolho. Depois de tudo o que tinha acontecido nessa noite, ela estava preocupada com ele?

— Eu garanti a reserva com um cartão de crédito.

Um sorriso de Mona Lisa surgiu ao canto da boca de Alyssa. Com a mesma rapidez, deixou-lhe a pila dura novamente. Caramba, como é que ela conseguia?

— Para ele, isso não significa nada. Tenho a certeza que por não teres aparecido depois de o clube ter fechado, ele deve ter achado que o teu quarto estava livre. Mas se não acreditas em mim, liga-lhe. — Premiu algumas teclas do telemóvel e passou-lho.

— Tens o número do dono do motel nas ligações rápidas? — Só lhe passava uma explicação pela cabeça, e isso horrorizava-o. Ela andava na má vida? Raios, ia vomitar.

— Os clientes de fora precisam muitas vezes de dormir para curar a bebedeira. O Homer costuma ajudar-me.

Luc gostava muito mais da explicação dela. Mas mesmo assim, ficou a pensar. Não havia tantas *strippers* que ganhavam dinheiro extra, à parte?

Enquanto o telefone tocava ao seu ouvido, Luc virou-se para Alyssa. O seu rosto estava dourado sob as luzes dos candeeiros que brilhavam através das janelas do carro, enquanto ele descia rapidamente a pitoresca rua de tijolos vermelhos, em direção a um bairro com casas mais antigas, mas ainda assim elegantes. Era estranho lembrar-se exatamente do caminho para casa dela, apesar de só lá ter estado uma vez. A imagem da pequena casa em estilo colonial com o interior Zen estava-lhe gravada no cérebro.

Homer atendeu instantes depois, a resmungar. Claramente, estava a dormir e não parecia nada satisfeito por ser acordado.

— Fala Luc Traverson. Estou a ligar para avisar que vou chegar daqui a uns minutos para fazer o *check-in*. Ainda tem o meu quarto?

O homem do outro lado da linha aclarou a garganta.

— Bem, como o Luc não apareceu, pensei que...

Luc esperou, com o temperamento a descontrolar-se novamente, que o dono do motel terminasse a frase.

— Achou o quê? Que ia dar o meu quarto?

— Esperei até às duas e meia. Disse que ia estar cá antes da meia-noite. Chegou uma família, cansada da estrada e com crianças e...

— Tem outro quarto? — Fechou os olhos e premiu o telefone contra a orelha.

— Está lotado. É a primeira vez que acontece em algum tempo, mas este festival traz sempre gente. Há boas bandas de *zydeco* a tocar este ano.

Luc resistiu à vontade de contar até dez.

— E amanhã à noite?

— Não tenho quartos livres até terça-feira. Tem algumas daquelas cadeias de hotéis ranhosas umas milhas mais adiante... — disse Homer

com um desprezo evidente. — Aposto que também estão lotadas. Além disso, nem o meu cão deixava lá dormir. Eles não limpam nada...

A cabeça de Luc ia explodir. Estava habituado a viajar para cidades cosmopolitas. Ficou no Hotel de Crillon quando viajou para Paris, no Dorchester em Londres, no Peninsula em Tóquio, no Beverly Wilshire em Los Angeles. O facto de ter sido aldrabado em relação a um quarto no Paraíso *Cajun* do Homer às quatro da manhã acabou-lhe com a paciência. Premiu o botão de terminar a chamada. Em vez de ceder ao impulso de atirar o telemóvel, devolveu-o a Alyssa, com relutância.

— Tinhas razão.

— Achei melhor poupar-te a viagem, visto que conheço muito bem o Homer.

E visto que Homer era, sem dúvida, outro homem que tinha visto Alyssa nua, também a conhecia muito bem.

Luc suspirou. Tinha de parar de se importar com quem a tinha visto despida. Ia ter vontade de arrancar a cabeça à maioria da população masculina daquela cidade durante a semana seguinte, se não se controlasse. Tinha-a fodido durante uma noite. O que ela tinha feito antes — ou depois — não lhe dizia respeito. Então porque é que o irritava tanto? E onde ia dormir naquela noite?

— Tenho um quarto a mais em minha casa — comentou Alyssa em voz baixa. — É limpo, sossegado e...

— Não quero abusar. — Porque se o fizesse, ia voltar a penetrá-la. Da última vez que tinha passado a noite dentro dela, tinha ficado insaciável. Durante seis horas. Nada tinha sido demasiado escaldante, demasiado depravado, demasiado íntimo. Alyssa tinha-lhe arrancado o tipo de desejo que o incendiava, envergonhava e extasiava, tudo ao mesmo tempo. Luc tinha aceitado tudo o que ela tinha oferecido e mais ainda — e depois tinha recommçado. Tinha-a fodido de todas as formas que um homem podia foder, repetidamente. Sem preservativo, algo que não tinha feito há mais de uma década, exceto com Kimber. E as memórias dessa noite incrível com Alyssa estavam a dar-lhe cabo do autocontrolo.

— Não é abuso. Eu tenho o quarto, tu precisas de uma cama.

Alyssa pousou uma mão suave sobre a de Luc, enquanto este agarrava a alavanca das mudanças. O toque dela prendeu-o até aos tomates, incendiando-lhe o sangue.

— Além disso — murmurou — talvez tenhas razão. Se o que aconteceu esta noite não foi uma partida, sentir-me-ia melhor se não ficasse sozinha. Importas-te?

*Sim. Muito.* Mas seria um autêntico sacana, se dissesse que não.

Lançou-lhe um sorriso tenso.

— Será um prazer.

Ele estava a mentir com todos os dentes. Mas por outro lado, ela também estava. Tinha pago uma bela quantia a Homer para dar o quarto de Luc a outra pessoa e, apesar da partida, duvidava que alguém tentasse fazer-lhe mal nessa noite.

À medida que o SUV de Luc descia as ruas escuras de Lafayette a toda a velocidade, o cansaço devia estar a tomar conta dela. Em vez disso, estava ansiosa. Ia finalmente estar a sós com o homem que mais desejava, em sua casa, onde tinham feito amor loucamente. Era uma pena que Luc não estivesse satisfeito com isso.

Luc era um enigma. A luxúria no seu olhar era inconfundível. Raios, sempre que olhava para ela quase que a queimava. Mas o seu desprezo também era evidente. Por isso, a sua fúria por mais alguém ter achado que ela era uma puta intrigava-a.

— Se não for uma partida, quem seria capaz de cravar um bilhete daqueles no assento do teu carro?

Infelizmente, a lista era longa.

— Luc, vamos esperar para ver o que o Remy descobre.

— Não. — Lançou-lhe um olhar impaciente. — Se quem te fez isto aparecer enquanto estás a dormir, gostaria de ter uma ideia de com quem estarei a lidar.

— Não te preocupes muito. Se achasse que estava em perigo de vida, ligava ao Tyler. Ou ao Jack Cole. Ele e o teu primo são os melhores, e o

Jack é um velho amigo. Por causa dele, a casa tem um sistema de segurança topo de gama.

Luc rangeu os maxilares. Os seus nós dos dedos embranqueceram ao volante.

— Eu disse que te mantinha em segurança esta noite e é o que vou fazer. Responde à pergunta.

Luc não estava a largar o assunto, o que dava esperança a Alyssa. Talvez ele se interessasse por ela, nem que fosse só um bocadinho. Mesmo que isso fosse contra o seu bom senso e a sua vontade.

— Em primeiro lugar, praticamente qualquer namorada ou esposa ciumenta que não aprecia a quantidade de tempo que o seu homem passa no meu clube. Isso é habitual.

— As facas normalmente não fazem o estilo das mulheres.

Não. Já lhe tinham furado os pneus, atirado ovos à casa, enviado mais bilhetes insultuosos do que se conseguia lembrar. As mulheres menosprezadas normalmente chateavam e raramente perturbavam.

— Então e amantes antigos? — Lançou-lhe um olhar fulminante. — Atuais?

Alyssa fechou os olhos. Naturalmente, ele tinha presumido que haveria muitos, de uns e de outros. Já tinha passado por aquilo. Não devia ficar magoada, mas ficou, caramba.

— Na noite que passaste comigo, disse-te que não tinha havido mais ninguém nos últimos dois anos. Não houve mais ninguém depois de ti.

Luc abanou a cabeça, com ar de quem tinha mil e um pensamentos diferentes a atravessá-la.

— Alyssa, podes estar em perigo. Preciso que sejas completamente sincera.

Virando-se bruscamente no assento, a *stripper* encarou-o, tentando controlar o seu temperamento.

— Eu fui sincera. Só porque não acreditas em mim, isso não faz de mim mentirosa.

— Vá lá — resmungou Luc. — Nem um cliente que quis um bocado mais depois de ver os teus lindos seios nus? Nem um empreiteiro que te fez

um favor e quis algo em troca?

A fúria tomou conta de Alyssa, prendendo-lhe o peito com um punho de ferro.

— Eu não dou para esses lados.

Luc hesitou.

— Então não concordaste em foder comigo há três meses, para teres um *chef* convidado esta semana?

*Não, estava disposta a dizer qualquer coisa porque te desejava tanto... e esperava que me desejaesses também.* E nada a faria demonstrar os seus sentimentos agora. Ele tinha-a abandonado antes da madrugada e tinha-a comprado com flores. Agora quase tinha dito explicitamente que ela era uma puta.

Mas se havia algo que ela conhecia, era os homens. Luc sentia *algo* por ela. A sua missão era fazer com que se tornasse mais do que isso.

— Tu foste diferente.

— Claro. — Luc bufou enquanto parava num semáforo vermelho.

Alyssa estava farta daquela merda. Agarrou-lhe o queixo e virou-o para ela.

— Talvez eu tenha sido apenas estúpida o suficiente para acreditar em todo o teu charme de cavalheiro do Sul e quisesse saber o que era ter sexo com alguém que não me visse como uma prostituta. Que tonta. Tu foste definitivamente mais extremo do que qualquer outro com que tenha estado, muito mais do que o que a tua aparência burguesa dá a entender. Estendes essa passadeira vermelha para todas as mulheres?

Luc libertou-se da mão dela e agarrou o volante, ainda com mais força. Suspirou bruscamente, tentando nitidamente controlar o seu temperamento. Então o seu comportamento naquela noite era um ponto sensível? Talvez ele não quisesse ter-se sentido atraído por ela e estava envergonhado por ter sentido. E por ainda sentir.

— Perguntei-te por amantes. Vou aceitar o que disseste acerca de não teres tido nenhum nos dois anos antes de estares comigo.

— Mas não acreditas em mim.

— E namorados atuais? O Tyler?

Não era da conta dele, foda-se. Se dependesse de Alyssa, aquela conversa ia pelo cano abaixo. A lógica dizia-lhe para esquecer aquelas fantasias estúpidas de conto de fadas acerca de Luc. Não tinha feito amor com ela com tamanho fervor por sentir a atração que existia entre ambos. Tinha-o feito porque ela tinha sido a sua primeira experiência com o lado selvagem, e ser rebelde excitava-o. Provavelmente, deviam limitar-se a fazer sexo e não se preocupar com as emoções.

Mas o coração dela não queria desistir.

— O Tyler nunca tentaria matar-me. Quem fez isto, esta noite, não foi alguém que tivesse estado na minha cama. É alguém que está chateado comigo.

Luc encolheu os ombros, pensativo, e depois arrancou quando o semáforo ficou verde.

— Como quem?

— O puto que atravessou a multidão esta noite para me beijar. O Peter. Nem sequer sei o apelido dele. É bastante regular. O pai dele é rico, e ele gasta muito dinheiro no clube. Parece pensar que isso lhe dá direito a privilégios especiais.

— Já lhe disseste o contrário? — Até a voz de Luc estava perigosamente tensa.

— Com certeza. O Tyler também o deixou bastante claro. Expulsámo-lo, dissemos-lhe que os avanços dele não eram bem-vindos. Mas nada assusta este puto.

Luc agarrou o volante ainda com mais força.

— Alguma vez te chamou puta?

Alyssa abanou a cabeça.

— Normalmente é bastante gráfico em relação ao que pretende — merdas sórdidas, nojentas — mas nunca recorreu a insultos. Isso é o estilo do vereador Primpton.

— Um vereador da Câmara? Um oficial eleito a chamar-te puta?

Até que ponto é que Luc era ingênuo?

— Claro. O seu eleitorado é muito conservador, por isso se ele fechasse o Sereias Sensuais seria o seu herói. Até algum pessoal moderado ficaria feliz

por me ver ir embora. Essa tem sido a missão do Primpton desde que foi eleito, há dezoito meses. As tentativas começaram por ser ligeiras, mas agora com a reeleição tão perto, ele tem-me pressionado mais.

— Como?

— A protestar em frente ao clube, a atacar com editoriais no jornal local acerca do antro de pecado que fica nas traseiras da cidade e do «lixo» que o gere. Há pouco tempo, combinou com um repórter para usar um microfone e solicitar-me sexo. — Bufou. — Consigo enfiar muitos insultos no meio de um «não».

Finalmente, pararam em frente à casa de Alyssa. Esta saiu e fez-lhe sinal para esperar no carro. Manobrando as chaves, Alyssa destrancou a porta da frente, desligou o alarme e depois deu a volta até à porta da garagem e premiu o botão para abri-la. Luc conduziu para o interior e depois saiu do carro, com o saco de viagem na mão. Parecia tenso e nervoso.

— Achei que seria melhor estacionares na garagem. Não queremos ninguém a vandalizar o teu SUV ou a dar à língua. Entra.

Luc concordou com a cabeça, com o olhar fixo em Alyssa. Esta fechou a porta da garagem atrás deles. Dava tudo para saber o que Luc estava a pensar. O seu comportamento nervoso e a sua ereção incansável diziam-lhe que estava provavelmente a pensar em formas de evitar o sexo com ela, que sabia que não devia desejar, mas que queria desesperadamente. E depois do interrogatório dessa noite, ela estava com vontade de o fazer sofrer.

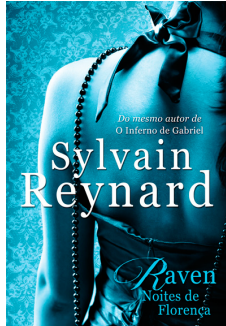


[2](#) Louisiana State University — Universidade do Estado do Louisiana. (N. da T.)

## PUBLICIDADE

# RAVEN – NOITES DE FLORENÇA

SYLVAIN REYNARD



***O novo romance obscuro e sensual, do autor bestseller da série Gabriel.***

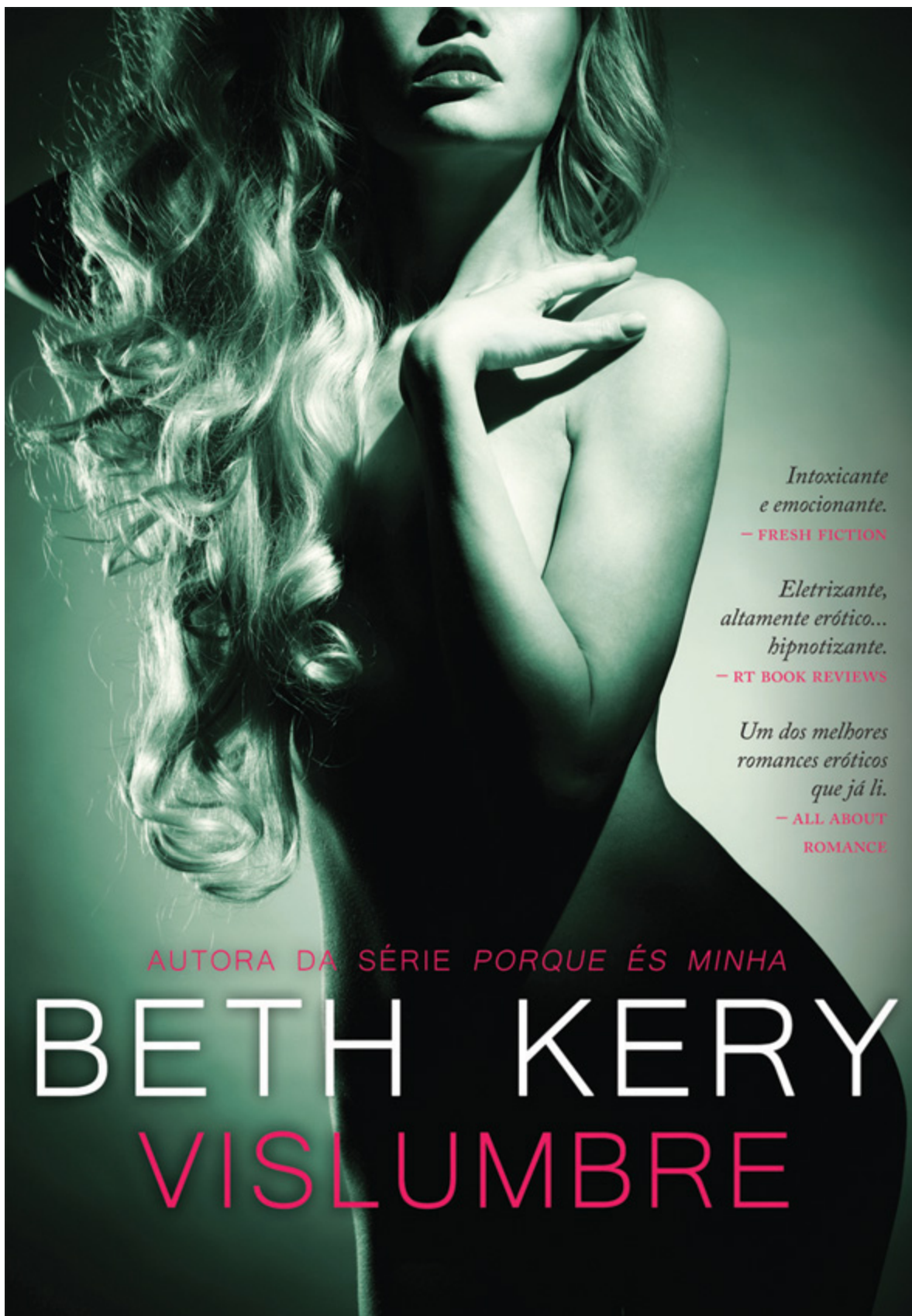
Em Florença, na célebre Galeria Uffizi, estão expostas ilustrações de Botticelli de valor incalculável. Pertencem ao professor de literatura Gabriel Emerson que acedeu ao pedido da esposa em partilhar com o mundo a beleza das obras de arte.

Quando as ilustrações são roubadas, a principal suspeita é Raven Wood, uma jovem restauradora de arte que trabalha na galeria. Desesperada por limpar o seu nome, descobre que uma figura misteriosa conhecida como o Príncipe de Florença governa o submundo da cidade.

Ele é perigoso, letal e tudo o que deseja é vingança contra Gabriel e Julianne. Para salvar as suas vidas, Raven terá de enfrentar um mundo de sombras e desafiar a autoridade do Príncipe. Mas será ela capaz de decifrar os enigmas da noite e revelar a verdade?

*Mais informações em*

[WWW.CHADASCINCO.COM](http://WWW.CHADASCINCO.COM)



*Intoxicante  
e emocionante.*

— FRESH FICTION

*Eletrizante,  
altamente erótico...  
hipnotizante.*

— RT BOOK REVIEWS

*Um dos melhores  
romances eróticos  
que já li.*

— ALL ABOUT  
ROMANCE

AUTORA DA SÉRIE PORQUE ÉS MINHA

# BETH KERY

## VISLUMBRE